



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL - DINTER**

MONICA FONTENELLE CARNEIRO

**EMERGÊNCIA DE METÁFORAS SISTEMÁTICAS NA FALA DE
MULHERES VÍTIMAS DIRETAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA:
UMA ANÁLISE COGNITIVO-DISCURSIVA**

FORTALEZA

2014

MONICA FONTENELLE CARNEIRO

EMERGÊNCIA DE METÁFORAS SISTEMÁTICAS NA FALA DE MULHERES
VÍTIMAS DIRETAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA:
UMA ANÁLISE COGNITIVO-DISCURSIVA

Tese submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do grau de Doutor em Linguística. Área de Concentração: Linguística.

Linha de pesquisa: Linguística Aplicada

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi.

Coorientador: Prof. Dr. Júlio César Araújo.

FORTALEZA

2014

Dados internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- C289e Carneiro, Monica Fontenelle.
Emergência de metáforas sistemáticas na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica: uma análise cognitivo-discursiva / Monica Fontenelle Carneiro. – 2014.
425 f.; il. color., enc.; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.
Área de Concentração: Linguística.
Orientação: Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi.
1. Violência Doméstica. 2. Violência contra a Mulher - Maranhão. 3. Análise do discursos - linguagem. 4. Metáfora. 5. Metáfora Sistemática. I. Título.

CDD 305.2422098121

MONICA FONTENELLE CARNEIRO

EMERGÊNCIA DE METÁFORAS SISTEMÁTICAS NA FALA DE MULHERES
VÍTIMAS DIRETAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA:
UMA ANÁLISE COGNITIVO-DISCURSIVA

Tese apresentada ao Doutorado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 09 / 05 / 2014

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Júlio César Rosa Araújo (Coorientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Prof. Dr. Marcos Antonio Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Profa. Dra. Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profa. Dra. Áurea Suely Zavam
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A João e Ceres, meus pais,
A João Antônio, meu marido, amigo e companheiro,
A Isadora e João Victor, nossos filhos,
todos muito amados,
inestimáveis dádivas divinas em minha vida,
com todo o meu amor.
Ao meu querido Toby,
com toda a minha saudade.

AGRADECIMENTOS

ACASO

" Cada um que passa em nossa vida,
passa sozinho, pois cada pessoa é única
e nenhuma substitui outra.
Cada um que passa em nossa vida,
passa sozinho, mas não vai só
nem nos deixa sós.
Leva um pouco de nós mesmos,
deixa um pouco de si mesmo.
Há os que levam muito,
mas há os que não levam nada.
Essa é a maior responsabilidade de nossa vida,
e a prova de que duas almas
não se encontram ao acaso."
(Antoine de Saint-Exupéry)

A todos aqueles muito amados que iluminam a minha vida e a cada um dos muitos que tive a sorte de encontrar ao longo do percurso e que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho fosse realizado, mais uma vez meus agradecimentos muito especiais.

O eterno reconhecimento e uma imensa gratidão que vêm do fundo do meu coração:

A Deus, por Sua presença silenciosa, por Sua luz a iluminar meu caminho, por minha vida tão abençoada e feliz, pela força que me faz superar os momentos difíceis, sempre alimentando a fé que me faz focar sempre nos meus sonhos e nunca nos obstáculos.

Aos meus pais, João e Ceres, por todo o seu amor e dedicação sem medida, por cada um de seus ensinamentos e grande exemplo de vida, fé e perseverança, por todas as suas orações, por seu apoio incondicional e incentivo constante ao longo de todo o percurso trilhado na concretização de cada um dos meus muitos sonhos.

Ao meu marido, João Antônio, por toda a nossa vida de muito amor e felicidade, por seu incondicional apoio e incentivo em todas as horas, por todos os momentos em que sonhamos nossos sonhos, compartilhamos muitas alegrias e algumas preocupações, e comemoramos nossas realizações, com a certeza, cada vez maior, de que é maravilhoso amar e ser amado.

Aos nossos filhos, Isadora e João Victor, nosso maior tesouro, por todo o seu amor e apoio, por serem tão especiais, sempre com uma palavra de estímulo e muito carinho, por compreenderem minha ausência ou falta de tempo, encarando tudo com muito bom humor e se superando no esforço de garantir minha tranquilidade quanto às CNTP no tocante às suas atividades de rotina nesse período.

A todos de nossas famílias, em especial aos meus irmãos Carlos Eduardo e Cláudia, assim como aos meus cunhados, concunhados, sobrinhos e afilhadas, que, mesmo quase sempre fisicamente distantes, estão muito presentes em todas as minhas conquistas, com suas mensagens carinhosas ou longos telefonemas, por seu amor, apoio e estímulo.

À querida prima Rossana, por sua amizade, dedicação e disponibilidade, por todas as gentilezas e atenções dispensadas nas muitas vezes em que estive hospedada em sua casa durante o meu estágio doutoral na UFC, assim como por todas as condições ímpares de trabalho que me proporcionou.

Às minhas queridas tias, Zezé e Lília, por todo o seu carinho, apoio e orações que sempre me acompanharam ao longo de todo o percurso.

Aos meus amigos queridos, sempre indiscutivelmente presentes em todos os momentos importantes de minha vida, por todo o afeto, carinho, incentivo e apoio, por suas palavras de conforto nas horas de sufoco, e pelas boas risadas nos momentos de descontração.

À Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi, minha orientadora, admirável exemplo de profissionalismo e dedicação, por seu permanente incentivo e valiosas contribuições para meu crescimento intelectual e acadêmico no desenvolvimento desta pesquisa, por suas várias leituras criteriosas desta tese nas suas diversas etapas e sugestões sempre muito enriquecedoras e pertinentes, assim como pelo generoso empréstimo de várias obras de suma importância para este trabalho.

Ao Prof. Dr. Júlio César Rosa Araújo, meu coorientador, por sua grande ajuda com observações muito importantes e enriquecedoras no tocante ao desenvolvimento da metodologia adotada nesta investigação, quando da elaboração do projeto de pesquisa, mesmo que isso incluísse mais um compromisso entre os muitos que já tinha.

Às Profas. Dra. Paula Lenz Costa Lima e Dra. Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista, por suas inestimáveis contribuições durante o exame de qualificação do

projeto, que, acatadas em grande parte, resultaram no aprimoramento desta pesquisa.

À Profa. Dra. Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos, por suas valiosas observações como parecerista nos Seminários de Pesquisa II, que nos permitiram incluir e destacar dados relevantes e, assim, melhorar alguns aspectos do nosso trabalho.

Aos Professores. Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes, Dr. Marcos Antonio Costa, Dra. Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos, Dra. Lívia Márcia Tiba Rádís Baptista, Dra. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin, e Dra. Áurea Suely Zavam, por aceitarem fazer parte da Banca Examinadora desta tese, contribuindo com sua sabedoria e competência para torná-lo melhor, mesmo que isso representasse mais um compromisso assumido em meio a tantos outros em suas agendas sempre repletas de demandas.

À Profa. Dra. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin, por suas valiosas contribuições em diversos momentos do DINTER UFC/UFMA, tanto por sua disponibilidade e boa vontade, quanto pela gentileza que sempre me dispensou .

Ao Prof. Ms. João Paulo Rodrigues, por sua grande disponibilidade e boa vontade, por sua inestimável contribuição como competente mestre na utilização do Atlas.ti, viabilizando o levantamento de dados e aprimorando as condições de análise, assim como pelas discussões profícuas sobre questões teóricas relevantes em diferentes momentos do estudo.

À Profa. Ms. Jaciara Lemos Botelho, por sua valiosa colaboração na cuidadosa revisão desta tese, na sua versão final.

Aos Coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará, em especial aqueles que colaboraram diretamente para e durante a realização do DINTER UFC/UFMA, as Professoras Dra. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin, Dra. Mônica Magalhães Cavalcante, Dra. Maria Elias Soares, Dra. Lívia Márcia Tiba Rádís Baptista, Dra. Áurea Suely Zavam e Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa, tanto por sua valiosa contribuição quanto por sua indiscutível atenção, gentileza e disponibilidade ao longo de todo o curso.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará, por sua reconhecida e imprescindível colaboração na realização do DINTER UFC/UFMA, quer ministrando

disciplinas, quer orientando ou avaliando trabalhos nas qualificações e defesas, com permanente foco na excelência.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará, em especial Eduardo, Antônia, Vanessa, e do DLV, Rejane, por sua boa vontade, paciência e eficiência no encaminhamento de nossas solicitações, assim como pela gentileza no seu atendimento.

Aos coordenadores operacionais do DINTER UFC/UFMA, Prof. Dr. José Ribamar Mendes Bezerra e Profa. Dra. Veraluce Lima dos Santos, por sua inegável dedicação, seriedade e empenho nas etapas que aconteceram sob sua responsabilidade, priorizando sempre a eficiência e a qualidade.

Aos colegas do DINTER UFC/UFMA, por sua preciosa contribuição para que os objetivos de cada disciplina cursada fossem alcançados e os desafios de cada etapa do programa fossem vencidos, sempre dando o melhor de si em busca da excelência.

Às bibliotecárias Eliene Maria Vieira de Moura, por sua disponibilidade ímpar e valiosa colaboração para que a versão final desta tese atendesse às normas estabelecidas pela Associação brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e Universidade Federal do Ceará, e Maria Josineide Silva Góis, por sua importante contribuição para a disponibilização deste trabalho na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da UFC.

Ao Departamento de Letras (DELER) da Universidade Federal do Maranhão, pela liberação parcial durante o curso e pelo afastamento para o estágio doutoral na Universidade Federal do Ceará.

À Universidade Federal do Ceará e à Universidade Federal do Maranhão, pela parceria que viabilizou a realização do DINTER UFC/UFMA.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Sonhe com o que você quiser. Vá para onde você queira ir. Seja o que você quiser, porque você possui apenas uma vida e nela só temos uma chance de fazer aquilo que queremos. Tenha felicidade bastante para fazê-la doce. Dificuldades para fazê-la forte. Tristeza para fazê-la humana. E esperança suficiente para fazê-la feliz.

(Clarice Lispector)

RESUMO

Este estudo, que se insere no âmbito da Linguística Cognitiva, consiste em uma investigação sobre a emergência de metáforas sistemáticas na fala de mulheres vítimas diretas da violência doméstica, fenômeno cuja escalada crescente apresenta índices alarmantes. Para compreender essa violência que faz vítimas em todas as camadas sociais, fez-se necessário investigar como ideias e sentimentos relativos à violência doméstica contra a mulher emergem na fala de suas vítimas diretas. Com base no arcabouço teórico da Análise do Discurso à Luz da Metáfora (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON et al., 2009; e CAMERON; MASLEN, 2010), este estudo fundamenta-se, segundo Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010), no entendimento de que a metáfora é local e emerge no discurso; apresenta várias dimensões a serem consideradas (linguística, corpórea, cognitiva, afetiva, sociocultural e dinâmica); e pode, como ferramenta de pesquisa, revelar o que pensam e sentem as pessoas que a usam. Ainda segundo Cameron (2007b), a metáfora na linguagem em uso resulta de uma estabilidade temporária da negociação de conceitos que se estabelecem entre os interlocutores em um evento discursivo. De caráter descritivo-exploratório, esta pesquisa qualitativa tem seu *corpus* constituído pelas transcrições do discurso produzido por seis mulheres sobre a violência doméstica de que foram vítimas em evento discursivo de um grupo focal, cujo encontro teve duração de duas horas e foi gravado em áudio digital. Para a coleta de dados, além do grupo focal, foram utilizadas as técnicas de documentação direta. Depois de transcritos e revisados, conforme a metodologia adotada, os dados legitimados foram alimentados no programa Atlas.ti, possibilitando o cumprimento das outras etapas de preparação dos dados. Com os dados obtidos ao final desses procedimentos metodológicos, foi possível desenvolver tanto o trabalho de análise qualitativa da fala das participantes quanto o levantamento quantitativo referente às recorrências dos veículos metafóricos identificados. Os resultados alcançados indicam a emergência, entre outras, das seguintes metáforas sistemáticas na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica, ao expressarem ideias e sentimentos a respeito de tal fenômeno: *MUDAR É SER UMA NOVA PESSOA*, *MUDAR É SAIR DE ALGUM LUGAR*, *AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER SÃO MOVIMENTOS LENTOS*, *ESTAR SEGURA NA CASA É ESTAR PRESA* e *TOMAR UMA*

ATITUDE CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É ESTABELECE UM FIM PARA ALGO. Esses resultados sugerem que a figuratividade, por meio da emergência de metáforas sistemáticas, tem papel relevante na manifestação do que as vítimas diretas pensam e sentem sobre a violência doméstica contra a mulher. Indicam também que as metáforas sistemáticas apresentam veículos metafóricos que estão sujeitos a mudanças metafóricas de reemprego, desenvolvimento (repetição, explicação e relexicalização) e literalização, dentre as quais as mais recorrentes são as de desenvolvimento.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva. Violência doméstica contra a mulher
Metáfora. Metáfora sistemática. Figuratividade.

ABSTRACT

This study, which falls within Cognitive Linguistics, consists of an investigation into the emergence of systematic metaphors in the speech of women direct victims of domestic violence, a growing phenomenon that presents alarming escalation indices. To understand this violence which makes victims in all social strata, it was necessary to investigate how ideas and feelings relating to domestic violence against women emerge in the speech of its direct victims. Based on the theoretical framework of the Metaphor-led Discourse Analysis (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON et al, 2009; and CAMERON; MASLEN, 2010), this study is based, according to Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010), on the understanding that metaphor is local and emerges in the discourse; has several dimensions to consider (linguistic, embodied, cognitive, affective, sociocultural and dynamic); and may, as a research tool, reveal what people who use it feel and think (CAMERON; MASLEN, 2010). Also according to Cameron (2007b), metaphors in language use result from a temporary stability of the trading concepts that are established among participants in a discursive event. Descriptive and exploratory, this qualitative research has a *corpus* composed of transcripts of the speech produced by six women about the domestic violence they have suffered, in a two-hour discursive event of a focus group which was recorded in digital audio. In order to collect data, along with the focus group technique, those of direct documentation were used. After transcription and proofreading procedures in accordance with the methodology adopted, the legitimated collected data were uploaded into the *software* Atlas.ti so as to complete the remaining steps of data preparation. With the data obtained at the end of these methodological procedures, it was possible to develop both the qualitative analysis of the speech of the participants and the quantitative survey related to recurrence of identified metaphorical vehicles. The results indicate the emergence of the following systematic metaphors, among others, in the speech of women direct victims of domestic violence when expressing their ideas and feelings about such phenomenon: *CHANGING IS BEING A NEW PERSON; CHANGING IS GETTING OUT OF SOMEWHERE; GOVERNMENT ACTIONS AGAINST DOMESTIC VIOLENCE ARE SLOW MOVEMENTS, BEING SAFE IN THE HOUSE SHELTER IS BEING IMPRISONED, and TAKING AN ATTITUDE IS PUTTING AN END TO SOMETHING*. These results suggest that, by means of the emergence of systematic metaphors, figurativity

plays an important role in the expression of what direct victims think and feel about domestic violence against women. Data also indicate that systematic metaphors present metaphorical vehicles that are subject to metaphorical changes of three different kinds: re-employment , development (repetition, explanation and relexicalization) and literalization, among which the most frequent ones are those of development.

Keywords: Cognitive Linguistics. Domestic violence against women. Metaphor. Systematic metaphor. Figurativity.

RESUMEN

Este estudio, direccionado en el ámbito de la Lingüística Cognitiva es una investigación sobre la emergencia de metáforas sistemáticas en el habla de mujeres víctimas directas de la violencia doméstica, fenómeno cuya secuencia presenta un alto índice. Para comprender esa violencia que hace víctimas en todos los niveles sociales, se hace necesario investigar como ideas y sentimientos relativos a la violencia doméstica contra la mujer emergen en el habla de sus víctimas de forma directa. Basado en una estructura teórica del análisis del discurso a la luz de la metáfora (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON et al., 2009; y CAMERON; MASLEN, 2010) este estudio se fundamenta, según Cameron (CAMERON; MASLEN 2010), comprendiendo que la metáfora es un espacio y surge en el discurso; presenta varias dimensiones a ser consideradas (lingüística, corpórea, cognitiva, afectiva, sociocultural y dinámica); puede también, como herramienta de investigación, revelar lo que piensan y sienten las personas que la utilizan. También, según Cameron (2007b), la metáfora en el lenguaje en uso resulta de una estabilidad temporal de la negociación de conceptos que se establece entre los interlocutores en un evento discursivo. De carácter descriptivo exploratorio, esta investigación cualitativa tiene su corpus constituido por las transcripciones del discurso producido por seis mujeres sobre la violencia doméstica que fueron víctimas en un evento discursivo de un grupo focal, cuyo encuentro tuvo duración de dos horas y fue grabado en audio digital. Para la recolección de datos, además del grupo focal, fueron utilizadas las técnicas de documentación directa. Después de transcribir y revisar, según la metodología adoptada, los datos legitimados fueron alimentados en el programa Atlas.ti, posibilitando el cumplimiento de otras etapas de preparación de datos. Con los datos obtenidos al fin de los procedimientos metodológicos, fue posible desarrollar tanto el trabajo de análisis cualitativo del habla de las participantes como el levantamiento cuantitativo referente a las frecuencias de los vehículos metafóricos identificados. Los resultados alcanzados indican la emergencia, entre otras, de las siguientes metáforas sistemáticas en el habla de mujeres víctimas directas de violencia doméstica, al expresar ideas y sentimientos con respecto a ese fenómeno: *CAMBIAR ES SER UNA NUEVA PERSONA, CAMBIAR ES SALIR DE ALGUN ESPACIO, ACCIONES DEL*

EN CASA SE ESTÁ PEGADO y *ACTÚA CONTRA LA VIOLENCIA DOMÉSTICA FIN A ALGO* está establecido. Estos resultados sugieren que la figuración, a través de la aparición de metáforas sistemáticas, juega un papel importante en la manifestación de las víctimas directas pensamos y sentimos acerca de la violencia doméstica contra las mujeres. Los datos también muestran que las metáforas sistemáticas vehículos metafóricos que están sujetas a cambios metafóricos re-empelo, el desarrollo (la repetición, la explicación y relexicalizaçã) y literalización, entre los cuales los más frecuentes son el desarrollo.

Palabras clave: Cognitive Linguistics. La violencia doméstica contra las mujeres Metáfora. Metáfora sistemática. Figuración.

RÉSUMÉ

Cette étude, qui s'insère dans le cadre de la Linguistique Cognitive, consiste en une investigation sur l'émergence des métaphores systématiques dans la parole des femmes victimes directes de la violence domestique, un phénomène dont la croissance présente des chiffres alarmants. Pour comprendre cette violence qui fait des victimes dans toutes les couches sociales, il a fallu enquêter comment des idées et des sentiments concernant la violence domestique contre la femme émergent dans la parole de ses victimes directes. Fondée sur le plan théorique de l'œuvre *Análise do Discurso à Luz da Metáfora* (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON et al., 2009; et CAMERON; MASLEN, 2010), cette étude se fonde, selon Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010), sur la compréhension que la métaphore est locale et émerge dans le discours; elle présente plusieurs dimensions à être considérées (linguistique, corporelle, cognitive, affective, socioculturelle et dynamique); et elle peut, en tant qu'outil de recherche, révéler ce qui pensent et sentent les personnes qui l'utilisent. Encore selon Cameron (2007b), la métaphore dans le langage utilisé résulte d'une stabilité temporaire de la négociation de concepts qui s'établit entre les interlocuteurs dans un événement discursif. Ayant un caractère descriptif-exploratoire, cette recherche qualitative a son *corpus* constitué par les transcriptions du discours produit par six femmes sur la violence domestique dont elles ont été victimes dans un événement discursif d'un groupe focal, dont l'entretien a duré deux heures et a été enregistré en audio numérique. Pour collecter les données, en plus du groupe focal, on s'est servi des techniques de documentation directe. Après avoir été transcrites et révisées, selon la méthodologie adoptée, les données légitimées ont été alimentées dans le logiciel Atlas.ti, permettant, de cette façon, la réalisation des autres étapes de préparation des données. Avec les données obtenues à la fin de ces procédures méthodologiques, il a été possible de développer le travail d'analyse qualitative de la parole des participantes ainsi que l'inventaire quantitatif concernant les récurrences des véhicules métaphoriques identifiés. Les résultats obtenus indiquent l'émergence, entre autres, des métaphores systématiques suivantes dans la parole de femmes victimes directes de violence domestique lorsque celles-ci expriment des idées et des sentiments concernant ce phénomène: *CHANGER C'EST ÊTRE UNE NOUVELLE PERSONNE, CHANGER EST SORTIR DE QUELQUE PART, ACTIONS DU*

GOUVERNEMENT CONTRE LA VIOLENC DOMESTIQUE CONTRE LA FEMME SONT DES MOUVEMENTS LENTS, ÊTRE EN SÉCURITÉ À LA MAISON EST ÊTRE EN PRISON et PRENDRE UNE ATTITUDE CONTRE LA VIOLENCE DOMESTIQUE EST ÉTABLIR UNE FIN À QULEQUE CHOSE. Ces résultats suggèrent que la représentation figurative, à travers l'émergence de métaphores systématiques, joue un rôle important dans la manifestation de ce que les victimes directes pensent et sentent en ce qui concerne la violence domestique contre la femme. Ils indiquent aussi que les métaphores systématiques présentent des véhicules métaphoriques qui sont passifs de changements métaphoriques de réemploi, de développement (répétition, explication et relexicalisation), parmi lesquelles les plus récurrentes sont celles de développement.

Mots-clés: Linguistique Cognitive. Violence domestique contre la femme. Métaphore. Métaphore systématique. Représentation figurative.

RIASSUNTO

Questo studio, che si inerisce nell'ambito della Linguistica Cognitiva, consiste in una ricerca sull'emergenza di metafore sistematiche nel linguaggio di donne vittime dirette della violenza domestica, fenomeno che aumenta sempre di piú, presentando indici allarmanti. Per capire questa violenza che fa vittime in ogni ceto sociale, é necessario investigare come idee e sentimenti relativi alla violenza domestica contro la donna emergano nel linguaggio delle sue vittime dirette. Basato sull'ambito teorico dell'Analise del Discorso alla luce della Metafora (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON et al., 2009; e CAMERON; MASLEN, 2010), questo studio si propone, secondo Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010), di capire che la metafora é locale e emerge nel discorso; presenta varie dimensioni da considerarsi (linguistica, corporea, cognitiva, affettiva, socioculturale e dinamica); e puó, come materiale di ricerca, rivelare quello che pensano e sentono le persone che la usano. Sempre secondo Cameron (2007b), la metafora nel linguaggio in uso risulta in una stabilitá temporanea della negoziazione di concetti che si stabilisce tra gli interlocutori in un evento discorsivo. Di caratetre descrittivo-investigativo, questa ricerca qualitativa ha un suo corpus costituito dalle trascrizioni del discorso prodotto da sei donne sulla violenza domestica che sono state vittime in un evento discorsivo di un grupo particolare, dalla durata di due ore e che é stato registrato in audio digitale. Per la raccolta di dati, oltre al gruppo focale, sono state utilizzate tecniche di documentazione diretta. Dopo di trascritti e revisionati, conforme la metodologia adottata, i dati legittimati sono stati alimentati nel programma Atlas.ti, realizzando cosí altre tappe di preparazione dei dati. Con i dati ottenuti alla fine di questi processi metodologici, é stato possibile sviluppare sia il lavoro di analisi qualitativa del linguaggio delle partecipanti sia ottenere un aspetto quantitativo sulla ricorrenza dei veicoli metaforici identificati. I risultati raggiunti indicano l'emergenza, tra l'altro, delle seguenti metafore sistematiche nel linguaggio di donne vittime dirette della violenza domestica, manifestando idee e sentimenti su questo fenomeno: *CAMBIARE É ESSERE UNA NUOVA PERSONA, CAMBIARE É USCIRE DA QUALCHE LUOGO, AZIONI DEL GOVERNO CONTRO LA VIOLENZA DOMESTICA SONO MOVIMENTI LENTI, RIMANERE SICURA IN CASA É*

delle vittime dirette pensano e sentono sulla violenza domestica contro le donne. I dati mostrano anche che le metafore sistematici veicoli metaforici che sono soggetti a cambiamenti metaforici ri-occupazione, lo sviluppo (la ripetizione, la spiegazione e relexicalização) e letteralizzazione, tra cui le più frequenti sono lo sviluppo.

Parole chiave: Cognitive Linguistica. La violenza domestica contro le donne
Metafora. Metafora sistematica. Figurazione.

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Monografie, welche einen Bereich der kognitiven Linguistik umfasst, besteht aus einer Untersuchung über die Bildung von systematischen Metaphern in der Sprache von Frauen, welche unmittelbare Opfer häuslicher Gewalt wurden, eines Phänomens dessen stetiges Anwachsen alarmierende Ausmasse angenommen haben. Um diese Gewalt zu verstehen, eine Gewalt die ihre Opfer in allen sozialen Schichten sucht, wurde es als nötig empfunden zu untersuchen wie Ideen und Gefühle, die sich auf häusliche Gewalt beziehen, sich in der Sprache der unmittelbaren Opfer niederschlagen. Basierend auf dem theoretischen Abriss der Analyse des Diskurses im Lichte der Metapher (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON et al., 2009; e CAMERON; MASLEN, 2010) gründet sich diese Abhandlung, nach Cameron (Cameron, Maslen 2010), auf dem Verständnis, dass die Metapher örtlich ist und sich aus dem Diskurs ergibt, dass sie verschiedene Dimensionen aufzeigt, die in Betracht zu ziehen sind (linguistische, körperliche, kognitive, affektive, soziokulturelle und dynamische) und welche, als Hilfsmittel bei der Forschung dienend, aufzeigen können was die Personen, die sie benützen, denken und fühlen. Des Weiteren, nach Cameron (2007b), resultiert die Metapher der Umgangssprache aus einer temporären Stabilisierung der Aushandlung von Standpunkten, welche sich zwischen den Gesprächspartnern eines diskursiven Anlasses ergibt. Diese qualitative Forschungsarbeit hat einen beschreibend-ausbeutenden Charakter und ihr "Korpus" besteht aus Transkriptionen der Redetätigkeit von sechs Frauen über das Thema häusliche Gewalt, welche sie selber erlitten hatten, in einer Diskussion einer Zielgruppe, deren Treffen zwei Stunden dauerte und welches auf audio-digitalem Wege festgehalten wurde. Beim Sammeln der Daten wurden ausser der Zielgruppe auch Techniken der direkten Dokumentation benutzt. Nach Transkription und Revision, konform mit der angewendeten Methode, wurden die legitimierten Daten in das Programm Atlas.ti eingespeist, was die Durchführung der weiteren Etappen der Datenvorbereitung ermöglichte. Mit den Daten, die am Ende dieses methodologischen Prozesses zur Verfügung standen, war es möglich sowohl eine qualitative Analyse des Sprachverhaltens der Teilnehmer als auch eine quantitative Bewertung des wiederholten Auftretens von identifizierten metaphorischen Vehikeln

häusliche Gewalt EIN ENDE ZU ETWAS hergestellt wird. Diese Ergebnisse legen nahe, dass die figurative, durch die Entstehung der systematischen Metaphern, spielt eine wichtige Rolle in der Manifestation der direkten Opfer denken und fühlen über häusliche Gewalt gegen Frauen. Die Daten zeigen auch, dass die systematische Metaphern metaphorische Fahrzeuge, die Änderungen unterliegen metaphorischen Wiederbeschäftigung, Entwicklung (Wiederholung, Erklärung und relexicalização) und Literalisierung, unter denen die häufigsten sind die Entwicklung sind.

Keywords: Kognitive Linguistik. Häusliche Gewalt gegen Frauen Metapher. Systematische Metapher. Figuration.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Homicídios nas cidades mais violentas do Brasil.....	49
Gráfico 2 – Atendimentos segundo os tipos de violência contra a mulher.....	55
Gráfico 3 – Metáfora sistemática 1 <i>MUDAR É SER UMA NOVA PESSOA</i>	155
Gráfico 4 – Metáfora sistemática 2 <i>MUDAR É SAIR DE ALGUM LUGAR</i>	162
Gráfico 5 – Metáfora sistemática 3 <i>AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER SÃO MOVIMENTOS LENTOS</i>	168
Gráfico 6 – Metáfora sistemática 4 <i>ESTAR SEGURA NA CASA ABRIGO É ESTAR PRESA</i>	175
Gráfico 7 – Metáfora sistemática 5 <i>TOMAR UMA ATITUDE CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É ESTABELECE UM FIM PARA ALGO</i>	180
Gráfico 8 – Metáfora sistemática 6 <i>VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É TRATÁ-LA COMO ANIMAL</i>	190
Gráfico 9 – Metáfora sistemática 7 <i>EVITAR SOFRER VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É AFASTAR-SE</i>	194
Gráfico 10 – Metáfora sistemática 8 <i>VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É DESTRUIÇÃO</i>	201
Gráfico 11 – Metáfora sistemática 9 <i>RESIGNAR-SE COM A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA É ACOMODAR-SE</i>	222
Gráfico 12 – Metáfora sistemática 10 <i>RESIGNAR-SE COM A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA É ACOMODAR-SE</i>	226
Gráfico 13 – Metáfora sistemática 11 <i>VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É PESO</i>	234
Gráfico 14 – Metáfora sistemática 12 <i>AGREDIR É DAR ALGO RUIM/AGREDIR É NÃO DAR AFETO</i>	239
Gráfico 15 – Metáfora sistemática 13 <i>ESPERAR POR UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA É OLHAR PARA A FRENTE/DEIXAR A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É LARGAR TUDO PARA TRÁS.....</i>	247
Gráfico 16 – Metáfora sistemática 14 <i>VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É COMBATE</i>	255
Gráfico 17 – Metáfora sistemática 15 <i>MULHER É OBJETO DE VALOR</i>	260

Gráfico 18 – Trajetórias das metáforas sistemáticas no discurso.....	263
Gráfico 19 – Tópicos discursivos, veículos metafóricos e participantes por metáfora.....	265
Gráfico 20 – Mudanças metafóricas	266

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – <i>Ranking</i> das cidades mais violentas do Brasil	48
Quadro 2 – Mortes diretas em conflitos armados no mundo, 2004/2007 com Base em Waiselfisz (2013).....	50
Quadro 3 – Código para transcrição, segundo Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010).....	137
Quadro 4 – Metáforas sistemáticas emersas no discurso.....	148
Quadro 5 – Metáfora sistemática 1 <i>MUDAR É SER UMA NOVA PESSOA</i>	148
Quadro 6 – Metáfora sistemática 2 <i>MUDAR É SAIR DE ALGUM LUGAR</i>	155
Quadro 7 – Metáfora sistemática 3 <i>AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER SÃO MOVIMENTOS LENTOS</i>	162
Quadro 8 – Metáfora sistemática 4 <i>ESTAR SEGURA NA CASA ABRIGO É ESTAR PRESA</i>	168
Quadro 9 – Metáfora sistemática 5 <i>TOMAR UMA ATITUDE CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É ESTABELEECER UM FIM PARA ALGO</i>	175
Quadro 10 – Metáfora sistemática 6 <i>VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É TRATÁ-LA COMO ANIMAL</i>	181
Quadro 11 – Metáfora sistemática 7 <i>EVITAR SOFRER VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É AFASTAR-SE</i>	191
Quadro 12 – Metáfora sistemática 8 <i>VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É DESTRUIÇÃO</i>	195
Quadro 13 – Metáfora sistemática 9 <i>SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É TER / ESCONDER UMA LESÃO</i>	202
Quadro 14 – Metáfora sistemática 10 <i>RESIGNAR-SE COM A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA É ACOMODAR-SE</i>	222
Quadro 15 – Metáfora sistemática 11 <i>VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É PESO</i>	226
Quadro 16 – Metáfora sistemática 12 <i>AGREDIR É DAR ALGO RUIM/AGREDIR É NÃO DAR AFETO</i>	234
Quadro 17 – Metáfora sistemática 13 <i>ESPERAR POR UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA É OLHAR PARA A FRENTE/DEIXAR A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É LARGAR TUDO PARA TRÁS</i>	240

Quadro 18 – Metáfora sistemática 14 <i>VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É</i> <i>COMBATE</i>	248
Quadro 19 – Metáfora sistemática 15 <i>MULHER É OBJETO DE VALOR</i>	255

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AD	Análise do Discurso
ATLAS.TI	<i>Archiv fuer Technik, Lebenswelt und Alltagssprache - Text Interpretation</i>
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAQDAS	<i>Computer-Assisted Qualitative Data Analysis Software</i>
Cecria	Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes
CFêmea	Centro Feminista de Estudos e Assessoria
Comvida	Centro de Convivência para Mulheres Vítimas de Violência Doméstica
COPEVID	Comissão Permanente de Promotores da Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher
CPMI	Comissão Parlamentar Mista de Inquérito
CNDM	Conselho Nacional dos Direitos da Mulher
CNPG	Conselho Nacional de Procuradores-Gerais
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DINTER	Doutorado Interinstitucional
DPIC	<i>Death Penalty Information Center</i>
GELP	Grupo de Estudos sobre Linguagem e Pensamento
GELP- COLIN	Grupo de Estudos sobre Linguagem e Pensamento – Cognição e Linguística
GELP- COMETA	Grupo de Estudos sobre Linguagem e Pensamento – Cognição e Metáfora
GNDH	Grupo Nacional dos Direitos Humanos
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILANUD	Instituto Latino Americano das Nações Unidas
ISBN	<i>International Standard Book Number</i>
LC	Linguística Cognitiva

I.	Linha
MC	Modelo Cognitivo
MCI	Modelo Cognitivo Idealizado
MNDH	Movimento Nacional dos Direitos Humanos
MEC	Ministério de Educação e Cultura
MetV	Veículo Metafórico
OCH	Organização de Combate à Homofobia
OEA	Organização dos Estados Americanos
OMCT	Organização Mundial contra Tortura
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
ONU MULHERES	Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres
OU	<i>Open University</i>
PCTR	<i>Perception and Communication of Terrorist Risk</i>
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Linguística
SAFETYLIT	<i>Injury Prevention Literature Update</i>
SAC	Sistema Adaptativo Complexo
SDC	Sistema Dinâmico Complexo
SDAC	Sistema Dinâmico Adaptativo Complexo
SC	Semântica Cognitiva
SPM	Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres
SysMets	Metáfora Sistemática
TD	Tópico Discursivo
TJ-MA	Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão
TIMP	Teoria Integrada da Metáfora Primária
TMC	Teoria da Metáfora Conceitual
TMCI	Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados
TSAC	Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos
TSDAC	Teoria dos Sistemas Dinâmicos Adaptativos Complexos
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UNESCO	<i>United Nations Educational Scientific and Cultural Organization</i>
UNODC	Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime
UNIFEM	Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher
UNICEF	<i>United Nations Children's Fund</i>
UOL	Universo on line
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	28
2	VIOLÊNCIA: UMA HIDRA DE LERNA NOS NOSSOS DIAS	44
2.1	Violência urbana: o perigo à espreita	47
2.2	Violência doméstica: o agressor íntimo	51
2.3	Violência doméstica contra a mulher: as várias facetas de uma dor	52
2.3.1	<i>Vítima x agressor: uma luta desigual</i>	55
2.3.1.1	<i>Perfil da Vítima</i>	56
2.3.1.2	<i>Perfil do Agressor</i>	57
2.3.2	<i>A legislação vigente: direitos e garantias</i>	58
2.3.2.1	<i>Os direitos humanos</i>	59
2.3.2.2	<i>Os direitos da mulher</i>	60
2.3.2.3	<i>A Lei Maria da Penha: causas e consequências</i>	61
3	METÁFORA: DE RECURSO INDIVIDUAL A CONSTRUÇÃO COLABORATIVA	66
3.1	Metáfora, Linguagem, Cognição e Discurso	66
3.1.1	<i>Metáfora e Linguagem</i>	66
3.1.2	<i>Metáfora e Cognição</i>	69
3.1.3	<i>Metáfora e Discurso</i>	75
3.2	Alicerces teóricos da investigação	77
3.2.1	<i>Metáfora Conceitual</i>	78
3.2.1.1.	<i>Teoria da Metáfora Conceitual (TMC)</i>	78
3.2.1.2	<i>Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI)</i>	82
3.2.1.2.1	<i>Princípios fundamentais dos MCIS</i>	84
3.2.1.2.2	<i>Classificação dos MCIs conforme os princípios estruturadores</i>	85
3.2.1.3	<i>Teoria Integrada da Metáfora Primária (TIMP)</i>	90
3.2.2	<i>Abordagem da Análise do Discurso à Luz da Metáfora</i>	96
3.2.3	<i>Aportes da Teoria da Complexidade e da Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos</i>	102
3.2.3.1	<i>Aportes da Teoria da Complexidade</i>	103
3.2.3.2	<i>Aportes da Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos</i>	105

3.2.4	Conceitos adotados na investigação	110
3.2.4.1	<i>Discurso</i>	110
3.2.4.2	<i>Figuratividade</i>	111
3.2.4.3	<i>Metáfora</i>	112
3.2.4.4	<i>Metáfora sistemática</i>	115
3.2.4.5	<i>Mudança metafórica</i>	116
4	UM PERCURSO PLANEJADO: O MAPA DA MINA	119
4.1	Caracterização da pesquisa	120
4.2	Caracterização do lócus	121
4.2.1	Casa Abrigo	122
4.2.2	Histórico	123
4.2.3	Características	124
4.3	Caracterização dos informantes	125
4.3.1	Crítérios de Seleção	125
4.3.2	Número de participantes	126
4.3.3	Faixa etária	126
4.3.4	Codinomes	126
4.4	Técnicas e Instrumentos	127
4.4.1	Técnicas	127
4.4.1.1	<i>Grupo focal</i>	127
4.4.1.2	<i>Aplicação de questionários</i>	129
4.4.1.3	<i>Gravação</i>	130
4.4.1.4	<i>Atlas ti 6.2</i>	130
4.4.2	Instrumentos	132
4.4.2.1	<i>Instrumentos de ordem legal</i>	132
4.4.2.2	<i>Instrumentos de pesquisa</i>	132
4.5	Corpus	133
4.5.1	Caracterização	134
4.5.2	Coleta de dados	134
4.5.3	Preparação dos dados coletados	135
4.5.3.1	<i>Da transcrição do evento discursivo</i>	136
4.5.3.2	<i>Da leitura de toda a transcrição do evento discursivo</i>	138
4.5.3.3	<i>Da observação de possíveis temas-chave</i>	138

4.5.3.4	<i>Da identificação dos tópicos discursivos</i>	138
4.5.3.5	<i>Da descrição da estrutura do discurso</i>	139
4.5.3.6	<i>Da identificação, organização e codificação dos temas</i>	140
4.5.3.7	<i>Da organização e codificação dos tópicos discursivos identificados</i>	140
4.5.3.8	<i>Da identificação das metáforas por meio dos veículos metafóricos</i>	140
4.5.3.9	<i>Do agrupamento dos veículos metafóricos</i>	141
4.5.3.10	<i>Da identificação das metáforas sistemáticas por meio do agrupamento dos veículos metafóricos e tópicos discursivos</i>	142
4.5.3.11	<i>Da vinculação das metáforas sistemáticas aos temas e/ou tópicos discursivos ao longo do evento discursivo (trajetórias)</i>	142
4.6	Procedimentos de análise	143
4.6.1	<i>Da análise da figuratividade</i>	144
4.6.2	<i>Da análise das metáforas sistemáticas</i>	144
4.6.3	<i>Da análise das mudanças metafóricas</i>	144
5	INDO ALÉM DO ÓBVIO: O RAIOS X DE UMA METÁFORA	146
5.1	Metáfora sistemática 1 MUDAR É SER UMA NOVA PESSOA	148
5.2	Metáfora sistemática 2 MUDAR É SAIR DE ALGUM LUGAR	155
5.3	Metáfora sistemática 3 AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER SÃO MOVIMENTOS LENTOS	162
5.4	Metáfora sistemática 4 ESTAR SEGURA NA CASA ABRIGO É ESTAR PRESA	168
5.5	Metáfora sistemática 5 TOMAR UMA ATITUDE CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É ESTABELECE UM FIM PARA ALGO	175
5.6	Metáfora sistemática 6 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É TRATÁ-LA COMO ANIMAL	180
5.7	Metáfora sistemática 7 EVITAR SOFRER VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É AFASTAR-SE.....	191
5.8	Metáfora sistemática 8 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É DESTRUIÇÃO	194
5.9	Metáfora sistemática 9 SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É TER / ESCONDER UMA LESÃO	201
5.10	Metáfora sistemática 10 RESIGNAR-SE COM A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA É ACOMODAR-SE	222

5.11	Metáfora sistemática 11 <i>VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É PESO</i>	226
5.12	Metáfora sistemática 12 <i>AGREDIR É DAR ALGO RUIM/AGREDIR É NÃO DAR AFETO</i>	234
5.13	Metáfora sistemática 13 <i>ESPERAR POR UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA É OLHAR PARA A FRENTE/DEIXAR A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É LARGAR TUDO PARA TRÁS</i>	239
5.14	Metáfora sistemática 14 <i>VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É COMBATE</i>	247
5.15	Metáfora sistemática 15 <i>MULHER É OBJETO DE VALOR</i>	255
6	CONCLUSÃO	268
	REFERÊNCIAS	276
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	289
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO	290
	APÊNDICE C – DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO	291
	APÊNDICE D – ROTEIRO DE MEDIAÇÃO DO ENCONTRO DO GRUPO FOCAL	292
	ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

"A violência contra as mulheres e as meninas é, talvez, uma das mais frequentes violações dos direitos humanos no planeta. Isto não tem fronteiras, nem raça, nem classe. [...] Uma em cada três mulheres podem sofrer de abuso e violência em sua vida. Esta é uma terrível violação dos direitos humanos, no entanto, continua sendo uma das invisíveis e reconhecidas pandemias de nosso tempo".

(Nicole Kidman)

Atriz australiana e Embaixadora da Boa Vontade da ONU MULHERES – Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres.

Ataques e explosões com mortes de civis; linchamento de pessoas inocentes; cidades tomadas pelo pânico, com arrombamentos, saques e destruições; mulheres violentadas e mortas por seus companheiros; chacinas perpetradas por organizações criminosas; estupros coletivos de adolescentes; crianças e idosos espancados e mortos em suas casas; filhos assassinando pais e pais assassinando filhos; carros-bomba matando inocentes; todos esses são itens de uma interminável lista de violências que proliferam e revelam índices crescentes e alarmantes nos nossos dias. Estamos, assim, tomados por um profundo sentimento de medo e insegurança, na condição de reféns dessa violência ameaçadora e recorrente que se instalou entre nós, tornando-se o centro de nosso cotidiano, ocupando as manchetes na mídia e fazendo cada vez mais vítimas de qualquer idade, sexo, camada social, credo, etnia, região ou raça.

A violência é considerada, atualmente, um dos maiores problemas enfrentados pelos cidadãos em todo o mundo. Sua escalada vem atingindo taxas de mortalidade que se assemelham àquelas próprias de guerras e catástrofes, conforme dados do Mapa da violência de Waiselfisz (2013). Em decorrência disso, esse fenômeno é hoje prioridade não só de muitos governos, mas também de diversas organizações nacionais (Ex.: Sou da Paz, Cecria, Cfêmea, SOS Casas de Acolhida, OCH, Instituto São Paulo contra a Violência, Tortura Nunca Mais, Comunidade Segura, MNDH, dentre outras) e internacionais (Amnesty International, Safetylit, UNODC, OMCT, OMS, ILANUD, DPIC, CONECTAS Direitos Humanos, Fundação Ford, dentre outras). A inquietação resultante dessa violência crescente

também se reflete no mundo acadêmico, já que esta tem se tornado objeto de estudo de muitos pesquisadores nas mais diversas áreas do conhecimento humano, tais como: Cameron, Pelosi e Feltes (2014), Pelosi, Feltes e Cameron (2014), Boivin (2014), Chrispino e Gonçalves (2013), Duque, Montoya e Restrepo (2013), Zaluar e Barcellos (2013), Costa e Lopes (2012), Gentile, Coyne e Walsh (2011), Pasinato (2011), Durand et al (2011), para citar alguns.

Todos nós reconhecemos que, hoje, essa violência que só aumenta, está muito presente no cotidiano dos centros urbanos e também na zona rural, independentemente de seu tamanho, é uma das grandes, talvez a maior das apreensões das pessoas nos mais diversos níveis sociais, gerando sentimentos de insegurança e medo. Percebemos, numa breve reflexão, que, embora a realidade mude de país para país, pois a motivação é específica em cada situação, o combate à violência quase sempre inclui vários outros combates e inimigos diferentes. Dentre as frentes que mais se destacam em decorrência de seu alcance, de sua motivação e de seus danos, figuram o terrorismo, o crime organizado, o narcotráfico, as guerrilhas, o tráfico de armas, o tráfico de pessoas, a violência urbana e a violência no campo.

Em todos esses casos, cresce a cada dia a violência, exigindo solução urgente, uma vez que a repercussão desse fenômeno é imediata, ampla, e gera consequências imprevisíveis e certamente muito danosas. Observamos, ainda, que esse fenômeno ocupa cada vez mais espaço na mídia falada e escrita, afetando significativamente a rotina do cidadão, em função de ocorrências diárias que chocam, ameaçam e assustam a todos nós, onde quer que aconteçam, seja no mesmo bairro, na mesma cidade, em outro estado ou em outro país.

Tais violências são trazidas para um público maior e de forma mais rápida com a contribuição da tecnologia. A comunicação *online* de hoje traz, de imediato, os problemas praticamente para dentro de nossas vidas, gerando a insegurança decorrente da constatação de que os episódios de violência estão se tornando cada vez mais frequentes, mais próximos, mais imprevisíveis, com repercussão significativa que atinge a todos, direta ou indiretamente, de forma indiscriminada e muito democrática, ou seja, com muito igualitarismo. Esses episódios ocorrem por motivos que vão dos mais triviais aos mais incomuns, resultando na violência que, cada vez mais, banaliza a vida.

No Brasil, a cada dia, essa violência igualitária e impessoal faz muitas vítimas, diretas e indiretas, de qualquer idade, sexo, classe social, profissão, religião, poder aquisitivo, nível de escolaridade, e em qualquer lugar, por mais seguro que, *a priori*, este possa parecer. São tantas e tão diversas as manifestações de violência, que qualquer reflexão sobre esse fenômeno implica no reconhecimento inicial de que estamos diante de um problema complexo, polissêmico e controverso. De um modo geral, entendemos violência como qualquer comportamento ou conjunto de comportamentos que causem danos à integridade física, moral, psicológica ou patrimonial de outrem.

Segundo Malta *et al.* (2007), só recentemente, por volta das duas últimas décadas do século passado, o tema violência foi inserido na agenda do campo da saúde. Isso aconteceu em decorrência do aumento dos índices de óbitos e adoecimentos por causas externas. Tendo em vista a complexidade do problema, a Organização Mundial de Saúde (OMS), no seu Relatório Anual sobre Violência e Saúde, publicado em Genebra em 2002, definiu, oficialmente, o fenômeno da violência e considerando também ser de extrema importância, incluiu intencionalidade e poder nessa definição. Assim, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (2002), a violência caracteriza-se pelo uso proposital de força ou poder, seja como ameaça ou ação efetiva de alguém contra si mesmo, outrem, grupo ou comunidade de modo a provocar ou ter possibilidade de causar algum dano físico ou psíquico, alterar o desenvolvimento ou impor privações.

Na compreensão de Michaud (1989), existe violência quando, em situação de interação, um ou mais indivíduos agem, direta ou indiretamente, de forma maciça ou esparsa, provocando danos a outro(s) em graus variáveis, afetando sua integridade física, moral, patrimonial ou suas participações simbólicas e culturais. Hoje, nos centros urbanos e também na zona rural, esse fenômeno apresenta-se como uma realidade multifacetada, com características tanto universais quanto socioculturais, que precisam ser identificadas e analisadas. Alguns tipos de violência, porém, ocorrem fora do alcance de câmeras e longe de testemunhas. A violência doméstica, por exemplo, acontece nos lares em que muitas das vítimas, por inexperiência, imaturidade, medo, insegurança, ou ainda, em decorrência de convenções ou pressões de caráter social, preferem ou são forçadas a manter absoluto silêncio sobre as agressões sofridas. Suas vítimas mais frequentes são mulheres, idosos, crianças e adolescentes.

Os sujeitos que protagonizam episódios de violência têm perfis diversos. O agressor pode ser um perfeito desconhecido, de qualquer idade, sexo, cor, etnia, religião, profissão ou classe social ou, segundo Day *et al.* (2003), alguém muito íntimo, como nos casos de violência intrafamiliar (perpetrada por integrante da família, dentro e/ou fora de casa) ou doméstica (cometida por pessoas que convivem no ambiente familiar). Mas o que é violência para a vítima direta? Como, por exemplo, no caso específico da violência doméstica contra mulheres, estas manifestam o que sentem e o que pensam sobre a violência sofrida?

Compartilhando dessa preocupação que, de forma bastante democrática, direta ou indiretamente, faz parte do cotidiano de todos nós, interessamo-nos por uma participação mais direta nessa grande discussão mundial que tem como foco a violência nas suas mais diversas formas – desde o terrorismo sem fronteiras até a violência doméstica. Assim, cogitamos a possibilidade de desenvolver uma pesquisa sobre a violência doméstica contra a mulher, cuja evolução tem sido ostensiva em termos de grau e número de casos, nas várias camadas sociais brasileiras. Tivemos então, em 2009, a oportunidade de conhecer e participar do projeto desenvolvido em cooperação com a *Open University* (OU), no Reino Unido, que estuda a violência em centros urbanos à luz dos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva e da Análise do Discurso à Luz da Metáfora (*Metaphor-Led Discourse Analysis*). Tomou corpo, então, a proposta de uma pesquisa que nos permitisse aprofundar nossos conhecimentos na área e investigar uma das facetas mais silenciosas e com índices mais crescentes desse fenômeno – a violência doméstica contra a mulher.

Os dados obtidos inicialmente confirmaram a sua evolução ostensiva em termos de grau e número, o que, de *per se*, demonstrou ser relevante um estudo desse tipo de violência sob o ponto de vista linguístico. Optamos, então, por realizar esta pesquisa com enfoque na violência doméstica cujas vítimas diretas são mulheres. Assim, esta tese busca contribuir com a produção de dados que possam ser relevantes tanto para as pesquisas voltadas para uma melhor compreensão desse fenômeno quanto para o desenvolvimento de políticas públicas direcionadas para a prevenção e o combate a esse tipo de violência que faz uma infinidade de vítimas diretas e indiretas todos os dias.

Na *Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher*, em Belém do Pará, promovida pela Organização dos Estados Americanos (OEA) (1994), foi oficialmente ratificada a definição de violência

doméstica contra a mulher que foi estabelecida pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em reunião realizada em 1993. Segundo essa definição, é considerada violência doméstica contra a mulher qualquer ameaça de ato ou ato de violência de gênero que cause ou possa causar dano físico, sexual, psicológico ou sofrimento para a mulher, assim como qualquer tipo de coerção ou privação arbitrária de liberdade, independentemente de onde isso aconteça, seja em público ou na vida privada.

No tocante à violência contra a mulher, Day *et al.* (2003) ressaltam que, segundo as estatísticas levantadas, há no mundo inteiro, pelo menos uma mulher, em cada três, que já sofreu algum tipo de violência durante sua vida, incluindo espancamento, estupro e outros tipos de abuso, em que o agressor é alguém de sua família ou vive sob o mesmo teto. Esse tipo de violência é a forma mais comum de abuso dos direitos humanos, embora ainda seja a menos reconhecida.

Em termos de realidade brasileira, a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), vinculada à Presidência da República, informa, no seu Balanço Semestral referente ao período de janeiro a junho de 2013, que os dados registraram um total de 306.201 atendimentos realizados pelo Ligue 180. Essas ocorrências aconteceram em apenas 56% dos 5.566 municípios brasileiros, onde esse serviço já é prestado às vítimas de violência contra a mulher. No primeiro semestre de 2013, houve, ainda, registros de 2.000 atendimentos na zona rural, refletindo a interiorização da Lei Maria da Penha¹, como destaca o documento.

Dentre as unidades federativas, aquelas que apresentaram maior número de atendimentos, guardada a proporcionalidade em relação à sua população feminina, foram, em ordem decrescente das taxas, as seguintes: Distrito Federal, Pará, Rio de Janeiro, Alagoas e Espírito Santo. Nessa relação, encontram-se representadas quatro das cinco regiões brasileiras (Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste), o que demonstra não ser a violência característica de uma região específica. Quando comparamos esses dados com os do balanço realizado no mesmo período em 2012, verificamos que houve um aumento significativo nos

¹Denominada Lei Maria da Penha, em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, farmacêutica cearense, vítima de violência doméstica física e psicológica que lutou pelo direito de ver seu agressor punido, essa lei foi promulgada em 07 de agosto de 2006, passando a vigorar em 22 de setembro de 2006. Sua estrutura está voltada especificamente para o atendimento da demanda do fenômeno da violência doméstica contra a mulher, incluindo mecanismos com foco na prevenção, no apoio às vítimas, nas políticas públicas e na punição dos agressores.

atendimentos prestados em Rondônia (50,56%) e no Amapá (30,49%), na Região Norte. É importante ressaltar que reduções significativas foram registradas no Piauí (-37,97%) e no Rio Grande do Norte (-35,23%), ambos estados do Nordeste brasileiro, região considerada como a mais violenta, com nove das dezesseis cidades brasileiras que figuram no ranking das cinquenta cidades mais violentas do mundo, que detalharemos mais adiante, no Capítulo 2.

Os 306.201 registros que se verificaram no período de abrangência da pesquisa (janeiro-junho/2013) resultam numa média mensal superior a 51.000 atendimentos. Isso corresponde a um estarecedor total de cerca de 1.691 ocorrências diárias, considerados apenas os episódios registrados.

Em relação aos atendimentos, ainda segundo a SPM, destacamos que a procura por esclarecimentos sobre a Lei Maria da Penha (Lei no. 13.340 / 2006, com seus sete anos de sanção completados recentemente) e sobre serviços de atendimento à mulher, campanhas e direitos da mulher corresponde a mais de 36,32% do total; e que a maioria das ligações referentes à violência contra a mulher envolve denúncias de crime de lesão corporal e de ameaças que, juntas, atingem mais de 70% das queixas.

Dentre os atendimentos realizados, 37.582 (12,32%) envolvem relatos de violência, assim divididos: 20.760, física (55,2%); 11.073, psicológica (29,5%); 3.840, moral (10,2%); 646, sexual (1,7%); e 696, patrimonial (1,9%). Houve, ainda, 304 denúncias de cárcere privado (0,008%) e 263, de tráfico de pessoas (0,007%). Os dados fornecidos pela SPM indicam que, dentre as vítimas que recorreram ao Ligue 180, 42,3% informaram que sofrem violência todos os dias; 31,5% informaram que a violência acontece algumas vezes na semana; 10,3% registraram que os episódios ocorrem algumas vezes no mês. Apenas 6,6% declararam que a ocorrência foi um caso único, ainda não recorrente. Outras vítimas (9,3%) não souberam informar esse dado.

No tocante à vulnerabilidade da vítima e o risco percebido, 46,3% afirmaram correr risco de morte, enquanto 27,7% relataram risco de dano físico, incluindo 4.655 referentes a espancamento. O risco de danos psicológicos, considerado inclusive o suicídio das vítimas em 117 registros, foi relatado em 15,8% dos casos. Um alto risco de estupro foi identificado em 265 denúncias. Outros possíveis riscos, tais como: aborto, ameaça a terceiros, danos morais e perdas de

bens e/ou de direitos, constaram de 5,9% das ocorrências. Um total de 3,2% não forneceu essa informação.

Os dados revelam, ainda, que a maioria das ligações partiu de mulheres com idade entre vinte e trinta e nove anos e nível fundamental de escolaridade. Os registros demonstraram que, na maioria dos casos, o agressor era cônjuge, companheiro, namorado ou “ex” da vítima. No que concerne às informações coletadas sobre o tempo de relacionamento entre a vítima e o agressor, a relação já existia entre dez anos ou mais em 40% dos casos informados; entre cinco e dez anos, em 31% deles; menos de um ano, em 8,7% dos casos; e sem informação específica, em 1,3% dos relatos, conforme dados do site oficial da pesquisa².

Esses dados por si só já demonstram uma necessidade de se refletir sobre a problemática da violência doméstica sobre a mulher. Então, alinhada a essa preocupação, e considerando meus conhecimentos e interesse enquanto estudiosa da Linguística e, em especial da metáfora, como autora da dissertação *Dos manuais didáticos à compreensão do aprendiz: a relevância da metáfora no ensino/aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira (ILE)*, a problemática da violência doméstica ganhou um tom que amplia a compreensão do objeto, pois também pontuamos o discurso proveniente dessa situação de violência e realçamos a metáfora dele e nele emersa. Diante de tudo isso, acreditamos na relevância desta pesquisa desenvolvida no Doutorado Interinstitucional em Linguística, do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará (UFC), sobre a emergência das metáforas sistemáticas na fala de vítimas diretas da violência doméstica contra a mulher.

Dentre os vários estudos com foco na violência, destacamos a pesquisa *Global Uncertainties: Security for All in a Changing World*, que envolve vários países, e que inclui o projeto *Living with Uncertainty: Metaphor and the dynamics of empathy in discourse*, desenvolvido na *Open University*, em Milton Keynes, Inglaterra, pela Profa. Dra. Lynne Cameron, do Departamento de Linguística Aplicada daquela Universidade. Ela inclui, também, em base de cooperação, o *Projeto interdisciplinar sobre representações sociocognitivas na conceitualização de violência em centros urbanos brasileiros*, desenvolvido pelo Grupo de Estudo Sobre Linguagem e Pensamento (GELP), coordenado pelas Profas. Dra. Ana Cristina Pelosi e Dra.

²<http://ww.spm.gov.br/publicacoes>. Acesso em 15 de março de 2014.

Paula Lenz Costa Lima e formado pelos subgrupos de estudos Cognição e Linguística (COLIN), da UFC, e Cognição e Metáfora (COMETA), da UECE, estes também coordenados, respectivamente, pelas respectivas Profas. Dra. Ana Cristina Pelosi (UFC) e Dra. Paula Lenz Costa Lima (UECE), com equipe que inclui diversos pesquisadores renomados.

Esses conceituados pesquisadores são membros de grupos de pesquisa das seguintes instituições: Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade Estadual do Ceará (UECE), já acima citadas; Universidade de Caxias do Sul (UCS), representada pela Profa. Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes, autora de estudo pioneiro sobre violência na sua dissertação: *A teoria dos modelos cognitivos idealizados de George Lakoff: um projeto experiencialista para a semântica do conceito* (1992), parcialmente publicado em *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias* (2007), dentre outras obras relevantes na área, e coordenadora do grupo de estudos Semântica e Cognição – SEMACOG, na UCS; Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), representada pela Profa. Dra. Luciane Corrêa Ferreira, membro do Núcleo de pesquisa Futebol, linguagem e artes (FULIA – UFMG) e líder do Núcleo de estudos da Metáfora, Cognição e Cultura (NECODI – UFMG); e, ainda, consultores de instituições tais como: Universidade da Califórnia, em Santa Cruz, nos EUA, e Universidade de Bordeaux, em Bordeaux, na França. Todos são reconhecidos por seus trabalhos relevantes em áreas como a Linguística Cognitiva, a Análise do Discurso, a Psicolinguística, ou afins, além dos seus estudos interdisciplinares diversos.

No Ceará, esta pesquisa se insere no projeto mais amplo acima mencionado, desenvolvido pelo GELP – COLIN, sob a coordenação da Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi, na Universidade Federal do Ceará, com o apoio da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) em convênio com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no Ministério da Educação, através do Edital Universal.

O foco do *Projeto interdisciplinar sobre representações sociocognitivas na conceitualização de violência em centros urbanos brasileiros* é a análise do fenômeno da violência urbana brasileira por meio da linguagem figurada, tendo como base as manifestações sociocognitivas e linguísticas presentes nas interações verbais e em produções textuais, para um melhor entendimento do comportamento violento e suas motivações/causas.

Esse projeto inclui outras pesquisas sobre esse fenômeno, desenvolvidas na UFC, na UECE e na UCS, sob a coordenação, respectivamente, das professoras Dra. Ana Cristina Pelosi, Dra. Paula Lenz Costa Lima e Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes. Essas investigações são relatadas em diversas dissertações e teses relacionadas a seguir. Na UFC, temos a dissertação de Lima (2012), cujo foco foi o estudo da emergência de metáforas na fala de jovens adultos universitários sobre violência urbana à luz de pressupostos cognitivo-discursivos; as teses de doutorado de Gondim (2012), com uma análise intercultural das concepções de violência em jovens brasileiros e franceses e de Almeida Junior (2013), que trata de espaços e atratores como estratégias de categorização na emergência de inferências sobre a conceitualização de violência; assim como as dissertações de Sá (2013), que enfocou a emergência de metáforas sistemáticas na conceitualização de violência escolar por professores da educação básica em Fortaleza – CE, de Silva (2013), que investigou a violência na interação de torcedores de futebol, também em Fortaleza, e de Marques (2014), que teve como objetivo estabelecer a primazia da metonímia em relação à metáfora (estas duas últimas, sob a orientação da Profa. Dra. Luciane Corrêa Ferreira). Na UECE, há as pesquisas relatadas nas dissertações de Jamison (2011), com enfoque na conceitualização e categorização de violência por mulheres vítimas de violência conjugal, com base nos seus depoimentos para registro de boletins de ocorrência na Delegacia Especial da Mulher de Fortaleza – CE, e de Oliveira (2011), com foco na análise da conceitualização de violência em uma comunidade de surdos. Na UCS, como seguimento da dissertação de Feltes (1992), um estudo pioneiro sobre violência, foi desenvolvida a investigação sobre modelos cognitivos na categorização desse fenômeno, relatada na dissertação de Säge (2010). Também vinculadas ao GELP, há atualmente, na UFC, esta tese (CARNEIRO, 2014) e a pesquisa de doutorado em andamento de Jamison, cujo foco é a emergência da empatia nos casos de violência doméstica, ambas orientadas pela Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi. Há, ainda, também vinculados ao GELP, diversos artigos ou capítulos de livros que enfocam a violência em seus diferentes aspectos, dentre os quais destacamos: Pelosi, Feltes e Cameron (2014), Cameron, Pelosi e Feltes (2014), Pelosi, Feltes e Cameron (2013), Feltes, Pelosi e Ferreira (2012), Gondim e Pelosi (2013), Gondim e Pelosi (2012), Ferreira (2013), Ferreira (2012).

Cada um desses trabalhos realizados aborda um aspecto específico do tema da violência, com algumas similaridades e diferenças quanto a foco, objetivos, base teórica e/ou procedimentos metodológicos, contribuindo, de forma significativa, para o estudo desse fenômeno multifacetado.

Essas pesquisas abordam o tema da violência no âmbito da LC e analisam esse fenômeno, buscando identificar os modelos que o estruturam, a forma como se dá tanto sua comunicação quanto sua conceitualização, assim como os conceitos de VIOLÊNCIA, VIOLÊNCIA URBANA, VIOLÊNCIA ESCOLAR, VIOLÊNCIA CONJUGAL, VIOLÊNCIA FAMILIAR E VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL. Nenhuma delas, entretanto, teve ou tem como objetivo investigar como as mulheres vítimas diretas de violência doméstica exprimem suas ideias e sentimentos³ sobre esse fenômeno.

Fundadas nos pressupostos das Teorias de Lakoff e Johnson (1980,1999), Lakoff (1987), Johnson (1987), das contribuições de Grady (1997) e/ou da Abordagem da Análise do Discurso à Luz da Metáfora (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON *et al.*, 2009, CAMERON; MASLEN, 2010), essas investigações utilizaram esses modelos teóricos, no todo ou em parte, incluindo alguns aportes que contribuem para suas análises, tanto na discussão de possíveis lacunas que se evidenciaram ou se evidenciam ao longo do processo, quanto na sugestão, quando é o caso, de alternativas de solução, com vistas ao alcance dos objetivos propostos.

No cenário nacional, há muitos trabalhos enfocando a violência doméstica contra a mulher em diversos campos da atividade humana, principalmente em áreas como medicina, enfermagem, odontologia, psicologia, direito, serviço social, sociologia, antropologia e religião. Entretanto, dentre os duzentos e vinte e oito trabalhos disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁴ sobre violência contra a mulher, somente oito se inserem na área da Linguística. São eles: *Práticas identitárias em relatos de mulheres vítimas de*

³Nosso entendimento de "ideias", nesta tese, é bem abrangente, incluindo não só o conjunto de valores, crenças, atitudes, ideias, concepções, aspirações e propósitos compartilhados pelas participantes, mas também aqueles reconstruídos na mente de cada uma, com base na própria experiência corpórea e na interpretação do mundo à sua volta. Os "sentimentos" referem-se a tudo o que sentem e como se sentem essas participantes em relação às suas experiências de violência, ao agressor, à família, às autoridades, para citar os envolvidos de maior relevância.

⁴<http://bdtb.ibict.br>. Acesso em 14 out 2013.

violência doméstica (DIAS, 2007); *A mulher nas crônicas de José Simão: um estudo da construção dos estados de violência* (JESUS, 2008); *O discurso da imprensa escrita recifense nas notícias de violência contra a mulher nos casos de "legítima defesa da honra"* (SILVA, 2009); *Os interrogatórios policiais da Delegacia de Repressão a Crimes contra a Mulher: fases e tarefas em uma perspectiva interacional* (MARQUES, 2009); *Referenciação textual: da subjetividade à representação da identidade feminina no texto escrito* (DUTRA, 2011); *Representações sociais da mulher em situação de violência doméstica e familiar no contexto sócio-histórico de São Borja/RS* (CONTO, 2012); *O macrogênero drama norte-rio-grandense: uma análise de gênero e de discurso sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional* (COOPER, 2012); e *A mulher na política: representação, gênero e violência no discurso jornalístico* (SILVA, 2013).

As pesquisas acima relacionadas não se inserem no âmbito da Linguística Cognitiva, não investigam como as mulheres vítimas de violência doméstica se manifestam sobre seus sentimentos e ideias em relação a esse fenômeno e nem outros aspectos a isso relacionados, tais como figuratividade, metáfora e mudança metafórica.

Acreditamos, portanto, que isso reitera a existência de lacuna cujo preenchimento se mostra relevante e necessário e para o qual desejamos contribuir com os resultados deste trabalho. Inserida no quadro mais amplo das Ciências Cognitivas, esta investigação situa-se no âmbito da LC, cujo paradigma se caracteriza por sua visão de linguagem e dos fenômenos linguísticos, em sua estreita ligação com os processos de natureza cognitiva. Estriba-se, em especial, na Análise do Discurso à Luz da Metáfora, cujo aparato teórico tem como foco o discurso e o que dele emerge. Lakoff (1990) destaca que a LC se define por seu compromisso de descrever toda a gama de generalizações linguísticas e sua concomitante fidelidade às descobertas empíricas que desvelam as características da/o mente/cérebro. Abrantes (2001), considerando os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, ressalta que linguagem e conceitualização mantêm uma relação estreita de interdependência e influência mútua e que o processo de conceitualização da realidade tem uma base concreta, de caráter imediato e físico, que resulta da experiência do corpo, do mundo e das relações físicas que se estabelecem entre eles.

Com base nesse entendimento de que a linguagem é um fenômeno complexo que resulta de interações entre sistemas neurais, sensório-motor, socioculturais etc., entendemos como relevante registrar a necessidade de que investigássemos, de forma integrada, os diversos aspectos que envolvem essas interações. Tais interações resultam na emergência de ideias e/ou sentimentos e nos processos cognitivos que permitem que o ser humano se relacione de maneira significativa com o mundo que o cerca.

Na apresentação da matriz epistemológica desta pesquisa que se insere no âmbito da LC, delineamos a evolução dos estudos sobre a metáfora desde sua origem, traçando um panorama e ressaltando a importância dos estudos seminais de Lakoff e Johnson (1980), que resultaram na TMC, assim como das contribuições de Fauconnier e Turner (1998), Grady (1997), Johnson (1997), Narayanan (1997), incorporadas à Teoria Integrada da Metáfora, publicada por Lakoff e Johnson (1999) em *Philosophy in the Flesh*, assim como em outros trabalhos de Lakoff (1987, 1990, 1993).

A pesquisa, entretanto, fundamenta-se, principalmente, no arcabouço teórico da Análise do Discurso à Luz da Metáfora, proposta por Cameron (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON *et al.*, 2009; CAMERON; MASLEN, 2010), que investiga a metáfora discursiva, ou seja, a metáfora na linguagem em uso.

Mesmo reconhecendo a importância da TMC como “divisor de águas” em relação à metáfora, essa abordagem apresenta algumas divergências em relação à proposta de Lakoff e Johnson (1980, 1999) no que concerne à sua origem e emergência. Sua base funda-se no entendimento de que a metáfora é local e emerge no discurso, e, dessa forma, não tem como ponto exclusivo de origem a cognição e tampouco se enquadra, necessariamente, nas generalizações sobre polissemias e padrões inferenciais que evidenciam o sistema conceitual e estão presentes na TMC (CAMERON, 2007b). A metáfora na linguagem em uso, ainda segundo Cameron (2007), resulta de uma temporária estabilidade da negociação de conceitos que se estabelecem entre os interlocutores em um evento discursivo cujas instabilidades são neutralizadas por meio de variáveis diversas.

Defendemos, portanto, nesta pesquisa, a tese de que mulheres vítimas diretas de violência doméstica manifestam seus sentimentos e ideias sobre esse fenômeno usando a figuratividade expressa por meio de metáforas sistemáticas.

Com base na fundamentação teórica adotada, examinamos a figuratividade manifesta na emergência das metáforas sistemáticas, no contexto da interação verbal de vítimas diretas de violência doméstica, para expressão de seus sentimentos e ideias sobre tal fenômeno. Fazemos a ressalva de que, mesmo reconhecendo a sua importância na manifestação da figuratividade, as emergências metonímicas não se incluem nesta investigação cujo foco é a metáfora sistemática.

Consideramos, assim, que se faz necessário conhecer mais e melhor as relações que se estabelecem entre a cognição e a linguagem humana, no sentido de viabilizar na interação verbal, por meio da linguagem figurada manifesta nas emergências das metáforas sistemáticas, a compreensão das ideias e sentimentos das vítimas diretas em relação aos atos de violência doméstica perpetrados contra a mulher.

No caso desta proposta de pesquisa, tomamos como base o entendimento de VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER como a violência, explícita ou velada, física, sexual, psicológica, socioeconômica ou, ainda, de privação e abandono, praticada em casa, no ambiente doméstico, em uma relação de familiaridade, afetividade ou coabitação, por (ex)marido, (ex)companheiro, (ex)amante ou (ex)namorado, pai, padrasto, irmão, filho, excluindo-se quaisquer outros. São, portanto, consideradas informantes potenciais, nesta investigação, mulheres vítimas diretas de situações ou atos de violência doméstica.

Com o propósito de compreender esse fenômeno, buscamos responder à seguinte questão de pesquisa: Como as mulheres vítimas diretas de violência doméstica expressam seus sentimentos e ideias em relação a esse fenômeno por meio de linguagem figurada? São consideradas relevantes, também, para essa compreensão do fenômeno da violência, as respostas às seguintes questões: (1) Como a figuratividade se manifesta na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica?; (2) Quais tipos de mudanças metafóricas estão envolvidos na emergência das metáforas sistemáticas na fala de vítimas diretas de violência doméstica?; (3) Qual o tipo de mudança metafórica mais recorrente na emergência de cada metáfora sistemática e no discurso como um todo?

Nosso propósito, portanto, é investigar, no âmbito da Linguística Cognitiva, com base nos pressupostos da Análise do Discurso à Luz da Metáfora, a emergência de metáforas sistemáticas como expressão de ideias e sentimentos relativos à violência doméstica na fala de vítimas diretas dessa violência contra a

mulher. Para o cumprimento desse propósito, buscamos investigar: (1) a figuratividade, manifesta em metáforas que emergem na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica, para expressão dos seus sentimentos e ideias sobre essa violência; e verificar: (2) que tipos de mudanças metafóricas ocorrem durante a emergência das metáforas sistemáticas na fala de mulheres vítimas de violência doméstica e (3) qual o tipo de mudança metafórica mais recorrente na emergência de cada metáfora sistemática e no discurso como um todo.

Independentemente da motivação, tanto no cenário internacional quanto no nacional, esforços vêm sendo envidados com o intuito de pesquisar a violência nas suas mais diversas manifestações para uma melhor compreensão desse fenômeno. No caso desta tese, nosso objetivo é oferecer dados que se mostrem relevantes para uma melhor compreensão desse fenômeno e de como suas vítimas diretas se manifestam sobre ele, assim como apresentar resultados que possam contribuir para o desenvolvimento de políticas que levem à redução da sua aparentemente inexorável escalada, com a criação e implementação de programas voltados para o combate e prevenção dessa violência, o apoio às vítimas diretas e indiretas e a recuperação dos agressores.

Em suma, justificando-se pelo espaço tomado pela violência, mais especificamente pela violência doméstica, nos mais diversos cenários na atualidade, mantendo as pessoas em permanente estado de (in)segurança e medo, principalmente as mulheres vítimas desse fenômeno, o tema desta pesquisa enfoca a emergência das metáforas sistemáticas na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica.

Para isso, dividimos esta tese em seis capítulos. Nesta **INTRODUÇÃO**, tratamos de algumas questões que servem como pano de fundo e apresentamos tanto o objeto de estudo deste trabalho quanto a justificativa para tal escolha como base e motivação para sua realização, assim como os objetivos que nos orientam. Na sequência, desenvolvemos os outros cinco capítulos relativos à contextualização, ao alicerçamento teórico, à metodologia adotada e às análises propriamente ditas com os resultados alcançados e à conclusão, conforme detalhamento a seguir.

O segundo capítulo, **VIOLÊNCIA: UMA HIDRA DE LERNA NOS NOSSOS DIAS**, apresenta uma breve visão panorâmica da violência na atualidade, em três momentos diferentes. No primeiro, abordamos a questão da violência urbana. No segundo momento, enfocamos, mais especificamente, a violência

doméstica. No terceiro, voltamo-nos para a violência doméstica contra a mulher, que reflete a realidade dura e cruel enfrentada no cotidiano por mulheres em muitos dos lares brasileiros. Apresentamos, ainda nesse terceiro e último momento, o perfil tanto da vítima, a mulher, quanto de seu agressor, um inimigo íntimo, com base em estudo realizado por Rangel e Oliveira (2010), assim como destacamos os direitos das mulheres e a Lei Maria da Penha detalhando origem, objetivos, importância, aplicação e consequências.

O Capítulo 3, **METÁFORA: DE RECURSO INDIVIDUAL À CONSTRUÇÃO COLABORATIVA**, é dedicado à fundamentação teórica e apresenta quatro subdivisões. A primeira traça um breve panorama sobre a evolução da metáfora, desde a visão clássica dos gregos até as diversas concepções que se desenvolveram a partir das últimas décadas do século XX e suas relações com a linguagem, a cognição e o discurso. A segunda, dividida em quatro subseções, apresenta os alicerces que amparam a investigação no âmbito da LC: a subseção inicial trata da Metáfora Conceitual TMC, de Lakoff e Johnson (1980) e seus refinamentos (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999), que incluem as contribuições de Fauconnier e Turner (1998), Grady (1997), Johnson (1997), Narayanan (1997), incorporadas à Teoria Integrada da Metáfora, publicada por Lakoff e Johnson (1999) em *Philosophy in the Flesh*, assim como em outros trabalhos de Lakoff (1987, 1990, 1993) e Johnson (1987); a segunda subseção discute a Abordagem da Análise do Discurso à Luz da Metáfora, de Cameron (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON *et al.*, 2009; CAMERON; MASLEN, 2010); a terceira, que inclui aportes da Teoria da Complexidade e da Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos, destaca alguns conceitos que se mostraram relevantes no desenvolvimento do trabalho; e a quarta e última subseção apresenta os principais conceitos adotados na realização das análises.

UM PERCURSO PLANEJADO: O MAPA DA MINA, o quarto capítulo, não só caracteriza a investigação, como também apresenta e descreve a metodologia adotada na coleta dos dados, indicando as técnicas e os instrumentos utilizados, assim como os procedimentos específicos realizados em cada etapa, desde a seleção dos informantes até a preparação dos dados para a análise, incluindo a transcrição da gravação em áudio digital, a alimentação do Atlas.ti (o *software* utilizado) e a identificação, organização e codificação dos tópicos discursivos,

veículos metafóricos e famílias que viabilizam e caracterizam a emergência de metáforas sistemáticas.

O Capítulo 5, **INDO ALÉM DO ÓBVIO: O RAIOS X DE UMA METÁFORA**, apresenta as análises realizadas com o respaldo do arcabouço teórico, sobre a figuratividade manifesta na emergência de metáforas sistemáticas na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica. São enfocados também os tipos de mudança metafórica envolvidos na emergência das metáforas sistemáticas e destacados aqueles mais recorrentes em cada metáfora e no discurso como um todo.

Na **CONCLUSÃO**, o sexto e último capítulo, com base nos resultados da investigação, são retomados os objetivos e os questionamentos que nortearam o trabalho, assim como discutidos os aspectos de maior relevância da pesquisa realizada, e, em seguida, tecidas as considerações finais.

Após tais considerações, seguem-se as referências, os apêndices, assim como os anexos, que também compõem este trabalho.

2 VIOLÊNCIA: UMA HIDRA DE LERNA NOS NOSSOS DIAS

É fundamental termos homens e mulheres nesta luta. Homens com sensibilidade e mulheres que lutam pelos seus direitos. A lei não veio para punir homens, mas para prevenir e proteger as mulheres da violência doméstica. Todas as mulheres devem ter conhecimento da lei. Só assim a violência tende a diminuir.

(Maria da Penha Maia Fernandes, Biofarmacêutica cearense, vítima de violência doméstica no Brasil que lutou por quase vinte anos para ver seu marido e agressor preso e condenado, dando origem e nome à Lei no. 11.340 /06 - Lei “Maria da Penha”).

Um fenômeno que se impõe cada vez mais às pessoas, comunidades e nações no mundo de hoje, a violência é uma ameaça constante, de facetas múltiplas, aparentemente invencível, responsável pelos sentimentos de medo, insegurança e impotência, que se espalha democraticamente, causando danos individuais, sociais, nacionais e internacionais.

Desse modo, a violência pode ser comparada à quase invencível Hidra de Lerna, que se trata, segundo Bulfinch (2006), de um animal fantástico da mitologia grega que tinha corpo de dragão e sete (ou nove) cabeças de serpente, sendo uma delas, a do meio, considerada imortal. A Hidra habitava a região pantanosa próxima do lago de Lerna na Argólida, costa leste do Peloponeso, na antiga Grécia, e era extremamente perigosa, pois tanto seu sangue era venenoso, quanto suas cabeças matavam somente com seu hálito. Ao cheirar o seu rastro, as pessoas agonizavam em terrível sofrimento e dor e, numa luta, cada cabeça cortada regenerava-se, dando origem a outras duas igualmente poderosas.

Criada por Juno (Hera, no grego) e vencida por Hércules (Héraclès) em um de seus doze trabalhos, a Hidra representa, na mitologia grega, o lado ruim do mundo interior do homem, com paixões e defeitos, ambições e vícios. A violência, assim como a Hidra, é um monstro quase invencível, que simboliza o que há de pior no ser humano, na sociedade e no mundo, com suas cabeças venenosas extremamente perigosas, capazes de regeneração rápida e terrivelmente assustadoras, que provocam sentimentos de medo, raiva, insegurança, vulnerabilidade, impotência, dentre outros.

A título de ilustração, destacamos que, segundo o Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS, 2001, p. 2866), a palavra 'violência' tem origem no latim *violentiā,ae* e significa "violência, impetuosidade (do vento), ardor (do sol); arrebatamento, caráter violento; ferocidade, sanha; rigor, severidade", com a derivação de *violēntus,a,um, que tem o significado* de "impetuoso, furioso, arrebatado".

São vários os seus significados registrados:

[...] qualidade do que é violento; ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força; exercício injusto ou discricionário, geralmente ilegal, de força ou de poder, cerceamento da justiça e do direito; coação, opressão, tirania; força súbita que se faz sentir com intensidade; fúria, veemência; dano causado por uma distorção ou alteração não autorizada; o gênio irascível de quem se encoleriza facilmente, e o demonstra com palavras e/ou ações, e, em termos jurídicos, constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação." (HOUAISS, 2001, p. 2866).

A análise de um simples verbete no dicionário permite que compreendamos a abrangência da palavra e a sua complexidade. Assim, violência implica em uso de força, crueldade, poder, abuso, injustiça, coação, opressão, constrangimento, dano, todos associados a veemência, fúria, impetuosidade.

Como já citado na Introdução, de acordo com a OMS (2002), a violência, considerada um problema de saúde pública a partir de 1996, caracteriza-se pelo uso proposital de força física ou poder, seja como ameaça ou ação efetiva de alguém contra si mesmo, outrem, grupo ou comunidade de modo a provocar ou ter possibilidade de causar algum dano físico ou psicológico, morte, prejuízo ao desenvolvimento ou impor privações.

Reconhecida como um fenômeno sócio-histórico que tem permeado a existência humana desde os primórdios até os nossos dias, presente em todas as civilizações, a violência tem sido reconhecida por governos e organizações governamentais e não governamentais como um problema que atinge todas as camadas sociais e se expande rapidamente no âmbito nacional e internacional. Reitera-se, portanto, a ideia de que esse problema é relevante, crescente, grave e extremamente danoso à sociedade como um todo e às pessoas, individualmente,

provoca sequelas de ordem física e psicológica e demanda urgência no seu combate e prevenção.

Envolvendo terrorismo, disputas territoriais, guerras civis, conflitos emancipatórios ou de fronteira, lutas por questões religiosas, raciais e/ou étnicas, narcotráfico, tráfico de pessoas, crime organizado, pedofilia, essa violência multifacetada alastra-se e cresce mundo afora. Esse fenômeno atinge democraticamente nações, regiões e cidades independentemente de seu porte, importância, poder econômico e localização, assim como pessoas de qualquer idade, sexo, condição social ou financeira.

Propagando-se, a violência invade os lares de suas vítimas diretas ou indiretas, que hoje normalmente estão protegidos por grades, muros altos, cercas elétricas, sistemas de alarme, sistemas de vídeo, cães e/ou empresas de segurança, de acordo com a condição financeira de cada um, na tentativa, nem sempre bem sucedida, de minimizar o medo, a insegurança, a angústia que acompanha qualquer indivíduo em sua rotina.

Quando analisamos um fenômeno tão complexo e multifacetado como a violência, identificamos uma gama de aspectos que caracterizam os discursos que se constroem em seu entorno. Essa diversidade dá origem às várias tipologias que se estruturam conforme a vítima, a natureza, o lugar e a motivação da violência perpetrada. Conforme a Organização Mundial da Saúde (2002), de acordo com os envolvidos, a violência pode ser dividida em três tipos: a autoinfligida (contra o próprio indivíduo), a interpessoal (contra outrem) ou a coletiva (contra grupos, comunidades). Sua classificação pode ser definida em termos de sua vítima (Ex.: a mulher, o idoso, a criança, o adolescente), de sua natureza (Ex.: física, psicológica, moral, patrimonial, sexual, de negligência, de privação), do lugar em que acontece (Ex.: urbana ou rural, ou, ainda mais especificamente, doméstica, escolar, trabalhista, de trânsito), ou da sua motivação (Ex.: política, racial, religiosa, étnica).

Em função dessa complexidade, fez-se necessário restringirmos nosso foco e concentrarmos nossa atenção na violência urbana, que apresenta um número crescente de vítimas de lesões corporais, homicídios, suicídios, latrocínios, balas perdidas, chacinas, acidentes de trânsito e vandalismos, que discutiremos a seguir, abordando mais especificamente a violência doméstica contra a mulher, uma de suas muitas facetas que apresenta estatísticas estarrecedoras.

Ressaltamos, porém, que, como consequência das transformações ocorridas ao longo dos anos, propiciadas pelo desenvolvimento industrial, essas definições de ‘urbano’ e ‘rural’ já não se opõem tão obviamente uma à outra. Isso possibilita o entendimento de que, hoje, entre essas áreas, se estabelece um *continuum* rural-urbano que integra duas realidades divergentes – o ‘*rurbano*’ – como destaca Säge (2010), ao abordar essa questão. Entretanto, para esta tese, mantivemos, ainda, a dicotomia ‘rural’ e ‘urbano’, como também ainda o faz o IBGE, já que nosso foco é a violência doméstica contra a mulher em área urbana de uma capital.

Constatamos, desde o início, que a violência doméstica na zona rural é, de modo geral, muito mais subdimensionada, uma vez que os registros de ocorrências são muito poucos (2.000, no balanço de janeiro a junho de 2013 da SPM, como já informado na Introdução), seja pela falta de esclarecimento da população feminina, seja pela precária oferta dos serviços de apoio ou pela falta de confiança nos que representam a lei e a justiça. A dificuldade em encontrar vítimas dispostas a participar da pesquisa, em decorrência da baixa representatividade, também colaborou para a decisão de limitar a pesquisa às informantes da zona urbana.

2.1 Violência urbana: o perigo à espreita

Sem que tomemos essas definições como absolutas, consultando o Dicionário Houaiss (2001 p. 2809), vemos que ‘urbano’ significa aquilo que é “relativo ou pertencente à cidade, ou que lhe é próprio.” ‘Cidade’ (HOUAISS, 2001 p. 714), por sua vez, é explicada como uma “aglomeração humana de certa importância, localizada numa área geográfica circunscrita e que tem numerosas casas, próximas entre si, destinadas à moradia e/ou a atividades culturais, mercantis, industriais, financeiras e a outras não relacionadas com a exploração direta do solo.” Assim, a violência urbana é aquela que é característica da cidade, ou seja, de uma aglomeração que pode ser de qualquer tamanho, com qualquer vocação (menos a rural), localização ou condição econômica. Nos grandes centros e, hoje, até nas pequenas cidades a violência urbana alcança a todos, chegando à vida dos cidadãos indiretamente, via televisão, rádio, jornais e internet, ou diretamente, nas experiências (Ex.: assaltos, sequestros, homicídios, estupros) que

se mostram quase sempre traumatizantes, chocando e causando danos de toda ordem.

Hoje, no Brasil, a violência faz parte da vida nas cidades, do cotidiano de todos os seus cidadãos, vítimas diretas ou indiretas de homicídios, linchamentos, sequestros, estupros, assaltos, agressões físicas e muitos outros delitos. O impacto que essa violência crescente causa na vida das pessoas é inegável, seja nos danos à saúde, tanto de ordem física quanto emocional/psicológica, na diminuição da qualidade de vida, na redução do seu bem estar, assim como nos inevitáveis e cada vez mais presentes sentimentos de medo e insegurança.

Uma radiografia desse mapa da violência urbana brasileira é a pesquisa realizada para elaboração do *ranking* das cidades mais violentas do mundo, consideradas somente aquelas com mais de 300.000 habitantes. Esse trabalho é desenvolvido anualmente pela organização não governamental mexicana Conselho Cidadão para a Segurança Pública e Justiça Penal e estabelece a taxa de homicídios por cada 100.000 habitantes de cada cidade. Os resultados apresentados em 2011, 2012 e 2013 incluem, respectivamente, quatorze, quinze e dezesseis cidades brasileiras, como pode ser visto no Quadro 1, elaborado com base nesses dados, e no Gráfico 1, que demonstra o desempenho de cada uma dessas cidades nesse triênio.

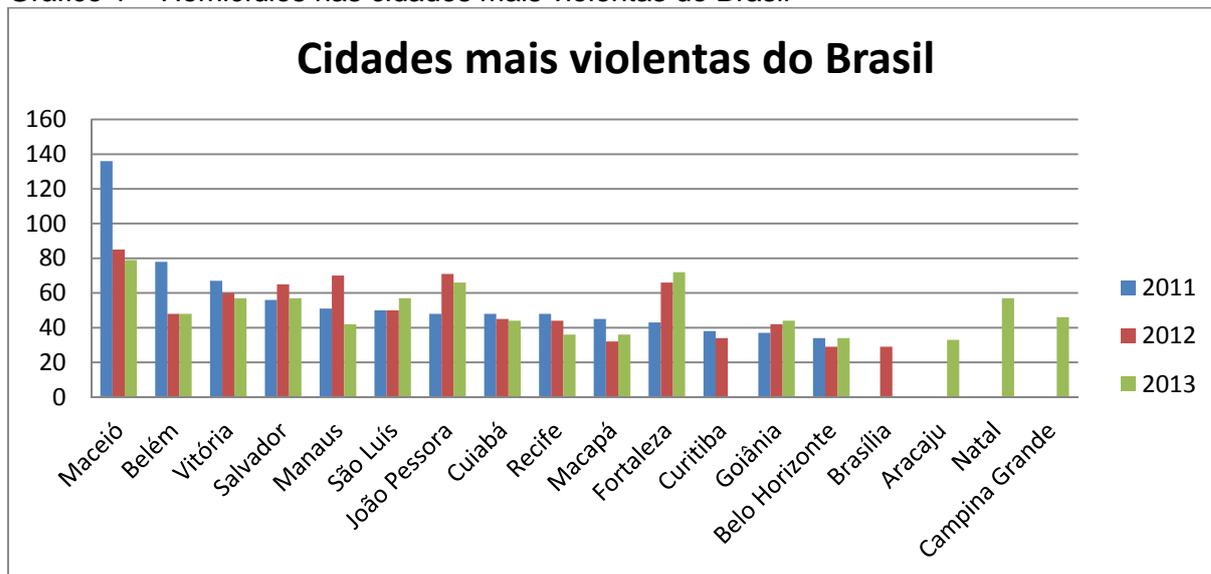
Quadro 1 – *Ranking* das cidades mais violentas do Brasil

CIDADES BRASILEIRAS MAIS VIOLENTAS				
CIDADE	ESTADO/REGIÃO	NO. DE HOMICÍDIOS POR 100.000 HAB.		
		2011	2012	2013
Maceió	ALAGOAS / NE	136	85	79
Belém	PARÁ / N	78	48	48
Vitória	ESPÍRITOSANTO / SE	67	60	57
Salvador	BAHIA / NE	56	65	57
Manaus	AMAZONAS / N	51	70	42
São Luís	MARANHÃO / NE	50	50	57
João Pessoa	PARAÍBA / NE	48	71	66
Cuiabá	MATO GROSSO / CO	48	45	44
Recife	PERNAMBUCO / NE	48	44	36
Macapá	AMAPÁ / N	45	32	36
Fortaleza	CEARÁ / NE	43	66	72
Curitiba	PARANÁ / S	38	34	
Goiânia	GOIÁS / GO	37	42	44
Belo Horizonte	MINAS GERAIS / SE	34	29	34
Brasília	DISTRITO FEDERAL / DF		29	
Aracaju	SERGIPE / NE			33
Natal	RIO GRANDE do NORTE / NE			57
Campina Grande	PARAÍBA / NE			46

Fonte: Ranking das cidades mais violentas do mundo, elaborado pelo Consejo Ciudadano para la Seguridad Pública y la Justicia Penal do México⁵

⁵ <http://jornalqgn.com.br/noticia/o-ranking-das-cidades-mais-violentas-do-mundo>. Acesso

Gráfico 1 – Homicídios nas cidades mais violentas do Brasil



Fonte: Ranking das cidades mais violentas do mundo, elaborado pelo Consejo Ciudadano para la Seguridad Pública y la Justicia Penal do México.

No ano de 2011, dentre as quatorze cidades brasileiras que ocuparam lugares nesse *ranking* de estatísticas macabras, seis estão no Nordeste, três estão no Norte, duas encontram-se no Sudeste, duas estão no Centro-Oeste e uma situa-se no Sul. Em 2012, repetiram-se as cidades que figuraram em 2011 e Brasília se inseriu na relação, aumentando a participação do Centro-Oeste nesse *ranking*.

Na última pesquisa, que é relativa a 2013, incluem-se na lista: Natal, Campina Grande e Aracaju, e dela são excluídas: Brasília e Curitiba. Esses resultados mostram o Nordeste como a região mais violenta, com nove das dezesseis cidades brasileiras que figuram no *ranking*. Entre as quinze cidades mais violentas do mundo, sete são brasileiras: Maceió (5^a), Fortaleza (7^a), João Pessoa (9^a), Natal (12^a), Salvador (13^a), Vitória (14^a) e São Luís (15^a).

Outro documento importante, o *Relatório sobre o Peso Mundial da Violência Armada*⁶, baseado em dados legítimos, elabora uma relação que inclui os sessenta e dois conflitos armados mais significativos no mundo, no período de 2004 a 2007, com o total de mortes provocadas por cada um deles.

em 12 mar 2014.

<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2014/01/17/brasil-tem-16-cidades-entre-as-50-mais-violentas-do-mundo-diz-onq-mexicana.htm>. Acesso em 12 mar 2014.

⁶Geneva Declaration. Global Burden of Armed Violence. Geneva Declaration Secretariat, Geneva, 2008.

Somadas as mortes ocasionadas pelos doze maiores enfrentamentos armados que se encontram relacionados na tabela a seguir (baseada na Tabela 2.2.1 – Mortes diretas nos conflitos armados no mundo, 2004/2007), o total é de 169.574, que equivale a 81,4 % do total dos conflitos, durante o período de 2004 a 2007. Os dados referentes aos homicídios ocorridos no Brasil, considerado um país sem conflitos armados, no período de 2008 a 2011, segundo Waiselfisz (2013), alcançaram o total de 206.005, bastante superior à soma dos doze conflitos e muito próximo do total alcançado pelos sessenta e dois enfrentamentos armados, que foi de 208.349 mortes diretas.

Quadro 2 – Mortes diretas em conflitos armados no mundo, 2004/2007 com base em Waiselfisz (2013)

Conflitos Armados	Total de Mortes	% do Total
Iraque	76.266	36,6
Sudão	12.719	6,1
Afeganistão	12.417	6,0
Colômbia	11.833	5,7
República Democrática do Congo	9.347	4,5
Sri Lanka	9.065	4,4
Índia	8.433	4,0
Somália	8.424	4,0
Nepal	7.286	3,5
Paquistão	6.581	3,2
Índia/ Paquistão (Caxemira)	4.956	2,4
Israel/Territórios Palestinos	2.247	1,1
Total dos 12 Conflitos	169.574	81,4
Restantes 50 Conflitos	38.775	18,6
Total 62 Conflitos	208.349	100,0
Homicídios no Brasil, 2008/2011	206.005	98,87

Fonte: Encontrado em: Global Burden of Armed Violence, Geneva Declaration (2008) e Waiselfisz (2013).

Não foi graciosa, portanto, a inclusão do Brasil na lista dos países com maior número de assassinatos de jovens em todo o mundo, conforme levantamento apresentado em 2011 no *Relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância*⁷ e no *Mapa da Violência 2013*, de Waiselfisz (2013).

Como as diversas cabeças da Hidra de Lerna, os vários tipos de violência afetam a vida de todos nós, provocando danos, muitos dos quais irreparáveis,

⁷ <http://oglobo.globo.com/politica/brasil-lidera-ranking-mundial-de-homicidios-de-jovens-diz-unicef-2818225#ixzz2jHrMd9ps>. Acesso em 15 mar 2014

sendo, assim, difícil determinar qual a mais cruel, a mais perigosa, a que mais sofrimento causa.

Diante dessa realidade, defendemos nossa tese de que, nas suas manifestações sobre violência de qualquer tipo, nos eventos discursivos de que participam, as pessoas usam a linguagem figurada para falar de suas ideias e seus sentimentos, construindo metáforas sistemáticas de forma colaborativa ao longo do discurso coletivo. Aquilo que muitas vezes não é dito de modo explícito, em decorrência do sofrimento vivenciado, emerge por meio da figuratividade, quase sempre usada de forma inconsciente.

Isso posto, ressaltamos que há um tipo de violência que se diferencia dos outros, tanto por dificilmente fazer parte de estatísticas, já que muitos registros de queixas não se fazem por medo, vergonha e/ou constrangimento, quanto por afligir a(s) vítima(s) direta(s) e indireta(s) não só pela violência propriamente dita, mas também pela identidade de seu agressor. Nesses casos, o agressor é alguém próximo, íntimo, querido, com quem a vítima vive sob o mesmo teto. Essa é a violência doméstica, da qual trataremos na próxima subseção.

2.2 Violência doméstica: o agressor íntimo

Decorrente de uma tendência de maior conscientização da sociedade quanto aos direitos humanos que se verificou no século XX, a violência vem se tornando, cada vez mais, objeto de estudo dos mais diversos setores da sociedade atual como problema cuja solução demanda urgência e políticas públicas de prevenção e combate.

A violência doméstica é marcada pela intimidade da vítima com o agressor, seja ela um idoso, uma mulher, uma criança ou um adolescente, já que acontece no lar dos envolvidos. Essa violência é quase sempre silenciosa e nunca tratada abertamente. Suas vítimas, por imaturidade, medo, vergonha, constrangimento, sentimento de empatia, falta de esclarecimento, esperança de que aquilo não se repita e até mesmo por amor, evitam tratar do assunto, minimizam a violência sofrida e escondem as marcas da(s) agressão(ões).

Dentre suas vítimas mais frequentes, a mulher se destaca por conta da histórica desigualdade na relação de poder que se estabeleceu entre homens e mulheres e se reflete tanto na sociedade como um todo quanto no âmbito dos lares.

Na grande maioria dos casos de violência doméstica contra a mulher, essa situação de submissão ao agressor é entendida, por ambas as partes, como natural e necessária para que a relação tenha algum futuro.

Entretanto, como consequências das lutas em defesa dos direitos humanos, leis vêm sendo criadas com o objetivo de diminuir os danos causados pela violência, especialmente no tocante às minorias e àqueles que necessitam de proteção legal, já que a sociedade, de per si, não lhes garante esse amparo, como são os casos específicos da mulher, da criança, do adolescente e do idoso.

Em defesa da mulher, por exemplo, foi criada a Lei Maria da Penha, Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006, assim denominada em justa homenagem à mulher que se tornou símbolo de resistência às várias agressões que incluíram tentativas de homicídio e que foram perpetradas por seu ex-esposo.

Embora a mídia e o governo tentem passar a ideia de que as coisas melhoraram e de que a criação das leis em defesa dessas pessoas rapidamente modificou as condições existentes, herança de uma história de dominação machista, de práticas discriminatórias e de subjugação de mulheres, a violência doméstica continua a fazer vítimas entre as mulheres.

Como a nossa investigação busca descrever como as mulheres vítimas diretas de violência doméstica exprimem o que sentem e o que pensam sobre a violência sofrida, é importante conhecer um pouco mais sobre essa violência silenciosa, pouco reconhecida, que se faz presente em todas as camadas sociais, sem limites de fronteira, etnia, raça, credo, idade, renda, instrução ou de qualquer outra ordem.

2.3 Violência doméstica contra a mulher: as várias faces de uma dor

A violência doméstica contra a mulher fundamenta-se no contexto histórico, social e cultural em que ocorre e se faz presente em todos os momentos da história humana, refletindo as relações existentes entre homens e mulheres, marcadas pela desigualdade tão óbvia na submissão, na discriminação e na alardeada fragilidade da mulher. Medeiros (2005, p. 101) sustenta que

[...] a violência contra a mulher nada mais é do que uma manifestação das relações de poder historicamente desigual entre mulheres e homens, que tem conduzido a dominação da mulher pelo

homem, a discriminação contra a mulher, provocando impedimentos contra o seu pleno desenvolvimento.

Os muitos e frequentes episódios de violência doméstica contra a mulher, que ainda apresentam números que estão longe de refletir a realidade, acontecem e constam da pauta diária da mídia, nas ocorrências policiais, como tragédias anunciadas. As estatísticas levantadas são falhas porque os registros de B.O., assim como as ocorrências policiais ainda são muito poucos em consequência do silêncio das vítimas em relação à(s) agressão(ões) que sofrem, da sua recusa em denunciar o agressor íntimo e da sua estoica aceitação desse sofrimento por razões que incluem não só o medo, a certeza de que não vai dar em nada, o desamparo, a vergonha, o constrangimento, mas também a esperança de que a agressão sofrida tenha sido a última.

Reiterando que essa “violação dos direitos da mulher, muitas vezes não percebida por ela como violência, deixa desta maneira de ser denunciada e ao mesmo tempo de ser detectada” e que, quando a denúncia se concretiza, não implica nem na garantia de proteção das vítimas e nem mesmo na devida punição dos seus agressores, Medeiros (2005, p. 102) salienta que tanto o silêncio quanto a omissão são cúmplices da impunidade e da violência que se alastra pelo mundo. Essa violência doméstica contra a mulher faz vítimas de todas as idades e muitos são os tipos perpetrados. Estes incluem, dentre outros, assassinatos em defesa da honra, abusos sexuais, mutilações genitais, estupros, agressões físicas e verbais, o que exige da sociedade não só a indignação diante das ocorrências, mas também medidas concretas voltadas para a redução desse mal crescente que tantas sequelas provoca.

O *Relatório Final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito* teve como objetivo tanto averiguar a situação da violência contra a mulher no Brasil, quanto apurar denúncias de omissão por parte do poder público no que concerne à aplicação de instrumentos legais de proteção às mulheres em situação de violência (RELATÓRIO FINAL DA CPMI, 2013), mesmo após a Lei 10.778/2003. Esta lei obriga todo e qualquer serviço de saúde, público ou privado, a notificar toda e qualquer violência sofrida por mulheres que a ele recorrem. O relatório demonstra que o número de notificações ainda é muito baixo e há estados em que vários municípios não registraram uma notificação sequer. Isso é incompatível com o que

vemos na mídia eletrônica, falada ou escrita. Todos os dias são noticiados casos e mais casos de ofensas, injúrias, discriminações, agressões, estupros, tentativas de homicídio e assassinatos de mulheres, em sua maioria, jovens, que acontecem no seu lar, lugar que se pressupõe como de amor, aconchego e proteção.

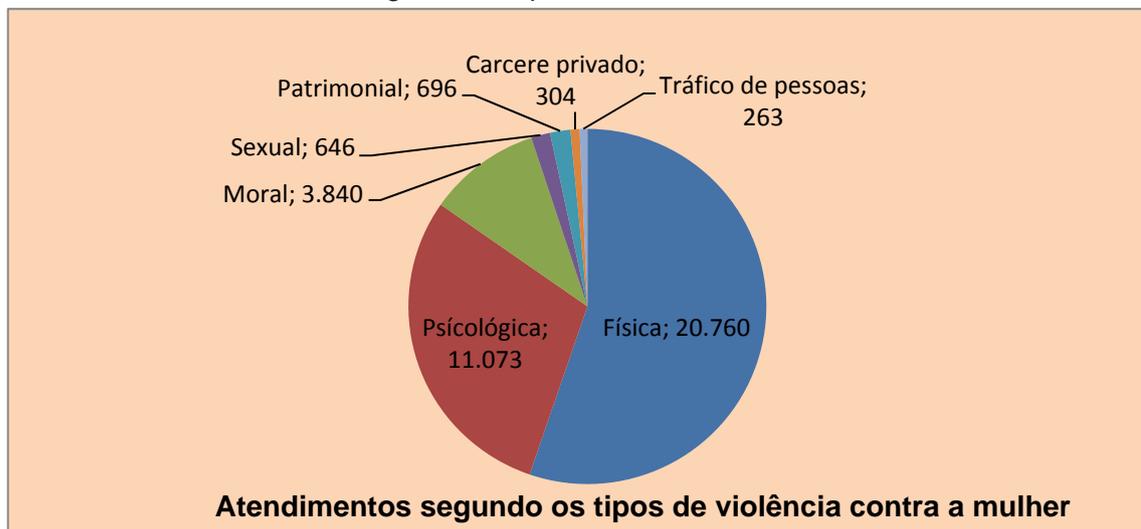
Como já mencionado na Introdução, de acordo com os dados da Secretaria Especial de Políticas para a Mulher (SPM), vinculada à Presidência da República, a procura por esclarecimentos sobre a Lei Maria da Penha (Lei no. 13.340/2006, com seus sete anos de sanção completados recentemente) corresponde a mais de 50% do total das solicitações, e que a maioria das ligações envolve denúncias de crime de lesão corporal, seguidas por aquelas que reportam ameaças, as quais, juntas, somam 70% das queixas.

As diversas formas de violência doméstica contra a mulher incluem as seguintes: **física** (que envolve quaisquer atos contra a integridade física ou saúde corporal da mulher, tais como tapas, chutes, socos ou murros, mordidas, queimaduras, punhaladas e similares, estrangulamentos, mutilações de qualquer tipo, incluindo as genitais, tortura e assassinato); **psicológica** (que abrange quaisquer ações ou omissões no intuito de controlar o comportamento, as ações, as decisões e até as crenças de uma mulher, por meio de ameaça direta ou indireta, manipulação ou intimidação, que resultem em dano de ordem emocional, depressão e/ou diminuição da autoestima); **sexual** (que inclui quaisquer atividades e/ou relações sexuais não consensuais, não consentidas, mantidas mediante intimidação, coação, chantagem etc.); **patrimonial** (que engloba quaisquer ações praticadas contra o patrimônio da mulher com o objetivo de controlar, reter, subtrair, destruir os seus bens); **de negligência** (que está relacionada ao provimento de recursos mínimos, materiais como alimentação e higiene, ou afetivos, como atenção e carinho) e **de privação** (que se trata da privação da liberdade de ir e vir, de cárcere privado).

Outras violências contra a mulher cujas ocorrências se dão fora do âmbito doméstico e familiar são: **moral** (que envolve a prática de assédio moral por parte de chefe ou patrão, que inclui agressão física e/ou psicológica que resulte em injúria, calúnia e/ou difamação); **institucional** (que abrange os serviços prestados por instituições e sistemas públicos, em condições precárias e inadequadas, que causem danos de ordem física ou psicológica para a mulher); e **de gênero** (que decorre de preconceito e/ou discriminação).

Retomando o registro de atendimentos pelo serviço 180, citado na Introdução, apresentamos abaixo um quadro de como se dividem os relatos, no tocante ao tipo de violência.

Gráfico 2 – Atendimentos segundo os tipos de violência contra a mulher



Fonte: Secretaria Especial de Políticas Públicas para a Mulher (SPM)⁸

Os dados da SPM relativos ao primeiro semestre de 2013 demonstram que, dentre os atendimentos realizados, **37.582** envolvem relatos de violência, assim divididos: **20.760**, física (55,2%); **11.073**, psicológica (29,5%); **3.840**, moral (10,2%); **646**, sexual (1,72%); **696**, patrimonial (1,85%); e **304** denúncias de cárcere privado (0,81%). Houve ainda **263** denúncias de tráfico de pessoas (0,7%). O Gráfico 2, acima, permite-nos visualizar a enorme diferença entre os percentuais de ocorrência de cada um dos tipos de violência perpetrados contra a mulher. Os três primeiros tipos (física, psicológica e moral) são responsáveis por cerca de 94,9 % dos registros.

2.3.1 *Vítima X agressor: uma luta desigual*

No Brasil, onde o quadro de violência doméstica contra a mulher não difere muito de outros países, talvez seja possível indicar como causa não apenas a situação de pobreza, desigualdade e exclusão sociocultural, mas também o preconceito, a discriminação e o abuso de poder e força por parte do agressor,

⁸<http://ww.spm.gov.br/publicacoes>. Acesso 15 mar 2014.

decorrentes de uma sociedade marcada por uma cultura extremamente machista de submissão da mulher em relação ao homem.

O estudo *Violência contra as mulheres: fatores precipitantes e perfil de vítimas e agressores*, realizado por Rangel e Oliveira (2010), apresenta os fatores que contribuem diretamente para as situações de violência, potencializando tensões, diferenças e problemas.

Dentre os fatores levantados, destacam-se o álcool, em 45% dos registros; o ciúme, em 22% deles e as drogas, em 17% do total, e, como outros fatores, reunidos na categoria outros, estão relacionados:

[...] o autoritarismo, a personalidade e o comportamento agressivo e possessivo do agressor, bem como o descontrole emocional, transtornos mentais e problemas psiquiátricos, problemas de relacionamentos, como: a traição, a suspeita de infidelidade, a recusa da separação, divórcio ou término da relação. (RANGEL; OLIVEIRA, 2010, p. 6).

São citados, também:

[...] conflitos familiares como a discordância na educação e cuidado dos filhos, a partilha e a briga por bens materiais da casa, a pensão alimentícia judicial, ameaça de despejo, descoberta da homossexualidade do marido, a prática de jogos de azar e a recusa da mulher a ter relação sexual com o parceiro. (RANGEL; OLIVEIRA, 2010, p. 6).

Esse estudo traça, também, os perfis das vítimas e dos agressores, que serão discutidos a seguir.

2.3.1.1 Perfil da vítima

O estudo revela que 70% das vítimas diretas de violência doméstica contra a mulher estão na faixa etária de vinte e cinco a quarenta e nove anos. Aquelas acima dessa faixa correspondem a 11% dos atendimentos, enquanto as de idade inferior a vinte e cinco anos somam 18% do total.

De acordo com os dados, 58% das vítimas tinham um ou dois filhos, 20% (vinte por cento) tinham três ou quatro filhos e 10% tinham mais de quatro filhos. Cerca de 11% dessas mulheres não tinham filhos. Isso sugere que o fato de ter

filhos contribui para que a mulher tenha uma tolerância maior e mais prolongada a uma situação de violência doméstica.

As violências sofridas por essas mulheres foram perpetradas por maridos e companheiros (65%), ex-maridos e ex-companheiros (19%) e outros respondem pelo saldo percentual dos atendimentos. Essa informação contrapõe-se ao estado civil das informantes, já que 54% se declararam solteiras e, desse percentual, 59%, que equivale a 32% dos atendimentos, corresponde a relatos de agressões por companheiros, desvelando um número significativo de mulheres em relacionamentos informais.

Em relação à faixa etária, os dados revelaram que as mulheres vítimas de violência sofreram agressões por perpetradores mais velhos (30%), da mesma faixa etária (53%) e mais jovens (14%).

Essas mulheres sofreram, simultaneamente, mais de um tipo de violência, sendo a ameaça (62%), a lesão corporal (54%) e a calúnia e difamação (50%), os mais frequentes nos relatos. O alcoolismo, na sua maioria, responde por ameaças (50,9%) e lesão corporal (50%).

O fato de estar inserida no mercado de trabalho, com certa autonomia financeira, segundo o estudo, não livra a mulher da violência doméstica, pois 41% das vítimas de agressões eram trabalhadoras e sofreram violência perpetrada por agressores também parte da mão de obra ativa.

Curiosamente, apesar dos programas sociais do governo nas esferas federal, estadual e municipal cujo foco é a inclusão; tais como: bolsa-família, bolsa-escola, renda mínima, acesso ao crédito, à moradia, às cestas básicas, os dados demonstraram que 67% das mulheres atendidas não recebiam qualquer benefício, enquanto somente 10% recebiam a bolsa-família e 13%, vale alimentação.

2.3.1.2 Perfil do agressor

O agressor, como já informado acima, na grande maioria das vezes é o marido ou companheiro (65%), ou ex-marido ou ex-companheiro (19%). Os remanescentes (14%) correspondem a outros e incluem relacionamentos diversos, tais como: pais, padrastos, irmãos, filhos, netos, tios, sobrinhos, primos, genros, sogros, cunhados, mães, madrastas, noras, cunhadas, amantes do marido e, nos casos de violência não doméstica, ainda se incluem vizinhos, colegas de trabalho e

médicos. Dentre os agressores das mulheres atendidas, 75% eram trabalhadores ativos no mercado, enquanto as vítimas que trabalhavam atingiam apenas 52% do total.

O estudo pouco revela em relação ao agressor, sugerindo que não é possível delinear um perfil característico desse tipo de pessoa, que na grande maioria das vezes, é um homem. Há, entretanto, comportamentos que lhes são comuns: a capacidade de minimizar as agressões perpetradas e a indefectível mania de responsabilizar a vítima por sua agressividade.

2.3.2 A legislação vigente: direitos e garantias de proteção

Ressaltemos que, mesmo considerados os avanços dos últimos anos, é de conhecimento público que nosso sistema penal cuida dos direitos humanos e da ressocialização dos agressores, ao mesmo tempo em que as chicanas jurídicas lhes concedem a liberdade até a última instância. No Brasil, são muitos os casos emblemáticos que demonstram essa leniência da nossa justiça. Há casos e mais casos veiculados pela mídia diariamente, sem que isso sensibilize os poderes constituídos, que permanecem alheios ao sofrimento das vítimas e daqueles que as amavam/amam.

Cabe a essas vítimas diretas, que estão em permanente situação de desvantagem e normalmente desamparadas, esperar e torcer para que a justiça, ao final do longo processo, aplique a penalidade cabível a seus agressores, considerando a violência perpetrada.

A Cartilha *Enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher: uma construção coletiva*, produzida pelos Ministérios Públicos Estaduais e da União (COPEVID, GNDH – CNPG, 2011), para compreensão da Lei Maria da Penha, registra alguns mitos correntes e verdades pouco reconhecidas sobre esse tipo de violência.

Os mitos relacionados incluem a ideia de que a violência doméstica é ocasional, só acontece em famílias de baixa renda e problemáticas, como resultado de problemas com bebidas, drogas e doenças mentais; de que roupa suja se lava em casa; de que mulher apanha porque gosta ou provoca e é um tipo de fácil identificação; que a situação não é tão ruim, porque se o fosse, separar-se-iam de seus agressores, e que não sabem controlar suas emoções. A cada item é dado um

esclarecimento, no intuito de mostrar que a verdade é outra, muito mais democrática, mais séria, mais onerosa, mais cruel e mais injusta.

Essas medidas educativas, de esclarecimento, são muito benéficas e, por isso mesmo, necessárias e prementes, mas ainda deixam muito a desejar em termos do combate a essa violência silenciosa que afeta tantos lares.

Muitas medidas estão sendo tomadas por organizações nacionais e internacionais, como discutiremos a seguir.

2.3.2.1 Os direitos humanos

Os debates acerca dos direitos humanos têm uma longa história. Embora haja alguns documentos anteriores tratando dessa questão, sua origem remonta à luta do Cristianismo, na Idade Média. Segue, na história, passando pelas garantias conquistadas pela Magna Carta (1215) contra os desmandos da Coroa inglesa e pela Declaração Americana de Independência (1776), da qual constavam os direitos humanos naturais (já contando com a noção de direitos individuais) a serem honrados e garantidos pelo poder público. Faz-se presente na luta dos franceses por igualdade, fraternidade e liberdade que culminou na Tomada da Bastilha e na proclamação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789), ampliando a abrangência dos direitos humanos e estabelecendo os sociais e econômicos.

Criada, em 20 de junho de 1945, ao final da II Guerra Mundial, a Organização das Nações Unidas (ONU) assume o papel de guardião da paz, da segurança, da cooperação, das relações amigáveis nas diversas esferas dos direitos humanos e das liberdades essenciais sem quaisquer distinções. Com essa investidura, em 10 de dezembro de 1948, hoje considerado o Dia Universal dos Direitos Humanos, proclama então a Declaração Universal dos Direitos Humanos, considerada o grande divisor de águas nessa história de sucessivas conquistas de direitos do homem.

Essa conquista, consequência dos horrores infligidos à população na II Guerra Mundial, foi uma ação conjunta dos povos pela paz cujo preâmbulo, baseado no reconhecimento da dignidade e dos direitos iguais e inalienáveis do ser humano como fundamentais para a liberdade, a justiça e a paz no mundo, proclama “sua fé nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e no valor do ser humano e na igualdade de direitos entre homens e mulheres,” no intuito de promover “o

progresso social e melhores condições de vida em uma liberdade mais ampla”. (Declaração Universal dos Direitos Humanos – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948).

A partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos, ampliam-se os esforços envidados pela ONU e seus países-membro no sentido de garantir esses direitos à vida, à igualdade, à liberdade e à dignidade do ser humano, assim como restabelecer a ordem internacional, preservando a ética, o respeito, a liberdade, a fraternidade e, principalmente, a paz.

A Constituição do Brasil de 1988, apelidada de Constituição cidadã, avançou bastante nesse campo, sendo reconhecida por instituir, assegurar e proteger os Direitos Fundamentais – individuais, coletivos, políticos, econômicos e sociais – dos cidadãos brasileiros, viabilizando uma cidadania ativa e garantindo ganhos na sua efetividade. Além de ser a que mais direitos conferiu ao cidadão brasileiro, nossa atual carta magna foi a primeira a tratar o respeito à dignidade da pessoa humana como um dos pilares do nosso Estado Democrático de Direito, na construção de uma sociedade caracterizada pela liberdade, justiça e solidariedade. A riqueza desse texto, de *per se*, não assegura a efetividade dos direitos conferidos, pois precisa de uma cidadania que busque novas conquistas, com esforço e criatividade, desbravando novos caminhos e ampliando sua abrangência.

Esse é o caso dos direitos da mulher, cujas políticas internacionais e nacionais de proteção e garantia passamos a discutir.

2.3.2.2 Os direitos da mulher

Com base nessa evolução dos direitos humanos, as mulheres, reconhecidamente um dos grupos mais vulneráveis, em permanente situação de desvantagem, assim como outros grupos e minorias, buscaram não só uma proteção diferenciada, mas também o reconhecimento de sua condição singular. Essa luta das mulheres tem uma longa história, mas foi depois da Declaração Universal dos Direitos Humanos, pela ONU, em 1948, quando também se ficaram as raízes do Direito Internacional dos Direitos Humanos, que teve início a luta pela igualdade e contra a discriminação.

Há instrumentos, dos quais o Brasil é signatário, adotando vários de seus princípios na sua carta magna, que se constituem conquistas significativas que

aconteceram ao longo desse tempo. Dentre eles, estão aqueles resultantes dos eventos relacionados a seguir.

- *Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência Contra a Mulher*, promovida pela ONU, em Cedaw, no México, em 1975;
- *II Conferência sobre os Direitos Humanos*, convocada pela ONU, em Viena, Áustria, em 1993;
- *Convenção Interamericana Para Prevenir, Punir, Erradicar a Violência Contra a Mulher*, promovida pela OEA, em Belém do Pará, no Brasil, em 1994;
- *Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento*, na cidade do Cairo, no Egito, em 1994;
- *IV Conferência Mundial da ONU sobre as mulheres – igualdade, desenvolvimento e paz*, em Pequim, China, em 1995.

A luta internacional pelos direitos da mulher teve repercussão no âmbito nacional e a violência contra a mulher passou a ser tratada como questão maior, prioritária, resultando em conquistas diversas. A primeira dessas conquistas aconteceu em 1991, quando o STJ decidiu rejeitar peremptoriamente a tese de “legítima defesa da honra”, que inocentava homens que matavam “por amor”, “para defender sua honra”.

Mais recentemente, há pouco mais de sete anos, depois de muitos anos de luta, como consequência das pressões nacionais e internacionais, inclusive da OEA, foi finalmente promulgada, pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva, a Lei no. 11.340/2006, denominada Lei Maria da Penha, que abordaremos a seguir.

2.3.2.3 A Lei Maria da Penha

A Lei no. 11.340/2006, também conhecida como Lei Maria da Penha, que tem como objetivo coibir a violência doméstica contra a mulher, teve origem na força e determinação de uma mulher que enfrentou uma luta de mais de dezenove anos para ver seu algoz preso e condenado, apoiada por movimentos em defesa da mulher.

Essa mulher de fibra, uma biofarmacêutica cearense, sofreu agressões de seu marido e pai de suas três filhas por mais de seis anos consecutivos, inclusive duas tentativas de assassinato: uma a tiros enquanto dormia, que a deixou paraplégica, depois de semanas lutando pela vida na UTI de um hospital; e, ainda insistindo no seu intento, outra, via eletrocussão, quando essa vítima tomava banho.

A impunidade desse agressor, apesar de todos os B.O.s e recursos judiciais, durou mais de longos dezenove anos, marcados pelos esforços de Maria da Penha na sua batalha travada para colocá-lo atrás das grades. Seu marido, embora condenado a dez anos e seis meses de prisão em regime fechado, cumpriu somente dois anos nessas condições e hoje é um homem livre.

Na reportagem *Uma Maria especial*, de Roberta Sampaio⁹, publicada no jornal O Estado de São Paulo - Suplementos, em 06 de março de 2010, sobre a organização criada por ela para acompanhar a aplicação da lei que tem o seu nome, Maria da Penha, comparando o descaso do Estado com as agressões e atentados sofridos, faz um desabafo afirmando que a omissão do Estado doeu mais que a paraplegia e as tentativas de assassinato. Segundo ela, "As duas violências foram muito graves, a doméstica e a institucional. Em ambas, me senti impotente. Mas não ver a quem recorrer é algo que deixa a pessoa muito frustrada, deprimida."

A propalada lentidão da justiça brasileira levou o emblemático caso de Maria da Penha à *Comissão Interamericana de Direitos Humanos* da OEA, sob o no. 12.051/OEA, que considerou o Brasil culpado por sua leniência em relação à violência doméstica, caracterizada tanto pela negligência quanto pela omissão no tratamento dos casos. O relatório de no. 54/2001 não só responsabiliza o Brasil por seu excesso de tolerância como também recomenda um esforço conjunto na prevenção eficiente e no combate acirrado da violência doméstica contra a mulher por meio de medidas diversas decorrentes de mudanças profundas, eficazes e relevantes na legislação vigente.

As providências foram então tomadas e, como resultado dos esforços envidados, foi elaborada a Lei cujo objetivo é estabelecer medidas de prevenção e combate à violência, proteção das vítimas e punição dos agressores. Essa Lei, de no. 11.340/2006, em justa homenagem à lutadora incansável, recebeu o nome de Lei Maria da Penha e foi promulgada em 7 de agosto de 2006, passando a vigorar a

⁹<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,uma-maria-especial,519952,0.htm>. Acesso em 15 mar 2014

partir de 22 de setembro do mesmo ano. Com fundamentos jurídicos e políticos considerados notáveis, essa Lei 11.340/2006 ancorou-se não somente na Constituição Federal Brasileira de 1988, mas também nos instrumentos produzidos nas convenções da ONU e da OEA, tais como a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência Contra a Mulher e a Convenção Interamericana Para Prevenir, Punir, Erradicar a Violência Contra a Mulher, respectivamente.

Muito mais educativa, fomentadora de políticas públicas assistenciais e guardiã dos direitos das vítimas do que punitiva, a Lei Maria da Penha reúne os elementos necessários para prevenir e coibir os abusos característicos da violência contra a mulher, dispondo de recursos que atendem às demandas relativas à promoção de políticas públicas contra esse tipo de violência e em favor de sua prevenção, do atendimento às suas vítimas e, de certa forma, também da punição e ressocialização de seus agressores.

O Brasil, que não tinha legislação específica própria para os casos de violência doméstica, passou, depois da Lei no. 11.340/2006, a dispor de um aparato legal que a eles se aplica. Dessa forma, assim como as Delegacias Especiais da Mulher, responsáveis pela prevenção, apuração, investigação e enquadramento legal e pela realização de ações tais como registros de B.O.s, instauração de inquéritos, solicitação de medidas protetivas de urgência, Juizados foram criados para processar, julgar e executar causas que resultem de práticas de violência doméstica contra a mulher, proporcionando tanto maior proteção às vítimas quanto o resgate de sua cidadania e dignidade.

A legislação atual é uma indiscutível conquista dos movimentos de mulheres e feministas brasileiros que, a partir dos anos 1970 e mais intensivamente durante as décadas seguintes, envidaram todos os seus esforços para a criação e implementação de políticas públicas e normas jurídicas de prevenção e enfrentamento à violência contra mulheres.

Segundo o *Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher* (Unifem), hoje denominado *ONU Mulheres*, no relatório *Progresso das Mulheres no Mundo – Quem responde as mulheres? Gênero e responsabilização* (2008/2009, p. 10), essa legislação é uma das mais avançadas em vigor, pois inclui, além de múltiplos instrumentos de prevenção e combate à violência e da criação de juizados especializados e de incentivos para campanhas educacionais focadas na redução da violência contra a mulher, o aumento da pena do agressor, a proibição de penas

pecuniárias, a definição dos diversos tipos de violência contra a mulher e medidas de prevenção tais como: afastamento do agressor do lar, prisão preventiva ou em flagrante; e educativas, como a criação de programas voltados para a reeducação de agressores.

Ainda há, entretanto, caminhos a percorrer no sentido de reduzir e erradicar a violência doméstica, com as agressões e ofensas dos mais diversos tipos que a caracterizam, perpetradas contra a mulher, sua discriminação, o desrespeito aos seus direitos, e o descaso e omissão no trato dos casos das denúncias por ela registradas.

Neste capítulo, cujo objetivo foi a contextualização da violência, comparamos, inicialmente, esse fenômeno à Hidra de Lerna da mitologia grega e considerando os cenários nacional e internacional, apresentamos suas múltiplas facetas, diferentes classificações e danos crescentes às pessoas e à sociedade nos nossos dias. Enfocamos, em seguida, a violência urbana, retratada nas estatísticas resultantes de pesquisas desenvolvidas anualmente por diferentes organizações de caráter nacional e internacional, discutindo a preocupante situação brasileira, decorrente da inclusão anual de um número cada vez maior de nossas cidades na lista das cinquenta mais violentas do mundo e do número de homicídios que se aproxima muito da soma das mortes causadas por sessenta e dois dos principais conflitos armados do mundo. Fechando o foco, passamos a tratar da violência doméstica e, mais especialmente, da violência doméstica contra a mulher nas áreas urbanas. Destacamos dados e estatísticas de pesquisas realizadas sobre esse tipo específico de violência pela Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), Secretaria Especial de Políticas para a Mulher (SPM), dentre outras. Relacionamos os tipos de violência perpetrados e descrevemos aspectos relevantes dos perfis da vítima e do agressor. Discutimos ainda a legislação vigente e os direitos e garantias de proteção das mulheres, incluindo um breve histórico desde a conquista dos direitos humanos à dos direitos da mulher no cenário internacional, assim como a sua repercussão nacional. Por fim, ressaltamos, no cenário brasileiro, a Lei Maria da Penha, em vigor há pouco mais de sete anos, suas consequências e instrumentos de prevenção e combate à violência doméstica contra a mulher.

Diante da impossibilidade de tratar mais detalhadamente cada uma das teorias que fundamentam nosso estudo, abordamos, a seguir, no Capítulo 3, os seus

princípios e aspectos norteadores que são considerados como de maior relevância na composição do arcabouço teórico que respalda esta investigação.

3 METÁFORA: DE RECURSO INDIVIDUAL A CONSTRUÇÃO COLABORATIVA

“A tese é de um grau de ridículo que, se não fosse trágico, seria cômico. É uma covardia individual apoiada em uma covardia social. [...] A honra, nesse raciocínio, é só do homem. É como se depois do casamento a mulher fosse um prolongamento desse sujeito. Ele deposita nela um bem que é dele.”

(Wânia Pasinato, Socióloga, Pós-Doutora do Núcleo de Estudos de Gênero PAGU da Unicamp e pesquisadora sênior do Núcleo de Estudos da Violência da USP).

Dividido em quatro seções, o foco deste capítulo é o alicerçamento teórico desta pesquisa. A primeira dessas seções apresenta a metáfora na sua trajetória, a segunda discute os fundamentos e aspectos mais relevantes dentre aqueles que norteiam os pressupostos das teorias e abordagem que fundamentam o estudo, a terceira trata dos aportes de teorias que contribuem para uma melhor compreensão da proposta de Cameron e a quarta destaca os conceitos adotados para a realização desta investigação.

3.1 Metáfora, Linguagem, Cognição e Discurso

Dedicamos esta seção à metáfora, inicialmente delineando sua trajetória desde sua origem, entre os gregos, até os tempos de hoje, quando se apresenta revitalizada, repaginada e valorizada pelos estudos desenvolvidos nas últimas décadas do século XX. Discutimos suas relações com a linguagem, a cognição e o discurso ao longo dessa evolução.

3.1.1 Metáfora e Linguagem

Com origem na palavra grega ‘metapherein’ (‘meta’= ‘mudança’ e ‘pherein’= ‘carregar’), cujo significado é ‘transporte’ ou ‘transferência’, a metáfora é, na visão tradicional, considerada como um recurso figurativo da linguagem, que tem como objetivo ornamentá-la. Lembramos que o estudo mais antigo da metáfora de que se tem registro vem da Grécia Antiga, com Aristóteles, no século IV A.C.

É na sua obra *Poética* (1997 [séc. IV A.C.]) que o filósofo estagirita apresenta a metáfora como uma figura de linguagem, cujo uso “não se pode aprender de outrem e é sinal de talento natural, pois ser capaz de belas metáforas é ser capaz de aprender as semelhanças” (ARISTÓTELES, 1997 [séc. IV A.C.], p. 45), fazendo a ressalva de que o excesso de metáforas torna a linguagem enigmática e seu uso inadequado, cômica.

Como recurso linguístico usado fundamentalmente na poética e na retórica, a metáfora é caracterizada pelo uso da palavra fora de seu sentido literal, isto é, em lugar de outra ou estabelecendo uma relação de similitude entre os elementos designados.

Assim, de acordo com o modelo aristotélico, a metáfora era tida como o modo de usar uma coisa para falar de outra e, com base no tipo de ocorrência, classificava-se como “transferência dum nome alheio do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, duma espécie para a outra, ou por via da analogia” (ARISTÓTELES, 1997 [séc. IV A.C.], XXI, p. 42).

Ao analisar essas transferências e os exemplos referentes a cada um dos quatro tipos apresentados pelo filósofo na *Poética* (ARISTÓTELES, 1997 [séc. IV A.C.], XXI), é possível estabelecer uma correspondência entre cada um deles e algumas figuras de linguagem atuais: o primeiro tipo corresponde à sinonímia; o segundo, à hipérbole; o terceiro, à metonímia; e o quarto e último tipo, é aquele que mais se assemelha à metáfora na concepção tradicional, ainda hoje presente em muitas das gramáticas contemporâneas.

Essa visão da metáfora, como recurso linguístico, manteve-se, segundo Vereza (2006, p.145), sustentada por um paradigma que viabilizou a geração de “[...] alguns pressupostos bastante cristalizados que ajudaram a criar o que se entendeu e o que ainda se entende sobre a metáfora.”

Lakoff (1993, p. 202, tradução nossa), por sua vez, ressalta que “Em teorias clássicas da linguagem, a metáfora era entendida como uma questão de linguagem, não de pensamento.”¹⁰ Afirma, ainda, com o que concordamos, que essa concepção clássica predominou durante tanto tempo, que passou a ser aceita como verdade absoluta e definitiva pelas pessoas.

¹⁰In classical theories of language, metaphor was seen as a matter of language, not thought. (LAKOFF, 1993, p. 202).

Kövecses (2002, p. viii, tradução nossa), ao discutir a visão tradicional da metáfora, diz que:

[...] a palavra é usada metaforicamente para alcançar certo efeito artístico ou retórico, já que falaríamos ou escreveríamos metaforicamente para nos comunicarmos eloquentemente, para impressionarmos a outros pela “beleza” e prazer estético gerado pelas palavras, ou para expressarmos uma emoção profunda.¹¹

Continuando sua abordagem, Kövecses (2002) aponta que a metáfora, na visão clássica, apresenta cinco características principais. Destaca, assim, que “[...] a metáfora está baseada numa semelhança entre duas entidades que são comparadas e identificadas”¹² (KÖVECSES, 2002, p. vi, tradução nossa); que “[...] é uma propriedade das palavras, é um fenômeno linguístico”¹³ (KÖVECSES, 2002, p. vii, tradução nossa); que “[...] é usada para algum propósito retórico e artístico”¹⁴ (KÖVECSES, 2002, p. vii, tradução nossa); que “[...] é um uso deliberado e consciente das palavras, e você deve ter um talento especial para fazê-lo e fazê-lo bem”¹⁵ (KÖVECSES, 2002, p. vii, tradução nossa); e, por fim, que “[...] é uma figura de linguagem sem a qual podemos passar; usamo-la para efeitos especiais, e não é uma parte inevitável da comunicação humana cotidiana, tampouco do raciocínio e pensamento humano diário.”¹⁶ (KÖVECSES, 2002, p. viii, tradução nossa).

Lima (2003), por sua vez, discute que o problema das teorias tradicionais, quer filosóficas, quer psicológicas, é o fato de o papel da metáfora ficar restrito a esses recursos, sem ultrapassar o nível linguístico em momento algum.

Entendemos como importante sua posição ao ressaltar, também, que a metáfora, durante muito tempo, foi tratada como simples

¹¹[...] the word is used metaphorically in order to achieve some artistic and rethoric effect, since we speak and write metaphorically to communicate eloquently, to impress other with beautifully esthetically pleasing words, or to Express some deep emotion. (KÖVECSES, 2002, p. viii)

¹²[...] metaphor is based on a resemblance between the two entities that are compared and identified. (KOVECSES, 2002, p. vii)

¹³[...] is a property of words; it is a linguistic phenomenon. (KÖVECSES, 2002, p. vii)

¹⁴[...] is used for some artistic and theoretical use. (KÖVECSES, 2002, p. vii)

¹⁵[...] is a conscious and deliberate use of words, and you must have a special talent to be able to do it and do it well. (KÖVECSES, 2002, p.vii)

¹⁶[...] is a figure of speech that we can do without; we use it for special effects, and it is not an inevitable part of everyday human communication, let alone everyday human thought and reasoning. (KÖVECSES, 2002, p. viii)

[...] estratégia de comunicação, que serve para expressar ideias difíceis ou impossíveis de serem transmitidas pela linguagem literal, que pode transmitir muita informação numa única imagem metafórica, comparada com a descrição literal de todas as qualidades na tal imagem, e que captura e transmite a intensidade subjetiva da experiência de uma forma que a linguagem literal normalmente não consegue. (LIMA, 2003, p. 18).

Mahon (1999) defende que o fato de Aristóteles destacar o papel da metáfora como ornamento linguístico não implica em desconhecimento da sua função cognitiva, pois o filósofo sustenta ser possível a aprendizagem por meio de metáforas, já que estas demandam esforço mental na busca de um ponto comum entre elementos comparados. Esse entendimento de Aristóteles pode ser considerado como uma forma de sinalização do papel cognitivo da metáfora.

As contribuições aristotélicas foram relevantes na formação do arcabouço teórico de muitos estudos posteriormente realizados sobre a metáfora, e suas ideias, que predominaram durante séculos, continuam a influenciar, de modo significativo, estudos no âmbito das ciências humanas.

3.1.2 Metáfora e Cognição

Diante dessas observações, é possível entender o quadro teórico anterior a 1980, ano que registrou, de forma definitiva, a grande virada paradigmática, com a publicação da obra de Lakoff e Johnson (1980), *Metaphors we live by*, considerada, mais que merecidamente por muitos, o marco inicial da Linguística Cognitiva.

Essa virada resultou das inquietações e ideias revolucionárias de vários teóricos que, por conta de sua insatisfação, se tornaram responsáveis, em grande parte, pelas muitas transformações que aconteceram na segunda metade do século XX, de forma a alterar, radical e definitivamente, o quadro epistemológico vigente.

Foram inegavelmente importantes para essa mudança, as contribuições das outras ciências, como, por exemplo, a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, a Sociolinguística, que colaboraram diretamente, com suas investigações e/ou descobertas, para que as ideias revolucionárias sobre a linguagem, que se mostravam em plena efervescência no campo da Linguística, efetivamente ocupassem o seu espaço.

Corroborando esse entendimento, Hilferty (2001, p. 2, tradução nossa) destaca que, como quadro teórico, a “Linguística Cognitiva é, em grande parte, o produto de um amálgama de incidentes e descobertas que aconteceram no campo da Linguística teórica, durante os anos 1960 e 1970.”¹⁷

Essa nova visão, no nosso entendimento, reposiciona definitivamente a linguagem, assim como os fenômenos em que tem papel relevante como parte da integrante da cognição, realçando a sua relação de colaboração, interdependência e influência mútua com as demais capacidades cognitivas, tais como: o pensamento, a conceitualização, a categorização, o raciocínio, o juízo, a imaginação, a criatividade, a percepção, a memória e a atenção.

Numa breve retrospectiva, discutiremos, a partir de agora, alguns aspectos relevantes dessa ciência, incluindo sua origem e seu delineamento, assim como seus pressupostos e estudos mais relevantes, entre os quais aqueles que enfocam a metáfora.

Como já destacamos, os estudos sobre a linguagem humana remontam à Antiguidade, com os gregos, mas, somente a partir de meados do último século, assumiram um papel relevante no contexto das Ciências Cognitivas, cujos estudos tinham como foco a cognição e se desenvolveram em diferentes áreas da atividade humana.

Dentre as tentativas de explicação dos processos mentais, surgiu, na Linguística, no final dos anos 50 do século XX, proposto por Noam Chomsky, o modelo gerativo-transformacional. O escopo teórico dessa proposta está fundamentado em um modelo modular da mente, segundo o qual a faculdade da linguagem é uma estrutura cognitiva inata, parte da herança genética do homem.

Esse paradigma mentalista preponderou por muito tempo e, ainda hoje, se faz presente no cenário das pesquisas linguísticas, representado pela Gramática Gerativa, que tem como objetivo investigar como funcionam a mente e as línguas naturais, com interesse especial na sua sistematização, tendo como foco a sintaxe e se baseando no entendimento lógico-matemático do sentido.

Ancorado no cognitivismo clássico, cuja base é racionalista e tem como noção fundamental a separação entre mente e corpo, assim como entre processos

¹⁷Cognitive linguistics is, to a great extent, the product of an amalgam of incidents and findings that took place in the field of theoretical linguistics during the 1960s and 1970s (HILFERTY, 2001, p. 2).

internos e externos, Chomsky postula que a razão é o centro do conhecimento e, em decorrência disso, qualquer experiência física ou social é irrelevante no processo de aquisição linguística.

A partir desse entendimento, em cenário marcado pela abstração na análise linguística, são estabelecidas as diferenças entre competência e desempenho, assim como estimulados os estudos sobre a competência linguística de um 'falante-ouvinte ideal', o constructo teórico que viabilizaria desvelar como as estruturas linguísticas são geradas, de maneira independente, sem a interferência de quaisquer aspectos, sejam estes de ordem pessoal, afetiva, social, cultural ou outra qualquer.

Descontentes com os resultados desses estudos gerativistas sobre a linguagem que minimizavam a importância do sentido, e interessados na retomada das investigações sobre a significação, reuniram-se, em torno das novas ideias, George Lakoff, John Robert Ross, James McCawley e Paul Postal, dando origem ao movimento de onde surgiu a Semântica Gerativa, acompanhados, em seguida, por Langacker, Fillmore, dentre outros. Lakoff (1976) escreveu, então, nesse período, a obra *Towards a Generative Semantics*, (que foi publicada treze anos mais tarde, em 1976, sendo, ainda hoje, considerada o principal registro desse movimento de oposição).

Mais adiante, depois de extinta a Semântica Gerativa, os estudos de alguns desses teóricos se voltaram para as questões cognitivas. O paradigma cognitivista surgiu, então, na década de 70 do último século, em oposição ao modelo gerativista até então predominante, com o objetivo de estudar a complexa cognição humana. Os estudos cognitivistas apresentam caráter transdisciplinar e, ao longo de sua evolução, vem dialogando, estreita e permanentemente, com outras áreas. Essas áreas são a Psicologia, a Antropologia, a Filosofia, a Inteligência Artificial, a Neurologia e, em especial, a Linguística, que se destaca por ser a linguagem essencialmente categorizadora e serem as suas contribuições substanciais para processo de conhecimento, organização e construção do real.

A Linguística Cognitiva, que enfoca o estudo da linguagem sob essa nova perspectiva, tem sua origem associada às investigações pioneiras que foram desenvolvidas por Eleanor Rosch (1975) sobre as cores focais, estudo que é considerado basilar para as pesquisas em uma de suas áreas: o processo de categorização. Em seu delineamento, essa nova ciência propõe uma nova visão da

linguagem e seus fenômenos, enfocando a sua íntima relação com os processos mentais e cognitivos.

O arcabouço teórico da Linguística Cognitiva fundamenta uma ampla variedade de investigações que abrangem diferentes aspectos cognitivos, tais como: a estruturação e representação do conhecimento, os processos que envolvem a linguagem e a aprendizagem, os mecanismos que viabilizam a apreensão da experiência humana, assim como aqueles que contribuem para a compreensão de sua vivência biológica, afetiva, social e cultural. Os pressupostos dessa nova ciência fundamentam-se na perspectiva filosófica do Experiencialismo ou Realismo Corporificado (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987), contrapondo-se aos do modelo gerativista. Esse aparato teórico resulta da profícua relação de simbiose com as suas áreas afins, assim como do reconhecimento da estreita relação existente entre a cognição de um indivíduo e a sua experiência corpórea e sociocultural, na interação corpo-mundo em que a linguagem faz a intermediação.

Como ciência, a Linguística Cognitiva funda seus alicerces no entendimento de que “a mente é inerentemente corporificada, o pensamento é, em grande parte, inconsciente, e os conceitos abstratos são amplamente metafóricos”¹⁸ (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 3, tradução nossa), reiterando que a experiência é fundamental para a constituição da linguagem e do pensamento, ambas partes integrantes da cognição, assim como para a experiência sociocultural humana e seu fenômeno de categorização da realidade.

Com um arcabouço teórico de caráter fundamentalmente dinâmico que se insere no âmbito da Ciência Cognitiva e reconhecida por Lakoff e Johnson (1999, p. 568, tradução nossa) como “[...] a ciência da mente e do cérebro”¹⁹, a Linguística Cognitiva apresenta-se, definitivamente, como uma nova proposta de análise dos fenômenos linguísticos. Seu objetivo, segundo Macedo (2008, p. 30), “[...] não é a mera descrição da arquitetura da linguagem e do conhecimento, mas sim entender a estreita relação entre cognição e linguagem.” A linguagem humana passa então, nesse cenário, a ser entendida não só somente como uma exteriorização de experiências de ordem corpórea, afetiva e sociocultural, mas também como parte integrante do conhecimento, da estrutura conceitual e do processamento cognitivo.

¹⁸[...] The mind is inherently embodied. Thought is mostly unconscious. Abstract concepts are largely metaphorical. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 3).

¹⁹[...] the science of the mind and the brain. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 568).

A linguagem figurada, mais especialmente a metáfora, em grande evidência, é então alçada a um patamar de maior abrangência e importância, tornando-se objeto de estudo, cada vez mais frequente, nas pesquisas voltadas para a compreensão de alguns de seus aspectos, tais como: o papel desempenhado na formação de conceitos e o processo de categorização.

Assim, no âmbito da Linguística Cognitiva, em meio a tendências diversas, teóricos de diferentes linhas e investigações com enfoque em aspectos específicos, destacaram-se, dentre outras, as pesquisas desenvolvidas em áreas tais como: a teoria dos protótipos, com os trabalhos de Rosch (1975), Geeraerts (1988a, 1988b, 1989, 1992, 1995, 1997), Taylor (1989), e Kleiber (1990); a semântica cognitiva, com os de Fauconnier (1984), Fillmore (1985), Lakoff (1987), Langacker (1987, 1991b), Talmy (2000); a teoria da metáfora, com os estudos de Lakoff e Johnson (1980, 1999), Johnson (1981), Lakoff (1987, 1990, 1993); a gramática cognitiva, com os de Langacker (1987, 1991a, 1991b); a gramática das construções, com as investigações de Fillmore, Kay e O'Connor (1988) e Goldberg (1995); e, por fim, a teoria da gramaticalização, com os trabalhos de Hopper e Thompson (1985), Hopper (1987), Sweetser (1990) e Heine, Claudi e Hünemeyer (1991). Dentre os aspectos metafóricos analisados, destacam-se a prototipicidade, os modelos cognitivos, a polissemia, os esquemas imagéticos e as imagens mentais.

Assim, enquanto na década de 70 surgem os trabalhos pioneiros na Linguística Cognitiva, na década de 80, essa nova ciência apresenta, especialmente na América e na Europa, uma expansão significativa que se estende à década seguinte, com estudos que são hoje referências indiscutíveis desse paradigma e tem definido como seu marco inicial a publicação de *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson (1980). Na década de 90, a Linguística Cognitiva destaca-se, segundo Silva²⁰ (1997), por sua institucionalização como ciência, com a criação de sua primeira associação, além da publicação de sua primeira revista e de sua primeira coleção de trabalhos científicos.

Destacamos que, dentre os estudos desenvolvidos sobre a cognição, foram os trabalhos seminais de Lakoff e Johnson (1980) aqueles que marcaram o

²⁰É somente em 1990 que a Linguística Cognitiva se institucionaliza, com a criação da "International Cognitive Linguistic Association, da revista "Cognitive Linguistic" e da coleção "Cognitive Linguistic Research" que teve como editores René Dirven e Ronald Langacker e foi publicada por Mouton de Gruyter. (SILVA, 1997, p. 59).

rompimento com a visão clássica da metáfora até então predominante, reposicionando-a no cenário científico existente. Sua proposta, a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), apresentada em *Metaphors we live by*, reformulando conceitos e quebrando paradigmas, trata a metáfora não somente como uma figura da linguagem, um fenômeno exclusivamente linguístico, mas como parte essencial do nosso pensamento, que desvela as formas como cada indivíduo estabelece suas relações consigo e com o mundo que o cerca, percebendo-o e compreendendo-o em contextos socioculturalmente motivados.

Lakoff e Johnson (1980, 1999) defendem que o sistema conceitual humano, responsável pela formulação de conceitos abstratos, é essencialmente metafórico, isto é, os conceitos abstratos sobre aquilo que nos cerca são formulados por meio de relações metafóricas. Ao apresentar sua tese, deixam a metáfora em evidência como nunca estivera até então. Antes limitada às produções literárias e retóricas e a um público erudito, a metáfora passa, a partir daí, a fazer parte da linguagem cotidiana que é democraticamente acessível a todos os membros de determinada comunidade linguística, contribuindo diretamente para a expressão de suas ideias na sua relação consigo e com o mundo à sua volta.

Segundo Lakoff e Johnson (1980, p. 3, tradução nossa), logo no início da sua obra *Metaphors we live by*,

Os conceitos que governam nosso pensamento não são apenas uma questão de intelecto, pois governam, também, nosso funcionamento cotidiano, até os detalhes mais corriqueiros. Nossos conceitos estruturam aquilo que percebemos, como nos movimentamos no mundo e como nos relacionamos com outras pessoas. Nosso sistema conceitual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossas realidades cotidianas. Se estamos corretos em sugerir que nosso sistema conceitual é amplamente metafórico, então o modo como pensamos, aquilo que experienciamos e aquilo que fazemos diariamente é, em grande medida, uma questão de metáfora.²¹

Macedo (2006, p. 23) reitera “essa visão diferenciada da metáfora” proposta e demonstrada, através de uma série diversificada de exemplos, por Lakoff

²¹The concepts that govern our thought are not just matters of the intellect. They also govern our everyday functioning, down to the most mundane details. Our concepts structure what we perceive, how we get around in the world, and how we relate to other people. Our conceptual system thus plays a central role in defining our everyday realities. If we are right in suggesting that our conceptual system is largely metaphorical, then the way we think, what we experience, and what we do every day is very much a matter of metaphor. (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 3).

e Johnson (1980), ressaltando a sua inegável relevância marcada pela imensa gama de metáforas presentes na linguagem do nosso cotidiano. Assim, nas palavras da autora, a metáfora

[...] deixa de ser meramente uma figura de linguagem, um recurso da retórica para se inserir no âmbito da cognição. A metáfora não é propriedade dos poetas. Usamos expressões metafóricas na linguagem corriqueira e o fazemos grandemente, argumentam os autores, não por algum tipo de decisão consciente, mas porque tais expressões são licenciadas por mapeamentos cognitivos entre domínio fonte e alvo (i.e. as metáforas, propriamente ditas) que nos permitem e são, muitas vezes, o único modo que temos para compreender e fazer sentido do mundo. (MACEDO, 2006, p. 23).

Lakoff e Johnson (1980, 1999) desenvolvem, posteriormente, como veremos mais adiante, estudos que aprimoram sua teoria, preenchem lacunas e expandem sua proposta original, abordando aspectos que, inicialmente, não foram suficientemente explorados, ou não foram sequer incluídos ou analisados.

Ressaltamos que muitos outros estudos, inspirados na Teoria da Metáfora Conceitual, de Lakoff e Johnson (1980, 1999), foram desenvolvidos a partir de então, tanto nas últimas décadas do século XX como no início deste, em progressão significativa, nas diferentes áreas da atividade humana, enfocando os mais diversos aspectos desse fenômeno multifacetado que é a metáfora.

Um dos campos em que se destacam estudos sobre a metáfora que são de grande relevância para esta investigação é a Análise do Discurso, como veremos a seguir.

3.1.3 Metáfora e Discurso

A Análise do Discurso é uma das áreas da Linguística e começou a se delinear a partir da década de 60 do último século. Essa disciplina reúne um conjunto de teorias e correntes cujo objeto de estudo é o discurso, consideradas todas as suas modalidades escritas e orais.

Ao discutir as diversas áreas de investigação da Análise do Discurso, Maingueneau (2007, p. 24) classifica as abordagens relacionadas por Stubbe *et al.* (2003, p. 351) – “[...] pragmática, teoria dos atos de fala, análise da variação, teoria da adaptação da comunicação, linguística sistêmico-funcional, semiótica, proxêmica

e vários tipos de análise retórica, estilística, semântica e narrativa [...]”, de acordo com o que se segue.

Como disciplinas ou correntes, são listadas: a semiótica, a estilística, a etnografia da comunicação, a análise crítica do discurso etc.; como componentes necessariamente presentes nas interações verbais: proxêmica, polidez, atos de fala etc.; e, como concepções da linguagem, que não são próprias de uma corrente: pragmática (MAINGUENEAU, 2007). Isso demonstra que muitos são os estudos que se incluem na Análise do Discurso, e que, quando consideradas as divergências internas, torna-se difícil uma definição que abrigue todas as suas linhas de investigação.

Apesar de reconhecermos a existência de outras teorias e abordagens que se dedicam, sob a égide da Análise do Discurso, ao estudo da metáfora como fenômeno discursivo, tais como a Análise Crítica da Metáfora, de Charteris-Black (2004), é de nosso particular interesse, no caso desta investigação, a Análise do Discurso à Luz da Metáfora, proposta por Cameron (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON *et al.*, 2009; CAMERON; MASLEN, 2010).

Cameron (2007b, p. 200, tradução nossa), ao explicar a concepção de metáfora nessa perspectiva discursiva, destaca que a “Metáfora é vista como linguística, cognitiva, afetiva e sociocultural”²², definindo-a como uma ideia que envolve múltiplos fenômenos em dimensões diversas.

Essa abordagem, segundo Berber-Sardinha,

[...] tem como ênfase o estudo da metáfora em uso, no discurso. Ela está sendo desenvolvida por um grupo liderado por Lynne Cameron e tem como finalidade entender como e por que as pessoas empregam metáforas e que efeito as metáforas tem na interação. Isso é feito buscando-se sistematicidades do uso metafórico em textos e falas autênticas, colhidos em contexto real de produção. (BERBER-SARDINHA, 2010, p. 165).

Berber-Sardinha esclarece, também, que, por conta de não ser possível saber se a mente humana realmente processa as metáforas conceituais,

A unidade de análise primordial dessa corrente é a metáfora linguística, que pode ser vista como um trecho de texto falado ou

²²Metaphor is seen as linguistic, cognitive, affective, and socio-cultural (CAMERON, 2007b, p. 200).

escrito cujo significado no contexto é diferente de seu sentido base (*basic sense*) e que se remete a um domínio ou campo semântico diferente do predominante naquele momento. (BERBER-SARDINHA, 2010, p. 65).

Reiterando e complementando esse entendimento, Schröder (2008, p. 45), destaca que essa abordagem da metáfora está fundamentada em “[...] uma perspectiva da linguagem em uso que focaliza a interação social no processamento sendo efetuado.” Assim, ainda esclarece Schröder, é sugerida, pela autora,

[...] uma visão da conversação *vis-à-vis* como processo de *talking-and-thinking* no qual há uma interação permanente entre cognição e linguagem que, por conseguinte, não podem ser concebidas como domínios restritamente separados. (SCHRÖDER, 2008, p. 45).

Dessa maneira, com base nessa visão e nos pressupostos teóricos dessa abordagem, assim como na metodologia desenvolvida para coleta e análise de dados do discurso produzido, é investigada a emergência, ou não, de metáforas sistemáticas nas falas que resultam de interações verbais, em processo de *talking-and-thinking*, com permanente relação entre linguagem e cognição, em determinado evento discursivo.

3.2 Alicerces teóricos da investigação

Situamos, assim, a metáfora nos quadros teóricos da Linguística Cognitiva e da Análise do Discurso, nos quais se inserem, como veremos a seguir, as teorias que nos servirão de base neste trabalho.

Assim sendo, entendemos que, para que pudéssemos investigar os conceitos sobre violência doméstica contra a mulher, emersos na fala de suas vítimas diretas, durante evento discursivo que reuniu um grupo focal, seria necessário que, inserida no âmbito da LC, esta pesquisa tivesse sua fundamentação teórica ancorada nos pressupostos da metáfora conceitual (TMC e seus refinamentos), de Lakoff e Johnson (1980,1999) e da metáfora discursiva (Abordagem da Análise do Discurso à Luz da Metáfora), na visão de Cameron (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON *et al.*, 2009; CAMERON; MASLEN, 2010). Dessa forma, serão apresentados, a

seguir, os fundamentos e aspectos norteadores dessas teorias que se mostram mais importantes para esta investigação.

Inicialmente, discutiremos as teorias que têm como foco a metáfora conceitual, por entendermos que, mesmo contestada em alguns de seus aspectos, é de onde partem os estudos sobre a metáfora, seja para apoiar, complementar, questionar, contestar ou negar algum de seus pressupostos. Como origem de todo esse reposicionamento da metáfora e, ainda hoje, respeitadas por suas valiosas contribuições, é relevante revisitar a teoria inicialmente proposta por Lakoff e Johnson (1980, 1999), assim como seus refinamentos (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987, 1990, 1993).

Primeiramente, abordaremos a Teoria da Metáfora Conceitual; discutiremos, em seguida, a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, que inclui a visão experiencialista; e abordaremos, por fim, a Teoria Integrada da Metáfora Primária, que incorpora algumas propostas que preenchem suas lacunas, expandindo e aprimorando a proposta teórica inicial (TMC).

Passaremos, então, a tratar da Análise do Discurso à Luz da Metáfora, tendo como base a proposta de Cameron (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON *et al.*, 2009; CAMERON; MASLEN, 2010), que fundamentará a nossa investigação, incluindo alguns aportes teóricos da Teoria do Caos e da Complexidade, assim como da Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos.

3.2.1 Metáfora Conceitual

Nosso objetivo é destacar, a seguir, os aspectos e princípios que são de maior relevância para nossa investigação no que concerne à Teoria da Metáfora Conceitual e seus refinamentos.

3.2.1.1 Teoria da Metáfora Conceitual (TMC)

Os trabalhos pioneiros de Reddy (1993) sobre a metáfora do CANAL, assim como os de Rosch (1975) sobre a prototipicidade foram de grande importância, pois inspiraram os estudos de Lakoff e Johnson (1980) que vieram a constituir o arcabouço teórico da Teoria da Metáfora Conceitual, veiculado na obra

Metaphors we live by, publicada em 1980. Essa teoria lança as bases de uma nova perspectiva para a metáfora, postulando que esta faz parte de nosso cotidiano e que nosso pensamento é, em grande parte, metaforicamente estruturado.

Conforme Lakoff (1993), as ideias revolucionárias apresentadas na obra *Metaphors we live by* contestavam alguns dos pressupostos até então predominantes, a saber:

(1) Toda linguagem convencional cotidiana é literal e nenhuma é metafórica; (2) Tudo pode ser compreendido em bases literais, sem metáfora; (3) Só a linguagem literal pode ser contingencialmente falsa ou verdadeira; (4) Todas as definições dadas no léxico de uma língua são literais, não metafóricas; (5) Os conceitos usados na gramática de uma língua são todos literais, nenhum é metafórico.²³ (LAKOFF, 1993, p. 204, tradução nossa).

Metaphors we live by, traduzido para o português brasileiro como *Metáforas da vida cotidiana* (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]), é uma obra de fácil leitura, recheada de exemplos corriqueiros na rotina de todos nós. Seus autores contestam algumas ideias tradicionalmente aceitas sobre a metáfora e demonstram que a metáfora pertence primordialmente ao domínio do pensamento e depois à linguagem, sendo, não apenas um mero recurso retórico ou poético, mas também e principalmente um mecanismo indispensável para a compreensão da cognição humana.

Ao destacar a concepção de metáfora como forma de pensar o mundo, proposta por Lakoff e Johnson (1980), Amaral, enfatizando a íntima relação que se estabelece entre a metáfora conceitual e a experiência humana que a valida, ressalta que:

As metáforas conceptuais são em larga medida responsáveis pela nossa “topologia cognitiva”, influenciam a nossa maneira de agir e realizam-se quer em obras de natureza artística quer em instituições, mitos e práticas sociais. Estas realizações reflectem a estrutura do nosso sistema conceptual e simultaneamente reforçam-na, oferecendo novas bases, na experiência, para validade destas

²³(1) All everyday conventional language is literal, and none is metaphorical; (2) All subject matter can be comprehended literally, without metaphor; (3) Only literal language can be contingently true or false; (4) All definitions given in the lexicon of a language are literal, not metaphorical; (5) The concepts used in the grammar of a language are all literal; none are metaphorical.” (LAKOFF, 1993, p. 204).

metáforas (além da experiência biológica, também as criações humanas podem proporcionar uma base experimental). (AMARAL, 2001, p. 248).

Com base em uma perspectiva experiencialista, essa teoria, posteriormente revisitada e enriquecida pelos próprios autores (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999), baseia-se no entendimento de que nossos conceitos, compartilhados pela comunidade linguística em que vivemos, definem-se com base na nossa experiência corpórea em interação com o meio físico, social e cultural que nos cerca.

Como destaca Macedo (2006, p.23), “[...] a metáfora se constitui assim, não como uma opção linguística, mas como um instrumento de organização e produção cognitiva com respeito ao qual não temos escolha, visto ser parte integrante de nossa constituição como humanos”, tornando-se assim parte intrínseca da experiência humana.

Isso significa dizer que o nosso sistema conceitual, subjacente ao nosso pensamento é, em grande parte, metafórico e que a maioria de nossos conceitos se explicam por meio de outros. Assim, Lakoff e Johnson (1980, p. 15, tradução nossa) destacam:

Já vimos que a metáfora permeia nosso sistema conceitual padrão. Porque tantos conceitos que são importantes para nós são ou abstratos ou mal delineados em nossa experiência (as emoções, as ideias, o tempo etc.), precisamos entendê-los por meio de outros conceitos que compreendemos mais claramente (orientação espacial, objetos etc.). Essa necessidade leva à definição metafórica em nosso sistema conceitual.²⁴

Esse reconhecimento de que nosso sistema conceitual é fortemente caracterizado pela presença de metáforas conceituais (estruturas mentais de representação) e linguísticas (realizações linguísticas das metáforas conceituais) que permeiam nosso cotidiano, não só na linguagem, mas também no pensamento e nas ações, reforça a relevância da metáfora conceitual para a compreensão dos

²⁴We have seen that metaphor pervades our normal conceptual system. Because so many of the concepts that are important to us are either abstract or not clearly delineated in our experience (the emotions, ideas, time, etc.), we need to get a grasp on them by means of other concepts that we understand in clearer terms (spatial orientations, objects, etc.). This need leads to metaphorical definition in our conceptual system. (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 15).

conceitos relacionados à violência doméstica contra a mulher. Tais conceitos, que podem apresentar uma base de natureza cognitiva, são expressos por meio da linguagem verbal, nos relatos das vítimas.

As metáforas linguísticas, que tem origem nas experiências do nosso corpo no mundo físico, acrescidas de nossos valores e crenças, só existem porque há um sistema conceitual, fundamentalmente metafórico. Concordamos, portanto, com Lima, Feltes e Macedo quando afirmam que:

[...] a metáfora conceitual é, portanto, uma construção cognitiva, baseada nas experiências socioculturais vividas; são um modo de construção de conhecimento, na forma de um mapeamento entre domínios de conhecimento, em geral orientado por relações analógicas motivadas por propósitos e interesses, por determinadas situações e suas demandas. (LIMA; FELTES; MACEDO, 2008, p. 129).

São vários os tipos de classificação da metáfora. Segundo Kövecses (2002), é possível classificá-las com base na convencionalidade, na função cognitiva, na sua natureza, no seu grau de generalidade e de complexidade.

Lima, Feltes e Macedo (2008) apresentam a tipologia elaborada por Lakoff (1985), com base em Lakoff e Johnson (1980), segundo a qual, as metáforas podem ser orientacionais (emergem de nossa experiência corpórea em termos espaciais), ontológicas (emergem de nossa experiência com objetos e substâncias do mundo físico) e estruturais (implicam na estruturação de um tipo de experiência em termos de outro tipo de atividade). Considerando que as metáforas sistemáticas a serem analisadas podem apresentar uma base cognitiva, abordaremos, a seguir, mais detalhadamente, essa classificação das metáforas conceituais.

As metáforas **orientacionais** caracterizam-se por organizar conceitos com base em orientações lineares não metafóricas, isto é, com base em nossa experiência corpórea no espaço (DENTRO-FORA, FRENTE-TRÁS, PARA CIMA-PARA BAIXO, CENTRO-PERIFERIA). Nesse tipo de organização, as orientações ocorrem em termos espaço-temporais e não são arbitrárias, pois partimos de nossa experiência física e cultural, de nossa própria estrutura corporal, física, concreta, para tratar de algo abstrato, amorfo como, por exemplo, o poder e o sentimento. Dentre as metáforas orientacionais, destacamos as seguintes: MAIS É PARA CIMA e MENOS É PARA BAIXO (Ex.: “A notícia da tua vinda levantou o astral de teus pais” e “Ele já apresenta sinais de depressão”) BOM É PARA CIMA e RUIM É

PARA BAIXO (Ex.: “A produtora apresentou um trabalho de alto nível” e “A produtividade industrial vem caindo significativamente”).

As metáforas **estruturais**, por sua vez, caracterizam-se por organizar um determinado tipo de experiência ou atividade com base em outro tipo de experiência ou atividade, em organização metafórica de um determinado conceito em termos de outro. Dessa forma, metafórica e parcialmente usamos o conceito de GUERRA para tratar de DISCUSSÃO - (DISCUSSÃO É GUERRA, Ex.: “Ao discutir aquele tema, os candidatos partiram para o ataque” e “Os seus argumentos eram indefensáveis”) e o de VIAGEM para falar de AMOR (O AMOR É UMA VIAGEM, Ex.: “Assim, nosso relacionamento não vai a lugar algum” “Com tanto amor, seguiremos juntos até o fim”, “Nosso relacionamento chegou a uma encruzilhada, creio que devemos seguir caminhos diferentes”).

As metáforas **ontológicas** caracterizam-se por organizar conceitos com base na nossa experiência física na interação com o mundo físico que nos cerca. Essa organização possibilita que expliquemos fenômenos naturais e sociais, assim como eventos, atividades, ideias e emoções, atribuindo-lhes características que não as apresentam, mas que nos permitem identificá-los e quantificá-los e representando-os como nós, delimitados por uma superfície. Esse é o caso da metáfora A MENTE É UM RECIPIENTE, segundo a qual a mente é compreendida como um recipiente, que apresenta limites e onde há movimento de entrada e saída de conteúdos. (EX.: “Minha mente está cheia de novas ideias”, “Mente vazia, oficina do diabo”, “Não adianta encher a mente de preocupações” “Tire essa ideia da mente”).

Concluimos, assim, nossa breve discussão da TMC, na qual destacamos os seus principais fundamentos. Abordaremos, a seguir, alguns dos fundamentos e aspectos mais relevantes da Teoria dos Modelos Cognitivos, em especial os esquemas imagéticos-cinestésicos que se mostram importantes para esta investigação.

3.2.1.2 Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI)

Veiculada em *Women, fire and dangerous things*, essa proposta de Lakoff (1987), um refinamento da Teoria da Metáfora Conceitual formulada por Lakoff e

Johnson (1980), ancora-se no experiencialismo, paradigma que se opõe ao objetivismo. Segundo Feltes,

Para Lakoff (e Johnson), as estruturas conceituais significativas surgem de duas fontes: (i) da natureza estruturada da experiência corporal e social; e (II) de nossa capacidade inata de projetar, pelos mecanismos da razão, certos domínios estruturados da experiência corporal e interativa para domínios de natureza abstrata. (FELTES, 2007, p. 93).

Esse experiencialismo ou realismo experiencial defende que, como cerne do pensamento e da linguagem, a experiência corpórea garante a continuidade entre percepção e concepção, indo além do pressuposto de que as estruturas mais complexas não se baseiam no domínio físico. Para Lakoff (1987), *experiência* pressupõe toda a experiência humana e abrange tudo o que a envolve – a natureza corpórea, as capacidades decorrentes de herança genética, as diversas formas de operação física no relacionamento do homem com o mundo que o cerca.

Dessa forma, a metáfora, inicialmente entendida como a compreensão de um conceito em termos de outro e resultado de nossa experiência com o corpo e com o mundo à nossa volta, passa então a ser vista, segundo as premissas da TMCI, não só como um aparato cognitivo que apresenta diferentes funções cognitivas e linguísticas, mas também como um dos tipos de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), com base no qual experienciamos o mundo à nossa volta, relacionamo-nos com ele e construímos sentidos, que, por sua vez, são expressos por meio da linguagem.

Essa teoria, que “[...] é o núcleo teórico da Semântica Cognitiva, experiencialista, proposta por Lakoff” (FELTES, 2007, p. 126), sustenta que, para que possamos entender o mundo e interagir com ele, faz-se necessário que categorizemos experiências e objetos, de forma a viabilizar a construção de sentidos. Segundo Lakoff (1987, p. 5, tradução nossa) “Categorização não é assunto para ser considerado superficialmente. Não há nada mais básico que a categorização para nosso pensamento, percepção, ação e discurso”.²⁵

Lakoff (1987, p. 6, tradução nossa) destaca ainda que: “Uma compreensão de como categorizamos é fundamental para qualquer entendimento de

²⁵Categorization is not a matter to be taken lightly. There is nothing more basic than categorization to our thought, perception, action and speech. (LAKOFF, 1987, p. 5).

como pensamos e como funcionamos e, portanto, fundamental para um entendimento daquilo que nos faz humanos.”²⁶

Para Lakoff (1987), só podemos categorizar por meio dos MCIs, ou seja, as categorias são consequência das relações existentes na interação entre mundo, experiência e modelos cognitivos, que, para Feltes (2007), devem ser entendidos como modelos culturais, o que consideramos bastante relevante.

Entretanto, lembramos que há categorização antes mesmo da formação de modelos. Tomemos como exemplo, o caso de bebês distinguindo entre sons linguísticos e não linguísticos. Lakoff e Johnson (1999) reconhecem, de forma um tanto extremista, que, em termos neurobiológicos, até amebas categorizam, abrindo-se para seus nutrientes e fechando-se para outros elementos que lhes causariam danos. Isso respalda, então, o entendimento de que esses dois conceitos – categorias e modelos – são um tanto indissociáveis, imbricados um no outro.

Os MCIs, construtos cognitivos idealizados que constituem os domínios e a partir dos quais os conceitos adquirem significação, resultam da interação do nosso sistema cognitivo com a realidade que nos cerca, mediada pela experiência. É por meio dessas estruturas cognitivas que compreendemos o mundo, relacionamo-nos com ele, organizamos nossas experiências, construímos sentidos. Esses construtos têm origem nas nossas ideias, necessidades, crenças, valores e propósitos, podendo, para uma mesma ocorrência, apresentar modelos diferentes, que diferem, ou não, uns dos outros. É importante poder analisar, explicar e descrever, com base nos MCIs, como se estruturam os conceitos relativos à violência doméstica contra a mulher, expressos por meio da linguagem verbal, nos relatos de vítimas diretas ou indiretas desse fenômeno.

3.2.1.2.1 Princípios fundamentais dos MCIs

Na sua descrição detalhada dos MCIs, Lakoff (1987, P.68) esclarece que essas estruturas conceituais se organizam com base nos seguintes princípios: (1) as estruturas de esquema de imagem, geralmente consideradas o núcleo pré-conceitual e mais básico de um MCI e (2) as estruturas proposicionais, que

²⁶An understanding of how we categorize is central to any understanding of how we think and how we function, and therefore central to an understanding of what makes us human (LAKOFF, 1987, p. 6).

caracterizam os elementos, assim como suas propriedades e as relações existentes entre si, ambas compreendidas como conceitos básicos, estão diretamente vinculadas à estruturação de conceitos mais complexos; assim como (3) os mapeamentos metafóricos, que estão intimamente relacionados às estruturas esquemático-imagéticas e são entendidos como projeções entre domínios que são considerados estáveis, isto é, entre MCIs cujas estruturas apresentam um certo grau de convergência; e (4) os mapeamentos metonímicos, que são descritos como “modelos nos quais um dos elementos é representado por outro do mesmo modelo, no seu todo ou em algum de seus aspectos ou partes” (LAKOFF, 1987), ambos considerados estruturas que viabilizam as projeções metafóricas e metonímicas que permitem a conceitualização de domínios abstratos, por meio dos modelos estruturais de imagem-esquema e proposicionais.

3.2.1.2.2 Classificação dos MCIs conforme os princípios estruturadores

De acordo com esses princípios estruturadores, os MCI's classificam-se como: (1) de esquemas de imagens; (2) proposicionais; (3) metonímicos; (4) metafóricos; e (5) simbólicos. Dentre esses, enfocaremos mais detalhadamente, a seguir, os esquemas de imagens, enquanto os outros serão brevemente discutidos.

3.2.1.2.2.a Modelos de esquemas de imagem ou imagéticos

Os modelos cognitivos de esquemas de imagem ou imagéticos consistem de imagens de caráter sinestésico e compõem a base que estrutura os MCI's mais complexos. Por conta de sua natureza corpórea-cinestésica, baseada na percepção que o indivíduo tem do seu próprio corpo e sua posição, assim como na percepção de movimento, peso, resistência e formato das coisas, esses modelos são apreendidos de modo direto e estabelecem uma estrutura para a percepção do espaço físico e, por meio de metáforas e metonímias, projetam-se para domínios conceituais mais abstratos. Segundo Lakoff (1987), por conta das estruturas neurais e das experiências sensorio motoras, esses modelos de esquemas de imagens são considerados como próprios da cognição e da corporiedade manifestas na linguagem. Dessa forma, essas estruturas cognitivas inatas, servindo como referência para outras construções cognitivas, contribuem diretamente para a

conceitualização da realidade, o que significa dizer que as experiências corpóreas fundamentam as estruturas dos esquemas de imagem que, por sua vez, viabilizam sua expressão por meio da linguagem.

Johnson²⁷ (1987, p. 28, Tradução nossa), discutindo os esquemas imagéticos, esclarece que

Esquemas de imagem existem em um determinado nível de generalidade e abstração que lhes permite servir repetidamente como padrões de identificação em um número indefinidamente amplo de experiências, percepções e formação de imagens para objetos e eventos que são estruturados similarmente nos aspectos relevantes. Sua característica mais importante é que eles têm poucos elementos ou componentes básicos que estão relacionados por estruturas definidas e, mesmo assim, apresentam uma certa flexibilidade. Como resultado desta estrutura simples, eles são os principais meios para a obtenção de ordem em nossa experiência de modo que possamos compreendê-la e raciocinar sobre a mesma.

Ainda segundo Johnson (1987), são esquemas imagéticos: ATRAÇÃO, CAPACITAÇÃO, CENTRO-PERIFERIA, CHEIO-VAZIO, CICLO, COLEÇÃO, COMBINAÇÃO, COMPULSÃO, CONTATO, CONTRAFORÇA, DIMENSÃO, ESCALA, EQUILÍBRIO, FRAÇÃO-DIVISÃO, FUSÃO, INCONTÁVEL-CONTÁVEL, LIGAÇÃO, OBJETO, PARTE-TODO, CAMINHO (PERCURSO), PERTO-LONGE, PROCESSO, ORIENTAÇÃO FRENTE-TRÁS, ORIENTAÇÃO VERTICAL-HORIZONTAL, RECIPIENTE (CONTÊINER), REITERAÇÃO, REMOÇÃO DE RESISTÊNCIA, SUPERIMPOSIÇÃO, SUPERFÍCIE, SUSTENTAÇÃO. Lakoff (1987), por sua vez, discute, em sua obra, alguns desses esquemas mais recorrentes: CENTRO-PERIFERIA, CONTÊINER, LIGAÇÃO, PARA CIMA-PARA BAIXO, PARTE-TODO, ORIGEM-PERCURSO-META e cita outros cujas propriedades estão sendo pesquisadas, tais como: CONTATO, EQUILÍBRIO, FRENTE-TRÁS, FORÇA, ORDEM LINEAR.

Destacamos, a seguir, alguns esquemas imagéticos que, no nosso entendimento, servem como base cognitiva para a emergência de algumas das metáforas sistemáticas analisadas, além de constar de ambas as listas acima. São

²⁷Image schemata exist at a level of generality and abstraction that allows them to serve repeatedly as identifying patterns in an indefinitely large number of experiences, perceptions, and image formations for objects or events that are similarly structured in the relevant ways. Their most important feature is that they have a few basic elements or components that are related by definite structures, and yet they have a certain flexibility. As a result of this simple structure, they are a chief means for achieving order in our experience so that we can comprehend and reason about it. (JOHNSON, 1987, p. 28)

eles: RECIPIENTE, ORIGEM-PERCURSO-META, FRENTE-TRÁS, CHEIO-VAZIO, EXCESSO e LIGAÇÃO.

O esquema RECIPIENTE (CONTÊINER) baseia-se não só na percepção do corpo humano como um recipiente, quanto na percepção de sua condição de conteúdo deste. Com base nessa representação mental, projeta-se uma imagem de uma estrutura de RECIPIENTE que se compõe dos elementos interior-fronteira-exterior (dentro-limite-fora). Assim, esse esquema estabelece a diferença entre uma área ou volume delimitada por seus limites reais ou imaginários, presente em muitas experiências vivenciadas diariamente pelo ser humano com seu corpo tais como: “entrar e sair de algum lugar” e “inspirar e expirar”. Isso explica dizermos, por exemplo, usando noções básicas e concretas, “que alguém entrou para a família”, “que excluímos um compromisso de nossa agenda”, “que há erros no texto”, “que, na próxima semana, estaremos em Salvador”, “que alguém está numa situação muito difícil”.

CHEIO-VAZIO é um esquema que necessita que seu uso seja associado ao esquema RECIPIENTE para fazer sentido. Modificando os elementos que compõem RECIPIENTE (interior-fronteira-exterior), como referência à marcação de limites e a relação entre o conteúdo e sua delimitação espacial, CHEIO-VAZIO vem complementar a noção de conteúdo, informando a situação de ocupação do espaço interno do recipiente. A noção é referente ao volume contido e não à sua delimitação espacial. Assim, “ela está cheia de amor para dar” ou “Aquela reação mostrou que ele era um homem vazio de emoções” fazem referência ao conteúdo de um recipiente em termos do espaço por ele ocupado, ou não. O esquema de EXCESSO, também dependente do esquema de RECIPIENTE, caracteriza-se pela noção de que o conteúdo do recipiente já excedeu seus limites estabelecidos. Em “Ela tem orgulho demais para pedir desculpas”, a ideia de excesso está no uso do advérbio ‘demais’, que demonstra que o conteúdo extrapola a capacidade do recipiente.

O esquema do CAMINHO (PERCURSO) (LAKOFF, 1987), que se refere a deslocamentos, propósitos ou metas, é responsável pela estruturação da percepção de quaisquer trajetórias, já que inclui o PROPÓSITO de “partir de um ponto inicial” (ORIGEM) e “chegar a um ponto final” (META), cumprindo a trajetória necessária (PERCURSO) que pode, ou não, apresentar paradas e obstáculos. “Chegar ao ponto final” é, portanto, alcançar o objetivo inicialmente estabelecido. O ser humano,

em sua rotina, inclui uma série atividades que envolvem deslocamentos de um lugar para o outro, de uma situação para outra, com destinos ou metas sempre definidos em função de um propósito em um ponto ou situação inicial. Dizer que “Ao concluir o curso, ele obterá o grau de Bacharel em História”, “Eles estão numa encruzilhada”, “Essa teimosia não vai te levar a lugar algum”, “Vamos ao próximo capítulo” ou “Mantenha-se fiel às suas metas”, é tratar de deslocamentos que envolvem ter uma ORIGEM, realizar um PERCURSO e atingir uma META.

FRENTE–TRÁS é outro esquema imagético que pode embasar alguma das metáforas sistemáticas a serem analisadas. Da mesma forma que CHEIO–VAZIO e EXCESSO são dependentes do esquema RECIPIENTE, o esquema imagético FRENTE–TRÁS, juntamente com os de FORÇA, PROCESSO, CÍRCULO, PERTO–LONGE, dependem do esquema de CAMINHO para seu desenvolvimento e compreensão. “Ele revelou o motivo por trás de um crime tão bárbaro”, “Compreender tal atitude está muito além das minhas possibilidades” e “Há muitas placas à frente, mas nenhuma indicando a direção da saída da cidade” são exemplos do uso do esquema FRENTE–TRÁS. A referência, nesse caso, é o corpo humano e o esquema tem caráter orientacional.

O esquema de LIGAÇÃO, segundo Lakoff, caracteriza-se pela ligação mãe-filho, marcada pelo cordão umbilical, que se estende, a partir daí, a outras relações durante a infância e outras etapas da vida, estabelecendo conexões para definir as posições de duas coisas, uma em relação a outra. Esse esquema compõe-se de dois elementos conectados por meio de uma LIGAÇÃO. Os conceitos envolvidos são marcados pela presença e ausência de algo. Em termos de estrutura, os conceitos CASAMENTO e DIVÓRCIO estão organizados por meio do esquema de LIGAÇÃO (CASAMENTO É LIGAÇÃO e DIVÓRCIO É NÃO-LIGAÇÃO). “Eles renovaram seus votos de união”, “Eles estão definitivamente separados” e “Aqueles que Deus uniu, o homem não pode separar” deixam clara a idéia de LIGAÇÃO, ou falta dela, que fundamenta essas relações.

3.2.1.2.2.b Modelos proposicionais

Apreendidos também de forma direta, os modelos proposicionais, segundo Lakoff (1987), constituem-se pelas propriedades dos elementos e pelas relações que se estabelecem entre eles. Sua característica principal é seu

objetivismo, pois sua estrutura nos proporciona a orientação necessária quanto aos procedimentos mais adequados às diversas situações do nosso cotidiano, assim como nos ajuda a manter-nos coerentes com nossas experiências básicas. São tipos de modelos proposicionais: a proposição simples, o cenário ou *script*, o feixe de traços, a taxonomia e a categoria radial.

3.2.1.2.2.c Modelos metonímicos

Construindo sentido com base na sua sustentação indireta nas experiências concretas, os modelos metonímicos caracterizam-se por sua ocorrência em um único domínio conceitual. Nesse domínio, há dois elementos, A e B, e o primeiro (A) pode “ser representado pelo” segundo (B). Assim, um aspecto que se considera como bem entendido ou de fácil percepção é usado “[...] para representar algo por inteiro ou algum de seus aspectos ou de suas partes.”²⁸ (LAKOFF, 1987, p. 77, tradução nossa)

3.2.1.2.2.d Modelos metafóricos

Como os modelos metonímicos, os modelos metafóricos, indiretamente significativos, consistem em uma projeção de domínios concretos da experiência para domínios abstratos. Há um domínio-fonte A bem estruturado e um domínio-alvo B, que deve ser estruturado para que seja compreendido, assim como um mapeamento que liga o domínio-fonte ao domínio-alvo e a projeção metafórica cuja motivação natural decorre da correlação estrutural entre esses domínios.

3.2.1.2.2.e Modelos simbólicos

Diferentemente dos outros modelos que são considerados conceituais, os modelos simbólicos, por conta de sua natureza que remete a questões de ordem gramatical, estão diretamente relacionados aos itens lexicais, categorias gramaticais e construções gramaticais.

²⁸[...] to stand either for the thing as a whole or for some other aspect or part of it. (LAKOFF, 1987, p. 77)

Trataremos, a seguir, de alguns princípios e aspectos da Teoria Integrada da Metáfora que são importantes para esta pesquisa, destacando a metáfora primária proposta por Grady.

3.2.1.3 Teoria Integrada da Metáfora Primária (TIMP)

Na obra *Philosophy in the flesh* (1999), Lakoff e Johnson reiteram as contribuições da Teoria da Metáfora Conceitual, reafirmando seu valor e aplicação, mas reconhecem também a valiosa contribuição dos estudos que se desenvolveram a partir de sua proposta e que fortalecem, ampliam e enriquecem essa teoria. A proposta, denominada Teoria Integrada da Metáfora Primária (TIMP) divide-se em quatro partes e reúne investigações sobre conceitualização e experiência subjetiva, com origens em áreas diversas. São elas: a Teoria da Conflação, de Christopher Johnson (1997), a Teoria da Metáfora Primária, de Joseph Grady (1997), Teoria Neural da Metáfora, de Srinivas Narayanan e a Teoria da Mesclagem Conceitual de Gilles Fauconnier e Mark Turner (1994). Como salientam Lakoff e Turner (1999, p. 47),

A teoria integrada – as quatro partes juntas – tem uma indiscutível implicação: Nós adquirimos um grande sistema de metáforas primárias automática e inconscientemente simplesmente por atuarmos da maneira mais comum no mundo cotidiano desde os nossos primeiros anos. Não temos escolha nisso. Por causa do modo como as conexões neurais são formadas durante o período de conflação, nós todos naturalmente pensamos usando centenas de metáforas primárias.²⁹ (LAKOFF; TURNER, 1999, p. 47, tradução nossa)

A Teoria da Conflação ou da Fusão (JOHNSON, 1997) tem como foco o desenvolvimento linguístico e conceitual de crianças, que consiste, em termos parciais, na aprendizagem da diferença entre os sentidos literal e figurado. Com base nas associações que se estabelecem entre emoções e experiências sensoriomotoras na infância, Johnson sustenta que essa aprendizagem envolve dois

²⁹The integrated theory – the four parts together – has an overwhelming implication: We acquire a large system of primary metaphors automatically and unconsciously simply by functioning in the most ordinary of the ways in the everyday world from our earliest years. We have no choice in this. Because of the way neural connections are formed during the period of conflation, we all naturally think using hundreds of primary metaphors. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 47)

processos distintos: a confluência e a diferenciação. Enquanto a primeira corresponde ao período em que os componentes do significado são usados indistintamente em contextos diferentes pelas crianças, mas são diferenciado pelos adultos, a segunda abrange o período no qual as palavras polissêmicas são adquiridas, dando origem às metáforas conceituais. Segundo Siqueira e Lamprecht (2007), as análises longitudinais realizadas nesse estudo, demonstram que, as crianças com cerca de três anos de vida produzem enunciados que apresentam sobreposições de sentido (literal e metafórico) e, aos quatro anos, produzem diferentes enunciados com a mesma palavra, que, conforme o contexto da enunciação, podem ser considerados literais ou metafóricos.

De acordo com a Teoria Neural da Metáfora (NARAYANAN, 1997), as associações que acontecem no período da confluência são realizadas, em termos neurais, por meio de ativações simultâneas que produzem conexões neurais permanentes. Essas conexões ocorrem através das redes neurais que são responsáveis pela definição dos domínios conceituais, compondo a base anatômica das ativações fonte – alvo que formam os acarretamentos metafóricos. Nesta teoria, as fusões são consideradas instâncias de coativação de ambos os domínios (fonte e alvo), durante as quais se desenvolvem, entre eles, conexões neurais permanentes (MACEDO; FELTES; FARIAS, 2008).

A Teoria da Mesclagem Conceitual (FAUCONNIER; TURNER, 1994) propõe um novo conceito – a mesclagem conceitual – que contribui, de modo bastante significativo, para uma melhor compreensão das metáforas primárias. De acordo com essa teoria, domínios conceituais distintos podem ser coativados e, sob certas condições, conexões entre esses domínios podem ser formadas, dando origem a novas inferências – as mesclas conceituais – que podem ser tanto convencionais quanto totalmente originais. Essas mesclas podem ser responsáveis pela composição de metáforas complexas, reunindo, para isso, duas ou mais metáforas primárias. (MACEDO; FELTES; FARIAS, 2008)

Entendemos que as três teorias já apresentadas tem a sua importância não só por fazerem parte de uma proposta mais ampla que é TAMP, mas também por sua contribuição valiosa para a Teoria da Metáfora Primária, proposta por Grady (1997). Para nossa investigação, entretanto, a TAMP apresenta-se como a de maior relevância, pois, além de explicar alguns aspectos considerados insatisfatoriamente abordados pela Teoria da Metáfora Conceitual em sua proposta inicial, propõe um

modelo que sintetiza a relação existente entre experiências e metáforas, demonstrando em um fluxograma todo o processo de geração das metáforas primárias, que podem oferecer uma base cognitiva para a metáforas a serem analisadas nesta pesquisa.

Grady (1997) defende que há, subjacente à metáfora conceitual – entendida por Lakoff e Johnson (1980) como o nível mais básico em que existem os mapeamentos metafóricos construídos a partir da experiência humana – uma estreita correlação entre experiências sensório-motoras experienciadas no cotidiano pelo ser humano na sua relação com o mundo e as respostas cognitivas a ela. O resultado dessa correlação entre experiências de natureza distinta é a **metáfora primária**. Por concordarem com as ideias de Grady, Lakoff e Johnson (1999, p. 46, tradução nossa) incluem sua proposta na obra *Philosophy in the flesh* (1999), respaldando a concepção de que “[...] todas as metáforas complexas são “moleculares,” compostas de partes metafóricas “atômicas” chamadas de *metáforas primárias*.”³⁰ Para sustentar essa afirmação, destacam que “Cada metáfora primária como tem uma estrutura mínima que surge natural, autotômica e inconscientemente através de experiências diárias por meio da confluência, durante a qual as associações entre domínios são formadas. Metáforas complexas são formadas por mescla conceitual”³¹ (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 46, tradução nossa).

Para explicar a metáfora primária, Grady (1997, p. 20, tradução nossa) discute, inicialmente, alguns “[...] tipos de eventos e cenas que ocorrem regularmente em nossa experiência”³², ou seja, eventos e cenas que se repetem muitas vezes, em contextos variados, ao longo da vida, tais como: levantar algo, perceber semelhanças e ir de um lugar a outro. Alguns desses eventos e cenas podem ser mais marcantes e perceptíveis que outros ou, ainda, acontecer mais vezes ao longo de determinado período. Grady (1997, p. 21, tradução nossa) chama essas “Experiências básicas, em tempo real, que se relacionam, de forma particular,

³⁰[...] all complex metaphors are “molecular”, made up of “atomic” metaphorical parts called *primary metaphors*. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 46).

³¹ Each primary metaphor has a minimal structure and arises naturally, automatically and unconsciously through everyday experience by means of conflation, during which cross-domain associations are formed. Complex metaphors are formed by conceptual blending. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 46).

³²[...] types of events and scenes which recur on a regular basis in our experience. (GRADY, 1997, p. 20).

com nossas interações direcionadas com o mundo [...]”³³, de **eventos básicos**, destacando a sua importância para seu modelo.

Ainda sobre as metáforas primárias, Grady (1997, p. 24, tradução nossa)³⁴ explica as **cenos primárias** como:

[...] episódios de experiência subjetiva, caracterizados pelas estreitas correlações entre circunstância física e resposta cognitiva. São elementos universais da experiência humana, definidos por capacidades e mecanismos cognitivos básicos, que se relacionam de forma relevante à interação direcionada com o mundo.

Assim, para o ser humano, a experiência de levantar um objeto pode ser interpretada de formas diversas, por conta das capacidades cognitivas que contribuem para a sua compreensão do mundo à sua volta. Um dos traços fundamentais das cenos primárias é essa correlação entre os diferentes aspectos de uma experiência. As **subcenos** são, por sua vez, as “dimensões individuais discretas das experiências”³⁵ (GRADY, 1997, p. 23, tradução nossa), ou seja, as experiências de intimidade, proximidade e calor vivenciadas subjetivamente.

Definidas por Grady (1997, p. 47, tradução nossa) como “metáforas que têm uma base experiencial direta e que motivam um conjunto altamente predizível de dados (ou seja, conjuntos sem “lacunas”)”³⁶, as metáforas primárias são componentes básicos na formação de outras metáforas: aquelas chamadas compostas de primárias ou complexas.

Grady (1997), não só reconhece a autonomia das metáforas primárias, como sustenta que duas ou mais metáforas primárias formam uma metáfora composta, pela junção de metáforas coerentes. Isto significa que duas metáforas se combinam e geram uma imagem metafórica mais específica que aquelas que a constituíram. Com isso, a metáfora que resulta dessa combinação absorve todas as

³³Simple, real-time experiences which relate in particular ways to our goal-oriented interactions with the world [...] (GRADY, 1997, p. 21).

³⁴[...] episodes of subjective experience, characterized by tight correlations between physical circumstances and cognitive responses. They are universal elements of human experience, defined by basic cognitive mechanisms and abilities, which relate in some salient sense to goal-oriented interaction with the world. (GRADY, 1997, p. 24).

³⁵[...]discrete, individual dimensions of the experience [...] (GRADY, 1997, p. 23).

³⁶Metaphors which have a direct experiential basis and which motivate highly predictable sets of data (i.e. sets without “gaps”) will be referred to as primary metaphors. (GRADY, 1997, p. 47).

informações de seus elementos constituintes, a saber: seus acarretamentos, correspondências e proposições.

Dentre as metáforas primárias propostas por Grady (1997), destacamos, como exemplos, aquelas relacionadas por Lakoff e Johnson (1999, p. 50-54, tradução nossa): AFEIÇÃO É CALOR; IMPORTANTE É GRANDE, FELIZ É PARA CIMA, INTIMIDADE É PROXIMIDADE, RUIM É DETESTÁVEL/DESAGRADÁVEL, DIFICULDADES SÃO PESOS, MAIS É PARA CIMA, CATEGORIAS SÃO RECIPIENTES, SEMELHANÇA É PROXIMIDADE, ESCALAS LINEARES SÃO CAMINHOS, ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA, AJUDA É SUPORTE, TEMPO É MOVIMENTO, ESTADOS SÃO LUGARES, MUDANÇA É MOVIMENTO, AÇÕES SÃO MOVIMENTOS COM AUTOPROPULSÃO, PROPÓSITOS SÃO DESTINOS, PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS, CAUSAS SÃO FORÇAS FÍSICAS, RELACIONAMENTOS SÃO RECINTOS FECHADOS, CONTROLE É PARA CIMA, CONHECER É VER, ENTENDER É PEGAR e VER É TOCAR.

Detalharemos, a seguir, ainda com base em Lakoff e Johnson (1999, p. 50-54, tradução nossa) algumas dessas metáforas em termos de seu julgamento subjetivo, de seu domínio sensório-motor e de sua experiência primária, incluindo exemplos. São elas:

- PROPÓSITOS SÃO DESTINOS

Julgamento subjetivo: Alcançar um objetivo

Experiência sensório-motora: Alcançar um destino

Exemplo: “Ele será bem sucedido no final, mas ele ainda não está lá.”

Experiência primária: Alcançar destinos na vida cotidiana e, dessa maneira, alcançar propósitos (i. é., se você quer uma beber água, você tem que ir ao refrigerador)

- DIFICULDADES SÃO PESOS

Julgamento subjetivo: Dificuldade

Domínio sensório-motor: Esforço muscular

Exemplo: “Ela está sobrecarregada de responsabilidades”

Experiência primária: O desconforto ou efeito disabling em levantar ou carregar objetos pesados

- INTIMIDADE É PROXIMIDADE

Julgamento subjetivo: Intimidade

Experiência sensório-motora: Estar próximo fisicamente

Exemplo: “Estivemos próximos durante anos, mas começamos a nos afastar.”

Experiência primária: Estar fisicamente próximo de pessoas de quem você é íntimo(a).

- FELIZ É PARA CIMA

Julgamento subjetivo: Felicidade

Domínio sensório-motor: Orientação corporal

Exemplo: “Estou me sentindo para cima hoje.”

Experiência primária: Sentir-se feliz e cheio de energia e ter uma postura vertical (correlação entre estado afetivo e postura)

- MUDANÇA É MOVIMENTO

Julgamento subjetivo: Experimentar uma mudança de estado

Domínio sensório-motor: Movimento

Exemplo: “Meu carro ultimamente tem ido de ruim para pior.”

Experiência primária: Experimentar a mudança de estado que acontece com a mudança de lugar à medida que você se movimenta/desloca.

- MAIS É PARA CIMA

Julgamento subjetivo: Quantidade

Domínio sensório-motor: Orientação vertical

Exemplo: “Os preços estão altos.”

Experiência primária: Observar a elevação e a queda dos níveis de pilhas e fluidos à medida que mais é acrescentado ou subtraído.

Sabendo da impossibilidade de disponibilizar uma relação de metáforas primárias mais completa, já que, segundo Lakoff e Johnson (1999), essa lista hoje inclui várias centenas delas, apresentamos apenas algumas com a intenção de demonstrar como são apresentadas, destacando os aspectos fundamentais de sua estruturação.

Reconhecendo que nossas limitações de tempo, espaço e escopo não nos permitem um aprofundamento maior da TIMP, buscamos sintetizar os aspectos mais relevantes da Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), tanto na proposta original quanto nos refinamentos que se seguiram: a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI) e a Teoria Integrada da Metáfora Primária (TIMP), que expandem e aprimoram os estudos da metáfora conceitual.

3.2.2 Abordagem da Análise do Discurso à Luz da Metáfora

Já revisitamos a visão tradicional ou aristotélica da metáfora, como um simples adorno linguístico, próprio da retórica ou da linguagem poética, e discutimos as mudanças pelas quais o estudo da metáfora vem passando desde a metade do último século até a atualidade, ocupando espaços cada vez mais relevantes e se tornando objeto de investigação de muitos teóricos e estudiosos, tanto na Linguística Cognitiva quanto em outros campos do conhecimento, afins ou não.

Também já vimos como Lakoff e Johnson (1980), com *Metaphors we live by*, publicado em 1980, apresentaram uma proposta baseada em um arcabouço teórico e filosófico de base cognitivista, que, como um reconhecido divisor de águas, tira a metáfora de sua condição de simples figura de linguagem, sem relevância em termos conceituais, para alçá-la à condição de figura do pensamento.

Essa figura, segundo Vereza (2010, p. 204), “[...] é aquela que não só surge no contexto da cognição, mas é em si mesma, responsável por grande parte dessa mesma cognição”. Assim, no tocante a essa nova abordagem da metáfora cujo lócus é o pensamento, Vereza (2010, p. 204) ressalta que

[...] ela não é mais um adorno supérfluo, mas um importante recurso cognitivo usado, não só para se “referir” a algo por meio de outro termo mais indireto, mas, de fato construir esse algo cognitivamente, a partir da interação com outro domínio da experiência. Dessa forma, a metáfora não seria apenas “uma maneira de falar”, mas sim de pensar (ou até mesmo de “ver”) o real de uma forma e não de outra.

Após essa mudança paradigmática, a metáfora passou a ser entendida como ferramenta cognitiva que permite que o ser humano veja e explique suas experiências, em especial aquelas mais abstratas, por meio de outras mais concretas. Assim, grande parte das expressões linguísticas de cunho metafórico usadas na linguagem cotidiana são evidências de metáforas conceituais que as licenciam.

Vimos, ainda, que essa nova teoria foi, ao longo dos anos sendo aperfeiçoada, e que algumas das lacunas existentes foram, gradativamente, sendo preenchidas, à medida que, motivados por essa nova proposta, muitos estudiosos desenvolviam um número cada vez mais significativo de pesquisas. O próprio Lakoff, em 1987, propôs, com base no experiencialismo, uma teoria que se funda nos

modelos cognitivos idealizados (TMCI), assim como outros estudiosos tais como: Grady (1997), Johnson (1997), Narayanan (1997) e Fauconnier e Turner (1998) também contribuíram com trabalhos que vieram a compor a Teoria Integrada da Metáfora, consolidada com a publicação de *Philosophy in the flesh*, em 1999. Mesmo expandida, para vários autores, há muitas coisas ainda nebulosas em relação a questões teóricas, que demandam maiores esclarecimentos, além de aspectos que a teoria não abordou de modo satisfatório.

A partir dos últimos anos da década de 90, várias investigações resultaram em questionamentos e críticas que partiam de pesquisadores que buscavam propor metáforas conceituais para dar respaldo às evidências encontradas e se manifestavam insatisfeitos com os exemplos criados fora de um *corpus* ou um contexto.

Dentre elas, estão aquelas cujo foco era análise das metáforas extraídas da linguagem em uso, ou seja, do discurso. Tais investigações, segundo Vereza (2010, p. 207), “[...] visavam à utilização de exemplos retirados de usos autênticos da língua e não apenas da intuição do pesquisador.” Vereza (2010, p. 208) ressalta, ainda, que

Felizmente, o cenário atual dos estudos da metáfora, muito voltado para a linguagem figurada no discurso, de forma alguma descarta os aspectos cognitivos inerentes à metáfora. Ao invés disso, procura-se criar articulações sistemáticas entre a cognição e o discurso, ressaltando a inseparabilidade dessas duas instâncias. A metáfora é de natureza tanto linguística quanto (socio) cognitiva, e o discurso promove e possibilita essa articulação e, ao mesmo tempo, dela depende. Dessa forma, o *lócus* da metáfora passa a ser o discurso, se entendermos esse conceito como o espaço em que aspectos sócio-cognitivos e linguísticos (se é que se pode fazer essa separação) se encontram para tecer a figuratividade, entre outras formas de criação de sentidos.

Ao optar por um estudo da metáfora no discurso, o pesquisador se defronta com seus aspectos multidimensionais e com vários desafios que incluem questões teórico-metodológicas. Assim, com base na necessidade de rigor na análise de aspectos considerados muito complexos, os pesquisadores desenvolvem suas propostas de procedimentos metodológicos, de modo a atender as especificidades do objeto estudado.

Esse foi o caso de Cameron (2003, 2007a, 2007b, 2008), do Grupo Pragglejaz (2007), Cameron e Deignan (2009), de Cameron *et al.* (2009), de Cameron e Maslen (2010), dentre outros, que optaram por desenvolver propostas que objetivam a identificação e análise das metáforas no discurso, no qual não só se articulam aspectos cognitivos e pragmáticos, mas também emergem metáforas.

Essa preocupação em relação à elaboração de uma proposta que preencha os requisitos que o rigor científico impõe está clara na afirmação de Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 77, tradução nossa) de que “[...] o papel da teoria é descrever e explicar os fenômenos sob consideração”³⁷, complementada pela seguinte reflexão de Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 77, tradução nossa) sobre a qualidade de uma teoria:

Uma boa teoria descreve cuidadosa e logicamente, verificando as descrições para sua adequação contra a evidência empírica, e oferece explicações de como os fenômenos vem a ser como aparentam ser e funcionar como o fazem.”³⁸

Por considerar o discurso o *locus* da metáfora, Cameron (2003, CAMERON; MASLEN, 2010) propõe um arcabouço teórico alternativo, que está baseado no discurso, para investigar como a metáfora funciona. Tanto a informação quanto a inspiração para elaboração dessa proposta, segundo Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010), tem origem na Teoria da Metáfora Conceitual, mas há divergência quanto à metáfora como resultado de domínios conceituais subjacentes ao uso real da metáfora na linguagem, ou seja, como uma instanciação de uma determinada competência que se caracteriza como fixa e pré-existente.

Cameron (2007a) destaca que, para a compreensão da metáfora, o melhor caminho é examiná-la, no seu aspecto dialógico, em pleno uso na linguagem de uma interação social e, para tanto, busca, transdisciplinarmente, na psicologia cognitiva, no sociointeracionismo vygotskiano, assim como no aparato teórico da Análise do Discurso, nas suas várias linhas. Segundo Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010), esse caráter transdisciplinar de sua proposta torna-a uma abordagem, um arcabouço teórico, pois investigações baseadas em teorias diversas

³⁷The role of theory is to describe and explain the phenomena under consideration. (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 77).

³⁸A good theory describes carefully and logically, checking descriptions for adequacy against empirical evidence, and offers explanation of how the phenomena come to be as they appear to be and to function as they do. (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 77)

podem se desenvolver desde que se cumpram os requisitos necessários, de forma a garantir a compatibilidade teórica.

Destacaremos, a partir de agora, alguns dos aspectos mais relevantes da Análise do Discurso à Luz da Metáfora (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON *et al.*, 2009; CAMERON; MASLEN, 2010). Retomaremos os conceitos de discurso, metáfora e metáfora sistemática, as dimensões em que a metáfora pode se analisada, as noções que se revelam essenciais para a análise, tais como: tema, tópico discursivo, veículo metafórico, dentre outros.

A concepção de **discurso** adotada nessa abordagem resulta do entendimento basilar dos “[...] fenômenos linguísticos e cognitivos como processos, fluxos ou movimentos, e não objetos.”³⁹ (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 82, tradução nossa). Assim, fundada nas teorias da complexidade e dos sistemas dinâmicos, Cameron compreende discurso “[...] como um sistema dinâmico que está em fluxo contínuo e trabalhando em várias dimensões e escalas temporais interconectadas.”⁴⁰ (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 82, tradução nossa).

Por ser o objeto de estudo na proposta de Cameron, conforme referências já relacionadas, não examinada separadamente, mas “[...] no discurso como interação social [...]”⁴¹ (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 77, tradução nossa), a **metáfora**, nessa abordagem, é concebida como “[...] um fenômeno multifacetado, ou talvez fosse mais preciso dizer que a ideia da metáfora engloba múltiplos fenômenos.”⁴² (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 7, tradução nossa).

Outro conceito relevante é o da **metáfora sistemática**. Segundo Cameron,

Uma metáfora sistemática é um fenômeno discursivo emergente que é produzido quando participantes de um discurso, durante um evento discursivo ou por um período mais longo usam um conjunto específico de veículos metafóricos linguísticos ao conversar sobre determinado tópico, ou tópicos intimamente relacionados. Uma metáfora sistemática não é uma metáfora única, mas um

³⁹[...] linguistic and cognitive phenomena as processes, flows or movement, rather than as objects. (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 82).

⁴⁰[...] as a dynamic system that is in continual flux and working on various interconnected dimensions and timescales. (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 82)

⁴¹[...] in discourse as social interaction (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 77)

⁴²[...] a multifaceted phenomenon, or perhaps it would be more accurate to say that the idea of metaphor encompasses multiple phenomena. (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 7)

agrupamento de metáforas intimamente conectadas.⁴³ (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 91, tradução nossa)

Ressaltamos que as metáforas sistemáticas resultam do cuidadoso olhar do pesquisador, numa criteriosa análise reflexiva que viabilize inferir a emergência dessas metáforas no discurso.

A análise da metáfora discursiva inclui suas várias dimensões: a linguística, a corporificada, a cognitiva, a afetiva, a sociocultural e a dinâmica. Todas essas dimensões são relevantes quando a metáfora é utilizada como ferramenta de pesquisa porque podem oferecer informações sobre como as pessoas pensam, sobre convenções socioculturais por elas adotadas ou rejeitadas, e sobre suas ideias e sentimentos.

Além dos conceitos de discurso, metáfora e metáfora sistemática retomados, são importantes algumas noções básicas para uma maior compreensão dos procedimentos metodológicos adotados na Análise do Discurso à Luz da Metáfora. São elas: dinâmica do discurso, evento discursivo, tema, tópico discursivo, veículo metafórico, mudança metafórica, dentre outras que discutiremos a seguir.

Uma vez que, nessa abordagem, o discurso é entendido como um sistema dinâmico complexo, a **dinâmica do discurso** é o processo de interação dos diversos sistemas que o compõem, tais como o cognitivo, o corpóreo, o linguístico, o social, o cultural, o afetivo para a compreensão e produção. O **evento discursivo** é o instante do uso da linguagem, com duração indeterminada, entre dois ou mais interlocutores. As atividades metafóricas podem acontecer em três tipos de **sequências temporais de interação discursiva**: a sequência temporal microgenética, a sequência temporal do evento discursivo, e a sequência filogenética da história sociocultural.

Como um sistema complexo, o discurso se desenvolve em torno de um ou mais **temas**, que são os assuntos que parecem caracterizar os **tópicos discursivos**. Estes são, segundo Jubran *et al.* (1992), as partes do discurso em que se verifica a participação colaborativa dos interlocutores, estabelecida a partir de uma série de fatores contextuais, que incluem, dentre outros, os conhecimentos

⁴³A systematic metaphor is an emergent discourse phenomenon that is produced when discourse participants, over a discourse event or longer period of time, use a particular set of linguistic metaphor vehicles in talking about a particular topic, or closely related topics. A systematic metaphor is not a single metaphor but an emergent grouping of closely connected metaphors. (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 91).

compartilhados, as condições circunstanciais e particulares da interação, as diversas percepções de mundo, crenças e valores, as situações experienciadas por cada interlocutor, assim como aspectos cognitivos, entre outros.

O **veículo metafórico** é o resultado de uma disjunção de significados que, de acordo com Cameron⁴⁴ (2007a, p. 118, tradução nossa), decorre de “[...] (1) a presença de um item lexical (o veículo) que tem um significado que se pode dizer que contrasta com o seu significado no contexto discursivo, e (2) o potencial para um significado adicional a ser produzido como resultado da combinação destes”. Segundo Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010), para confirmar a suposição de um termo quanto à sua condição de veículo, dois requisitos devem ser preenchidos: 1) a existência de um contraste ou incongruência entre seu significado básico, e aquele apresentado no contexto discursivo e 2) a ocorrência de uma transferência de sentido, que permita a compreensão do segundo significado (o contextual) por meio do primeiro (o básico).

Os veículos metafóricos, ao longo do discurso, durante o período de desequilíbrio, estão sujeitos ao que Cameron (2008) denomina **mudança metafórica**, que se explica como um fenômeno da metáfora em uso. Assim, sua **literalização** (quando um item lexical tem seu simbolismo carregado do seu uso literal); seu **reemprego** [quando um mesmo item lexical ou outro semanticamente similar é reempregado em outro(s) tópico(s) discursivo(s), ou seja, uma mudança de referência tópica]; assim como seu **desenvolvimento** ou expansão (quando o mesmo termo é repetido, explicado, exemplificado, contrastado e/ou relexicalizado dentro do mesmo tópico discursivo ou em tópicos conexos) são os fenômenos que ocorrem durante uma interação discursiva.

Para definir a estrutura do discurso produzido pelos participantes no padrão ***talking-and-thinking*** (processo dinâmico entre interlocutores que se caracteriza pela inseparabilidade entre linguagem e pensamento, segundo CAMERON, 2003), o pesquisador pode observar três tipos de componentes: as **narrativas** (relatos de fatos envolvendo os participantes ou conhecidos que emergem durante o evento discursivo); os **cenários** (relatos generalizados que emergem na interação verbal e se baseiam em fatos); e as **estórias circulantes**

⁴⁴[...] (1) the presence of a lexical item (the vehicle) that has a meaning that can be said to contrast with its meaning in the discourse context, and (2) the potential for extra meaning to be produced as a result of bringing these together. (CAMERON, 2007a, p. 118).

(estórias baseadas em fatos reais que emergem durante a interação verbal e passam a servir de exemplo ou referência, propiciando o compartilhamento de estórias emocionantes, dramáticas, lembrando-as e, dessa forma, alimentando seus medos).

Durante a interação discursiva, que apresenta dois níveis (o individual e o da comunidade linguística ou grupo sociocultural), pode ocorrer, por parte dos interlocutores, tanto uma **tomada de perspectiva** (mudança de perspectiva que indica emergência de empatia no discurso) ou **apropriação metafórica** (quando outro participante faz uso de um mesmo veículo metafórico em outro tópico discursivo).

Para sua alimentação no Atlas.ti, o discurso a ser analisado tem de ser fragmentado em unidades de entonação. De acordo com Chafe (1994), a **unidade de entonação ou entonacional** é uma realização hipotética da atividade cognitiva que se manifesta linguisticamente, definição que é reiterada por Cameron (2007a). A unidade de entonação foi adotada como padrão nos procedimentos descritos por Cameron (CAMERON *et al.*, 2009). Dessa forma, cada linha de transcrição equivale a uma unidade de entonação, geralmente marcada pelo fôlego de produção oral, isto é, aquilo que é dito de um só fôlego.

Este é o aparato conceitual para a compreensão dos procedimentos metodológicos adotados para a análise do discurso das mulheres em situação de violência doméstica fundada na visão discursiva da Análise do Discurso à Luz da Metáfora.

Há ainda o **Atlas.ti**, já mencionado, que é um *software* utilizado na organização de dados obtidos em pesquisa qualitativa. Esses dados são transcritos e depois alimentados no Atlas.ti, hoje já na sua versão 7.0. O Atlas.ti, como *software*, segundo as informações constantes no seu manual, oferece um conjunto de ferramentas de qualidade que fornecem ao seu usuário as condições necessárias para procurar, selecionar e analisar informações, assim como para capturar, visualizar e compartilhar descobertas (ATLAS.TI, 2009).

3.2.3 Aportes relevantes das Teorias da Complexidade e dos Sistemas Adaptativos Complexos para esta investigação

Para uma melhor compreensão dos fundamentos da Abordagem da Análise do Discurso à Luz da Metáfora, proposta por Cameron, conforme referências anteriormente relacionadas, abordaremos, a seguir, alguns princípios e aspectos das Teorias da Complexidade ou do Caos e dos Sistemas Adaptativos Complexos. Não é nossa intenção explorar qualquer uma dessas teorias integralmente como aportes essenciais desta pesquisa. Nosso objetivo é destacar alguns dos seus pressupostos teóricos que podem contribuir para uma melhor compreensão da proposta de Cameron, aparato teórico no qual se ancora nossa investigação.

3.2.3.1 Aportes da Teoria da Complexidade

Durante muito tempo, o homem entendeu o mundo à sua volta linearmente, reduzindo-o a uma relação de causa e efeito regida por leis muito simples. Assim, por meio de um processo permanente de simplificação (MORGAN, 2007), o homem supunha controlar tudo. Pensadores e cientistas explicavam o universo como uma máquina cujas partes podiam ser isoladas para estudo e melhor entendimento do todo. Buscando conhecer as partes e suas relações de interação e utilizando princípios básicos e leis gerais para explicar os fenômenos analisados, seu objetivo era conseguir antecipar o comportamento de qualquer sistema.

Assim, até meados do século XIX, conforme Morin (2006), esse paradigma mecanicista orientou a construção do conhecimento humano, com base nas ideias de Aristóteles, Copérnico, Galileu, Descartes e Newton. Seu aparato teórico fundamentou muitos estudos essenciais para a evolução científico-tecnológica que deu origem à teoria da relatividade de Einstein, às leis da Termodinâmica e à física quântica. Também foi o reducionismo biológico que viabilizou os estudos sobre a natureza físico-química de todo ser vivo. Assim, se hoje há reconsiderações baseadas no progresso científico alcançado sobre a complexa realidade do mundo que nos cerca, desde a nanociência até o universo cósmico, muito se deve aos resultados obtidos por meio desse modelo.

Esse paradigma, entretanto, não conseguiu alcançar a previsibilidade e o controle dos fenômenos, principalmente daqueles relativos aos ecossistemas e aos sistemas meteorológicos e imunitários. Surgiu então outro modelo – o paradigma da complexidade – com pressupostos fundados em relações, emergências, padrões e

iterações, segundo o qual nosso universo é composto por uma infinidade de sistemas complexos em constante processo de adaptação ao seu meio.

Como o modelo anterior, esse paradigma faz distinções e analisa, mas vai além disso, pois busca estabelecer comunicação entre o que se distingue, ou seja, o objeto, o ambiente ou a coisa observada e o seu observador. Assim, todo e parte não se sacrificam um em relação ao outro e nem se torna possível um pensamento linear que imponha lógica que não contemple contradições e desordens.

Voltando-se para a realidade social no seu sentido mais amplo, Morin (2003, p. 38), explica seu entendimento do que é Complexidade (Complexus).

Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade (MORIN, 2003, p. 38).

De acordo com Morin (1998, p. 30), esse paradigma da Complexidade propõe, portanto, uma visão “poliocular ou poliscópica, em que, por exemplo, as dimensões físicas, biológicas, espirituais, culturais, históricas daquilo que é humano deixem de ser incomunicáveis”.

Morin (1986, p.123), ainda sobre esse paradigma, sustenta que “[...] toda vida, cada vida, a vida de toda sociedade só pode ser multidimensional. Não de maneira harmoniosa, complementar e realizada, mas no conflito, no dilaceramento, na contradição.” Isso significa que a realidade, com suas múltiplas dimensões que se inter-relacionam, agem umas sobre as outras, implicam uma determinada ordem (e também desordem), é a própria complexidade.

Englobando uma série de teorias recentes, tais como: dos sistemas dinâmicos complexos, do caos, das catástrofes, dos fractais, da auto-organização e sinérgica, a Teoria da Complexidade designa uma abordagem multidisciplinar de natureza científica e filosófica dos fenômenos naturais que, hoje, se aplica não só às áreas onde surgiu (biologia, física e ciência da computação), na décadas de 40 e 50 do século XX, mas também à economia, sociologia, antropologia e linguística, campo em que apresenta desenvolvimento mais aprimorado. Essa teoria propicia uma visão que se aproxima cada vez mais da realidade definida em função de relacionamentos e processos. De acordo com essa visão, cada ser

humano estabelece relações, afeta e é afetado por ideias e ações de todos os outros.

Tendo em vista que a Abordagem da Análise do Discurso à Luz da Metáfora ancora-se também nos pressupostos teóricos da Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos, já que metáfora e discurso, nessa proposta de Cameron, são compreendidos como sistemas dinâmicos adaptativos complexos, apresentaremos, mais detalhadamente, a seguir alguns dos aspectos relativos a esses sistemas, de modo a contribuir para uma melhor compreensão dos conceitos adotados.

3.2.3.2 Aportes da Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos

De acordo com Larsen-Freeman e Cameron (2007), tanto uma cidade, com seus habitantes, lugares, roteiros e atividades, quanto um sistema ecológico como uma floresta, com sua topografia, fauna, flora, podem ser considerados como sistemas complexos, já que

No tipo de sistema complexo com o qual nos ocupamos, tudo é dinâmico: não só os elementos e agentes que o compõem mudam com o tempo, viabilizando os estados de mudança do sistema, mas também as maneiras como os componentes interagem uns com os outros mudam com o tempo. Se os componentes são, em si mesmos, sistemas complexos, então o dinamismo vai “até embaixo” também, uma vez que todos os subsistemas aninhados dentro do subsistema maior estão em fluxo. Um sistema de atividade ou desenvolvimento humano será dinâmico em cada nível de organização humana ou social, desde o sociocultural, passando pelo individual, descendo até o neural e celular.⁴⁵ (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2007, p. 29, tradução nossa).

A Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos, considerada a sua aplicação nas diversas áreas do conhecimento, tais como as ciências biológicas (biologia), as ciências exatas (matemática), as ciências humanas (administração, engenharia de produção) e cognitivas (filosofia, lógica), é uma teoria que hoje se

⁴⁵In the type of complex systems that we are concerned with, everything is dynamic, not only do the component elements and agents change with time, giving rise to changing states of the system, but the ways in which components interact with each other also change with time. If components are themselves complex systems, then the dynamism goes “all the way down” too, in that all subsystems nested inside the bigger system are in flux. A system of human activity or development will be dynamic at each level of social or human organization, from the sociocultural, through the individual and down to the neural and cellular. (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2007, p. 29).

volta também para estudos que se desenvolvem sobre questões cujo foco é a relação mente-corpo e as investigações fenomenológicas.

Lima (2012) esclarece que o interesse da Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos por esses estudos se deve, no caso da corporificação, por exemplo, ao fato de que mente e corpo, elementos estruturados para funcionar em uma relação de interdependência, viabilizam a própria existência por meio do funcionamento de um sistema complexo. Tal sistema, em sua interação com outros elementos de caráter cultural, social e histórico relevantes nesse processo interativo, permite que se estabeleçam padrões comportamentais e de compreensão da realidade.

Os sistemas dinâmicos adaptativos complexos baseiam-se na concepção ecológica do comportamento humano e, assim sendo, apresentam-se como estruturas cujos componentes incluem elementos e/ou agentes que estabelecem entre si conexões e relações que resultam em interação de caráter essencialmente dinâmico. Sua complexidade justifica-se não somente pelos múltiplos elementos e agentes, e suas conexões e relações, mas também, e principalmente, por se verificarem mudanças frequentes nessas conexões e relações existentes entre seus componentes, que propiciam processos de auto-organização e emergência.

Embora entendidos como fechados e autocontidos, os sistemas complexos estão abertos a novas energias e sujeitos a mudanças constantes que resultam tanto da interação de seus próprios elementos (internos) quanto de outros alheios a eles (externos). São essas frequentes mudanças que geram a instabilidade que leva às adaptações e evoluções. Estas resultam na permanente e dinâmica adaptação ou transformação causada pela emersão de outra ordem.

Para uma melhor compreensão desses sistemas, faz-se necessário apresentar algumas noções e propriedades que os explicam e/ou caracterizam.

Dentre as noções básicas mais relevantes estão as seguintes: caos, complexidade, variabilidade, estabilidade, atrator e fractal. No que tange às propriedades, destacam-se: a auto-organização, a coevolução, a conectividade, a emergência, a iteração, o limite do caos, as regras simples, os sistemas aninhados, o subideal e a variedade, que serão discutidas logo a seguir.

A primeira noção a ser tratada é a de **caos**. Gutierrez (2011) destaca que 'caos' tem registros entre 2500 e 4000, significando a falta de ordem, de leis, de

forma e de determinação que existia antes da ordem na origem do mundo. No mundo contemporâneo, 'caos' associa-se a acaso e está relacionado a "uma evolução temporal com dependências hipersensíveis das condições iniciais" (RUELLE, 1993, p. 65), ou seja, pequenas alterações nas condições iniciais de um sistema podem gerar situações completamente imprevisíveis. Segundo Briggs e Peat (2013), 'caos' refere-se a um tipo de ligação subjacente que há em ocorrências consideradas aleatórias e a ciência do caos enfoca não só a variação e a gradação de detalhes, os padrões inaparentes e o aspecto sensível das coisas, mas também as normas que controlam os instrumentos ou procedimentos por meio dos quais condições inesperadas geram algo diferente, algo totalmente novo.

Le Moigne (1977) sustenta que a **complexidade** implica imprevisibilidade, a emergência do novo e da mudança dentro do sistema. Assim, o fenômeno é complexo quando apresenta certa imprevisibilidade potencial dos comportamentos. Para Kuhn (1972), a passagem do paradigma cartesiano para o sistêmico tem o objetivo de analisar ou resolver fenômenos que são tidos como complexos e a complexidade presente nesses fenômenos decorre do desafio de alcançar um melhor entendimento no que concerne à participação do homem em tal contexto.

A terceira noção a ser apresentada é a de **variabilidade**, que é uma das características dos sistemas dinâmicos adaptativos complexos. A grande variedade de conexões que se estabelecem entre determinados componentes ou agentes, ou entre estes e outros componentes ou agentes de um sistema, propicia interações das mais diversas, criando um ambiente em que ações e reações se repetem em permanente processo de adaptação. Quanto mais variações um sistema complexo sofre, mais forte e duradouro ele se torna, em decorrência da multiplicidade de conexões que se estabelecem entre seus inúmeros elementos, internos ou externos. Conforme Waldrop (1992, p. 145),

Em sistemas complexos, cada componente ou agente se encontra em um ambiente produzido por suas interações com outros agentes no sistema. Está constantemente agindo e reagindo ao que outros agentes estão fazendo. E, por causa disso, essencialmente, nada no seu ambiente está fixo.

A **estabilidade** é outra noção relevante no que tange aos sistemas dinâmicos adaptativos complexos. Segundo Larsen-Freeman e Cameron (2008), a estabilidade momentânea de um sistema é resultado da utilização do recurso da

variabilidade pelo sistema. As metáforas emergem no discurso como tentativas de estabilização da variabilidade e da dinâmica do discurso.

De acordo com Larsen-Freeman e Cameron⁴⁶ (2008, p. 50, tradução nossa), “Um **atrator** é uma região específica no espaço de fases no qual o sistema tende a se movimentar. Torres (2005, p.)⁴⁷ explica atrator como “[...] uma região (subconjunto) do espaço de fase de sistemas dissipativos para a qual tendem as trajetórias que partem de determinada região. É como um campo de força que exerce uma certa atração numa determinada região do espaço. Os atratores representam o processo de auto-organização dos sistemas.”

Segundo Larsen-Freeman (1997), o que se denomina **fractal** é uma reprodução de si mesmo (i.e. do próprio sistema), com todas as características originais, independentemente de tamanho. Esse conceito, proposto por Mandelbrot (1982), resultou de sua necessidade de descrever padrões entendidos como autossimilares, consideradas quaisquer escalas de visualização.

Embora a teoria dos Sistemas Dinâmicos Adaptativos Complexos apresente bastante relevância para este estudo, o nosso aprofundamento teórico pretende se limitar a aportes que se façam necessários no desenvolvimento da investigação. Acreditamos que essas noções e características, assim como essas propriedades a serem apresentadas a seguir, tornam mais fácil o entendimento tanto do discurso como um sistema dinâmico adaptativo complexo, quanto de suas características mais importantes. Essa concepção de discurso, como já mencionado, é a que fundamenta a proposta de Cameron (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON *et al.*, 2009; CAMERON; MASLEN, 2010).

Dentre as principais propriedades dos sistemas adaptativos complexos, estão as seguintes: auto-organização, coevolução, conectividade, emergência, iteração, limite do caos, regras simples, sistemas aninhados, subideal e variedade.

No que tange à **auto-organização**, é possível dizer que não há qualquer tipo de hierarquia ou comando em um sistema adaptativo complexo, assim como não há planejamento e gestão. O que efetivamente existe é uma permanente reorganização no sentido de propiciar o melhor ajuste possível do sistema ao seu

⁴⁶An attractor is a region of a system's state space into which the system tends to move. (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2007, p. 50).

⁴⁷<http://www.juliotorres.ws> Acesso em 13 jun 2013,

ambiente. Assim, sem que haja qualquer plano, comando ou controle, por meio de um processo de emergência e feedback, os sistemas se auto-organizam, de modo absolutamente contínuo.

De acordo com a propriedade da **coevolução**, todos os sistemas existem em seu próprio ambiente e são parte constituinte desse ambiente em que existem. Qualquer mudança no seu ambiente implica em mudança no próprio sistema para garantir o ajuste necessário à sobrevivência. Ao mudar, os sistemas mudam seu ambiente, que, por sua vez, muda também, impondo-lhe nova mudança, em processo permanente de evolução paralela.

No caso da **conectividade**, os componentes ou agentes de um sistema se conectam e se relacionam uns com os outros, de forma a garantir a sobrevivência desse sistema, já que são essas conexões que propiciam a emergência dos padrões de comportamento que os caracterizam. Destacamos que as relações entre os elementos de um sistema são, muitas vezes, de maior relevância que os elementos propriamente ditos.

No que concerne à propriedade denominada **emergência**, é relevante observar que, em decorrência de uma interação de múltiplos padrões e aparentemente aleatória dos agentes do sistema complexo, sem qualquer planejamento ou controle, emerge tanto o comportamento desses agentes no âmbito do sistema quanto o do sistema propriamente dito.

Segundo a propriedade da **iteração**, pequenas mudanças nas condições iniciais do sistema podem ter efeitos significativos na emergência de novos comportamentos e padrões, depois de passarem pelo ciclo emergência – *feedback*, algumas vezes conhecido como o efeito borboleta.

A propriedade conhecida como **limite do caos** estabelece que há, sem dúvida, lugar para o caos na teoria da complexidade, uma vez que os sistemas existem em um espectro que apresenta constante variação entre o equilíbrio e o caos. Um sistema em equilíbrio não tem a dinâmica interna que lhe permita responder ao seu ambiente e, por conta disso, morre. Um sistema no caos deixa de funcionar como um sistema. O estado mais produtivo é estar à beira do caos, onde há variedade máxima e criatividade, que levam a novas possibilidades.

As **regras simples**, outra propriedade, determinam que os sistemas adaptativos complexos são, na verdade, regidos por regras bem simples. Os padrões emergentes podem ter uma diversidade muito grande, mas, exatamente

como um caleidoscópio, todas as regras que definem a função do sistema são elementares.

No caso dos **sistemas aninhados**, fica bem claro que uma grande parte dos sistemas está aninhada em outros que, por sua vez, também se aninham em outros ou são sistemas compostos de muitos outros menores. Dessa forma, muitos sistemas fazem, eles próprios, parte de outros sistemas.

A propriedade denominada **subideal** justifica que não há necessidade de um sistema adaptativo complexo buscar a perfeição. Um SAC não tem que ser perfeito para ser bem sucedido em seu ambiente. Basta-lhe ser um pouco melhor que os outros, ter um padrão subideal, pois toda a energia usada para ir além desse nível é considerada desperdício.

A última propriedade, mas nem por isso menos relevante, é **variedade**, que reza que quanto maior for a variedade no âmbito do sistema, mais forte ele se torna. É fato que ambos a ambiguidade e o paradoxo existem em abundância em sistemas adaptativos complexos, que, por sua vez, utilizam tais contradições para produzir, de forma criativa, novas possibilidades de coevolução com o ambiente. Mantendo-se flexível, garante sua sobrevivência.

Ao refletirmos sobre essas noções, características e propriedades, podemos estabelecer relações sobre como se aplicam também ao discurso, visto como um sistema dinâmico adaptativo complexo, conforme a concepção de Cameron, que adotamos nesta investigação.

3.2.4 Conceitos adotados na investigação

São relevantes para a nossa análise, os conceitos de discurso, figuratividade, metáfora, metáfora sistemática e mudança metafórica, sobre os quais teceremos algumas considerações.

3.2.4.1 Discurso

Uma vez que nossa análise se ancora, principalmente, na perspectiva discursiva proposta por Cameron (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON *et al.*, 2009, CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON; MASLEN, 2010),

adotaremos, nesta investigação, a concepção de **discurso** proposta por Cameron, Low e Maslen⁴⁸, segundo a qual,

Discurso é um resultado dos processos cognitivos e linguísticos nos quais as pessoas se engajam ao falar e escrever. O que é expresso ou compreendido no seu fluxo é o melhor resultado disponível naquele momento, dentro daquelas limitações e naquelas circunstâncias. Estes resultados não são arbitrários; refletem as múltiplas influências de experiências anteriores, convenções socioculturais e restrições relativas ao processamento. (CAMERON; LOW; MASLEN, 2010, p. 116, tradução nossa).

Com base em Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010), considerado um sistema dinâmico complexo, o discurso tem composição que se caracteriza pela diversidade de elementos ou agentes em constante interação por meio de suas diferentes conexões e relações ativas, nas quais se fazem presentes algumas instabilidades. Por conta disso, entendemos que o discurso está sujeito à interferência de variáveis diversas e em permanente adaptação às necessidades contextuais, que se manifestam a partir das contribuições dos indivíduos envolvidos no evento discursivo. No seu fluxo (CAMERON; MASLEN, 2010), portanto, o que é manifesto ou compreendido, longe de ser arbitrário, reflete essa multiplicidade de influências de experiências anteriores, convenções de ordem sociocultural e limitações relativas ao seu processamento.

3.2.4.2 *Figuratividade*

É relevante, também, entender que a figuratividade manifesta por meio de metáforas, uma das categorias de análise neste trabalho, não é apenas um recurso retórico, um ornamento linguístico ou um desvio. De acordo com Vilela, tratar ideias como se fossem coisas é mais que um simples processo de representação linguística, pois

A figuratividade não é, portanto, uma exceção, um embelezamento: lidar com ideias como se fossem objectos, não representa apenas

⁴⁸ Discourse is the outcome of the cognitive and linguistic processes that people engage in when they speak and write. What is expressed or understood in the flow of discourse is the best outcome available at that time, under those constraints and in those circumstances. These outcomes are not arbitrary; they reflect the multiple influences of past experience, sociocultural convention and the constraints of processing. (CAMERON; LOW; MASLEN, 2010, p.116)

um processo de representação linguística, é sobretudo um processo mental para a conceptualização e categorização do mundo. A própria mente está estruturada de tal modo que o mapeamento do mundo só pode ser feito pela via da corporização da actividade mental: é toda a estrutura da linguagem que assim está organizada. (VILELA, 2005, p. 33).

3.2.4.3 *Metáfora*

Quanto à **metáfora** que emerge no discurso caracterizando a figuratividade, nosso entendimento baseia-se na concepção de Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010) de que essa metáfora é uma ideia que abrange múltiplos fenômenos com dimensões que precisam ser consideradas e que são de ordem linguística, corporificada, cognitiva, afetiva, sociocultural e dinâmica.

De acordo com Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 4, tradução nossa), “O termo ‘metáfora linguística’ aqui se refere às metáforas que são encontradas no uso da linguagem”⁴⁹ e, por conta de sua carga indicativa de metáfora, abrange toda a gama, desde a metáfora mais nova àquela convencionalizada há mais tempo.

Em termos dessa dimensão linguística, fazendo a ressalva de que esse termo não se restringe à expressão linguística licenciada pela metáfora conceitual, como no caso da TMC, proposta por Lakoff e Johnson (1980, 1999), Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010) sustenta que a emergência de uma metáfora linguística acontece com o surgimento de determinada palavra ou expressão que estabelece uma oposição ao significado apresentado pelo discurso até então, destacando que essa palavra ou expressão é o veículo metafórico, não a metáfora propriamente dita.

Cameron e Maslen (2010, p. 4, tradução nossa) entendem que.

A metáfora em uso é corporificada, no sentido de que falar ou escrever, ouvir ou ler são muito mais que processos mentais; nosso corpo participa e interpreta, olhos e cabeça se movimentam, a pele reage e responde. Também em escalas temporais mais longas, a metáfora é corporificada, visto que formas convencionalizadas refletem, e talvez ativem, memórias de experiência física.⁵⁰

⁴⁹The term ‘linguistic metaphor’ here refers to metaphors that are found in language use. (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 4).

⁵⁰Metaphor in use is embodied, in the sense that speaking or writing, listening or reading, are much more than mental processes; our bodies participate and interpret, eyes and head move, skin reacts and responds. On longer timescales too, metaphor is embodied, as

Reiterando essa ideia, Gibbs e Macedo (2010, p. 680, tradução nossa) ressaltam que “[...] uma das descobertas-chave na revolução contemporânea dos estudos sobre a metáfora é a natureza corporificada do pensamento e da linguagem metafórica”.⁵¹ Destacam, ainda, que

A metáfora, longe de ser um aspecto ornamental da língua, é parte integral da maneira como as pessoas falam e pensam sobre uma ampla diversidade de eventos humanos e conceitos abstratos. Por outro lado, a metáfora não é agora apenas algo por meio do qual se pensa, é um modo de ser que resulta de padrões recorrentes de experiência corporificada. Quando falamos, em inglês, “Minha nova pesquisa está começando bem”, nós o fazemos porque movimento ao longo de um caminho é uma experiência corpórea que se dissemina pela vida cotidiana proporcionando uma base ideal para pensar sobre a ideia mais abstrata de progresso em direção a algum objetivo abstrato (por exemplo: PROGRESSO EM DIREÇÃO A UM OBJETIVO É MOVIMENTO AO LONGO DE UM CAMINHO EM DIREÇÃO A UM DESTINO). (GIBBS; MACEDO, 2010, p. 680, tradução nossa).⁵²

Ao ressaltar a importância da Teoria da Metáfora Conceitual como fonte de inspiração, corroborando o reconhecimento de como essa teoria contribuiu diretamente para a grande virada paradigmática, Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010) afirma que a maior contribuição de Lakoff e Johnson (1980) foi destacar a natureza sistemática das metáforas convencionadas no uso da linguagem nas comunidades discursivas. Isso, entretanto, não a impede de recusar a teoria lakoffiana como verdade única ou base teórica, já que apoia o debate sobre a sua inadequação. Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010) reconhece a dimensão cognitiva da metáfora, embora não se aprofunde em suas explicações sobre a emergência de expressões linguísticas licenciadas por metáforas conceituais ao longo de eventos discursivos diferentes.

conventionalized forms reflect, and perhaps activate, memories of physical experience. (CAMERON; LOW; MASLEN, 2010, p. 4).

⁵¹One of the key discoveries in the contemporary revolution in metaphor studies is the embodied nature of metaphorical thought and language. (GIBBS; MACEDO, 2010, p. 680).

⁵²Metaphor, far from being an ornamental aspect of language, is integral to the way people speak and think about a wide variety of human events and abstract concepts. Yet metaphor is not now just something we think by, it is a mode of being that arises from recurring patterns of embodied experience. When we talk, in English, of “My new research is off to a good start,” we do so because movement along a path is a pervasive bodily experience in everyday life that provides an ideal foundation for thinking about the more abstract idea of progress toward some abstract goal (e.g. PROGRESS TOWARD A GOAL IS MOVEMENT ALONG A PATH TOWARD A DESTINATION). (GIBBS; MACEDO, 2010, p. 680).

Além dessas dimensões, Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010) destaca como relevantes também os aspectos afetivo, sociocultural e dinâmico. Os veículos metafóricos presentes nas metáforas linguísticas trazem consigo uma inegável carga afetiva e refletem as crenças, atitudes, avaliações, emoções e perspectivas, assim como os valores, princípios e critérios que motivaram a sua escolha por parte de quem as utiliza na manifestação de suas ideias e sentimentos. Segundo Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010), na análise de um evento discursivo, é possível constatar que as metáforas que nele emergem podem ser bem mais reveladoras que a metáfora simples, apresentando padrões relativos a sentimentos, atitudes etc.

A dimensão sociocultural da metáfora fundamenta-se na concepção de discurso e linguagem como atividades de caráter social, com base no dialogismo bakhtiniano. De acordo com Bakhtin,

[...] Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico. (BAKHTIN, 1998, p. 86)

Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010) reitera que, para que uma metáfora se convencie na linguagem em uso em comunidades linguísticas, faz-se necessário muito mais tempo do aquele em que se viabiliza o compartilhamento de metáforas específicas na interação verbal de participantes de um evento discursivo, em interação social permeada por diferentes escalas temporais.

A dinamicidade da metáfora funda-se no processo de interação. É em decorrência não só do aspecto dialógico do discurso de indivíduos em evento discursivo, manifestando seus sentimentos e ideias, mas também da riqueza da troca e do compartilhamento de ideias e modos de expressá-las que emergem metáforas que resultam em padrões que se verificam ao longo do evento. Segundo Cameron, numa análise com metodologia fundamentada na Análise do Discurso à Luz da Metáfora, o foco está voltado para as metáforas em cadeia que emergem ao longo do evento discursivo, são criteriosamente identificadas e se caracterizam por desvelar os padrões de significado que geram ou refletem.

Dessa forma, na proposta de Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010), a metáfora linguística no discurso, considerada em todas as suas dimensões, torna-se um instrumento importante quando o objetivo de determinada pesquisa é entender o que as pessoas sentem e pensam, conhecer as convenções sociais a que estão vinculadas ou que rejeitam, assim como saber quais são as suas crenças, atitudes, emoções etc.

3.2.4.4 Metáfora Sistemática

Por fim, destacamos o conceito de **metáfora sistemática** como aquelas metáforas que são emergências não só discursivas, mas também cognitivas, uma vez que fatores de caráter corpóreo e socioculturalmente situados contribuem para a sua manifestação.

Na sua discussão sobre metáforas sistemáticas, Berber-Sardinha (2007, p. 37), ressalta que essas metáforas “[...] sistematicamente indicam que os participantes de uma interação estão ativando algum tipo de representação mental.”

Entretanto, segundo a abordagem proposta por Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010), a metáfora sistemática emerge no discurso de participantes de um evento discursivo e é entendida não como um fenômeno individual, mas como um fenômeno social que resulta da sua interação.

De acordo com Cameron,

Uma metáfora sistemática é um fenômeno que emerge no discurso que se produz quando participantes desse discurso, durante um evento discursivo ou um período mais longo de tempo, usam um conjunto específico veículos de metáforas linguísticas ao conversar sobre um determinado tópico ou tópicos intimamente conectados.⁵³ (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 91, tradução nossa).

No âmbito da dinâmica discursiva, essa metáfora, esclarece Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010), caracteriza-se por reunir várias metáforas intimamente relacionadas que se desenvolvem e se ajustam à medida que o discurso evolui. Cameron ressalta ainda que

⁵³A systematic metaphor is an emergent discourse phenomenon that is produced when discourse participants, over a discourse event or longer period of time, use a particular set of linguistic metaphor vehicles in talking about a particular topic, or closely related topics. (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 91).

A metáfora sistemática é vista como um tipo de estabilização temporária na dinâmica de pensar-falar, que tem a possibilidade de evolução à medida que o discurso prossegue. Como uma formulação emergente, a metáfora sistemática pode vir a restringir ou influenciar como os participantes do discurso pensam e falam sobre tópicos.⁵⁴ (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 91, tradução nossa).

Assim, ao analisar e interpretar os dados apurados, levaremos em conta que as metáforas sistemáticas que resultarão de nossas inferências serão reunidas, revelando como o discurso dos participantes do evento discursivo se desenvolve, se ajusta e flui, na sua condição de sistema dinâmico, resultando de uma efetiva troca de contribuições entre participantes. Essa troca acontece à medida que estes desenvolvem as ideias, suas ou de outrem, e essa atividade discursiva resulta da interação dos subsistemas dinâmicos complexos de cada indivíduo: linguísticos, cognitivos, socioculturais, afetivos e físicos.

3.2.4.5 *Mudança metafórica*

Mudança metafórica, segundo Cameron (2008), é a alteração ou adaptação que sofre o veículo metafórico depois de ser usado pela primeira vez durante a interação verbal. Considerando que essa interação tende a prosseguir e que as emersões das metáforas também tendem a acontecer, esse veículo metafórico usado uma única vez pode apresentar recorrência(s) nessa continuação. Assim, os participantes de um evento discursivo podem fazer uso reiterado de um veículo metafórico no âmbito tanto do seu campo lexical quanto do conceitual.

Ainda de acordo com Cameron (2008), a evidência empírica demonstra que há três tipos diferentes de mudanças metafóricas recorrentes no discurso produzido em determinada interação verbal. São elas: reemprego, desenvolvimento e literalização.

O **reemprego** é a mudança metafórica que está relacionada aos tópicos discursivos. Essa mudança descreve o processo de reutilização de um veículo metafórico depois de seu primeiro uso, em outro tópico, com a mesma forma ou outra similar a ela. Esse é um processo de adaptação no qual, em tópico diferente

⁵⁴A systematic metaphor is seen as a kind of temporary stabilization in the dynamics of thinking-talking, which has the possibility of further evolution as discourse continues. As an emergent formulation, systematic metaphor may come to constrain and influence how discourse participants think and talk about topics. (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 91).

do primeiro, o veículo metafórico pode se repetir de modo idêntico, ou repetir a forma lexical com leve alteração no sentido.

A mudança metafórica que transporta a metáfora para o mundo real é a **literalização**. Outra mudança metafórica que sofre o veículo metafórico é a de **desenvolvimento**, que engloba três tipos diferentes: repetição, explicação e relexicalização.

Muitas transformações vem acontecendo desde o final do último século, inclusa a transição paradigmática, contribuindo para a ampliação e o aprofundamento das investigações científicas cujos enfoques incluem a cognição, a linguagem e o discurso, principalmente, por exemplo, aquelas realizadas no âmbito da Linguística Cognitiva, da Análise do Discurso, da Psicolinguística, da Pragmática. Graças, também, a elas, os estudos linguísticos de hoje tem seus limites ampliados, com foco na elucidação de questões relevantes, tais como: as estreitas relações de interdependência existentes entre cognição e linguagem como fenômenos socioculturalmente situados, a emergência de conceitos no discurso, a categorização de conceitos e os processos cognitivos situados.

Neste capítulo, dividido em duas seções, buscamos abordar aspectos teóricos relevantes para esta investigação. A primeira seção foi dedicada ao estudo da trajetória da metáfora desde seus primeiros registros, entre os gregos, até os nossos dias, incluindo as grandes transformações por que passou no final do último século. Enfocamos, também, suas relações, ao longo dessa trajetória, com a linguagem, destacando a visão tradicional, baseada na concepção de Aristóteles, que entende a metáfora como mero recurso linguístico, usado como adorno, principalmente na retórica e na poética, assim como a sua prevalência ao longo de muitos séculos; com a cognição, discutindo as grandes mudanças que se verificaram no quadro teórico nas duas últimas décadas do século XX, como consequências das ideias de alguns teóricos insatisfeitos, dando origem à Linguística Cognitiva, que teve, como marco inicial, a publicação de *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson, em 1980, base da Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) e seus refinamentos; e, por fim, mais recentemente, com o discurso, tratando de alguns aspectos da Análise do Discurso e, mais especificamente, da Abordagem da Análise do Discurso à Luz da Metáfora, cujo foco é a concepção da metáfora na perspectiva da linguagem em uso. Na segunda seção, foram discutidos alguns aspectos e os principais fundamentos das teorias nas quais se ancora esta

investigação. São elas: a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), de Lakoff e Johnson, e seus refinamentos: a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI), com enfoque especial nos esquemas de imagens; e a Teoria Integrada da Metáfora Primária (TIMP) – com a inclusão das contribuições de Narayanan (1997), Johnson (1997) e Fauconnier e Turner (1994) e, mais detalhadamente, por sua relevância para nossas análises, a contribuição de Grady (1997); a Abordagem da Análise do Discurso à Luz da Metáfora, de Cameron (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON *et al.*, 2009, CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON; MASLEN, 2010); alguns aportes das Teorias da Complexidade e dos Sistemas Adaptativos Complexos que se mostram relevantes para esta pesquisa; e, finalmente, os principais conceitos adotados no desenvolvimento desta investigação: discurso, figuratividade, metáfora, metáfora sistemática e mudança metafórica.

No próximo capítulo, enfocaremos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, descrevendo-os na sequência em que aconteceram e destacando seus aspectos mais importantes.

4 UM PERCURSO PLANEJADO: O MAPA DA MINA

A violência doméstica está associada com patologias reais. As mulheres em situação de violência tendem a apresentar problemas de saúde de diversos tipos, problemas mentais, depressão e até propensão ao suicídio. Elas também fazem menos papanicolaou, fazem menos sexo seguro.[...] Nossa aposta é que o serviço de saúde tenha mais consciência da violência doméstica e ajude a encaminhar as mulheres para outros serviços da rede de atenção. O serviço de saúde também pode ser um espaço de escuta e de acolhimento. Inclusive, essa escuta é boa para o próprio serviço, pois se a violência doméstica não se resolve vira um círculo vicioso: a mulher vai e volta.”

(Ana Flávia P. L. d'Oliveira,
Pesquisadora do Departamento de Medicina
Preventiva da Faculdade de Medicina da USP).

Buscamos, nesta tese, não só elucidar questões relacionadas à manifestação de vítimas de violência doméstica contra a mulher sobre esse fenômeno que, nos nossos dias, apresenta índices de ocorrência crescentes, principalmente nas áreas urbanas, mas também contribuir para os estudos linguísticos, investigando a figuratividade presente na interação verbal dessas vítimas por meio da emergência de metáforas sistemáticas.

Consideramos, portanto, importante e necessário, analisar as relações existentes entre a linguagem e a cognição humana que propiciam a manifestação, por meio da linguagem figurada, de sentimentos e ideias de vítimas diretas de violência doméstica contra a mulher no discurso produzido no encontro do grupo focal para discussão desse fenômeno.

Entendemos VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER como qualquer violência, explícita ou velada, que atinja a mulher física, sexual, psicológica ou socioeconomicamente, ou caracterize privação ou negligência/ abandono, praticada no ambiente doméstico, por um alguém em relação de familiaridade, afetividade ou coabitação, como (ex)marido, (ex)companheiro, (ex)amante ou (ex)namorado, pai, padrasto, irmão, filho, excluídos quaisquer outros. Nossas informantes potenciais, no caso desta investigação foram, desse modo, mulheres vítimas diretas de atos violentos ou em situação de violência doméstica.

No firme propósito de conhecer e compreender melhor esse fenômeno, buscamos responder à seguinte questão de pesquisa: Como as mulheres vítimas diretas de violência doméstica expressam seus sentimentos e ideias em relação a esse fenômeno? Por sua relevância para a compreensão do fenômeno, buscamos respostas para as seguintes questões: (1) Como a figuratividade se manifesta na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica?; (2) Quais tipos de mudanças metafóricas estão envolvidos na emergência das metáforas sistemáticas na fala de vítimas diretas de violência doméstica?; (3) Qual o tipo de mudança metafórica mais recorrente na emergência de cada metáfora sistemática e no discurso como um todo?

Para obter tais respostas nosso objetivo foi investigar, no âmbito da Linguística Cognitiva, com base nos pressupostos da Análise do Discurso à Luz da Metáfora, a emergência de metáforas sistemáticas como expressão de ideias e sentimentos relativos à violência doméstica na fala de vítimas diretas dessa violência contra a mulher. Assim, voltamos nosso foco para conhecer (1) como a figuratividade se manifesta em metáforas que emergem na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica, para expressão dos seus sentimentos e ideias sobre essa violência; e verificar: (2) que tipos de mudanças metafóricas ocorrem durante a emergência das metáforas sistemáticas na fala de mulheres vítimas de violência doméstica e (3) qual o tipo de mudança metafórica mais recorrente na emergência de cada metáfora sistemática e no discurso como um todo.

Esta investigação, fundamentada na matriz epistemológica apresentada, desenvolveu-se ao longo de várias etapas que incluíram procedimentos metodológicos considerados necessários e relevantes, a saber: (1) a caracterização da pesquisa, (2) a caracterização do lócus, (3) a caracterização das informantes, (4) as técnicas e instrumentos utilizados na investigação, (5) o *corpus* e, também, (6) os procedimentos de análise, conforme o que se segue.

4.1 Caracterização da pesquisa

Nesta pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, adotamos procedimentos metodológicos que nos propiciaram não só uma coleta de dados mais próxima do ambiente natural das participantes, mas também uma interpretação da violência doméstica contra a mulher baseada na valorização das ideias e dos

sentimentos manifestados por vítimas diretas desse fenômeno em relação a situações vivenciadas em seus lares (DENZIN; LINCOLN, 2000).

Concordamos com Corbin e Strauss⁵⁵ (2008, p. 16, tradução nossa), quando destacam que:

A análise qualitativa é muitas coisas, mas não é um processo que pode ser sistematizado de forma rígida. O que ela requer, acima de tudo, é um senso intuitivo do que está acontecendo nos dados, confiança em si mesmo e no processo de pesquisa, assim como a capacidade de se manter criativo, flexível e fiel aos dados, tudo ao mesmo tempo. A análise qualitativa é um caminho a ser traçado pelo pesquisador ao longo do processo, algo que só pode se aprender fazendo.

Diante dessa responsabilidade como pesquisadora, reconhecendo a importância tanto do ambiente natural para a coleta de dados quanto da técnica escolhida para essa coleta, nossa preocupação concentrou-se em oferecer as condições necessárias para que, no momento da interação, as participantes, sentindo-se confiantes, pudessem interagir e desvelar segredos guardados, sentimentos íntimos, experiências escondidas e silenciadas, assim como manifestações sobre violências sofridas.

Assim, dada a relevância do local destinado à coleta de dados, apresentamos a seguir o ambiente em que isso aconteceu no caso desta investigação.

4.2 Caracterização do lócus

A coleta de dados foi realizada na Casa Abrigo de São Luís, instituição diretamente vinculada à Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça do Maranhão, em funcionamento há mais de treze anos, no acolhimento de mulheres em situações dramáticas de violência, normalmente com risco de morte.

⁵⁵Qualitative analysis many things, but it is not a process that can be rigidly codified. What it requires, above all, is an intuitive sense of what is going on in the data; trust in the self and the research process; and the ability to remain creative, flexible, and true to the data all at the same time. Qualitative analysis is something that researchers have to feel their way through, something that can only be learned by doing. (CORBIN; STRAUSS, 2008, p. 16).

4.2.1 Casa Abrigo

Na sua conceituação, Mazoni *et al.* (1997, p. 66) estabelecem que

As Casas-Abrigo constituem-se em uma das ações de um Programa de políticas públicas de prevenção, assistência e combate à violência doméstica e de gênero. As casas-abrigo são locais seguros que oferecem moradia protegida e atendimento integral a mulheres em situação de risco de vida iminente, em razão da violência doméstica. É um serviço de caráter sigiloso e temporário, onde as usuárias permanecem por um período determinado, durante o qual deverão reunir condições necessárias para retomar o curso de suas vidas. O atendimento deve pautar-se no questionamento das relações de gênero enquanto construção histórico-cultural dos papéis femininos e masculinos, que têm legitimado as desigualdades e a violência contra as mulheres.

Mazoni *et al.* (1997, p. 67) destacam ainda que “A situação de abrigo para os casos de risco de vida é uma contingência que se impõe a todo serviço de atendimento direto a mulheres em situação de violência.”

Assim, quando a violência doméstica contra a mulher leva a situações que prenunciam uma tragédia cujas condições se tornam insustentáveis e geram sentimentos de insegurança e medo, retirar a mulher e seus filhos menores de casa, dando-lhes teto e assistência, é a única alternativa que o Estado oferece como medida de proteção à vida e garantia dos direitos das vítimas.

O projeto das casas-abrigo resultou da necessidade vivenciada nos SOS-Mulher, cuja implantação teve como objetivo precípua o apoio a mulheres que, juntamente com seus filhos menores, enfrentavam momentos difíceis, em quadro de indiscutível abandono. Por força do contato direto com a dura realidade da violência enfrentada por vítimas diretas de violência doméstica contra a mulher e da demanda de atendimento de casos de risco, essas instituições reformularam, a partir de 1999, sua proposta, passando a atender as mulheres em situações dramáticas, oferecendo-lhes abrigo e buscando preservar suas vidas e seus direitos.

Mantida pelo Tribunal de Justiça do Maranhão (TJ-MA), em São Luís, a Casa Abrigo de São Luís é um dos locais de atendimento a vítimas femininas de violência doméstica. Essa casa abrigo recebe mães sob ameaça de morte e também seus filhos menores de até 12 anos, quando encaminhados por órgãos de proteção, tais como a Delegacia da Mulher e a Vara Especial de Combate à Violência Contra a Mulher, e até maiores de 12 anos, quando houver, excepcionalmente, uma avaliação

dos profissionais do setor Psicossocial que recomende “a manutenção da agregação familiar”, conforme a Portaria no. 01/2012, de 27 de agosto de 2012, da Coordenadoria da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça do Maranhão. (TJ-MA, Coordenadoria da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar, Portaria No. 01/2012, de 27.08.2012)

Por meio de relatório individual de acompanhamento de caso, elaborado para avaliação das vítimas acolhidas e encaminhado a cada 30 (trinta) dias ao Juiz competente, a permanência na Casa Abrigo de São Luís é permanentemente avaliada. Essa permanência tem a duração máxima de noventa dias, com acompanhamento de uma equipe de profissionais que prestam atendimento de ordem psicossocial e de saúde, em um programa que envolve, além da participação em oficinas e treinamentos, palestras educativas e atividades físicas.

4.2.2 Histórico

Segundo Mazoni *et al.* (1997), depois da experiência dos SOS-Mulher, nos anos 70, e da criação da Casa da Mamãe, em 1986, a Secretaria da Segurança Pública de São Paulo implantou, em 1986, o primeiro abrigo no Brasil para mulheres em situação de risco – o Comvida – *Centro de Convivência para Mulheres Vítimas de Violência Doméstica*, que funcionou por três anos, fechando temporariamente e reabrindo em 1992.

Nesse período, em diversas cidades brasileiras, os movimentos de mulheres concentraram-se na reivindicação de implementação de casas abrigo como parte da política de combate à violência e, mais especificamente, à violência doméstica contra a mulher. Em decorrência dessa luta, implantaram-se, a partir de então, vários abrigos: a Casa Abrigo de Santo André (1990) e a Casa Helenira Rezende de Souza Nazareth, em São Paulo (1991), que, como o Comvida, funcionou até 1992, reabrindo depois, respectivamente, em 1997 e 2001, além da Casa de Apoio Viva Maria, em Porto Alegre (1992), a Casa do Caminho, em Fortaleza (1992), a Casa Abrigo, no Distrito Federal (1993) e a Casa Abrigo Sempre Viva, em Belo Horizonte.

Com base na experiência adquirida nessas implementações, proliferaram, no país, a partir de 1997, essas casas-abrigo, incentivadas e apoiadas pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e financiadas pelo Ministério da Justiça.

As casas instaladas, entretanto, ainda são insuficientes para atender a demanda existente em nosso país, que continua extremamente carente de políticas públicas eficazes, incapaz, até o momento atual, de oferecer maiores garantias sejam elas de proteção, de apoio psicossocial e/ou de defesa da vida e dos direitos das vítimas brasileiras nessas situações dramáticas de violência.

Considerada pelas vítimas um lugar seguro, quando não há a quem mais recorrer após as violências sofridas, a Casa Abrigo de São Luís foi implantada em 1999, na gestão do então presidente do TJ-MA, desembargador Jorge Rachid, e ofereceu, desde então, atendimento a 621 mulheres e 1.016 crianças e adolescentes até março de 2012.

Apesar de já ter acolhido esse número significativo de vítimas desde a sua implantação, prestando um grande serviço à comunidade, esta ainda é, até esta data, treze anos depois de sua criação, a única Casa Abrigo em São Luís. A demanda aumentou e a cidade continua carente de políticas públicas que resultem na implantação de outros abrigos.

A Casa Abrigo de São Luís está diretamente vinculada à Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação da Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça do Maranhão, que é presidida pela desembargadora Nelma Sarney e tem como membros os juízes Nelson Moraes Rego, Sara Fernanda Gama e Micela Cezar Freitas.

4.2.3 Características

A Casa Abrigo de São Luís é uma instituição destinada a acolher mulheres maiores de 18 (dezoito) anos e seus dependentes que se encontrem em situação de violência doméstica e familiar, ameaçadas de morte por seu agressor, enfrentando sério risco de vitimização irreversível.

Destacamos que, além de oferecer atendimento psicossocial e de saúde, essa Casa oferece às vítimas acolhidas capacitação profissional e possibilidade de trabalho e renda. Essa capacitação por meio de oficinas de trabalhos artesanais permite que as mulheres, durante a sua permanência na Casa, se tornem capazes de gerar sua própria renda e alcançar sua independência financeira.

Considerando que a sujeição aos maus tratos e violência muitas vezes decorre, segundo o perfil das vítimas, da dependência do agressor, a oportunidade

de tal aprendizagem oferece-lhe, além de uma ocupação, uma terapia e uma profissão, a chance de um recomeço com maiores possibilidades. Dentre os programas oferecidos, destacam-se a oficina de tapetes e outros trabalhos artesanais, a de confecção de flores e a de biscoito. Atividades como prática de educação física e palestras educativas também fazem parte da programação semanal.

Após o encaminhamento, as vítimas diretas de violência doméstica são recebidas na Casa, sendo atendidas por profissionais da equipe que se compõe de assistentes sociais, psicólogos e enfermeiros e, depois de liberadas, são direcionadas aos serviços prestados pela rede pública, tais como o Programa Bolsa Família e a emissão de documentos.

4.3 Caracterização das informantes

Nossa coleta de dados aconteceu entre mulheres, brasileiras, maiores de dezoito anos, sem qualquer especificação quanto à classe social e ao nível de escolaridade, desde que residentes e domiciliadas no Maranhão. Essas mulheres eram vítimas diretas de violência doméstica e autoras de queixas contra seus agressores na Delegacia Especial da Mulher, com o devido registro em boletim de ocorrência.

Para o evento discursivo com o grupo focal, foram selecionadas seis informantes e o local escolhido, por força da sua condição de abrigadas, foi a própria casa em que elas se encontravam, mantida pelo Juizado da Mulher.

4.3.1 Critérios de seleção

Realizamos a seleção das informantes para compor a amostra com base nos seguintes critérios.

A informante deveria ser brasileira e falante do português do Brasil, para que a interação acontecesse mais naturalmente, sem maiores dificuldades de comunicação, tanto no que tange ao vocabulário e/ou à estrutura, quanto à pronúncia e/ou à entonação.

Esta pesquisa foi realizada em São Luís, capital do Maranhão, onde diariamente são registrados, na mídia, casos de violência doméstica contra a

mulher, vários dos quais resultando em assassinato. O requisito de ser residente e domiciliada no Maranhão justificou-se pela facilidade de contato para confirmação de dados no que concerne ao boletim de ocorrência e endereço.

A informante deveria ser maior de dezoito anos e responsável por seus atos e decisões, para preenchimento de questionários e assinatura das declarações de ciência e de consentimento, após tomar conhecimento da importância e das condições de participação na pesquisa.

E, para que suas manifestações sobre violência fossem resultado de suas vivências pessoais, todas as informantes deveriam ser vítimas diretas de violência doméstica contra a mulher, oficializada por meio de queixa contra o agressor, registrada em boletim de ocorrência na Delegacia Especial da Mulher.

4.3.2 Número de informantes

Utilizamos-nos, para a investigação, da técnica do grupo focal. Optamos por um número de seis informantes no encontro para troca de ideias e experiências, em interação verbal mediada por um(a) moderador(a).

Selecionamos oito mulheres, evitando que imprevistos, tais como: a timidez ou reserva de alguma informante, assim como indisposições, problemas de saúde ou de outra ordem, pudessem comprometer o encontro do grupo focal e, por extensão, a própria investigação. Dentre as selecionadas, apenas seis participariam do encontro do grupo focal, o que efetivamente aconteceu.

4.3.3 Faixa etária

A faixa etária das informantes, todas maiores de dezoito anos, variou entre essa idade e a de quarenta e oito anos. Nosso entendimento foi o de que isso facilitou a interação verbal do grupo que era reduzido, já que as idades se aproximavam e as lacunas entre gerações mais distantes foram evitadas.

4.3.4 Codinomes

Para proteção das informantes, foi mantido absoluto sigilo quanto a seus dados de identificação. Para garantir esse anonimato, relacionamos uma série de

nomes de flores e apresentamos essa lista às informantes que, antes de iniciados os trabalhos, selecionaram o seu codinome preferido. Dentre os listados, os codinomes escolhidos foram Acácia, Azaleia, Bromélia, Dália, Gérbera e Glicínia.

Às pessoas por elas citadas nominalmente, durante o evento discursivo, foram, também, atribuídos codinomes, tanto masculinos quanto femininos. Esses codinomes foram Cravo, Crisântemo, Petúnia e Violeta.

4.4 Técnicas e instrumentos

Para o desenvolvimento de uma investigação, faz-se necessária a utilização de técnicas e instrumentos de pesquisa adequados, que contribuam para o rigor metodológico e a qualidade do material coletado. No caso desta pesquisa, as técnicas e instrumentos utilizados são relacionados e descritos a seguir.

4.4.1 Técnicas

Na coleta de dados para constituição do *corpus* para o estudo, adotamos as técnicas de documentação direta, abrangendo as da observação direta intensiva (observação e entrevistas) e as da observação direta extensiva (questionários, formulários), que detalhamos a seguir.

- Observação: observação de atividades com o grupo focal, desenvolvidas por meio de dinâmicas de grupos com o objetivo de criar condições favoráveis às manifestações pessoais dos informantes em situações de fala organizadas para expressão sobre o tema;
- Questionário: constituído por uma série de perguntas que foram enunciadas pela pesquisadora e preenchidas também por ela, com as respostas do informante na sua íntegra.

Realizamos, também, gravações de áudio digital para registro da interação verbal das informantes no encontro do grupo focal, durante a interação discursiva em observação, para posterior audição e transcrição nos moldes da metodologia adotada (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON *et al.*, 2009; CAMERON; MASLEN, 2010).

4.4.1.1 Grupo focal (GF)

Para comum entendimento do fenômeno da violência que possibilite a implementação de ações preventivas, principalmente no que tange à violência doméstica contra a mulher, é importante e necessária uma investigação sobre ideias e sentimentos que emergem e se manifestam, por meio da figuratividade, no discurso de suas vítimas diretas.

Os procedimentos qualitativos têm sido adotados quando o foco da investigação é esclarecer como as pessoas avaliam uma experiência, ideia ou evento; como se posicionam em relação a um fenômeno, manifestando s ideias e sentimentos em relação a ele.

Dentre as técnicas adotadas em investigações de caráter qualitativo, destaca-se a dos grupos focais, frequentemente utilizada para fins de diagnóstico e levantamento de problemas.

Proposta e aplicada, inicialmente, no campo das ciências sociais, por Merton *et al.* (1956), nos anos 50 (WESTPHALL *et al.*, 1996), o grupo focal foi ignorado durante muito tempo por pesquisadores acadêmicos. Em contrapartida, na área de marketing, a técnica foi imediatamente reconhecida como valiosa e adotada, tanto por seu baixo custo quanto pela rapidez na obtenção dos dados confiáveis e válidos, que envolvem valores, crenças, sentimentos, atitudes, opiniões, percepções e comportamentos de informantes do grupo focal em relação ao tema que a pesquisa enfoca.

Nas duas últimas décadas, proliferou, de forma expressiva, a utilização dessa técnica em pesquisas qualitativas com abordagens diversas, tais como: as exploratórias, fenomenológicas ou clínicas (DIAS, 2000). Gondim (2003) destaca que, também na literatura especializada, voltada para a descrição de seus procedimentos e análise de seus aspectos metodológicos, observou-se um crescimento significativo, com trabalhos como os de Edmunds (1999), Fern (2001), Gaiser (1997), Krueger e Casey (2000), Morgan (1997) e a significativa inclusão de um capítulo dedicado a esse tema na obra *Handbook of Qualitative Research*, organizada por Denzin e Lincoln (2000).

A grande riqueza dessa técnica, segundo Morgan (1996), é a utilização da interação verbal dos informantes para a produção de um discurso que servirá como fonte de dados, pois se baseia na tendência humana de formar opinião e adotar uma posição em relação a um fenômeno, experiência, episódio ou ideia, como resultado da interação com outros.

O foco, portanto, segundo Leopardi *et al.* (2001), Glock e Gordon (1988) e Krueger (1994), está no discurso que permite inferir o sentido oculto, as representações conceituais e ideológicas, os valores e os afetos sobre determinado tema, para a compreensão dos problemas, de acordo com a perspectiva de cada grupo social pesquisado, com base no seu próprio discurso, sobre o tema focado.

Isso é muito relevante para esta nossa investigação, pois, por meio do discurso produzido por esse grupo de mulheres vítimas diretas de violência doméstica em interação verbal, no qual revelam o que pensam e sentem, será possível conhecer como conceitualizam esse tipo de violência.

É de responsabilidade do pesquisador, por atuar como moderador, a criação de um ambiente tranquilo, descontraído, propício à troca de ideias e experiências, que estimule a interação, de forma a favorecer a manifestação de diferentes percepções, opiniões e atitudes. É de sua responsabilidade, também, a condução do evento discursivo, no âmbito do tema de interesse, sem qualquer pressão para a formação de um consenso ou orientação no sentido de uma conclusão.

Com um roteiro previamente elaborado, o pesquisador-moderador levanta questões e utiliza estratégias de investigação para obter opiniões, conhecer as experiências, buscar ideias, observações e outras informações que se mostrem relevantes para a investigação em andamento.

É fundamental o controle no sentido de que todas tenham a mesma possibilidade de manifestação de suas ideias, sem qualquer predominância de uma ou outra participante, de que a discussão aconteça tranquilamente, sem quaisquer divergências ou atritos pessoais, sempre nos limites dos tópicos considerados de interesse.

Com base nessas considerações, buscamos aplicar essa técnica com o maior rigor possível, respeitando as etapas e os procedimentos, de modo a obter o melhor aproveitamento possível do encontro que propiciou um evento discursivo resultante da interação verbal de participantes vítimas diretas de violência doméstica contra a mulher.

4.4.1.2 Aplicação de questionários

A aplicação de questionários é um dos procedimentos utilizados com maior frequência na obtenção de informações. Por meio de questionários criteriosamente elaborados, com questões abertas, fechadas, de múltipla escolha, sim/não ou de resposta numérica, e cuidadosamente aplicados, é possível obter informações das mais diversas.

No caso desta investigação, os questionários foram elaborados com foco na obtenção de informações básicas que talvez não sejam reveladas, de outra forma, ao longo do evento discursivo. O modelo utilizado está incluso nos Apêndices, e dele constam perguntas simples e objetivas sobre dados pessoais e familiares, além de algumas especificações relevantes quanto aos episódios de violência sofridos.

4.4.1.3 Gravação

Com o intuito de garantir as melhores condições de registro da interação verbal a acontecer durante o encontro do grupo focal, foi realizada uma gravação de áudio profissional, assim como uma amadora.

Para a gravação profissional, foi contratada uma empresa que atua nessa área, prestando serviços gravação de som e imagem, que forneceu tanto o técnico quanto equipamento necessário, com microfones individuais de mesa, de modo a garantir o registro claro da interação verbal e a captação de todas as manifestações das informantes, para que pudéssemos, posteriormente, fazer a transcrição mais fiel possível desse evento discursivo. O registro foi entregue em CD-ROM e pen drive.

No caso da gravação amadora, foi utilizado um gravador digital que, infelizmente, não conseguiu registrar todas as participações.

4.4.1.4 Atlas ti 6.2

O **Atlas.ti** é, por sua vez, o *software* de análise de dados qualitativos (Computer-Assisted Qualitative Data Analysis Software – **CAQDAS**) adotado nesta pesquisa para auxiliar no tratamento e análise dos dados coletados.

A sigla **ATLAS.TI** corresponde, na língua alemã, a *Archiv fuer Technik, Lebenswelt und Alltagssprache* e se traduz para o português como “*arquivo para tecnologia, o mundo e a linguagem cotidiana*”. Essa ferramenta é definida por Lima

(2005, p. 8) como “um aplicativo de informática especialmente concebido para a análise qualitativa de dados, sob a forma de texto, imagens ou registro sonoro, segundo a técnica de codificação prevista na teorização embasada.” TI, nessa sigla, corresponde a *Text Interpretation*, traduzida para o português como ‘interpretação de texto’, conforme Bandeira-de-Mello (2006).

Desenvolvido na Europa, mais especificamente na Alemanha, o Atlas.ti foi inicialmente influenciado também pela *Grounded Theory*, um método americano criado para a análise de dados qualitativos, originalmente desenvolvido por Glaser e Strauss, nos anos 60 e, mais tarde, complementado pelos trabalhos de Strauss e Corbin, mas, segundo Muhr (1991), psicólogo, cientista da computação e seu “criador”, essa ferramenta é adotada, hoje, nos mais diversos tipos de pesquisa.

Esse *software* teve seu protótipo desenvolvido na Universidade Técnica de Berlin, na Alemanha, no período de 1989 a 1992, como parte integrante de um amplo projeto de caráter multidisciplinar, cujo objetivo era suprir a necessidade de uma ferramenta que viabilizasse a análise qualitativa.

Depois, em 1993, foi lançada a sua primeira versão comercial, disponibilizada pela *Scientific Software Development*, hoje *Atlas.ti GmbH*, seguida de outras versões até a sua mais atual – a 7.0 -, com informações disponíveis no site www.atlasti.com.

A versão a ser utilizada neste projeto é a 6.2, por ser a aquela cuja licença é liberada para o Projeto interdisciplinar sobre representações sociocognitivas na conceitualização de violência em centros urbanos brasileiros e para os subprojetos a ele vinculados, por meio do GELP-COLIN, grupo de pesquisa da UFC.

Segundo Muhr (1991), o Atlas.ti deve ser uma ferramenta de apoio no tratamento e na análise dos dados levantados, de modo a facilitar a interpretação do(s) pesquisador(es), sem qualquer pretensão de automatização do processo analítico.

Nossa opção pelo Atlas.ti deve-se não só ao fato de essa ferramenta ter sido utilizada com sucesso nas pesquisas desenvolvidas por Cameron e Pelosi, respectivamente, nos projetos *Living with Uncertainty: Metaphor and the dynamics of empathy in discourse* e *Projeto interdisciplinar sobre representações sociocognitivas na conceitualização de violência em centros urbanos brasileiros*, mas também à

possibilidade de, nos procedimentos de análise, trabalhar com um grande volume de dados, obtidos no encontro das informantes que participaram do grupo focal.

4.4.2 Instrumentos

Os instrumentos utilizados dividem-se em dois tipos: os de ordem legal, que obedeceram às regras no que tange à informação das participantes sobre a pesquisa e sobre as suas garantias de anonimato, assim como sua aceitação dessas condições, e os de pesquisa, que contribuem para a obtenção, preparação e tratamento dos dados.

Assim, foram cinco os instrumentos utilizados, a saber: (1) termo de consentimento informado; (2) declaração de ciência e consentimento; (3) questionário para fornecimento de dados; (4) roteiro de perguntas, elaborado com base no guia *Perception and Communication of Terrorist Risk (PCTR)* e o (5) Atlas.ti 6.2.

4.4.2.1 Instrumentos de ordem legal

Os instrumentos de ordem legal foram: (1) o **termo de consentimento informado** – documento em que a informante tomou ciência da importância e de todas as condições de participação na pesquisa e do qual constaram, também, esclarecimentos quanto ao sigilo dos dados relativos à identidade da informante e quanto à possibilidade da interrupção da participação a qualquer momento; e (2) a **declaração de consentimento** – documento em que a informante informou ter ciência da proposta da pesquisa, concordar com as condições e aceitar colaborar na investigação, respaldando o pesquisador quanto à participação da informante, caracterizando-a como decisão pessoal e intransferível, colaboração voluntária, com objetivo e duração definidos.

4.4.2.2 Instrumentos de pesquisa

Dentre os instrumentos de pesquisa disponíveis, foram utilizados nesta investigação os seguintes: (1) o **questionário** para fornecimento de dados, que será constituído por uma série de perguntas que devem ser enunciadas pelo pesquisador

e preenchidas também por ele, com as respostas da informante na sua íntegra, fornecendo informações pessoais de identificação e história, referentes aos requisitos mínimos exigidos para participação na pesquisa; (2) o **roteiro de perguntas**, que é uma relação de questões a serem possivelmente utilizadas pelo pesquisador no encontro do grupo focal, elaboradas com base na tradução e adaptação do guia *PCTR – Perception and Communication of Terrorist Risk*. Esse guia serviu como roteiro nos eventos discursivos do projeto *Living with Uncertainty: Metaphor and the dynamics of empathy in discourse*, desenvolvido na *Open University* de Milton Keynes, Inglaterra pela Profa. Dra. Lynne Cameron, do Departamento de Linguística e foi, posteriormente, traduzido e adaptado pela Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi, para aplicação no *Projeto interdisciplinar sobre representações sociocognitivas na conceitualização de violência em centros urbanos brasileiros, desenvolvido, sob sua coordenação*, pelo GELP – COLIN / COMETA, que reúne pesquisadores da UFC – Universidade Federal do Ceará (COLIN), da UECE – Universidade Estadual do Ceará (COMETA) e das Universidades de Caxias do Sul e Federal de Minas Gerais. Este roteiro teve como objetivo orientar a pesquisadora, na sua condição de moderadora, quando da necessidade de estimular a participação das informantes, oferecendo uma gama de alternativas de questões que enfocavam os diversos tópicos a serem discutidos, no encontro com o grupo focal, durante o evento discursivo; e (3) o **Atlas.ti 6.2**, um dos aplicativos frequentemente utilizados nas pesquisas de caráter qualitativo, que foi adotado como ferramenta para viabilizar o trabalho de preparação e tratamento dos dados obtidos no encontro que propiciou a interação verbal das informantes selecionadas para o grupo focal.

4.5 Corpus

A composição do *corpus* desta pesquisa fundamentou-se no resultado obtido na interação discursiva das informantes que participaram do encontro do grupo focal.

Um dos objetivos do encontro foi criar um ambiente tranquilo, para que essas participantes, vítimas diretas de violência contra a mulher, ficassem à vontade para conversar sobre suas experiências, discutir suas ideias e expressar seus

sentimentos e emoções, assim como falar sobre sua vida cotidiana e seu relacionamento com seu agressor.

Esse encontro foi gravado em áudio digital, possibilitando a preservação desse registro em CD, *pen drive* e HD externo, para que a pesquisadora pudesse ouvir e transcrever o material para alimentação no Atlas.ti, assim como recorrer a ele, sempre que necessário, durante os procedimentos de análise ou em qualquer outro momento, para esclarecimento de quaisquer dúvidas.

4.5.1 Caracterização

O *corpus* desta investigação foi composto pelo registro, em áudio digital, da interação verbal das informantes durante o encontro do grupo focal, com duração de aproximadamente duas horas.

A transcrição da interação verbal das participantes nesse encontro para posterior alimentação no aplicativo Atlas ti 6.2, produziu um texto fiel ao discurso de cada uma das participantes, com base na orientação metodológica de Cameron (2007a) viabilizando a análise da linguagem figurada que emergiu na manifestação de suas ideias e sentimentos sobre as violências domésticas vivenciadas.

A preparação dos dados – transcrição e alimentação no Atlas ti 6.2 – foi realizada com a utilização de uma legenda própria da metodologia que permite o destaque de aspectos relevantes no registro fiel do evento discursivo, com base nos procedimentos descritos por Cameron (CAMERON *et al.*, 2009), tendo como padrão as unidades de entonação.

4.5.2 Coleta de dados

Nossa coleta de dados aconteceu entre mulheres, brasileiras, na faixa etária entre 18 e 48 anos, residentes em São Luís – Maranhão, vítimas diretas de violência doméstica, participantes do grupo focal com seis informantes selecionadas para esta investigação, reunidas em um encontro com duração de cerca de duas horas.

Nesse encontro, em que atuamos como moderadora, buscamos garantir a participação de todas as informantes, conforme seu consentimento expresso, respondendo a perguntas que estimulassem a interação discursiva e a troca de

ideias sobre a violência doméstica contra a mulher, de acordo com o roteiro elaborado com base no guia *Perception and Communication of Terrorist Risk*, (*PCTR*) incluído como anexo, ao final deste estudo.

Para a realização do evento discursivo, escolhemos os codinomes a serem adotados pelas participantes para preservação do seu anonimato. Cada uma dessas mulheres selecionou um codinome dentre aqueles que listamos.

A lista desses codinomes incluiu diversos nomes de flores, tanto para as participantes quanto para pessoas a quem estas se referiram nominalmente. A estas últimas, os codinomes foram atribuídos no momento da transcrição dos dados.

Os codinomes utilizados foram, em ordem alfabética: **Acácia, Azaleia, Bromélia, Dália, Gérbera, Glicínia**, para as participantes, e **Cravo, Crisântemo, Petúnia e Violeta**, para as pessoas citadas.

4.5.3 Preparação dos dados coletados

Uma vez realizado o encontro do grupo focal, durante o qual se deu a interação verbal das participantes sobre violência doméstica contra a mulher, gravada em áudio, necessária se fez a audição, por duas vezes, desse material, na íntegra. A partir daí, começamos os trabalhos de preparação dos dados obtidos.

Para essa preparação dos dados extraídos do *corpus* desta pesquisa, observando os procedimentos metodológicos, tomamos como modelo o roteiro usado por Cameron (2007a) que abrange as seguintes etapas: (1) transcrição do evento discursivo; (2) leitura de toda a transcrição do evento discursivo; (3) observação de possíveis temas-chave; (4) identificação dos tópicos discursivos; (5) descrição da estrutura do discurso; (6) identificação, organização e codificação dos temas; (7) organização e codificação dos tópicos discursivos identificados; (8) identificação das metáforas por meio dos veículos metafóricos; (9) agrupamento dos veículos metafóricos em famílias; (10) identificação das metáforas sistemáticas por meio do agrupamento dos veículos metafóricos e tópicos discursivos; e, por fim, (11) vinculação das metáforas sistemáticas aos temas e/ou tópicos discursivos ao longo do evento discursivo (trajetórias).

Em decorrência do objetivo desta pesquisa, algumas das etapas desse roteiro que serviu de base para a nossa preparação de dados deixaram de ser realizadas. Ao longo da descrição mais detalhada que se segue, na qual

apresentamos cada uma das etapas cumpridas para uma melhor compreensão dos procedimentos envolvidos, justificaremos essa exclusão.

4.5.3.1 *Da transcrição do evento discursivo*

Essa etapa foi de extrema importância, tendo em vista que todo o nosso trabalho está baseado no resultado dessa transcrição, que foi criteriosamente realizada após duas audições do material na sua íntegra.

Conforme o modelo proposto por Cameron e Maslen (CAMERON; MASLEN, 2010), o discurso das participantes foi inicialmente dividido em unidades entonacionais, com suas respectivas pausas iniciais e finalizações.

Cada linha da transcrição correspondeu a uma unidade de entonação, que foi definida pelo fôlego de produção oral, isto é, aquilo que é dito de um só fôlego. Cada linha desse registro recebeu numeração sequenciada, o que facilita a localização da informação, fornecida automaticamente pelo Atlas.ti, quando da alimentação dos dados no programa.

Conforme a recomendação de Pelosi (no prelo) as folhas originais com as transcrições do discurso dos participantes foram identificadas com informações sobre a interação do grupo focal, tais como: número de participantes presentes, faixa etária, além de data e local da interação.

Para determinar o final das unidades de entonação foram utilizados quatro tipos diferentes de pontuação: (1) o ponto final (**.**), que registra uma entonação de encerramento; (2) a vírgula (**,**), que marca uma leve queda ou mesmo nível e entonação de continuidade; (3) o ponto de interrogação (**?**), que sinaliza uma entonação crescente; e (4) os travessões (**–**), que indicam uma unidade de entonação incompleta.

As sobreposições de falas entre participantes foram registradas entre colchetes (**[]**). Uma vez que as metáforas mais novas ou intencionais são frequentemente precedidas por pausas, estas são consideradas suficientemente importantes para serem transcritas. Assim, as micropausas mínimas foram indicadas com dois pontos (**..**), as um pouco mais longas com três pontos (**...**), e aquelas mais longas que um segundo, com o número de segundos entre parênteses (**2.0**).

Em suas transcrições, Cameron (CAMERON *et al.*, 2009), não registra sílabas tônicas ou detalhes de pronúncia. Nos dados obtidos do grupo focal, foram

observados muitos exemplos de discurso quase indireto, nos quais um participante assumiu a voz de outra pessoa ou organização. Nesses casos, a orientação dada é para as afirmações sejam inseridas entre parênteses (<Q ... Q>). Com (<X ... X>) foram indicadas aquelas falas consideradas ininteligíveis, indecifráveis por nós ou pelo transcritor.

Como recomendado, uma vez concluída a transcrição, o material foi revisado por um membro do GELP com experiência na metodologia adotada, para garantir a fidelidade ao registro e assegurar a aplicação adequada da legenda. Para facilitar esse trabalho, elaboramos o quadro sinótico a seguir, contendo toda a nomenclatura descrita (CAMERON; MASLEN, 2010).

Quadro 3 – **Quadro sinótico** do código para transcrição, segundo Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010)

Código para transcrição, segundo Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010)	
.	Ponto final, que registra uma entonação de encerramento;
,	Vírgula, que marca leve queda ou mesmo nível e entonação de continuidade;
?	Ponto de interrogação, que sinaliza uma entonação crescente;
–	Travessões, que indicam uma unidade de entonação incompleta;
[]	Colchetes, que registram sobreposições de falas entre participantes;
..	Dois pontos, que marcam micropausas mínimas;
...	Três pontos, que indicam micropausas um pouco mais longas;
(2.0)	Número de segundos entre parênteses, indica tempo de pausas mais longas;
(<Q ... Q>)	Entre parênteses, iniciadas com <Q e finalizadas com Q>, marcam a voz de outra pessoa ou organização;
(<X ... X>)	Entre parênteses, iniciadas com <X e finalizadas com X>, marcam falas ininteligíveis, indecifráveis pelo pesquisador/transcritor;

Fonte: Elaboração da autora com base na codificação proposta por Cameron (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 101)

Depois de transcrito segundo a metodologia proposta por Cameron (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON *et al.*, 2009; CAMERON; MASLEN, 2010), com legenda própria, identificando os aspectos relevantes para a análise dos dados, além de revisado e legitimado, esse conteúdo foi salvo em RTF, para alimentação no Atlas.ti.

4.5.3.2 Da leitura de toda a transcrição do evento discursivo

Depois de alimentados os dados, foram realizadas criteriosas leituras do texto integral do evento discursivo. O objetivo dessas leituras foi não só a familiarização com o texto, mas também a compreensão do evento discursivo na sua completude, na sua absoluta integralidade.

4.5.3.3 Da observação de possíveis temas-chave

As leituras realizadas confirmaram nosso entendimento de que, em decorrência do nosso objetivo e do roteiro elaborado de perguntas, o evento discursivo se desenvolveu em torno da Violência, como tema geral, e, mais especificamente, sobre a violência doméstica contra a mulher, abordando vários aspectos relevantes.

Nessa interação verbal, as participantes, estimuladas pelas perguntas que lhes eram feitas, alternavam-se na manifestação de suas ideias e sentimentos em relação às suas próprias experiências e às das outras como vítimas dessa violência contra a mulher.

Esses temas-chave serviriam como orientação inicial de como o discurso se organiza em termos de assuntos mas, neste caso, com o tema já definido, no nosso entendimento tornou-se desnecessário o cumprimento desta etapa prevista na metodologia.

4.5.3.4 Da identificação dos tópicos discursivos

Com base no entendimento de Jubran *et al.* (1992), com o qual concordamos, o tópico discursivo, como categoria abstrata, primitiva, manifesta-se “na conversação, mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de

um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem " (JUBRAN *et al*, 1992, p. 361).

Adotamos, portanto, essa concepção de que o tópico discursivo passa a ser um elemento constituinte do processo de organização global do discurso, visto como um lugar no qual os participantes de uma interação verbal constroem gradativa, estratégica e coletivamente o discurso.

Como resultado da convergência dos subsistemas que emergem no discurso, de acordo com Jubran *et al*. (1992), os tópicos discursivos são as partes em que se observa a participação colaborativa das informantes, baseada nos conhecimentos em comum, nas condições circunstanciais da interação verbal, assim como nos diversos modos de compreender e perceber o mundo, nas vivências de cada interlocutor, nos aspectos cognitivos envolvidos, dentre outros.

Nesta etapa da investigação, foram identificados **15** (quinze) tópicos discursivos, excluídos os de Apresentação e orientações e de Agradecimentos e conclusão, quase todos relacionados à violência doméstica contra a mulher, conforme lista a seguir em ordem alfabética: (1) Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher; (2) Ações violentas contra a mulher; (3) Advertências a vítimas em potencial; (4) Ameaças de violência doméstica; (5) Atitude diante da violência doméstica contra a mulher; (6) Consequências da violência doméstica contra a mulher; (7) Ciúmes; (8) Desejo de mudança; (9) O agressor; (10) Outros; (11) Sentimentos diante da violência doméstica contra a mulher; (12) Tipos de violência; (13) Vingança; (14) Violência doméstica contra a mulher e (15) Violência e vida profissional.

4.5.3.5 Da descrição da estrutura do discurso

O foco aqui se voltaria para a descrição da estrutura do discurso no que tange a seus componentes, isto é, cenários, narrativas, histórias circulantes, tomadas de perspectiva, para uma melhor compreensão da linguagem figurada utilizada, mas não cumprimos esse procedimento.

Como no caso da etapa 3 (4.5.3.3), deixamos de fazê-lo porque entendemos que, para o objetivo do nosso trabalho, essa informação seria de pouca relevância.

4.5.3.6 *Da identificação, organização e codificação dos temas*

Com base na orientação metodológica de Cameron, depois de identificados e devidamente denominados, os temas foram organizados. Em seguida, foi realizada a codificação dos temas discutidos no evento discursivo.

No caso desta investigação que, como já informamos, teve como tema mais amplo a **Violência** e, de modo mais específico, a **Violência doméstica contra a mulher**, com enfoque nos seus diversos aspectos, não houve necessidade de organização e codificação dos temas, razão pela qual essa etapa também deixou de ser cumprida.

4.5.3.7 *Da organização e codificação dos tópicos discursivos identificados*

Os tópicos discursivos presentes na linguagem das participantes do evento discursivo, já identificados, foram então organizados e codificados com a ajuda do Atlas.ti, de forma a contribuir para a identificação e codificação dos veículos metafóricos. A codificação adotada para os tópicos discursivos no *Code Manager* do Atlas.ti, somente a título de exemplo, foi: TD: Ameaças de violência.

4.5.3.8 *Da identificação das metáforas por meio dos veículos metafóricos*

Nosso objetivo, a seguir, foi identificar palavras ou expressões que pudessem evidenciar a linguagem figurada usada na manifestação de vítimas diretas quanto às suas ideias e sentimentos sobre a violência doméstica contra a mulher. Esses veículos foram destacados com base nos parâmetros de identificação propostos por Cameron (2007a), ao afirmar que se faz necessário verificar:

- (1) a presença de um item lexical (o veículo) que possui um significado que se pode dizer que contrasta com seu significado no contexto discursivo, e (2) o potencial para um significado adicional a ser produzido como resultado do somatório destes⁵⁶ (CAMERON, 2007a, p.118, tradução nossa).

⁵⁶(1) the presence of a lexical item (the vehicle) that has a meaning that can be said to contrast with its meaning in the discourse context and (2) the potential for extra meaning to be produced as a result of bringing these together.

Segundo Cameron (2007a), a metaforicidade dos itens lexicais se verifica quando o seu significado literal se contrapõe ao significado abstrato presente no contexto do discurso, ou seja, há uma disjunção/quebra de significados. Porém, uma vez resgatado, o significado literal pode vir a contrastar novamente por meio de outro significado assumido no contexto.

No que tange ao significado potencial, esclarecemos que, diante da impossibilidade de acesso direto e objetivo à cognição humana e aos processos que nela ocorrem, restam somente as evidências que se fazem presentes na linguagem humana e, portanto, são observáveis e passíveis de análise.

Foram identificados **531** (quinhentos e trinta e um) veículos metafóricos, todos devidamente relacionados, com o seu número de recorrências.

A orientação metodológica indica que os veículos metafóricos identificados devem ser sublinhados, mas, nesta pesquisa, optamos pelo realce, em amarelo, por entender que a forma de destaque não alteraria o reconhecimento do veículo assinalado.

4.5.3.9 Do agrupamento dos veículos metafóricos

Uma vez relacionados os veículos metafóricos, foi realizado o seu agrupamento, também com base na metodologia proposta por Cameron. Os veículos foram agrupados de acordo com os tópicos discursivos anteriormente definidos, de forma a criar famílias que podem contribuir para as inferências do pesquisador quanto à emersão de metáforas sistemáticas.

De acordo com Berber-Sardinha (2007, p. 37), essas

metáforas recorrentes – série de ‘metáforas linguísticas’ – são o ponto inicial do estudo: elas “[...] sistematicamente indicam que os participantes de uma interação estão ativando algum tipo de representação metafórica mental. Essa presença de uma interação discursiva demonstra que a metáfora é um processo de cunho social, não individual como algumas correntes divergentes a entendem.”

Pelosi (no prelo) destaca que os tópicos discursivos e veículos metafóricos já identificados são, nesse momento, codificados de forma que “[...] metáforas sistemáticas possam ser inferidas pelo pesquisador e, assim, localizadas por meio da análise da linguagem produzida pelos participantes.”

As inferências do pesquisador resultam de sua reflexão sobre os dados apurados no discurso produzido na interação verbal do grupo de vítimas de violência. Portanto, somente após essa nossa reflexão, foi possível propor as metáforas sistemáticas manifestas no evento discursivo em questão.

As famílias foram classificadas quanto ao seu número de componentes e quanto ao seu número total de recorrências.

4.5.3.10 Identificação das metáforas sistemáticas por meio do agrupamento dos veículos metafóricos e tópicos discursivos

Uma vez concluído o levantamento das metáforas usadas na comunicação verbal das informantes para expressão de conceitos sobre violência doméstica contra a mulher, iniciamos o trabalho de identificação das sistemáticas, ou seja, aquelas que emergem na interação discursiva, utilizando, para isso, o agrupamento dos veículos metafóricos e os tópicos discursivos.

Tanto os veículos metafóricos quanto os tópicos discursivos, a esta altura, já devidamente destacados e codificados, serviram-nos como sinalizadores de possibilidade de emergência de uma metáfora sistemática, que, após análise e reflexão foi inferida, ou não.

Assim, por meio dos tópicos discursivos e da interligação de veículos metafóricos pertencentes a um campo semântico comum, essa informação foi consolidada, ou não. Esse tipo de metáfora é viabilizado pela interação discursiva, quando ocorre uma participação colaborativa por parte das informantes, fazendo com que se estabeleça a sistematicidade característica de sua emergência.

4.5.3.11 Da vinculação das metáforas sistemáticas aos temas e/ou tópicos discursivos ao longo do evento discursivo (trajetórias)

Como última etapa dos procedimentos metodológicos, a vinculação das metáforas sistemáticas aos temas e/ou tópicos discursivos finalizou a análise iniciada nas etapas anteriores e foi implementada com base nos pressupostos da Análise do Discurso à Luz da Metáfora e de aportes relevantes da Teoria da Complexidade e do Caos, dos Sistemas Adaptativos Complexos e dos Sistemas Dinâmicos Adaptativos Complexos.

O agrupamento dos veículos metafóricos em famílias e a sua interconexão aos tópicos discursivos levou-nos à identificação de possíveis metáforas sistemáticas. Estas emergem na interação discursiva e são entendidas como uma trajetória de metáforas relacionadas durante o período que engloba o evento discursivo, e propostas a partir dos dados codificados.

No intuito de demonstrar a trajetória da metáfora sistemática ao longo do evento discursivo, tornando possível a visualização do que foi construído de modo colaborativo pelas participantes, elaboramos um gráfico ao final da análise de cada metáfora. Conseguimos, assim, identificar cada momento de estabilização resultante da negociação de conceitos entre as participantes em sua interação.

Nesse gráfico, são dois os eixos: o primeiro, na vertical, corresponde às unidades entonacionais que compõem a transcrição de todo o evento discursivo, que, neste caso, correspondem às linhas de número 0001 a 3768; e o segundo, (na horizontal, corresponde aos momentos de emergência da metáfora analisada, marcados pela linha inicial de cada excerto destacado do tópico em que ela se manifesta. A linha que registra essa trajetória pode variar de acordo com o momento de sua emergência, com a frequência dessas ocorrências e com o hiato que se estabelece entre elas no discurso como um todo.

4.6 Procedimentos de análise

Depois da transcrição e da alimentação dos dados no Atlas.ti 6.2, assim como dos procedimentos realizados para a preparação do material levantado, coube-nos fazer a análise propriamente dita desses dados e, em seguida, discutir os resultados.

A análise ancorou-se na Análise do Discurso à Luz da Metáfora (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON *et al.*, 2009; CAMERON; MASLEN, 2010).

Com base nos objetivos desta pesquisa, na análise dos dados enfocamos três aspectos, a saber: (1) a figuratividade manifesta na fala das participantes do grupo focal, (2) as metáforas sistemáticas que emergiram ao longo do discurso e (3) as mudanças metafóricas observadas nos veículos identificados ao longo do discurso. Os procedimentos de análise relativos a cada um desses aspectos são descritos mais detalhadamente a seguir.

4.6.1 Da análise da figuratividade

Após a leitura dos registros e sua transcrição e alimentação no Atlas.ti, iniciamos a análise da linguagem figurada, ainda em andamento, que se fundamenta nos pressupostos da Análise do Discurso à Luz da Metáfora, de Cameron, conforme referências já informadas.

Com base em nosso entendimento de que vítimas diretas de violência doméstica contra a mulher expressam suas ideias e sentimentos sobre esse tipo de violência, por meio da linguagem figurada manifesta em metáforas que emergem no seu discurso, buscamos, inicialmente, investigar a presença dessa figuratividade, identificando a emersão de metáforas por meio de seus veículos metafóricos (itens lexicais que possuem significado que contrasta com aquele do contexto discursivo).

Nossa análise e reflexão sobre os dados apurados voltou seu foco, então, para aquelas metáforas que emergiram ao longo do discurso, envolvendo um ou mais tópicos discursivos e resultantes da interação de pelo menos dois participantes, revelando sistematicidade em sua trajetória (metáforas sistemáticas).

4.6.2 Da análise das metáforas sistemáticas

Passamos, em seguida, a examinar cada uma das metáforas sistemáticas elencadas, que são estabilizações temporárias na dinâmica discursiva decorrentes das negociações de conceitos entre os participantes, e que envolvem não só aqueles veículos metafóricos semanticamente relacionados, mas também os tópicos a eles vinculados.

4.6.3 Da análise das mudanças metafóricas

Examinamos também, ao longo do discurso, as ocorrências de mudanças metafóricas por que passaram os veículos metafóricos. Buscamos identificar os tipos de mudanças registrados e, dentre eles, aquele cuja frequência foi maior.

Neste capítulo, no qual relatamos os procedimentos metodológicos realizados nesta pesquisa, depois de caracterizarmos a pesquisa como qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, descrevemos o lócus – a Casa Abrigo de São Luís

– mantida pelo Tribunal de Justiça do Maranhão, destacando o seu histórico e principais características. Tratamos, logo em seguida, das informantes, caracterizando-as; dos critérios adotados no seu processo de seleção; do número de informantes e sua faixa etária; além dos codinomes adotados para as participantes e as pessoas por elas citadas. No tocante às técnicas e instrumentos empregados nesta investigação, descrevemos, inicialmente, como técnicas: o grupo focal, a aplicação de questionários, a gravação e o Atlas.ti, justificando sua utilização, e, em seguida, os instrumentos de ordem legal (termo de consentimento informado e declaração de consentimento) e os de pesquisa (questionário, roteiro de perguntas e Atlas.ti). Após esses esclarecimentos, discutimos o *corpus*, caracterizando-o e descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados na coleta de dados, assim como as onze etapas de preparação dos dados levantados. Essas etapas tiveram início com a transcrição do evento discursivo, incluíram a leitura dessa transcrição, a observação de possíveis temas-chave, a observação de temas-chave, a identificação de tópicos discursivos, a descrição da estrutura do discurso, a identificação, organização e codificação dos temas e, em seguida, dos tópicos discursivos, a identificação das metáforas por meio dos veículos metafóricos, o agrupamento desses veículos, a identificação das metáforas sistemáticas por meio desses agrupamentos de veículos e dos tópicos discursivos, e foram finalizadas com a vinculação das metáforas sistemáticas aos temas e/ou tópicos discursivos ao longo do evento discursivo (trajetória). Concluindo esse capítulo, tratamos dos procedimentos de análise no tocante à figuratividade, às metáforas sistemáticas e às mudanças metafóricas.

No próximo capítulo, apresentaremos as análises das metáforas sistemáticas que emergiram no discurso das participantes do grupo focal desta pesquisa sobre violência doméstica contra a mulher.

5 INDO ALÉM DO ÓBVIO: O RAIOS X DE UMA METÁFORA

“Só quando fica insuportável é que a mulher quebra a barreira do silêncio.”

(Marta Rocha,
Delegada, quando Presidente do Conselho da
Mulher, no Rio de Janeiro).

Este capítulo, o coração desta tese, destina-se à apresentação das análises realizadas e corresponde à penúltima etapa a ser cumprida nesta investigação. Neste momento, nossa lente fecha, reduz o foco e o concentra nas metáforas que, segundo nossa interpretação dos dados obtidos, emergiram na fala de vítimas diretas da violência doméstica contra a mulher reunidas em um grupo focal, para discussão desse fenômeno.

Após o cumprimento dos procedimentos metodológicos de preparação apresentados no capítulo anterior (Capítulo 4), as análises foram realizadas com base no arcabouço teórico da Análise do Discurso à Luz da Metáfora, proposta por Cameron, conforme referências anteriormente citadas.

A análise dos dados relativos ao discurso produzido como resultado da interação verbal de seis vítimas diretas da violência doméstica contra a mulher, baseada em nossas percepções, inferências, reflexões e interpretações, indicou a emergência de quinze metáforas que, no nosso entendimento, em decorrência da trajetória que desenvolvem ao longo do evento discursivo, podem ser consideradas sistemáticas.

Para a realização da análise de cada uma dessas metáforas, elaboramos um roteiro que nos permitiu manter um padrão na sequência de apresentação. Esse roteiro inclui os seguintes dados da metáfora sob análise: (1) Número de ordem; (2) Título; (3) Total de excertos envolvidos; (4) Linhas inicial e final de cada um dos excertos, marcando os momentos de estabilização; (5) Total e nome das participantes da interação; (6) Total de tópicos discursivos envolvidos e tópicos discursivos por participante; (7) Total de veículos metafóricos e número de veículos por participante; além de (8) Total e tipos de mudanças metafóricas envolvidas.

Esses dados foram distribuídos em um quadro sinótico que elaboramos para viabilizar, inicialmente, uma visualização mais rápida dos detalhes relativos a cada metáfora analisada.

Ao final da análise de cada metáfora, apresentamos um gráfico, elaborado por nós, com o intuito de demonstrar a trajetória da metáfora analisada ao longo do evento discursivo, de modo a tornar possível a visualização do que foi construído de modo colaborativo pelas participantes. Tal visualização permite-nos identificar os momentos de estabilização resultantes da negociação de conceitos entre as participantes em sua interação verbal.

Nesse gráfico, os dois eixos utilizados são: (1) na vertical, as unidades entonacionais, que compõem a transcrição de todo o evento discursivo e correspondem às linhas de 0001 a 3768; e (2), na horizontal, os momentos de emersão da metáfora analisada, marcados pela linha inicial de cada excerto do tópico em que ela se manifesta. A linha que registra essa trajetória pode variar de acordo com os momentos de emersão da metáfora ao longo do discurso, com a frequência dessas ocorrências e com o tamanho do hiato que se estabelece entre elas no discurso como um todo.

Esclarecemos que, ao longo das análises, ao examinarmos alguns veículos, a título ilustrativo, recorreremos, no *Grande dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2012), ao primeiro significado do item lexical analisado, já que, na grande maioria dos dicionários tradicionais, como é o caso, esse significado é sua acepção mais básica, seu sentido mais primário, seu uso mais concreto, sendo os seguintes, se houver, extensões desse primeiro significado. Ao incluirmos esses dados, não há qualquer intenção em contrapor o literal ao figurado, já que isso não se coaduna com nossa concepção e, muito menos, com os princípios norteadores do quadro teórico que nos serve de base.

Apresentamos, em seguida, nossas análises, em sua grande maioria realizadas excerto a excerto, que se concluem com a apuração dos resultados e a apresentação da trajetória traçada pela metáfora analisada no gráfico já descrito, permitindo uma visualização de como esta se desenvolveu ao longo do evento discursivo.

As análises incluem as mudanças metafóricas que ocorrem em cada metáfora, com a identificação de quais os tipos e de quantas recorrências se verificam de cada um deles e no todo.

No quadro a seguir, estão relacionadas as metáforas analisadas.

Quadro 4 – Metáforas sistemáticas emersas no discurso

METÁFORAS SISTEMÁTICAS EMERSAS NO DISCURSO	
1	MUDAR É SER UMA NOVA PESSOA;
2	MUDAR É SAIR DE ALGUM LUGAR;
3	AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER SÃO MOVIMENTOS LENTOS;
4	ESTAR SEGURA NA CASA ABRIGO É ESTAR PRESA;
5	TOMAR UMA ATITUDE CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É ESTABELECEER UM FIM PARA ALGO;
6	VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É TRATÁ-LA COMO ANIMAL;
7	EVITAR SOFRER VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É AFASTAR-SE;
8	VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É DESTRUÇÃO;
9	SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É TER / ESCONDER UMA LESÃO;
10	RESIGNAR-SE COM A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA É ACOMODAR-SE;
11	VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É PESO;
12	AGREDIR É DAR ALGO RUIM/ AGREDIR É NÃO DAR AFETO;
13	ESPERAR POR UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA É OLHAR PARA A FRENTE / DEIXAR A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É LARGAR TUDO PARA TRÁS;
14	VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É COMBATE;
15	MULHER É OBJETO DE VALOR

Fonte: Elaboração da autora.

5.1 Metáfora sistemática 1

MUDAR É SER UMA NOVA PESSOA

Quadro 5 – Metáfora sistemática 1

MUDAR É SER UMA NOVA PESSOA

EXCERTOS	PARTICIPANTES	TÓPICOS DISCURSIVOS	VEÍCULOS METAFÓRICOS	MUDANÇAS METAFÓRICAS
4 (l. 88 a 104); (l.1493 a 1499); (l.1652 a 1661); (l.2821 a 2836)	Acácia	1 (Desejo de mudança)	9	Desenvolvimento (repetição e explicação)
	Dália	1(Desejo de mudança)	1	
TOTAL: 4	2	1	10	D (R +E)

Fonte: Elaboração da autora.

A metáfora sistemática *MUDAR É SER UMA NOVA PESSOA* emerge na interação do grupo focal como resultado da manifestação dos sentimentos de Acácia em relação às situações de violência vivenciadas em sua casa e, por vezes, até fora

dela. A emersão dessa metáfora envolve duas participantes (Dália, inicialmente, e a própria Acácia), um tópico discursivo (Desejo de mudança) e dez veículos metafóricos.

Esta metáfora parece emergir a partir de uma base cognitiva fundada na metáfora primária PROPÓSITOS SÃO DESTINOS (GRADY, 1997), pois intenções e desejos estão intrinsecamente ligados a metas, objetivos, propósitos a serem alcançados. Para que isso aconteça, ações se fazem necessárias.

Segundo Grady (1997) nesse caso, o julgamento subjetivo é ALCANÇAR UMA META que, com base na experiência sensorio motora, é compreendido e tratado como “chegar a um destino”. A experiência primária envolvida é, na vida cotidiana, alcançar um destino para, por meio disso, alcançar uma meta, atingir um objetivo.

Logo no início de sua fala, Acácia trata das muitas violências perpetradas contra si por seu marido e do seu desejo de que isso se modifique. No Excerto 1 (l. 88-104), abaixo apresentado, esta recorre a Dália para encontrar a expressão certa e Dália, confirmando as frequentes manifestações desse desejo por sua companheira de abrigo, diz que ela “Quer mudar de vida”, “...fazer curso”, “Profissionalizante” (l. 90, 92, 95, respectivamente).

Dália acrescenta “Quer uma nova chance” (l. 97) e Acácia reitera dizendo “Eu quero ter uma nova chance” (l. 99). Imediatamente associando a ideia de uma nova chance sugerida pela companheira de abrigo a ‘ser uma nova pessoa’, Acácia usa a expressão “quero ser uma nova pessoa” (l. 100, 101) duas vezes e, em seguida, reforça “uma nova pessoa no momento” (l. 103). Ao fazer uso da expressão, Acácia faz associação a uma nova vida e Dália reitera esse pensamento, dizendo “uma nova história” (l. 102).

O veículo metafórico utilizado “nova”, verbete no Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS, 2012, p. 2032), na sua versão eletrônica, como ‘novo’, tem como sua acepção primeira “[...] que nasceu ou apareceu, que tem pouco tempo de vida, de existência (diz-se esp. de seres vivos).”

“Ser uma nova pessoa” (l. 100, 101) , expressão utilizada por Acácia, só é possível em termos metafóricos, pois Acácia não é recém-nascida e nem vai poder voltar a essa condição numa viagem no tempo, assim como, também, não pode dizer que, aos 30 anos, tem pouco tempo de vida (ou existência).

A figuratividade manifesta nos veículos metafóricos “mudar de vida” e “ser uma nova pessoa” revela o desejo de Acácia de tornar-se uma pessoa melhor e de

ter uma vida sem violência. O sentido figurado presente na fala de ambas (Acácia e Dália) tornou mais fácil não só a expressão de seus sentimentos, mas também a compreensão deles pelas outras participantes.

Excerto 1 – Discurso do grupo focal

Participantes: DÁLIA e ACÁCIA

Tópico discursivo: DESEJO DE MUDANÇA

0088	É,
0089	mas eu quero
0090	[DÁLIA: Quer mudar de vida,
0091	É
0092	...fazer curso]
0093	É
0094	exatamente
0095	[DÁLIA: Profissionalizante]
0096	É
0097	[DÁLIA: Quer uma chance,
0098	no caso.]
0099	ACÁCIA: Eu quero ter uma nova chance,
0100	quero ser uma nova pessoa
0101	quero ser uma nova pessoa
0102	[DÁLIA: Uma nova história]
0103	uma nova pessoa no momento
0104	sabe?

No Excerto 2 (l. 1493, 1499), a seguir, com a repetição do veículo metafórico “nova”, Acácia reitera o seu desejo de mudança, como se fosse um renascer. Ao afirmar “Eu vou ser uma nova mulher” (l. 1494), Acácia expressa seu desejo de começar de novo, passando por uma transformação total. Disse antes querer uma nova chance, agora fala do tratamento que pretende fazer e diz que irá

REVOLUIR, numa consciente ou inconsciente associação de “revolucionar” e “evoluir”. Para ela, provavelmente, a mudança é tão drástica que vai revolucionar a sua vida atual e fazê-la evoluir como pessoa.

Acácia manifesta, assim, o seu desejo de se transformar em OUTRA PESSOA, alguém que seja muito diferente do que ela era até pouco tempo atrás, alguém que tenha uma vida melhor. Declara não querer mais “ser o que era” (l. 1497), deixando que percebamos que sua opinião sobre quem era até um passado recente não é das melhores.

Acácia dá a entender que houve uma conscientização sua de que a situação de violência não deve continuar, de que ela pode ter uma vida melhor e de que a mudança tem que partir dela. Diz que vai “ser uma nova mulher” (l. 1494), que vai “fazer um tratamento” (l. 1495).

No início, ao contar sua história, Acácia revela que ela e o marido são dependentes químicos e esse é um problema grave, mas, ao falar de seus planos, demonstra ter plena consciência de que ao tratamento contra as drogas deve ser dada absoluta prioridade.

Ainda no mesmo excerto, ao dizer “Eu não quero mais ser o que eu era, pra mim eu era um lixo” (l. 1497, 1498) e, depois, “pra sociedade eu era um lixo” (l. 1499), Acácia declara, com todas as letras, que se considerava “um lixo” (l. 1498, 1499). O elemento lexical ‘lixo’ é “[...] qualquer objeto sem valor ou utilidade, ou detrito oriundo de trabalhos domésticos, industriais etc. que se joga fora.” (HOUAISS, 2012, p. 1774).

Dessa maneira, ao externar essa opinião sobre si mesma, Acácia revela que se via, como resultado da violência que sofria, não como um ser humano, com o direito a uma vida digna e feliz, mas como um objeto insignificante, algo sem o menor valor, perfeitamente descartável, sem qualquer utilidade e que não fazia a menor falta a quem quer que fosse, demonstrando que tinha autoestima muito baixa e pouco respeito por si mesma.

Ao usar “eu era um lixo” (l. 1498, 1499), duas vezes, Acácia, por meio do sentido figurado, revela às outras participantes como se sentia naquela situação, o que pensava de si mesma. É uma expressão que apresenta uma forte carga metafórica, já que lixo está associado ao que não presta, ao que se descarta, àquilo cujo conteúdo já foi consumido, ao que já não serve por conta de defeito, falta de peças ou excesso de uso.

Excerto 2 – Discurso do grupo focal**Participante: ACÁCIA****Tópico discursivo: DESEJO DE MUDANÇA**

1493	Eu vou mudar
1494	Eu vou ser uma nova mulher.
1495	Vou fazer um tratamento,
1496	Vou revoluir.
1497	Eu não quero mais ser o que eu era,
1498	pra mim eu era um lixo
1499	pra sociedade eu era um lixo.

Ao analisarmos o Excerto 3 (l. 1652-1661), percebemos que Acácia passa a falar de seus planos de transformação. Planos de só casar “quando ele tiver preso” (l. 1654) e ela “tiver livre” (l. 1655), voltar para sua cidade e fazer seu tratamento alimentam o seu desejo de ser uma pessoa “completamente diferente do que era” (l. 1661), livre das drogas, da violência, do seu agressor. Uma pessoa que mereça o respeito de quem a cerca e possa levar uma vida normal.

A figuratividade manifesta em “uma pessoa, uma pessoa [...] completamente diferente do que eu era” (l.1658, 1661) revela que Acácia quer passar por uma grande transformação, que lhe proporcione uma vida digna, sem agressões, sem traumas, enfim, sem violência.

Excerto 3 – Discurso do grupo focal**Participante: ACÁCIA****Tópico discursivo: DESEJO DE MUDANÇA**

1652	ACÁCIA: Eu só vou
1653	Eu só vou casar
1654	quando ele tiver preso
1655	e eu tiver livre.
1656	Também tiver meu tratamento,
1657	voltar pra Fortaleza,
1658	uma pessoa, uma pessoa
1659	[DÁLIA: Uma nova vida né?]
1660	uma nova vida,
1661	completamente diferente do que eu era.

Como podemos ver, no Excerto 4 (l. 2821-2836), a seguir, Acácia reitera, bem adiante, sua determinação de se modificar, de ter uma vida normal, uma nova vida, e de mostrar ao marido que ela é "uma pessoa completamente diferente" (l. 2836). Acácia não fala de modificações na própria aparência, embora não as exclua. Ela fala de mudança de atitude, de novos hábitos, de um modo de vida, de uma nova maneira de ser. Assim, seu firme propósito de "mudar de vida" (l. 90), como sugeriu Dália, se traduz nessa afirmação de que vai mostrar ao marido que não é vagabunda (sic), como ele a chamava, que é "uma pessoa completamente diferente" (l. 2836).

Embora apenas duas participantes interajam no caso dessa metáfora, já que sua primeira emersão ocorre logo no início do encontro, percebemos muito claramente como Acácia reage positivamente à sugestão de Dália quanto a assumir uma nova vida; como, sem hesitar, explica o que entende por mudar de vida e, ao longo do evento discursivo, retoma essa metáfora outras vezes, quando fala sobre seu desejo de mudança.

Excerto 4 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

Tópico discursivo: DESEJO DE MUDANÇA

2821 **Vou,**
 2822 **vou mudar,**
 2823 **Vou fazer meu tratamento.**
 2824 **Vou fazer meu tratamento.**
 2825 **Vou ter uma vida normal.**
 2826 **Vou ter uma nova vida**
 2827 **e vou colocar ele na cadeia.**
 2828 **Agora eu quero ver**
 2829 **..se ele vai dizer que**
 2830 **era por causa do meu filho,**
 2831 **era por causa do meu filho,**
 2832 **que eu não trabalhava.**
 2833 **Ele jogava na minha cara que eu era vagabunda,**
 2834 **que eu não queria trabalhar.**
 2835 **Agora eu vou mostrar pra ele**
 2836 **que eu sou uma pessoa completamente diferente.**

Assim, a metáfora sistemática *MUDAR É SER UMA NOVA PESSOA* emerge em quatro momentos diferentes, sob o mesmo tópico discursivo (Desejo de mudança), demonstrando a figuratividade presente ao longo da interação das participantes Acácia e Dália.

As mudanças metafóricas observadas são de desenvolvimento. Acácia, inicialmente, explica o que é “mudar de vida” (l. 90) (explicação) e usa outras vezes essa explicação (“ser uma nova pessoa”, l. 100. 101) (repetição), para expressar seu desejo de mudança. Ao usar “que eu sou uma pessoa completamente diferente do que eu era” (l. 2836), ela, de outra maneira, explica o que significa ‘ser uma nova pessoa’ (l.100, 101) (explicação).

Dessa forma, com sua sistematicidade demonstrada nos quatro excertos (com as respectivas linhas iniciais 88, 1493, 1652 e 2821) nos quais emerge, acreditamos que a trajetória da metáfora *MUDAR É SER UMA NOVA PESSOA*,

manifesta nas falas de Acácia e Dália, preenche os requisitos que nos permitem considerá-la sistemática.

No gráfico a seguir, observamos que a metáfora *MUDAR É SER UMA NOVA PESSOA* desenvolveu uma trajetória marcada por quatro emersões ao longo do evento discursivo.

Gráfico 3 – Trajetória da metáfora sistemática 1
MUDAR É SER UMA NOVA PESSOA



Fonte: Elaboração da autora.

5.2 Metáfora sistemática 2

MUDAR É SAIR DE ALGUM LUGAR

Quadro 6 – Metáfora sistemática 2
MUDAR É SAIR DE ALGUM LUGAR

EXCERTOS	PARTICIPANTES	TÓPICOS DISCURSIVOS	VEÍCULOS METAFÓRICOS	MUDANÇAS METAFÓRICAS
4 (l. 76 a 87); (l.433 a 441); (l.1670 a 1675); (l.2841 a 2851).	Acácia	1(Desejo de mudança)	2	Reemprego e Desenvolvimento (repetição)
	Dália	1(Desejo de mudança)	1	
	Azaleia	1(Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher)	1	
	Gérbera	1(Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher)	1	
TOTAL: 4	4	2	5	R+ D(R)

Fonte: Elaboração da autora.

A metáfora *MUDAR É SAIR DE ALGUM LUGAR* emerge nas falas de Acácia, Dália, Azaleia e Gérbera, quatro das participantes da interação do grupo focal, envolvendo dois tópicos discursivos (Desejo de mudança e Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher) e cinco veículos metafóricos, conforme demonstrado nos quatro excertos a seguir.

A primeira emersão ocorre na interação de duas participantes, Acácia e Dália, nas suas manifestações sobre os desejos de mudança que hoje sentem. Como podemos ver no Excerto 5 (l. 76-87), abaixo, Acácia fala sobre seu desejo de “sair” da dependência química (l. 77) e Dália confirma esse seu desejo, constantemente expresso nas suas conversas. O veículo utilizado por ambas é “sair” (l. 77, 85).

Dália entende, também, que qualquer chance de mudança, de melhoria, passa necessariamente por “sair” (l. 77) da dependência química, por isso reitera o “sair” associando-o a lutar, “Sair e lutar” (l. 85), para enfatizar para a colega de abrigo que o abandono da sua situação de dependência química e violência não virá de forma graciosa, mas como uma luta a ser travada.

Como a anterior, esta metáfora também parece apresentar, na sua emergência, uma base cognitiva que se funda na metáfora primária *PROPÓSITOS SÃO DESTINOS* (GRADY, 1997), já que também está diretamente vinculada a desejos e intenções e estes, conforme já ressaltamos, intimamente relacionados a objetivos, propósitos e metas que se concretizam por meio de ações.

Como, no caso dessa metáfora primária, o julgamento subjetivo é *ALCANÇAR UMA META* (GRADY, 1997) que, respaldados por nossa experiência sensorio motora, entendemos e tratamos como “chegar a um destino”. No cotidiano, o ser humano experiencia situações nas quais se faz necessário chegar a algum lugar para que um objetivo seja alcançado, uma meta seja atingida, um propósito seja concretizado. Assim, para Acácia, mudar é “sair” da dependência química para uma vida sem drogas.

A figuratividade está manifesta na utilização do veículo metafórico “sair”. O item lexical ‘sair’ significa “[...] 1 passar do interior para o exterior 1.1 deixar um local, uma morada, um pouso e seus ocupantes; partir [...]” (HOUAISS, 2012, p. 2497).

Assim, como usuária de drogas, Acácia entende a sua situação de dependência como um lugar de onde precisa sair. Ao associar sua saída dessa

condição com a oportunidade de uma vida melhor, Acácia reconhece perceber essa dependência como um lugar ruim, sem chance de melhoria, sem possibilidade de uma vida digna, de onde ela tem que sair.

Como sabemos que a dependência química não é um lugar de onde se saia, entendemos que Acácia fala “Eu quero sair da minha dependência química” (l. 77), no sentido figurado, utilizando o veículo metafórico “sair”, para expressar sua necessidade de deixar as drogas, de se reabilitar.

Destacamos que, como esquemas imagéticos baseados na experiência do ser humano na sua relação físico-corpórea com o mundo à sua volta, observamos, no embasamento e na estruturação desta metáfora, ambos os esquemas de CONTÊINER e de movimento ORIGEM-PERCURSO-META.

Quando Acácia fala de sua dependência química, ela a trata como um lugar de onde precisa sair, desse modo, percebe-se que ela a entende como um CONTÊINER no qual se encontra. No tocante ao esquema de movimento, “sair” de algum lugar implica em ter um PONTO DE ORIGEM (de onde vai sair), ter uma META (onde pretende chegar) e o PERCURSO, o caminho a trilhar que une esses dois pontos.

Acácia pretende sair da dependência química (ORIGEM) para ser uma nova mulher, para ter uma nova vida (META) e o caminho, nesse caso é o tratamento que terá de fazer para sua reabilitação (PERCURSO).

Excerto 5 – Discurso do grupo focal

Participantes: ACÁCIA e DÁLIA

Tópico discursivo: DESEJO DE MUDANÇA

0076	como é que se diz,
0077	eu quero sair da minha dependência química.
0078	Como é o nome, Dona Dália?
0079	Eu pedi,
0080	Eu pedi um
0081	DÁLIA: Ah é,
0082	você quer
0083	..sair, né?
0084	ACÁCIA: Ahan, eu quero--
0085	[DÁLIA: Sair e lutar.
0086	Você sempre comenta isso.
0087	É o que você ultimamente--]

No Excerto 6 (l. 433-441), podemos perceber que a metáfora sistemática *MUDAR É SAIR DE ALGUM LUGAR* emerge novamente na fala de Azaleia, quando esta se refere à sua situação de violência doméstica.

Essa participante, ao falar sobre seu comportamento diante da violência a que era submetida na sua casa, utiliza o veículo metafórico “sair” (l. 437), considerando também a situação de violência doméstica por ela vivenciada como um lugar de onde precisava sair. Percebia-se impossibilitada de “sair” (l. 437) daquela situação, de deixar o agressor, de tentar ser esquecida, porque não tinha como sustentar seus filhos.

Assim, utilizado pela terceira participante, envolvendo outro tópico (Comportamento diante da violência) o veículo metafórico “sair” (l. 437) é empregado não em relação à dependência química, mas especificamente à situação de violência doméstica por ela enfrentada. Azaleia manifesta o desejo que tinha de mudar, de sair da realidade em que vivia.

Excerto 6 – Discurso do grupo focal

Participantes: AZALEIA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0433	assim
0434	e porque meus filhos moravam comigo,
0435	não tinha como--
0436	Eu pensava assim,
0437	de eu sair,
0438	dar um tempo,
0439	pra ele esquecer,
0440	mas aí
0441	só que não tinha como.

No Excerto 7 (l. 1670-1675), a seguir, podemos observar mais uma participação de Acácia. Ao falar novamente sobre seu desejo de mudança, essa participante utiliza o veículo metafórico “sair” (l. 1673), para expressar a sua necessidade de “sair dessa vida” (l. 1673) para não morrer, referindo-se à sua vida de violência doméstica que pode, a qualquer momento, resultar em tragédia.

A figuratividade manifesta-se no uso de “sair” e fica óbvia nas palavras de Acácia: “Tenho certeza de que Deus vai me abençoar e me fazer sair dessa vida” (l. 1672, 1673). Em seguida, reiterando sua ideia, diz “Deus já me livrou da morte quatro vezes” (l. 1675).

Assim, o desejo de “sair dessa vida” (l. 1673) não é o desejo de morrer, mas o desejo de mudar. Acácia refere-se à vida de agressões constantes como um lugar de onde tem que sair para não morrer, como utilizou para a situação de dependência química, Acácia faz emergir mais uma vez a metáfora sistemática *MUDAR É SAIR DE ALGUM LUGAR*.

Excerto 7 – Discurso do grupo focal

Participantes: ACÁCIA

Tópico discursivo: DESEJO DE MUDANÇA

1670

Tudo vai dar certo!

1671

Tenho fé em Deus!

1672

Tenho certeza que Deus vai me abençoar

1673

E me fazer sair dessa vida.

1674

Oh, já me livrei quatro vezes.

1675

Deus já me livrou quatro vezes da morte.

O Excerto 8 (l. 2841-2851) mostra Gérbera falando sobre seu comportamento diante da violência. Como as outras participantes, ela utiliza o veículo metafórico “sair” (l. 2850) para manifestar seu desejo de mudança. Explica que não hesitou em abandonar tudo o que tinha para “sair” (l. 2850) daquela situação de violência apenas com sua vida.

O veículo metafórico empregado expressa o desejo de mudança da realidade de violência vivenciada pela participante. O seu cotidiano de agressões e sofrimento, com permanente risco de morte, inclusive, era um lugar do qual precisava “sair” (l. 2850), mesmo que para isso só levasse consigo a própria vida, como finalmente o fez.

Excerto 8 – Discurso do grupo focal

Participantes: GÉRBERA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

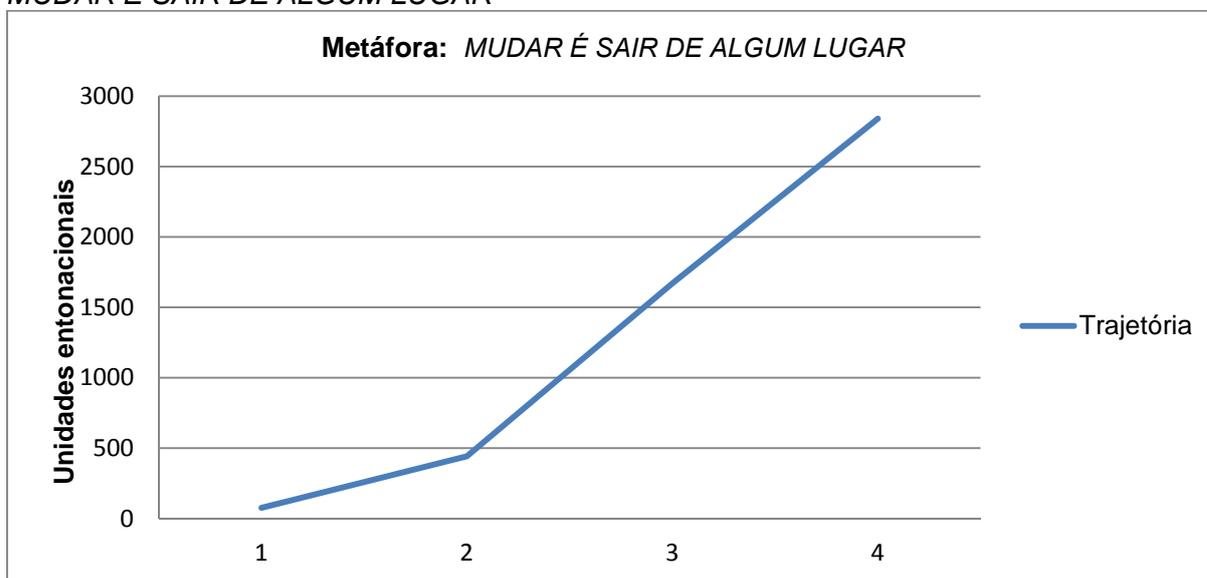
2841	GÉRBERA: Eu,
2842	Gérbera,
2843	eu,
2844	eu não pensei duas,
2845	eu não pensei,
2846	eu não pensei duas vezes.
2847	Larguei tudo pra trás.
2848	Eu,
2849	a única coisa que eu queria
2850	era sair com minhas,
2851	com vida, né?

No tocante às mudanças metafóricas observadas nos excertos apresentados, percebemos que “sair” é utilizado em contextos diferentes, mas a ideia é a mesma. “Sair” da dependência química (l. 77), “sair” (l. 437), “sair” e “lutar” (l. 85) e “sair” dessa vida de violência, (l. 1673), registram mudanças de desenvolvimento (repetição) do veículo metafórico utilizado pelas participantes dentro de um mesmo tópico discursivo, enquanto também se registra o seu uso em tópicos discursivos diferentes, caracterizando a mudança metafórica de reemprego, como são os casos de “sair” da situação de violência (l. 1673) e “sair” só com a vida (l. 2850).

Dessa forma, observamos o uso do veículo metafórico “sair” por quatro das seis participantes na interação do grupo focal, em dois tópicos discursivos diferentes, com a utilização de cinco veículos metafóricos, ao longo do evento discursivo, conforme os quatro excertos apresentados (linhas iniciais 76, 433, 1670 e 2841, respectivamente), demonstrando que, pela trajetória apresentada pela metáfora *MUDAR É SAIR DE ALGUM LUGAR*, esta pode ser classificada como metáfora sistemática.

O gráfico a seguir demonstra a trajetória desenvolvida por essa metáfora no evento discursivo.

Gráfico 4 – Trajetória da metáfora 2
MUDAR É SAIR DE ALGUM LUGAR



Fonte: Elaboração da autora.

5.3 Metáfora sistemática 3

AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER SÃO MOVIMENTOS LENTOS

Quadro 7 – Metáfora sistemática 3

AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER SÃO MOVIMENTOS LENTOS

EXCEROTOS	PARTICIPANTES	TÓPICOS DISCURSIVOS	VEÍCULOS METAFÓRICOS	MUDANÇAS METAFÓRICAS
3 (l.3607 a 3628); (l.3668 a 3681); (l.3692 a 3703).	Acácia	1(Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher)	4	Desenvolvimento (repetição e explicação)
	Gérbera	1(Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher)	3	
	Dália	1(Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher)	1	
	Azaleia	1(Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher)	5	
TOTAL: 3	4	1	13	D (R + E)

Fonte: Elaboração da autora.

Durante a discussão sobre as ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher, verificamos a emergência da metáfora sistemática

AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER SÃO MOVIMENTOS LENTOS na fala de quatro participantes do grupo focal, a saber: Acácia, Gérbera, Dália e Azaleia, no mesmo tópico discursivo (Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher), envolvendo treze veículos metafóricos.

Essa construção colaborativa emerge quando as participantes conversam sobre a morosidade das ações do governo nos processos que movem contra seus agressores, já que o tempo passa e a situação delas permanece a mesma. Observamos que essa metáfora parece estar baseada na metáfora primária *MUDANÇA É MOVIMENTO*, já que a expectativa é de que a mudança requerida seja resultado da tramitação desses processos pelas diversas instâncias da justiça. Nesse caso, o julgamento subjetivo é *EXPERIENCIAR UMA MUDANÇA DE ESTADO* (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Ao examinarmos o Excerto 9 (l. 3607-3628), a seguir, observamos que Acácia aborda a questão usando os veículos metafóricos “tá sendo muito lento” (l. 3610, 3611, 3615) e “tá sendo lento demais” (l. 3628), ao referir-se ao processo que tem na justiça contra seu marido. Acrescenta que já registrou três queixas contra ele com base na Lei Maria da Penha e que espera que essa última produza algum resultado, já que as anteriores não surtiram qualquer efeito.

Ainda no mesmo excerto, o veículo metafórico usado inicialmente é “tá sendo muito lento” (l. 3615), que é repetido outras duas vezes. Depois disso, o veículo utilizado é “tá sendo lento demais” (l. 3628). Nas três primeiras vezes em que é usado, notamos que Acácia destaca a intensidade da lentidão do processo, valendo-se do advérbio ‘muito’. Depois, usa o advérbio ‘demais’ para enfatizar o excesso, indicando que a morosidade já ultrapassou os limites aceitáveis. Em todos os casos, a figuratividade está manifesta na atribuição de movimento e, mais especificamente, de lentidão às ações do governo que poderiam mudar a sua situação.

Segundo o Dicionário Houaiss (2012, p. 1742), o item lexical ‘lento’ significa “[...] falta de rapidez em seus movimentos ou deslocamentos (diz-se de seres animados, veículos, máquinas).” Acácia trata o processo que tramita na justiça contra seu agressor, que tramita na justiça, como se este fosse provido de mobilidade própria e ritmo bem diferente daquele que ora apresenta, o qual se

mostra, no seu entender, excessivamente vagaroso, totalmente alheio à urgência necessária, sem apresentar quaisquer avanços.

Excerto 9 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

Tópico Discursivo: AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

3607 **MODERADORA:** Então, eu queria que cada uma se manifestasse a esse respeito.

3608 **ACÁCIA:** Não.

3609 Eu queria fazer uma pergunta:

3610 Por que, que tá sendo muito lento,

3611 tá sendo muito lento,

3612 a, esse processo

3613 que nós tamos fazendo

3614 contra os nossos maridos?

3615 Tá sendo muito lento.

3616 Porque já fiz três Maria da Penha,

3617 Como é,

3618 três com essa, né?

3619 Com a primeira,

3620 não deu certo.

3621 A segunda,

3622 não deu certo.

3623 Essa agora,

3624 eu tenho certeza de,

3625 eu tenho fé em Deus,

3626 que vai dar certo.

3627 Por que é que não tá,

3628 tá sendo lento demais.

No Excerto 10 (l. 3668-3681), a seguir, Gérbera e Dália, ainda dentro do mesmo tópico, reiteram a ideia de lentidão das ações governamentais contra a violência doméstica, como se estas fossem seres vivos, veículos ou máquinas.

Assim, temos aqui o caso de uma metáfora ontológica de personificação (LAKOFF; JOHNSON, 1980) das ações do governo. Gérbera e Dália compreendem essas ações em termos humanos, atribuindo-lhes características, ações, objetivos e motivações do ser humano.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), dentre as metáforas de natureza ontológica, a mais óbvia é a que personifica objetos e entidades não humanas. Por meio dessa metáfora é possível compreender muitas experiências com objetos, entidades não humanas. Atribuindo-lhes características e motivações humanas, fica mais fácil falar sobre fatos, vida, morte, crenças, fenômenos, por exemplo.

Gérbera destaca que “isso não vai ficar só aqui, vai ser levado mais adiante” (l. 3670), caracterizando uma expectativa de deslocamento e também expressando ideia de movimento.

Temos, também, o uso do veículo metafórico “força” (l. 3673) que está associado à necessidade de estimular a justiça a avançar mais rapidamente, como se esta precisasse de marchas de força, de um empurrão, para conseguir concluir um percurso difícil.

Dália, por sua vez, utiliza o veículo metafórico “Muito lenta” (l. 3680), reduzindo a forma usada por Acácia, a quem faz a devida referência expressa, sem empregar o gerúndio, dando, às ações do governo, uma condição mais permanente de morosidade.

Excerto 10 – Discurso do grupo focal

Participantes: GÉRBERA e DÁLIA

**Tópico discursivo: AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

3668 Então,
 3669 isso é bom acontecer sempre.
 3670 Eu creio que isso não vai ficar só aqui.
 3671 Vai ser levado mais adiante,
 3672 entendeu?
 3673 Pra dar mais força pra Justiça.
 3674 Pra interceder
 3675 ..em relação a isso.
 3676 Que a justiça,
 3677 tipo assim,
 3678 um apelo que eu faço,
 3679 que dê mais atenção a isso.
 3680 DÁLIA: Muito lenta,
 3681 como já disse a Acácia.

Como veremos, a seguir, o Excerto 11 (l. 3692-3703), ainda sobre as ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher, apresenta a fala de Azaleia sobre a lentidão do processo, também atribuindo à justiça características próprias dos seres humanos, personificando-a. Dessa forma, diz: “E que a justiça faça, dê mais um empurrãozinho, assim, nessa lei aí” (l. 3692, 3693, 3694 e 3695), tratando-a como pessoa.

O uso dos veículos metafóricos “empurrãozinho” (l. 3693), “tá muito lento” (l. 3696), “tá devagar demais” (l. 3697), “dar mais, mais uma ...mais um passo” (l. 3700, 3701. 3702), reitera as ideias de intensa vagareza, do excesso de lentidão e da necessidade de avanço.

Sem o uso do gerúndio, Azaleia utiliza o veículo metafórico “tá muito lento” (l. 3696) para caracterizar uma condição mais permanente, como Dália o utilizou. Assim como, ao usar “tá devagar demais” (l. 3697), reitera a ideia de excesso, de além do aceitável, anteriormente expressa por Acácia. Mais uma participante atribui às ações do governo a vagareza, o movimento lento, como se estas tivessem mobilidade própria e um ritmo mais acelerado do que aquele que ora desenvolve. A figuratividade novamente emerge na fala dessa participante que

atribui a capacidade de mobilidade às ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher.

Excerto 11 – Discurso do grupo focal

Participantes: AZALEIA

Tópico discursivo: AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

3692	E que a justiça faça,
3693	Dê mais um empurrãozinho.
3694	assim,
3695	nessa lei aí,
3696	porque tá muito lento,
3697	tá devagar demais.
3698	E neguinho tá se achando, né?
3699	Então.
3700	Eles têm que dar mais,
3701	mais uma
3702	...mais um passo,
3703	pra resolver essa situação.

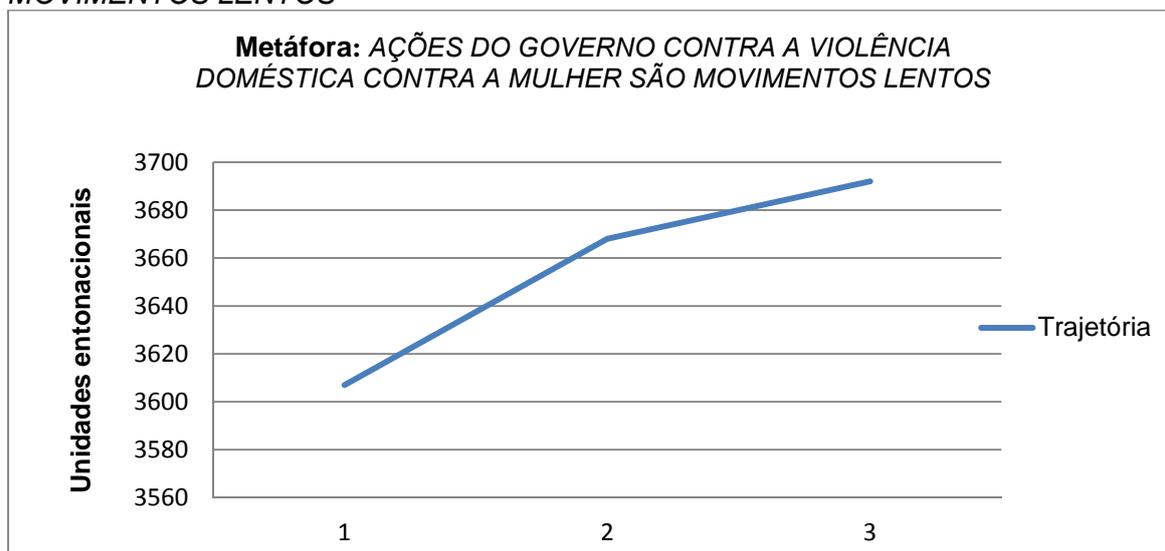
Assim, observamos que, no caso da metáfora sistemática *AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER SÃO MOVIMENTOS LENTOS*, as mudanças metafóricas presentes são de desenvolvimento. Há o caso da repetição de “tá sendo muito lento” (l. 3610, 3611, 3615, respectivamente) e o uso de “muito lenta”(l. 3680), assim como os equivalentes “tá sendo lento demais” (l. 3628) e “tá devagar demais” (l. 3697), que inserem a ideia de excesso, explicando melhor a intensidade da vagareza (explicação) das ações governamentais nessa esfera.

Reunidos no âmbito de um mesmo tópico discursivo, os treze veículos metafóricos estão concentrados nos três excertos analisados, com as respectivas linhas iniciais 3607, 3668 e 3692 (já quase no final do evento discursivo), na fala de quatro das seis participantes, desenvolvendo uma trajetória (CAMERON, 2008, 2010) que caracteriza a emergência da metáfora sistemática *AÇÕES DO GOVERNO*

CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER SÃO MOVIMENTOS LENTOS, conforme demonstra o gráfico abaixo.

Gráfico 5 – Trajetória da metáfora 3

AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER SÃO MOVIMENTOS LENTOS



Fonte: Elaboração da autora.

5.4 Metáfora sistemática 4

ESTAR SEGURA NA CASA ABRIGO É ESTAR PRESA

Quadro 8 – Metáfora sistemática 4

ESTAR SEGURA NA CASA ABRIGO É ESTAR PRESA

EXCERTOS	PARTICIPANTES	TÓPICOS DISCURSIVOS	VEÍCULOS METAFÓRICOS	MUDANÇAS METAFÓRICAS
3 (l.3054 a 3072); (l.3073 a 3096); (l.3634 a 3649).	Acácia	3 (Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher, Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher e O agressor)	8	Reemprego e Desenvolvimento (repetição)
	Dália	1 (Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher)	3	
TOTAL: 3	2	3	11	R + D (R)

Fonte: Elaboração da autora.

ESTAR SEGURA NA CASA ABRIGO É ESTAR PRESA é outra metáfora sistemática que emerge na fala de duas das participantes do grupo focal desta

pesquisa: Acácia e Dália, envolvendo três tópicos discursivos e onze veículos metafóricos.

Conforme evidenciam os excertos a seguir, essa metáfora emerge durante a interação das participantes acima citadas, em três momentos diferentes, quando discutem questões relacionadas aos seguintes tópicos discursivos: Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher, Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher e O agressor, utilizando um total de onze veículos metafóricos.

No Excerto 12 (l. 3054-3072), é possível percebermos muito claramente a insatisfação de Acácia, ao falar da sua condição de abrigada na casa mantida pelo poder judiciário, tendo em vista que ela não consegue compreender a situação que ora vivencia. Para esta participante, está errado elas estarem “presas” (l. 3056, 3065) e seus agressores, “soltos” (l. 3057). “Lá” e “aqui” (l. 3058, 3061, respectivamente) são usados, respectivamente, como referência aos dois mundos de sua vida: o lá de fora, que deixaram para trás, e o da casa abrigo, onde estão por medida de segurança.

A unidade lexical ‘preso’ significa “[...] encerrado num local fechado [...]” (HOUAISS, 2012, p. 2292). Esse não é o caso das mulheres vítimas diretas de violência doméstica que estão na casa abrigo. Elas foram acolhidas pela justiça para retirá-las de uma situação de violência, com riscos de agressões graves que podem, inclusive, resultar em morte, e são mantidas em isolamento, sem qualquer contato com aqueles que fazem parte do seu mundo, em função da sua própria segurança.

Os veículos que se destacam por sua metaforicidade são “presas” (l. 3056, 3065), utilizado duas vezes, assim como “presa” (l. 3062) e “soltos” (l. 3057), estes usados, cada um, uma única vez. “Presa” (l. 3062) é usado por Acácia quando faz referência a si mesma, enquanto “presas” (l. 3056, 3065) é utilizado quando estende às companheiras de abrigo a mesma condição de distanciamento, incomunicabilidade e reclusão.

Para ela, a casa abrigo é uma prisão, já que as abrigadas são privadas de sua liberdade, de sua convivência com familiares e amigos, de sua vida cotidiana. A figuratividade está manifesta nessa ideia de que estão ‘presas’ (l. 3056, 3065), enquanto seus agressores estão em liberdade, usufruindo de um tipo de vida que deveria ser delas, mesmo quando a condição de reclusas decorre de sua situação de violência, da medida protetiva que as tira do alcance dos seus agressores.

Na sua fala, Acácia deixa bem clara a sua crítica à indiscutível impunidade que grassa no Brasil. É do conhecimento de todos que o sistema brasileiro conta com códigos antigos, leis não regulamentadas, engavetadas por falta de legislação complementar, assim como com muitas brechas que permitem que os processos tramitem durante muitos longos anos, com a valiosa e oportuna ajuda da vagareza da justiça. Assim, também no caso dessas abrigadas, a espera promete ser longa e, no fundo, Acácia e as outras pressentem isso.

Excerto 12 – Discurso do grupo focal

Participantes: ACÁCIA

**Tópico discursivo: AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

3054 **ACÁCIA: Eu acho,**
3055 **eu acho errado,**
3056 **Porque nós tamos presas**
3057 **e eles tão soltos.**
3058 **tão lá,**
3059 **tão bebendo,**
3060 **tão curtindo.**
3061 **E nós aqui,**
3062 **presa.**
3063 **Nós poderia tá em casa,**
3064 **com nossos filhos.**
3065 **Não tamo presas,**
3066 **mas nós poderia tá em casa,**
3067 **com nossos filhos.**
3068 **cuidando em casa,**
3069 **normalmente né?**
3070 **Aí nós tamo ao contrário.**
3071 **Eles tão em casa,**
3072 **Bebendo,**

Ao falarem sobre seus sentimentos diante da violência de que são vítimas diretas, no Excerto 13 (l. 3073-3096), Dália e Acácia expõem a insegurança que lhes aflige. Enquanto Acácia destaca o medo de que aconteça algo com os filhos que ficaram fora durante esse período em que estão “presas” (l. 3078), Dália, concordando com a companheira de abrigo, reitera o sentimento de insegurança.

Como já esclarecido na Introdução, mesmo reconhecendo a sua importância, optamos, desde o início, por não tratar, nesta tese, das emergências metonímicas, como é o caso da simbolização de “dentro” e “fora”. Limitamo-nos, assim, ao estudo das questões metafóricas, com foco nas metáforas sistemáticas.

Dentro e fora estão associados à questão da segurança, da proteção. Dália diz sentir-se segura hoje, enquanto está sob a proteção da justiça, mas quando sair da casa não tem certeza quanto ao que será seu futuro. Ao que Acácia complementa: “Só Deus sabe. Deus proverá! (l. 3092, 3093).”

Percebemos que o sentimento de insegurança manifestado por Dália quanto ao que a espera quando sair se opõe diametralmente à condição de hoje estar segura, dentro de uma casa sob a custódia sigilosa da justiça.

Retomando a palavra, Dália diz que espera que nada aconteça com elas, mas faz a ressalva “Mas eu não me sinto segura” (l. 3096). Ambas, Acácia e Dália, consideram a casa abrigo uma situação temporária de segurança e proteção, embora se sintam prisioneiras, privadas de sua liberdade e de sua vida familiar, social e profissional.

Excerto 13 – Discurso do grupo focal

Participantes: ACÁCIA e DÁLIA

**Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

3073 raparigando.
 3074 [XXXX?: Se divertindo.]
 3075 Raparigando.
 3076 Pois é,
 3077 se divertindo,
 3078 e nós tamo aqui presas,
 3079 com medo de acontecer alguma coisa com nossos filhos.
 3080 Acho que isso é
 3081 completamente errado.

3082 AZALEIA: De qualquer forma,
 3083 teu filho continua
 3084 ..correndo perigo.

3085 ACÁCIA: Com certeza!

3086 DÁLIA: É isso que ela falou.
 3087 Eu,
 3088 por exemplo.
 3089 Aqui,
 3090 ...eu tô me sentindo segura.
 3091 Mas depois que eu sair daqui

3092 ACÁCIA: Só Deus sabe.
 3093 Deus proverá!

3094 DÁLIA: Eu espero que não aconteça nada
 3095 com nós.
 3096 Mas eu não me sinto segura.

No Excerto 14 (l. 3634-3649), abaixo, cujo tópico discursivo envolvido é O agressor, Acácia retoma a ideia de reclusão, dizendo não estar suportando a condição de “presa” (l. 3641, 3643), pois isso é essa a sua condição. Fala,

inicialmente, por si: “Não tô aguentando presa” (l. 3641) e, em seguida, inclui as companheiras abrigadas: “Nós tamo praticamente presas, né?” (l. 3642). Ao responder à própria questão com “Não tamo presa” (l. 3643), é apoiada por Dália, que diz “De certa forma é” (l. 3645). Acácia, então, retruca: “É. Mas era pra eles estarem no lugar da gente” (l. 3647).

As participantes, por meio da figuratividade, manifestam, mais uma vez, seu sentimento de insegurança e suas ideias sobre a diferença entre o tratamento dispensado aos agressores e aquele que elas recebem. A justiça e o governo dão aos agressores o direito à liberdade e tudo o que dela advém, enquanto, a elas, cabe apenas a reclusão.

Assim, demonstram a obviedade da inversão da realidade e dos papéis de vítimas e agressores, já que as prisões existem para isolar da sociedade indivíduos perniciosos, sociopatas, assassinos e criminosos de toda ordem, mantendo-os dentro de seus altos muros eletrificados e vigiados.

A casa, entendida como uma prisão, existe para proteger as abrigadas, mas tira-lhes, como vítimas, o direito de ir e vir, a vida familiar, social e profissional, enfim a liberdade e o direito a uma vida normal. Acácia demonstra não se conformar com essa situação nos três excertos em que se manifesta.

Excerto 14 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

Tópico discursivo: O AGRESSOR

3634 <Q Meu Deus,
 3635 nós merecemos isso? Q>
 3636 Nós não merecemos isso.
 3637 Era pra nós estar em casa,
 3638 com nossos filhos,
 3639 nu-
 3640 numa boa.
 3641 Não tô aguentando presa.
 3642 Nós tamo praticamente presas, né?
 3643 Não tamo presa,
 3644 pro-
 3645 [DÁLIA: De uma certa forma é.]
 3646 É,
 3647 Mas era pra eles estarem no lugar da gente,
 3648 Não no lugar deles.
 3649 Nós tamos no lugar.

As mudanças metafóricas observadas nos veículos utilizados nas manifestações das participantes são de desenvolvimento. “Presas” (l. 3056, 3065, 3078 e 3642) é utilizado algumas vezes por Acácia: duas vezes no mesmo tópico (Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher), envolvendo mudança metafórica de desenvolvimento (repetição) e uma vez cada, em tópicos diferentes (respectivamente, Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher e O agressor), caracterizando o reemprego.

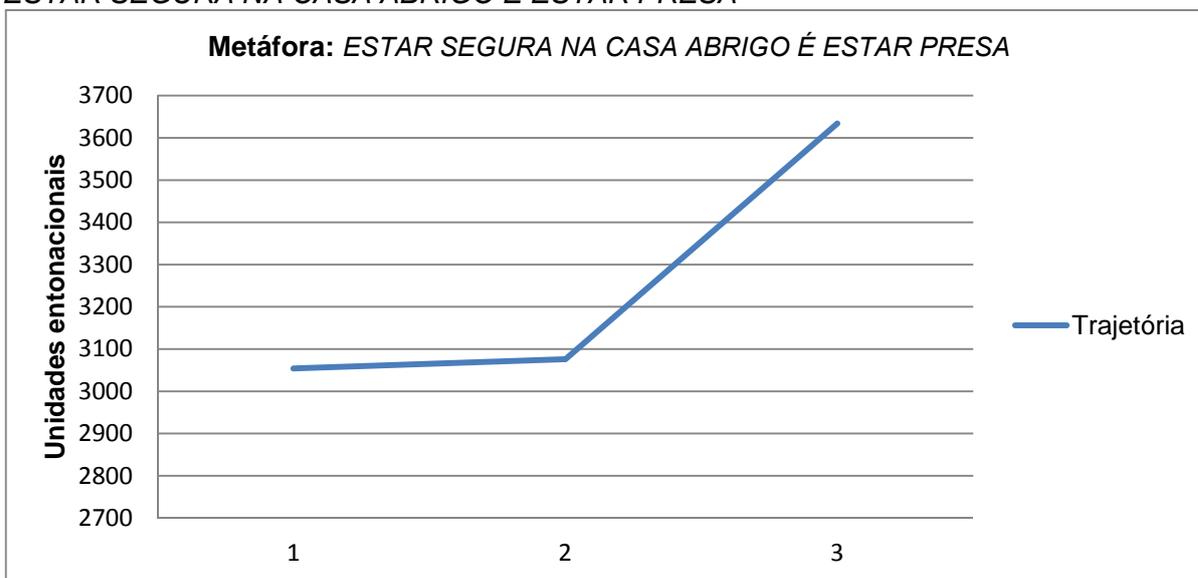
“Presas” (l. 3062, 3641, 3643), por sua vez, é usado uma vez em um tópico discursivo (Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher) e duas em outro tópico (O agressor). Essas ocorrências, como no caso de “presas” (l. 3078 e 3642), caracterizam o reemprego, enquanto as duas registradas no âmbito do mesmo tópico (O agressor) caracterizam uma mudança metafórica de desenvolvimento (repetição).

A análise dos três excertos (linhas iniciais 3054, 3076 e 3634, respectivamente) que registram a interação discursiva de duas participantes,

envolvendo três tópicos discursivos e onze veículos metafóricos, demonstra a sistematicidade da metáfora *ESTAR SEGURA NA CASA ABRIGO É ESTAR PRESA*, além de identificar mudanças metafóricas de reemprego e desenvolvimento (repetição).

O gráfico a seguir desenha a trajetória dessa metáfora que, no nosso entendimento, pode ser considerada sistemática.

Gráfico 6 – Trajetória da metáfora 4
ESTAR SEGURA NA CASA ABRIGO É ESTAR PRESA



Fonte: Elaboração da autora.

5.5 Metáfora sistemática 5

TOMAR UMA ATITUDE CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É ESTABELECEER UM FIM PARA ALGO

Quadro 9 – Metáfora sistemática 5

TOMAR UMA ATITUDE CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É ESTABELECEER UM FIM PARA ALGO

EXCERTOS	PARTICIPANTES	TÓPICOS DISCURSIVOS	VEÍCULOS METAFÓRICOS	MUDANÇAS METAFÓRICAS
5 (l.60 a 69); (l.105 a 112); (l.1272 a 1278); (l.1393 a 1399); (l.3000 a 3010).	Acácia	2 (Ações violentas contra a mulher e Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher)	3	Reemprego e Desenvolvimento (repetição)
	Dália	1 (Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher)	2	
TOTAL: 5	2	2	5	R + D (R)

Fonte: Elaboração da autora.

TOMAR UMA ATITUDE CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É ESTABELEECER UM FIM PARA ALGO é outra metáfora sistemática que emerge na interação de Acácia e Dália, envolvendo dois tópicos discursivos (Ações violentas contra a mulher e Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher) e cinco veículos metafóricos.

Como demonstra o Excerto 15 (l. 60-69), a seguir, logo no início do evento, ao falar das ações violentas que sofreu pelas mãos do seu marido, Acácia diz: “dei um basta nessa violência” (l. 66). Ao usar esse veículo para expressar que a violência atingiu seu nível de saturação e que não se sujeitará mais a ela, Acácia demonstra, de modo figurado, sua presente intolerância a agressões. “Dei um basta” (l. 66), nesse caso, para ela significa impus um limite, pus um fim.

Conforme o Dicionário Houaiss (2012, p. 413), ‘basta’, como interjeição, “[...] indica expressa ordem de interromper ou cessar imediatamente o que se está fazendo; chega.” Como substantivo masculino (HOUAISS, 2012, p. 413), como é o caso, significa “[...] ponto final, limite, termo”. Assim, ao usar a expressão “dar um basta”, o verbo ‘dar’ que, no Houaiss (2012, p. 909), tem como primeira acepção “[...] 1 por na posse (de) 1.1 ceder, entregar, oferecer (algo de que se desfruta ou de que se está na posse), sem pedir contrapartida [...]”, adquire carga metafórica, já que ‘basta’ não é algo que se possa entregar a alguém.

Excerto 15 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

Tópico discursivo: AÇÕES VIOLENTAS CONTRA A MULHER

0060	Ele já me furou,
0061	ele já me furou,
0062	já tentou matar meu filho na minha barriga.
0063	Ele já
0064	...fez meu filho de escudo,
0065	eu brigando com ele
0066	...e eu dei um basta nessa violência
0067	porque quatro anos não é quatro dias.
0068	Eu resolvi
0069	...colocar ele na Lei Maria da Penha,

Acácia faz uso do veículo metafórico “dar um basta” (l. 112) no Excerto 16 (l. 105 a 112), a seguir, quando fala sobre seu comportamento. A ideia é a mesma, embora haja uma redução que deixa subentendido o objeto violência.

O que Acácia deixa claro é sua determinação de por um ponto final nos maus tratos, nas brigas e, principalmente, no risco permanente de uma tragédia que ela antevê, ao afirmar: “ou ele vai me matar ou então eu vou matar ele” (l. 110, 111). Essa determinação está expressa no “dar um basta” (l. 112).

Excerto 16 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0105	porque
0106	...não dá mais certo,
0107	se eu chegar a voltar para ele,
0108	vai ser um dos dois,
0109	Deus me defenda,
0110	ou ele vai me matar,
0111	ou então eu vou matar ele.
0112	Eu tive que dar um basta.

Dália, no Excerto 17 (l. 1272-1278), ao comentar que a nova companheira de seu ex-marido sofre as mesmas agressões que ela sofria e que a abrigou após um episódio de violência, revela que já a aconselhou a “dar um basta” (l. 1278) na situação que enfrenta. “Dar um basta” (l. 1278) é usado com o mesmo significado, no âmbito de um mesmo tópico discursivo, caracterizando uma mudança metafórica de desenvolvimento (repetição)

Excerto 17 – Discurso do grupo focal

Participante: DÁLIA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

1272 **Aí depois,**
 1273 **Quando tava melhor,**
 1274 **Ela foi pra casa bem.**
 1275 **Aí eu disse:**
 1276 **<Q Olha,**
 1277 **Você não pode ficar nessa situação.**
 1278 **Você tem que dar um basta nisso,**

No Excerto 18 (l. 1393-1399), Acácia retoma o “dar um basta” (l. 1395) para falar sobre a sua decisão de impor um fim à violência e ao sofrimento de que é vítima, já que pode viver sem os bens materiais que o marido coloca dentro de casa. Ela reitera que pode pagar com a vida, se não se dispuser a por um fim nas agressões dele.

O veículo metafórico “dar um basta” (l. 1395) é usado, nesse excerto, com o mesmo significado, na manifestação de Acácia sobre sua vontade e disposição para por um fim no seu sofrimento sob o jugo do marido.

Excerto 18 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
 CONTRA A MULHER**

1393 **Eu falei:**
 1394 **<Q Não,**
 1395 **eu vou dar um basta nisso aí.**
 1396 **Ninguém vive de bens materiais. Q>**
 1397 **Quer dizer que ele me dá de tudo dentro de casa,**
 1398 **aí, no final das contas,**
 1399 **ele vai acabar me matando.**

Na análise do Excerto 19 (l. 3000-3010), observamos que Dália retoma o veículo e utiliza-o, mais uma vez, ao falar de sua reação às ameaças e provocações de seu marido. Dália, assim como Acácia, emprega o veículo metafórico na manifestação de sua decisão de não se deixar intimidar, de não se sujeitar a ouvir ameaças e muito menos sofrer outras violências.

Ao dizer “Tá na hora de dar uma basta” (l. 3010), Dália demonstra que seu sofrimento em decorrência dessa vida de violência ultrapassou os limites e, por isso, tem que ter um fim. Por meio da linguagem figurada, Dália expressa sua saturação, deixando patente que essa situação foi além do limite.

Excerto 19 – Discurso do grupo focal

Participante: DÁLIA

Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

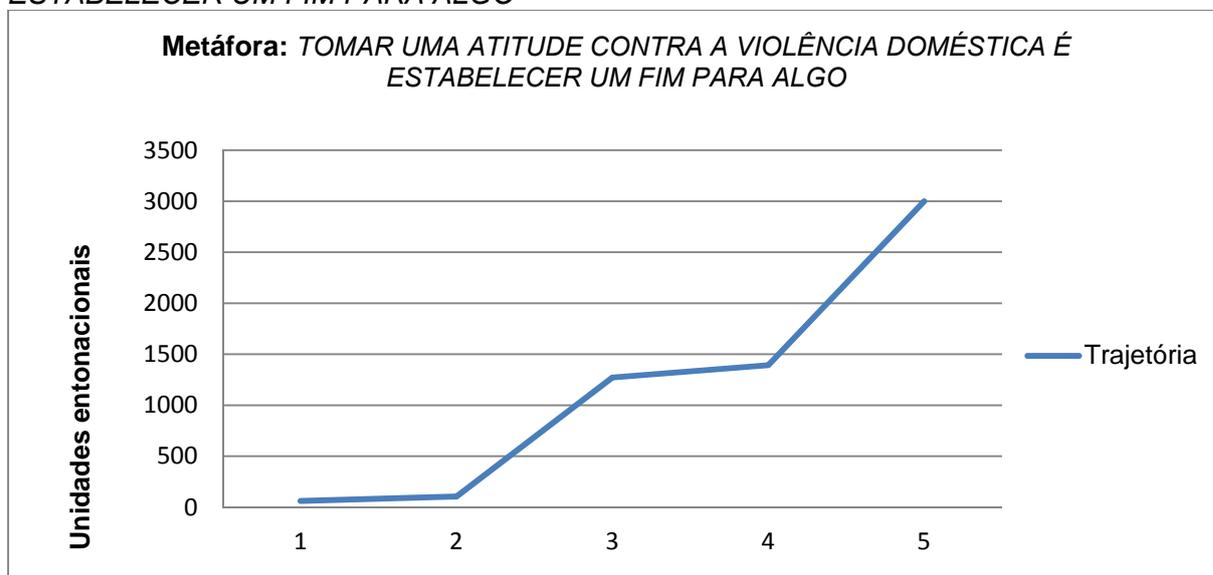
3000	Como se ele fosse me amedrontar com isso.
3001	Eu demorei uns dias,
3002	Aí ele disse:
3003	<Q Se você fizer,
3004	aí que eu vou fazer mesmo,
3005	se você me denunciar. Q>
3006	Uma forma de me intimidar né?
3007	[GÉRBERA: Não se sabe a reação né?]
3008	Mas só que
3009	agora chega.
3010	Tá na hora de dar um basta.

As mudanças metafóricas observadas ao longo da trajetória da metáfora *TOMAR UMA ATITUDE CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É ESTABELECEER UM FIM PARA ALGO* são de desenvolvimento (repetição), pelo uso repetitivo do veículo metafórico “dar um basta” (l. 112, 1278, 1395, 3010) sem qualquer alteração, e reemprego, pelas ocorrências envolvendo tópicos discursivos e participantes diferentes (CAMERON, 2008, 2010).

Os cinco excertos analisados (cujas linhas iniciais são 60, 105, 1272, 1393 e 3000, respectivamente), que abrangem dois tópicos discursivos e cinco veículos metafóricos, registram a trajetória da metáfora *TOMAR UMA ATITUDE CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É ESTABELECEER UM FIM PARA ALGO*, durante a interação de duas participantes (Acácia e Dália). A trajetória desenvolvida revela sistematicidade, o que acreditamos que a classifica como uma metáfora sistemática.

O gráfico abaixo registra os diversos momentos de emergência dessa metáfora, apresentando a trajetória por ela desenvolvida.

Gráfico 7 – Trajetória da metáfora 5
TOMAR UMA ATITUDE CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É ESTABELECEER UM FIM PARA ALGO



Fonte: Elaboração da autora.

5.6 Metáfora sistemática 6

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É TRATÁ-LA COMO ANIMAL

Quadro 10 – Metáfora sistemática 6

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É TRATÁ-LA COMO ANIMAL

EXCERTOS	PARTICIPANTES	TÓPICOS DISCURSIVOS	VEÍCULOS METAFÓRICOS	MUDANÇAS METAFÓRICAS
9 (l.868 a 874); (l.1119 a 1126); (l.1471 a 1476); (l.1825 a 1842); (l.2140 a 2149); (l.2174 a 2177); (l.2604 a 2612); (l.3125 a 3135); (l.3475 a 3484).	Acácia	3 (Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher, Ciúmes e O agressor)	10	Desenvolvimento (repetição e lexicalização) Literalização
	Bromélia	1 (Ciúmes)	2	
	Dália	1 (Ciúmes)	1	
	Azaleia	1 (Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher)	1	
TOTAL: 9	4	3	14	D (R + RI) + L

Fonte: Elaboração da autora.

A metáfora *VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É TRATÁ-LA COMO ANIMAL* emerge na fala de quatro das participantes do grupo focal: Acácia, Azaleia, Bromélia e Dália, envolvendo três tópicos discursivos e quatorze veículos metafóricos distribuídos em nove excertos que serão discutidos a seguir.

Esta metáfora parece ter sua origem fundamentada na metáfora conceitual estrutural *PESSOAS SÃO ANIMAIS* (LAKOFF, 1993; LAKOFF; TURNER,1989).

No Excerto 20 (l. 868-874), Acácia fala, inicialmente, sobre como se sente diante da violência doméstica contra a mulher, relatando episódios nos quais foi vítima desse tipo de violência. Diz que “ninguém assim é animal, pra ficar apanhando igual jumento, sei lá, igual animal” (l. 870, 871, 872, 873, 874)

Reconhecendo sua condição de infeliz no casamento, Acácia relata os maus tratos sofridos por meio da linguagem figurada, utilizando os veículos metafóricos “animal” (l. 871, 874), duas vezes, e “jumento” (l. 872) uma vez, para explicar como se sentia.

O jumento é um mamífero semelhante ao cavalo e facilmente domesticável, de origem africana, que se presta ao transporte de carga ou pode ser usado como animal de tração e que, na maioria das vezes, é tocado por um chicote pequeno. Acácia, portanto, usa o veículo “animal” (l. 871, 874) generalizando, no início e no final, e usa, mais especificamente, “jumento” (l. 872), para expressar como se sentia diante das agressões que lhe eram infligidas.

Excerto 20 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

**Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0868	é
0869	..sendo infeliz,
0870	porque acho que ninguém é
0871	assim animal,
0872	pra ficar apanhando igual jumento,
0873	sei lá,
0874	igual animal.

Dália, no Excerto 21 (l. 1119-1126), abaixo, apropria-se da metáfora introduzida por Acácia, ao contar como seu ex-marido lhe perguntava por algum “macho” (l. 1125) que ela teria arranjado depois da separação.

Ao utilizar o veículo “macho” (l. 1125), o ex-marido estava qualificando-a como fêmea. Mais uma vez, a metáfora emerge, desta feita, não para associar a maus tratos, mas para tratar da sexualidade de um modo vulgar. Chamar uma mulher de fêmea é vê-la como animal, como mera reprodutora, que normalmente não requer envolvimento para fazer sexo, para cruzar.

O elemento lexical ‘fêmea’ significa “[...] 1 organismo cujos órgãos reprodutivos produzem apenas gametas femininos; 2 animal do sexo feminino [...]” (HOUAISS, 2012, p. 1324). Assim, no intuito de agredi-la, o marido indaga sobre os machos que ela teve depois dele: “Já arranjou algum macho?” (l. 1125), como se ela fosse uma fêmea disponível numa comunidade animal.

Excerto 21 – Discurso do grupo focal

Participante: DÁLIA

Tópico discursivo: CIÚMES

1119 <Q você tá saindo com alguém?
 1120 Tá saindo com alguém Q>
 1121 Né?
 1122 Assim,
 1123 ele sabe que eu não aceito,
 1124 <Q Ah, tá desconfiando de que?
 1125 Já arranjou algum macho? Q>
 1126 Aí ele já vai, né?

A análise do Excerto 22 (l. 1471-1476) demonstra que Acácia se apropria do veículo metafórico “macho” (l. 1125), que foi utilizado por Dália em seu relato, usando-o na sua forma plural “machos” (l. 1476), para referir-se aos homens que seu marido dizia serem seus, somente por serem vizinhos ou lhe cumprimentarem, caracterizando-a como uma fêmea que se relaciona com machos que a abordem, com quaisquer machos interessados e disponíveis.

Emerge, assim, mais uma vez a metáfora *VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É TRATÁ-LA COMO ANIMAL*, pois, como o ex-marido de Dália, o seu a relegava à condição de fêmea disponível, à espera de um macho que a seduzza pela corte ou a tome pela força, como é comum entre os animais. Acácia relata que, de acordo com a interpretação de seu marido, os homens com quem falava, fossem vizinhos ou somente conhecidos, eram tratados como se fossem parceiros sexuais seus, ou seja, seus ‘machos’.

Excerto 22 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

Tópico discursivo: CIÚMES

1471 cada vizinho,
 1472 cada pessoa
 1473 se eu dava uma palavra
 1474 com cada pessoa da rua,
 1475 ele dizia
 1476 que aqueles homens são todos os meus machos.

No Excerto 23 (l. 1825-1842), Acácia revela alguns dos maus tratos sofridos e, sobre o marido, diz: “me jogou na rua pra todo mundo ver, como se eu fosse uma cachorra” (l. 1827, 1828, 1829), manifestando seu sentimento de dor e revolta, inconformada, diante da violência a que era submetida.

O veículo metafórico “como se eu fosse uma cachorra” (l. 1829) fala do tratamento que recebia referindo-se aos cães de rua. Esses cães de rua, normalmente, escoraçados e agredidos com paus e pedras, que, muitas vezes, foram postos para fora de casa pelos próprios donos, são animais que sofrem muitas violências. Ao dizer que era tratada “como se fosse uma cachorra” (l. 1829), Acácia expressa por meio da figuratividade como se sentiu naquele momento difícil.

No seu relato, Acácia detalha o episódio e, ao utilizar o veículo metafórico novamente, altera para o masculino, “como se fosse um cachorro” (l. 1842). Acácia exprime, assim, a dor da humilhação, a vergonha de ser jogada na calçada diante de todos e demonstra como o marido a pegou pelos cabelos e a “jogou como se fosse um cachorro” (l. 1842).

Excerto 23 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

**Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
 CONTRA A MULHER**

1825 **O meu marido já me jogou várias vezes**
 1826 **da calçada pra fora**
 1827 **me jogou na pista,**
 1828 **pra todo mundo ver,**
 1829 **como se eu fosse uma cachorra, sabe?**
 1830 **Aquilo dali me doeu tanto!**
 1831 **Que eu,**
 1832 **que eu,**
 1833 **pra mim, eu,**
 1834 **naquele momento ali,**
 1835 [Choro]
 1836 **foi só Jesus.**
 1837 **Naquela hora ali,**
 1838 **aquela vergonha!**
 1839 **Aquilo não era pra ter acontecido.**
 1840 **Pegou pelos cabelos,**
 1841 **assim, sabe?**
 1842 **Jogou como se fosse um cachorro.**

Ao examinarmos o Excerto 24 (l. 2140-2149), a seguir, observamos que Azaleia se apropria do veículo metafórico “como se fosse um cachorro” (l. 1842) e o modifica para “pior que um cachorro” (l. 2147). Assim, a metáfora emerge mais uma vez e, da mesma forma que Acácia e Dália, Azaleia, por meio da linguagem figurada, manifesta seu sentimento diante da violência que lhe era infligida.

Azaleia fala das agressões sofridas, de como elas lhe faziam mal e de como esta se sentia depois. Mais uma vez, a metáfora emerge na manifestação de sua dor. Ela diz que se sentia “pior que um cachorro” (l. 2147), muito humilhada, e faz a referência expressa à manifestação de Acácia, dizendo “como ela falou” (l. 2148), confirmando, inequivocamente, que se apropriou do veículo metafórico inicialmente utilizado por ela.

Excerto 24 – Discurso do grupo focal**Participante: AZALEIA****Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

2140 começa as agressões verbais,
 2141 aquilo que
 2142 acaba com a gente.
 2143 Entendeu?
 2144 Tipo,
 2145 a gente fica pior que um chã.
 2146 Acho,
 2147 pior que um cachorro, né?
 2148 Como ela falou.
 2149 A mulher fica muito humilhada.

No Excerto 25 (l. 2174-2177), como veremos a seguir, Acácia retoma a sua ideia inicial e, reiterando seus sentimentos de raiva, tristeza, angústia e humilhação, diz: “nem cachorro merece o que ele fez comigo” (l. 2177). Ao reviver as tristes lembranças das agressões e maus tratos sofridos, Acácia conclui que nem um cachorro deve sofrer o que ela sofreu. A linguagem figurada contribui para a expressão de toda a sua mágoa.

Excerto 25 – Discurso do grupo focal**Participante: ACÁCIA****Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

2174 Mas só naquele momento de raiva,
 2175 daquela angústia,
 2176 daquela humilhação.
 2177 Porque nem cachorro merece o que ele fez comigo.

No Excerto 26 (l. 2604-2612), Acácia, falando sobre seu agressor, reconhece o marido como um bom provedor, já que ele “não deixava faltar nada

dentro de casa” (l. 2609). Ao mesmo tempo, mostra-se muito aborrecida por só receber dele os mantimentos, pois “quem vive de comida é porco” (l. 2611, 2612), já que o marido nada lhe dava além de comida.

O porco é um animal que come praticamente qualquer coisa e está sempre procurando comida. Ao usar o veículo “porco” (l. 2610, 2612), Acácia refere-se especificamente a esse aspecto. Para ela, receber só comida é ser tratada como um porco glutão. Por meio da figuratividade, Acácia manifesta sua mágoa, seu aborrecimento, enfim, como se sente por receber somente comida, ser tratada de qualquer jeito, sem preocupação alguma com suas outras necessidades (Ex.: higiene, vestuário, lazer, amor) e sem outros mimos de qualquer tipo.

Excerto 26 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

Tópico discursivo: O AGRESSOR

2604	ACÁCIA: Já no meu caso,
2605	era o contrário.
2606	No meu caso,
2607	ele,
2608	meu marido era muito bom pra dentro de casa.
2609	Não deixava faltar nada dentro de casa.
2610	Mas só que ele achava que eu era porco.
2611	Porque quem vive de comida
2612	é porco, né?

No Excerto 27 (l. 3125-3135), a seguir, outro tipo de violência sofrida é relatado por Acácia. Esta revela que se sentia tratada como “se fosse assim um bicho” (l. 3133, 3134). Ao se descuidar da porta, o marido aproveitava e saía de casa, trancando o portão e deixando-a “presa” (l. 3135). Como sabemos, muitos bichos vivem presos, em jaulas, sejam animais domésticos, como cães bravos, ou selvagens, como onças, leões e ursos nos zoológicos e circos, por exemplo.

Acácia relata que, ao ficar presa, sentia-se como um deles, privada de sua liberdade, e manifesta esse sentimento por meio do veículo metafórico “como se

fosse assim um bicho” (l. 3133, 3134). Afinal, são os bichos que representam perigos que são mantidos em cativeiro, por trás de grades com cadeados. Mais uma vez, a metáfora *VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É TRATÁ-LA COMO ANIMAL* emerge na manifestação dos sentimentos de Acácia.

Excerto 27 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

**Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

3125	ele drogado,
3126	Pode dizer eram oito horas da noite,
3127	sete e meia,
3128	Eu ia fazer algum mingau,
3129	desligava
3130	..por um poucodo portão,
3131	ele pegava,
3132	trancava o portão e saia.
3133	Saía como se eu fosse
3134	assim um bicho.
3135	<Q Tá presa. Q>

No Excerto 28 (l. 3475-3484), Bromélia tece comentários sobre os ciúmes do marido e usa o veículo “gata” (l. 3476, 3482), para fazer referência à sua aparência. Para outra mulher, a referência pode ter uma conotação positiva, mas, de acordo com essa participante, para ela ser uma “gata” (l. 3476, 3482) seria ruim, pois, ciumento como era, esse poderia ser o motivo que levaria o marido a matá-la por ciúmes.

No caso de Bromélia, que está feliz e segura, com a auto estima em alta, mesmo reconhecendo-se sem maiores atributos, o fato de não ser tratada como “gata” (l. 3476, 3482) poupa-a dos ciúmes excessivos do marido que poderiam ser muito maiores.

Para Bromélia, ser tratada como animal, no caso, uma gata, também resultaria em maus tratos e violência, embora, de início, pudesse parecer algo bom.

Assim, observa-se na manifestação de Bromélia a emersão da metáfora *VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É TRATÁ-LA COMO ANIMAL*.

Excerto 28 – Discurso do grupo focal

Participante: BROMÉLIA

Tópico discursivo: CIÚMES

3475	ACÁCIA: Eu acho que ciúme é uma-
3476	BROMÉLIA: Eu não me acho uma gata, assim.
3477	Eu sou segura.
3478	Graças a Deus
3479	minha auto estima é alta.
3480	DÁLIA: Pois é,
3481	insegurança.
3482	BROMÉLIA: Mas eu não me acho uma gata,
3483	assim,
3484	pro cara me matar de ciúme não.

Desenvolvimento e literalização foram as mudanças metafóricas percebidas na emergência dessa metáfora. Nas mudanças de desenvolvimento do tipo repetição, as ocorrências são: “animal” (l. 871, 874), utilizado duas vezes por Acácia, no tópico discursivo Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher; “macho” (l. 1125) e “machos” (l. 1476), empregado por Dália e Acácia, no tópico discursivo Ciúmes; “porco” (l. 2610, 2612), usado por Acácia, no tópico discursivo O agressor; “como se eu fosse uma cachorra” (l. 1829), “como se eu fosse um cachorro” (l.1842) utilizados por Acácia, no tópico discursivo Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher; e, finalmente, “gata” (l. 3476, 3482), empregado por Bromélia, no tópico discursivo Ciúmes. A mudança metafórica de desenvolvimento do tipo relexicalização foi: ‘fosse assim um bicho’ (l. 3133, 3134) no lugar de “como se fosse uma cachorra” (l. 1829) ou como se fosse um cachorro (l. 1842), usado por Acácia, no tópico discursivo Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher.

Em relação à literalização, os casos observados são: Acácia, relatando que o Marido só lhe dava comida, diz: “Mas só que ele achava que eu era porco,

porque quem vive de comida é porco, né?" (l. 2610, 2611, 2612) , empregando "porco" (l. 2610), no sentido metafórico, mas logo faz a ponte para o sentido literal, acrescentando: "porque quem vive de comida é porco, né?". (l. 2611, 2612); Acácia também diz que o marido a jogou "como se fosse um(a) cachorro(a)" (l. 1842 ,1829), e continua, já utilizando a forma literal "porque nem cachorro merece o que ele fez comigo" (l. 2177); e, ainda, diz: "ninguém é animal, para ficar apanhando igual jumento" (l. 871, 872), empregando inicialmente "animal" (l. 871), no sentido metafórico, fazendo a ponte para o literal, em seguida, quando se refere ao "jumento" (l. 872) exemplo de um animal que sofre maus tratos.

A metáfora *VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É TRATÁ-LA COMO ANIMAL* emerge, ao longo do evento discursivo, na fala de quatro das participantes da interação. Sua abrangência alcança três tópicos discursivos (Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher, O agressor e Ciúmes) e envolve quatorze veículos metafóricos.

Conforme demonstrado nos nove excertos discutidos, cujas linhas iniciais são 868, 1119, 1471, 1825, 2140, 2174, 2604, 3125, e 3475, a metáfora *VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É TRATÁ-LA COMO ANIMAL* apresenta trajetória que revela sistematicidade suficiente para a sua inclusão entre as metáforas sistemáticas.

Gráfico 8 –Trajetória da metáfora 6
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É TRATÁ-LA COMO ANIMAL



Fonte: Elaboração da autora.

5.7 Metáfora sistemática 7

EVITAR SOFRER VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É AFASTAR-SE

Quadro 11 – Metáfora sistemática 7

EVITAR SOFRER VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É AFASTAR-SE

EXCERTOS	PARTICIPANTES	TÓPICOS DISCURSIVOS	VEÍCULOS METAFÓRICOS	MUDANÇAS METAFÓRICAS
4 (l.231 a 237); (l.703 a 710); (l.1732 a 1742).	Gérbera	1 (Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher)	3	Reemprego e Desenvolvimento (relexicalização)
	Glicínia	2 (Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher e O agressor)	2	
TOTAL: 3	2	3	5	R + D (RI)

Fonte: Elaboração da autora.

Como resultado da interação de Glicínia e Gérbera, a metáfora *EVITAR SOFRER VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É AFASTAR-SE* emerge na interação que engloba três tópicos discursivos (O agressor, Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher e Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher) e inclui cinco veículos metafóricos, conforme demonstrado nos três excertos discutidos a seguir.

Gérbera, no Excerto 29 (l. 231-237), a seguir, ao explicar como acha que a vítima deve agir em relação ao seu agressor, usa a linguagem figurada para falar sobre esse envolvimento. No seu entendimento, o agressor deve ficar pra “lá” (l. 231) e ela, pra “cá” (l. 232).

Os itens lexicais ‘Lá’ e ‘cá’ são registrados no Houaiss (2012, p. e p. , respectivamente), respectivamente, como “[...] naquele lugar; ali; mais adiante; naquele país, naquela região, entre eles [...]” e “[...] o local (ponto ou espaço circunscrito, de extensão variável) em que se acha o locutor [...]”.

Em ambas as acepções, o referencial usado é a distância física em relação ao locutor. Entretanto, ao utilizar os veículos metafóricos “lá” (l. 231) e “cá” (l. 232), Gérbera vai além disso, referindo-se, principalmente, à distância emocional, psicológica, afetiva que deve existir entre vítima e agressor, usando, a título de exemplo, o caso de um pai que submete uma filha a algum tipo de violência.

Gérbera reitera seu entendimento, ao dizer que a pessoa tem que se “distanciar” (l. 236), expressando, de modo figurado, como o distanciamento tem que acontecer, pois a vítima não deve ficar próxima, isto é, não deve ter qualquer envolvimento afetivo ou emocional com o seu agressor.

Excerto 29 – Discurso do grupo focal**Participante: GÉRBERA****Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0231	..<Q essa pessoa pra lá
0232	..e eu pra cá Q>.
0233	... (2,0) Se for pai,
0234	no caso,
0235	... (2,0) pai,
0236	..a pessoa tem que se distanciar,
0237	..né?--

Abaixo, no Excerto 30 (l. 703-710), Glicínia, ao se manifestar sobre seu agressor, o próprio pai, fala do respeito e do imenso amor que sentia por ele, mas como “ele tava levando isso muito pro lado pessoal” (l. 709), a solução foi afastar-se dele. Essa expressão “levar isso muito pro lado pessoal” (l.709) caracteriza um movimento físico, que só é possível em termos metafóricos.

A primeira acepção da unidade lexical ‘levar’ é “[...] 1 transportar (seres animados ou coisas) a (determinado lugar); carregar, conduzir (HOUAISS, 2012, p. 1749), e respeito e amor não podem ser carregados de um lado para o outro como se fossem seres vivos ou objetos.

Glicínia apropria-se do veículo metafórico utilizado por Gérbera, “distanciar” (l. 236), mas utiliza o sinônimo “afastar” (l. 710), com a mesma carga metafórica, já que pai e filha continuavam a morar na mesma casa. O afastamento era, então, apenas emocional e afetivo, e não físico, embora ela procurasse manter também essa distância.

Excerto 30 – Discurso do grupo focal**Participante: GLICÍNIA****Tópico discursivo: O AGRESSOR**

0703 **Só que**
 0704 **..eu sempre,**
 0705 **sempre,**
 0706 **eu era assim**
 0707 **..tipo ele era meu paizão,**
 0708 **eu amava muito ele,**
 0709 **mas ele tava levando isso muito pro lado pessoal,**
 0710 **e eu comecei a me afastar dele**

Abaixo, no Excerto 31 (l. 1732-1742), Glicínia, ao se manifestar sobre o sentimento diante da violência, fala de outro aspecto, que é o isolamento que a vítima busca. Glicínia, para dizer que a pessoa vai se afastando dos outros, usa “distanciando” (l. 1738), apropriando-se, assim, mais uma vez, do veículo utilizado por Gérbera anteriormente no evento discursivo, alterando somente a forma do infinitivo para o gerúndio.

Excerto 31 – Discurso do grupo focal

Participante: GLICÍNIA

**Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
 CONTRA A MULHER**

1732 **vem tudo,**
 1733 **se agravando,**
 1734 **..numa só coisa**
 1735 **um, vários problemas**
 1736 **só naquilo ali.**
 1737 **Aí,**
 1738 **A pessoa vai se distanciando das**
 1739 **..outras**
 1740 **A, a psicológica é--**
 1741 **[GÉRBERA: É bem pesada.]**
 1742 **É a mais <X...X>mais--**

A metáfora *EVITAR SOFRER VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É AFASTAR-SE* é resultado da interação de duas participantes (Gérbera e Glicínia) englobando três tópicos discursivos (O agressor, Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher e Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher) e cinco veículos metafóricos que se distribuem em três excertos (linhas iniciais 231, 703 e 1742).

As mudanças metafóricas que sofrem os veículos são: reemprego, quando “distanciar” (l. 236) e “distanciando” (l. 1738) são usados por Gérbera e Glicínia, em tópicos discursivos diferentes; e desenvolvimento, quando Glicínia usa “afastar” (l. 710), numa relexicalização de “distanciar” (l. 236).

A metáfora *EVITAR SOFRER VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É AFASTAR-SE* desenvolve uma trajetória com três momentos de estabilização ao longo do evento discursivo, como demonstra o gráfico abaixo, garantindo-lhe a sistematicidade necessária para que a consideremos uma metáfora sistemática.

Gráfico 9: Trajetória da metáfora 7
EVITAR SOFRER VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É AFASTAR-SE



Fonte: Elaboração da autora.

5.8 Metáfora sistemática 8

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É DESTRUIÇÃO

Quadro 12 – Metáfora sistemática 8

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É DESTRUIÇÃO

EXCERTOS	PARTICIPANTES	TÓPICOS DISCURSIVOS	VEÍCULOS METAFÓRICOS	MUDANÇAS METAFÓRICAS
6 (l.190 a 197); (l.216 a 223); (l.828 a 832); (l.1692 a 1699); (l.1805 a 1811); (l.2444 a 2449).	Acácia	1 (Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher)	2	Reemprego e Desenvolvimento (repetição e relexicalização)
	Azaleia	2 (Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher e Tipos de violência)	3	
	Bromélia	4 (Vingança, Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher, Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher, Consequências da violência doméstica contra a mulher)	4	
TOTAL: 6	3	5	9	R + D (R + RI)

Fonte: Elaboração da autora.

Com origem na interação de Acácia, Azaleia e Bromélia, ao longo do evento discursivo analisado, a metáfora sistemática *VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É DESTRUIÇÃO* emerge em cinco tópicos diferentes e envolve sete veículos metafóricos, que são analisados nos excertos a seguir.

Ao examinarmos o Excerto 32 (l. 190-197), observamos que Bromélia faz uso do veículo metafórico “destruição” (l. 197), para explicar o que aconteceu com a sua vida, ao falar sobre a possibilidade de seu sofrimento ser consequência da vingança de alguém. Diz que “foi uma destruição mesmo,” (l. 197).

O verbete ‘destruição’, no Dicionário Houaiss (2012, p. 1019), tem como principal acepção, “[...] 1 ação ou efeito de pôr abaixo o que está construído; demolição.”

Bromélia, por meio da figuratividade, fala do quanto sofreu com o que aconteceu com a sua vida. Ao usar o veículo metafórico “destruição” (l. 197), para relatar o efeito devastador, a repercussão negativa em sua vida, daquilo que causou todo o seu sofrimento.

O uso desse veículo metafórico também nos parece importante pois sugere uma conceitualização de vida como um prédio, uma estrutura física passível de demolição. É essa conceitualização que licencia o veículo “destruição” (l. 197). Só assim, em termos metafóricos, é possível que algo que não esteja ocupando um espaço concretamente, como uma construção física, pode ser demolido, destruído.

Excerto 32 – Discurso do grupo focal

Participante: BROMÉLIA

Tópico discursivo: VINGANÇA

0190	eu
0191	sofri demais.
0192	Acho que foi vingança sim,
0193	eu participei de uma vingança sem
0194	..sem saber
0195	de qual,
0196	nem sei o que aconteceu com minha vida,
0197	foi uma destruição mesmo,

No Excerto 33 (l. 216-223), como é possível ver a seguir, Bromélia utiliza novamente o veículo, desta vez, em outro tópico discursivo e como um adjetivo que qualifica a pessoa que sofre como ela sofreu. Diz que, de cada dez pessoas que passam pelo que ela passou, uma é “destruída” (l. 223)

Estatísticas postas à parte, Bromélia, empregando “destruída” (l. 223), mais uma vez explica, por meio da linguagem figurada, o que todo o sofrimento que viveu faz com uma pessoa. A unidade lexical ‘destruído’ (l. 223), que significa “[...] que se destruiu [...]” (HOUAISS, 2012, p. 1019), é usado, então, por Bromélia como “ser destruída” (l. 223), que significa ser levada, por alguém ou algo, a uma condição de infelicidade e de perdas.

Excerto 33 – Discurso do grupo focal

Participante: BROMÉLIA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0216 ...Então,
 0217 acho que de dez,
 0218 uma
 0219 ..tira
 0220 ...tem essa atitude--
 0221 [BROMÉLIA:Uma pessoa
 0222 ..e de dez,
 0223 uma pessoa é destruída, né?]

Bromélia retoma seu pensamento, no Excerto 34 (l. 828-832), como podemos ver a seguir, falando novamente sobre o que é “tirar a felicidade, a alegria, né?” (l. 830,831) de alguém. Isso, para ela, é “destruir a pessoa” (l. 832).

Assim, Bromélia, em um terceiro tópico discursivo, fala em termos metafóricos, sobre a dor de ter tiradas da sua vida a felicidade e a alegria. Dessa vez, usa “destruir” (l. 832) para dizer o que é tornar alguém infeliz, o que, como ela esclarece, “ninguém tem o direito” (l. 828) de fazer.

Excerto 34 – Discurso do grupo focal

Participante: BROMÉLIA

**Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
 CONTRA A MULHER**

0828 ninguém tem o direito,
 0829 assim,
 0830 de tirar a felicidade,
 0831 a alegria, né?
 0832 de destruir a pessoa,

Azaleia, abaixo, no Excerto 35 (l. 1692-1699), interagindo com as outras participantes sobre os tipos de violência contra a mulher, apropria-se do veículo

metafórico usado por Bromélia e utiliza um sinônimo “acabar (com)” (l. 1699), mantendo, dessa forma, a ideia de ‘destruição’ (l. 197).

O item lexical ‘acabar’, cujas primeiras acepções são “[...] **1** levar a cabo, chegar ao fim; terminar e **2** dar cabo de, dar fim a; destruir, matar [...]”, também tem o registro com a preposição com “[...] dar cabo de, dar fim a; destruir, matar [...]” (HOUAISS, 2012, p.).

Ao usar esse sinônimo de “destruir” (l. 832), Azaleia propicia mais uma emersão da metáfora *VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É DESTRUIÇÃO*. Complementando a manifestação de Acácia, Azaleia reitera a ideia da destruição causada por aquele tipo de violência dizendo “Acaba com a pessoa” (l. 1699). A carga metafórica é a mesma e facilita a compreensão de todo o mal que essa violência causa a quem dela é vítima.

Excerto 35 – Discurso do grupo focal

Participante: AZALEIA

Tópico discursivo: TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

1692	ACÁCIA: É a primeira que você falou.
1693	A que dói mais é a primeira.
1694	BROMÉLIA: A psicológica.
1695	DÁLIA: A primeira e a última.
1696	GLICÍNIA: A psicológica.
1697	DÁLIA: A última também. As duas junto.
1698	ACÁCIA: A última--
1699	AZALEIA: Acaba com a pessoa que--

No Excerto 36 (l.1805-1811), que demonstra mais uma emersão da metáfora *VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É DESTRUIÇÃO* na interação das participantes Azaleia e Acácia, observamos que o veículo metafórico “acaba (com)” (l.1805, 1806, 1807) que, como já vimos, também significa destruir, é utilizado três vezes consecutivas (uma por Azaleia e duas por Acácia).

Essa repetição, com objetos diferentes, reitera a ideia de “destruição” (l. 197) da mulher vítima de violência. Essa violência “acaba com o estilo da mulher” (l. 1805), “acaba com a mulher” (l. 1806) e “acaba com a autoestima da mulher” (l. 1807), finalmente destruindo-a.

Azaleia diz, ainda, “a gente fica pra baixo, desanimada” (l. 1810, 1811), reforçando a ideia de que uma pessoa destruída é infeliz, não tem ânimo, não sente vontade de viver, fica deprimida.

Entendemos que essa metáfora tem origem na metáfora orientacional BOM É PARA CIMA / RUIM É PARA BAIXO (LAKOFF; JOHNSON, 1980), que apresenta no conceito uma base física para o bem estar do ser humano. Dessa forma, coisas boas como alegria, vida, saúde, felicidade são para cima, enquanto as coisas ruins são para baixo, como tristeza, doença e morte.

Assim, ao falar de seu estado de espírito em relação ao seu sofrimento, seu medo, sua insegurança, diz “a gente fica pra baixo, desanimada” (l. 1810, 1811), que significa algo ruim, algo que faz mal à pessoa.

Excerto 36 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA e AZALEIA

**Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

1805	AZALEIA: Isso acaba com o estilo da mulher.
1806	ACÁCIA: Isso acaba com a mulher.
1807	Isso acaba com a autoestima da mulher.
1808	Eu tinha muito medo.
1809	[BROMÉLIA: Pra não morrer.]
1810	[AZALEIA: A gente fica pra baixo,
1811	desanimada,]

No Excerto 37 (l. 2444-2449), acima, Bromélia retoma o veículo metafórico, por ela inicialmente usado, para falar de sua condição ao chegar à casa abrigo. O uso do advérbio de intensidade “muito” (l. 2444, 2445, 2446, 2447, 2448) associado à sequência de adjetivos para expressar o seu estado “torturada” (l.

2444), “sofrida” (l. 2446, 2447), “violentada” (l. 2448) culmina com “destruída” (l. 2449), reiterando sua manifestação de que vivia uma situação de grande sofrimento, de absoluta infelicidade naquele momento.

Excerto 37 – Discurso do grupo focal

Participante: BROMÉLIA

Tópico discursivo: CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

2444	Eu cheguei muito torturada,
2445	Muito,
2446	Muito sofrida,
2447	Muito sofrida,
2448	Muito violentada mesmo.
2449	..Destruída!

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É DESTRUIÇÃO é uma metáfora sistemática que emerge na fala de Acácia, Azaleia e Bromélia e desenvolve uma trajetória que abrange cinco tópicos discursivos (Vingança, Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher, Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher, Consequências da violência doméstica contra a mulher e Tipos de violência) e envolve nove veículos metafóricos.

As mudanças metafóricas percebidas nos veículos utilizados pelas participantes foram: reemprego (Bromélia usa “destruição”, l. 197, “destruída”, l. 223 e 2449, e “destruir”, l. 832, em quatro tópicos discursivos diferentes: Vingança, Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher, Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher, Consequências da violência doméstica contra a mulher); desenvolvimento (com a repetição de “acaba” (com) (l. 1805, 1806, 1807) por Acácia e Azaleia, em um mesmo tópico, e com a relexicalização de “destruir” (l. 832), que se configura na utilização de “acabar” (com) (l. 1699).

Essa trajetória, conforme demonstramos nos seis excertos (linhas iniciais 190, 216, 828, 1692, 1805 e 2444), está representada no gráfico abaixo, revelando sistematicidade que, no nosso entendimento, preenche os requisitos para sua classificação como metáfora sistemática.

Gráfico 10 – Trajetória da metáfora 8
VIOLENCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É DESTRUIÇÃO



Fonte: Elaboração da autora.

5.9 Metáfora sistemática 9

SER VÍTIMA DE VIOLENCIA DOMÉSTICA É TER / ESCONDER UMA LESÃO

Quadro 13 – Metáfora sistemática 9

SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É TER / ESCONDER UMA LESÃO

EXCEROTOS	PARTICIPANTES	TÓPICOS DISCURSIVOS	VEÍCULOS METAFÓRICOS	MUDANÇAS METAFÓRICAS
25 (l.157 a 160); (l.189 a 194); (l.212 a 215); (l.488 a 492); (l.716 a 720); (l.746 a 751); (l.929 a 942); (l.985 a 992); (l.1325 a 1333); (l.1602 a 1608); (l.1635 a 1639); (l.1689 a 1696); (l.1722 a 1736); (l.1756 a 1759); (l.1825 a 1830); (l.1977 a 1986); (l.2441 a 2447); (l.2551 a 2557); (l.2590 a 2598); (l.2698 a 2705); (l.2792 a 2802); (l.2868 a 2876); (l.3015 a 3021); (l.3497 a 3503); (l.3.704 a 3708).	Acácia	3 (Ações violentas contra a mulher, Tipos de violência contra a mulher, Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher)	5	Reemprego e Desenvolvimento (repetição e relexicalização)
	Azaleia	1 (Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher)	1	
	Bromélia	6 (Ações violentas contra a mulher, Vingança, Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher, Consequências da violência doméstica contra a mulher, Sustento financeiro, Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher)	20	
	Dália	1 (Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher)	2	
	Gérbera	3 (Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher, Atitude diante da violência doméstica contra a mulher, Consequências da violência doméstica contra a mulher)	4	
	Glicínia	3 (Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher, Tipos de violência, O agressor)	5	
TOTAL: 25	6	9	36	R + D (R + RI)

Fonte: Elaboração da autora.

Como podemos ver no quadro acima, a metáfora sistemática *SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É TER/ESCONDER UMA LESÃO* resulta da interação de todas as participantes do grupo focal. Na trajetória que desenvolve ao longo do discurso, essa metáfora abrange um total de nove tópicos discursivos (Ações violentas contra a mulher, Vingança, Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher, Tipos de violência contra a mulher, Sustento financeiro, Atitude contra a violência doméstica contra a mulher, O agressor, Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher e Consequências da violência doméstica contra a mulher) e envolve trinta e sete veículos metafóricos.

No Excerto 38 (l. 157-160), Bromélia usa o veículo metafórico “sofrer” (l. 160) para relatar as ações violentas de que era vítima. Para ela, os sofrimentos por que passava tornavam sua vida muito difícil.

Excerto 38 – Discurso do grupo focal

Participante: BROMÉLIA

Tópico discursivo: AÇÕES VIOLENTAS CONTRA A MULHER

0157	...tudo
0158	...foi um inferno minha vida.
0159	Eu perguntei pra Deus
0160	<Q o que eu fiz para sofrer tanto? Q>

No Excerto 39 (l. 189-194), em outro tópico discursivo, quando fala que esse sofrimento só pode ser parte de uma vingança, Bromélia reutiliza o veículo “sofri” (l. 191), com algumas alterações.

Excerto 39 – Discurso do grupo focal

Participante: BROMÉLIA

Tópico discursivo: VINGANÇA

0189	...Nossa,
0190	eu
0191	sofri demais.
0192	Acho que foi vingança sim,
0193	eu participei de uma vingança sem
0194	..sem saber

No Excerto 40 (l. 212-215), Gérbera compreende a manifestação de Bromélia e, apropriando-se do veículo metafórico por ela introduzido para manifestar-se sobre as ações de que era vítima, utiliza-o para comentar o comportamento de muitas mulheres que escondem as ações de que são vítimas, padecem caladas e, muitas vezes, são assassinadas.

Muitas dessas mulheres escondem a violência que enfrentam por vergonha, já que se sentem culpadas por continuar aceitando os maus tratos seja por não ter outra alternativa, seja por acreditar que seu agressor pode e vai mudar, seja por amá-lo ou temê-lo.

Generalizando, Gérbera reitera que essas mulheres sofrem muito, alterando os veículos utilizados por Bromélia “sofrer” (l. 160) e “sofri” (l. 191) para “sofrem” (l. 214), no presente.

Excerto 40

Participante: GÉRBERA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0212	São poucas.
0213	...muitas ficam escondendo,
0214	aí sofrem muito.
0215	Muitas já perderam as vida.

No Excerto 41 (l. 488-492), Bromélia retoma sua ideia e reutiliza o veículo metafórico em um terceiro tópico discursivo, desta feita, no presente do indicativo, quando se refere à vítima adolescente que engravida sem saber o tipo de homem com quem se envolveu e depois “sofre” (l. 492) demais.

Ao fazer esse comentário, Bromélia quer enfatizar que, muitas vezes, a mulher não tem noção do que o homem que a engravidou pode fazer contra ela, não procura saber e se surpreende quando acontecem as agressões que a fazem se sentir infeliz.

Excerto 41 – Discurso do grupo focal

Participante: BROMÉLIA

**Tópico discursivo: CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A
MULHER**

0488

a adolescente é muito assim

0489

...apaixonada, né?

0490

porque engravida,

0491

não sabe quem é o homem,

0492

depois sofre demais,

Glicínia, no Excerto 42 (l. 716-720), fala sobre seu sentimento diante da violência e usa o veículo metafórico “magoada” (l. 719), que é explicado como “[...] 1 que tem nódoa, pisadura ou contusão; pisado, contundido; 2 que sentiu ou sente dor física [...]” (HOUAISS, 2012, p. 1813), para expressar como se sentia ao ouvir aquilo que só lhe fazia mal.

Então, para Glicínia, a dor não era a de uma pisadura, contusão ou nódoa que tivesse e, muito menos, uma dor física, mas é por meio dessa figuratividade que ela consegue expressar sua dor, seu sofrimento.

Excerto 42 – Discurso do grupo focal

Participante: GLICÍNIA

**Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0716

Não era assim pra qualquer um,

0717

pra

0718

...ficar me falando coisas que não dá certo pra mim escutar,

0719

qualquer coisa já me deixava magoada,

0720

triste,

Continuando, no Excerto 43 (l. 746-751), Glicínia, mais uma vez, utiliza um veículo metafórico para falar de seus sentimentos em relação à violência que lhe era infligida por seu agressor.

O veículo cuja carga metafórica contribui para que ela exprima o seu sofrimento é “trauma” (l. 750). Ela fala que “já estava com trauma” (l. 750). O item

lexical ‘trauma’ significa “[...] traumatismo, 1 *med* conjunto de problemas e lesões de um tecido, órgão ou parte do corpo provocados por um agente externo.” (HOUAISS, 2012, p. 2757).

Excerto 43 – Discurso do grupo focal

Participante: GLICÍNIA

**Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0746	Quando ele chegava em casa,
0747	tinha vez que ele chegava em casa
0748	e eu entrava pro quarto,
0749	me trancava,
0750	já tava com trauma,
0751	..eu já chamava ele de monstro,

Ao examinarmos o Excerto 44 (l. 929-942), a seguir, no qual Bromélia retoma o veículo “sofrer” (l.160), utilizado logo no início da interação, observamos as inúmeras reutilizações que acontecem na sua manifestação sobre a vida difícil das prostitutas, em comparação com a sua. Bromélia diz: “nem prostituta acho que não sofreu tanto como eu assim” (l. 940).

Os veículos utilizados são “sofrer” (duas vezes) (l. 930, 938), “sofre” (l. 932), “sofrimento” (l. 936) e “sofreu” (l. 940). Constatamos que mesmo apresentando um alto índice de reutilização, essas ocorrências foram quase todas (apenas uma exceção) na fala de Bromélia.

A metáfora emerge na fala das outras com a utilização de outros veículos que também expressam o sentimento de dor e infelicidade, de sofrimentos que vão além da dor física.

Excerto 44 – Discurso do grupo focal

Participante: BROMÉLIA

**Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0929 nem prostituta merece
 0930 sofrer tanto que
 0931 ..prostituta é uma pessoa que
 0932 ..que sofre muito,
 0933 passa fome,
 0934 tá trabalhando porque tá precisando de,
 0935 passa muita fome,
 0936 daí não merece o tanto do sofrimento.
 0937 Eu nunca fui assim num cabaré
 0938 pra sofrer tanto assim
 0939 ...nem prostituta
 0940 acho que não sofreu tanto como eu assim
 0941 e que nem elas assim não merecem
 0942 que elas

No Excerto 45 (l. 985-992), abaixo apresentado, Dália, pela primeira vez participa da construção dessa metáfora. Ao falar sobre o que viveu, juntamente com sua filha, Dália revela que até hoje ela apresenta sequelas. Para dizer isso, ela retoma o veículo utilizado por Glicínia e dele faz uso, sob a forma do adjetivo “traumatizada” (l. 988).

Dália relata que os traumas de sua filha são decorrentes de todas as agressões que ela presenciou. Por meio da linguagem figurada, Dália consegue falar com maior facilidade sobre o que viveu, o que sua filha presenciou e como tudo a traumatizou, sem precisar detalhar cada um desses episódios de violência.

Excerto 45 – Discurso do grupo focal

Participante: DÁLIA

**Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
 CONTRA A MULHER**

0985	Só eu e Deus
0986	..sabemos o que eu já passei
0987	A minha filha também
0988	até hoje ela é traumatizada
0989	né?
0990	de tanta
0991	...ela presenciou
0992	muitas agressões.

A análise do Excerto 46 (l. 1325-1333) demonstra que Acácia, assim como Glicínia e Dália o fizeram, apropria-se da ideia inicialmente proposta por Bromélia, mas, para falar de como se relacionava com o marido, sobre as violências que ele lhe infligia, sobre seu sofrimento por ver seu filho presente aos episódios de agressão, ela utiliza “doía” (l. 1333), um veículo com carga metafórica equivalente.

‘Doer’, como item lexical, significa “[...] estar doído estar dolorido [...]” (HOUAISS, 2012, p. 1070). Assim, ao dizer que “aquilo dali me doía” (l. 1333), Acácia faz ver às outras que aquilo lhe causava dor, sofrimento. Um sofrimento quase tão real quanto a dor física, pois não lhe doía o corpo. Sua dor era mais profunda, era uma dor da alma, que vinha, entre outros, da sua impotência para poupar o filho daquela experiência.

Excerto 46 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

Tópico discursivo: AÇÕES VIOLENTAS CONTRA A MULHER

1325 **ACÁCIA: O meu marido,**
1326 **ele batia em mim.**
1327 **Nós,**
1328 **nós se agarrava na chibata,**
1329 **Nós dois sabe?**
1330 **No meio da rua.**
1331 **Em qualquer um canto.**
1332 **Aí meu filho presenteava aquilo dali,**
1333 **mas aquilo dali me doía.**

Os próximos excertos, Excerto 47 (l. 1602-1608) e Excerto 48 (l. 1635-1639) demonstram mais duas emersões da metáfora *SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É TER/ESCONDER UMA LESÃO*. Ao falar sobre seu sustento financeiro, Bromélia reutiliza o veículo metafórico ‘sofrimento’ (l. 1602) e introduz “sofro” (l. 1608), ao relatar sua penosa dependência de uma pensão alimentícia que nunca vem e da qual depende, já que não tem trabalho fixo. Bromélia também diz padecer pelo mau tratamento que recebe por conta desse dinheiro e pela vergonha que sente pelas humilhações que enfrenta por precisar dela.

Excerto 47 – Discurso do grupo focal

Participante: BROMÉLIA

Tópico discursivo: SUSTENTO FINANCEIRO

1602 **BROMÉLIA: E ainda tem o sofrimento, né?**
 1603 **Da pensão alimentícia**
 1604 **que nunca**
 1605 **Assim, a minha**
 1606 **..até agora,**
 1607 **ele não dá a pensão pro neném.**
 1608 **Eu sofro demais pra mim trabalhar,**

Excerto 48 – Discurso do grupo focal

Participante: BROMÉLIA

Tópico discursivo: SUSTENTO FINANCEIRO

1635 **E daí,**
 1636 **Ainda tem o sofrimento da pensão,**
 1637 **E omau tratamento,**
 1638 **Assim**
 1639 **a vergonha, né?**

No Excerto 49 (l.1689-1696), observamos que Acácia retoma o veículo metafórico “doía” (l. 1333), mas o utiliza no presente, quando, dentre os tipos de violência doméstica contra a mulher, aponta aquela que mais sofrimento causa: a psicológica. Assim, para Acácia, a violência psicológica “dói” (l. 1693).

O uso desse veículo metafórico por Acácia ao manifestar seu sentimento em relação à violência psicológica permite que as outras participantes tenham uma melhor compreensão do quanto esse tipo de violência faz suas vítimas infelizes.

Excerto 49 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

Tópico discursivo: TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

1689	MODERADORA: menosprezando... Aí, assim, eu queria que vocês falassem sobre essas violências. Qual é a que vocês acham, assim, mais..., que faz mais estrago, aquela que--
1690	[ACÁCIA: A prim--]
1691	é doi mais.
1692	ACÁCIA: É a primeira que você falou.
1693	A que dói mais é a primeira.
1694	BROMÉLIA: A psicológica.
1695	DÁLIA: A primeira e a última.
1696	GLICÍNIA: A psicológica.

Ao analisarmos o Excerto 50 (l. 1722-1736), que resulta da colaboração de Glicínia no desenvolvimento da metáfora *SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É TER/ESCONDER UMA LESÃO*, verificamos que ela retoma o veículo anterior por ela utilizado “trauma” (l. 750) e especifica o seu tipo: “trauma de depressão” (l. 1727).

Ao detalhar esse sofrimento, Glicínia introduz o veículo metafórico “agravando” (l. 1733). O elemento lexical ‘agravar’ significa “[...] tornar(-se) grave ou mais grave, tornar[-se] (determinada condição ou estado) pior [...]” (HOUAISS, 2012, p. 119). Utilizado em relação ao dano da violência psicológica, “agravando” (l. 1733) facilita a manifestação como se o dano fosse uma doença do corpo que ficasse cada vez pior.

Considerando que a depressão é um mal silencioso que afeta muitas pessoas que normalmente sofrem em silêncio, Glicínia expressa, por meio desses veículos metafóricos, seu entendimento sobre a gravidade do mal causado pela violência de que são vítimas.

Excerto 50 – Discurso do grupo focal

Participante: GLICÍNIA

Tópico discursivo: TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

1722	Porque a psi--
1723	psicológica, ela
1724	...Ela,
1725	Ela, quando
1726	...a pessoa tem isso ali,
1727	começa o trauma de depressão.
1728	Aí, da depressão
1729	..vem,
1730	..vem tudo aquilo,
1731	vem,
1732	vem tudo,
1733	se agravando,
1734	..numa só coisa
1735	um, vários problemas
1736	só naquilo ali.

Nos três excertos que se seguem, o Excerto 51 (l. 1756 -1759), o Excerto 52 (l. 1825-1830) e Excerto 53 (l. 1977-1986), observamos que as participantes Gérbera, Acácia e Dália, respectivamente, contribuem para a emergência da metáfora em questão, utilizando veículos metafóricos anteriormente introduzidos.

Assim, retomando a ideia, usam: “sofrendo” (Gérbera, l. 1759); “doeu”, (Acácia, l. 1830) e “traumatizado” (Dália, l.1986). A metáfora continua permeando a interação, alternando momentos de instabilidade e estabilidade, à medida que as participantes se intercalam na utilização e reutilização dos veículos metafóricos, nos mesmos tópicos discursivos ou em tópicos discursivos diferentes.

No caso de Gérbera, que reutiliza “sofrendo” (l. 1759), há uma alteração de “sofrem” (l. 214), no presente, como foi inicialmente usado, para “sofrendo”(l. 1759), no gerúndio. Acácia, por sua vez, reutiliza o veículo, usando-o no pretérito perfeito desta vez, Dália, também mantendo a mesma ideia, reutiliza o veículo metafórico “traumatizado” (l. 1986), desta feita alterando somente o gênero.

Constatamos, nessa análise, que, mesmo emergindo relativamente perto, como sinalizam as linhas equivalentes às unidades entonacionais, os Excertos 51,

52 e 53 fazem parte de tópicos diferentes. Gérbera discute a atitude a ser tomada por toda mulher “quando tá sofrendo muito” (l. 1759), Acácia relata as agressões que o marido lhe infligia e quanto cada uma lhe “doeu” (l. 1830), enquanto Dália se solidariza com o relato de outra participante sobre o sofrimento de seu filho, ainda adolescente, mas já “traumatizado” (l. 1986).

Excerto 51 – Discurso do grupo focal

Participante: GÉRBERA

Tópico discursivo: ATITUDE DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

1756	Eu acho que todo mundo,
1757	assim,
1758	deve denunciar
1759	...quando tá sofrendo muito.

Excerto 52 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

Tópico discursivo: AÇÕES VIOLENTAS CONTRA A MULHER

1825	O meu marido já me jogou várias vezes
1826	da calçada pra fora
1827	me jogou na pista,
1828	pra todo mundo ver,
1829	como se eu fosse uma cachorra, sabe?
1830	Aquilo dali me doeu tanto!

Excerto 53 – Discurso do grupo focal

Participante: DÁLIA

Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

1977	<Q Mãe,
1978	Hoje eu vou me esconder debaixo da cama. Q>
1979	Ele tinha 15 anos.
1980	<Q Vou me esconder. Q>
1981	Mas a mentalidade dele
1982	era de criança.
1983	Ele tinha medo,
1984	assim,
1985	de ver.
1986	DÁLIA: Ele era traumatizado.

A análise dos Excertos 54 (l. 2441-2447), 55 (l. 2551-2557) e 56 (l. 2590-2598) demonstra como Bromélia reutiliza os veículos metafóricos por ela usados, sem se apropriar dos veículos empregados por outras participantes.

Bromélia reutiliza sofrer nas seguintes formas: “sofrendo” (duas vezes) (l. 2442, 2598), “sofria” (l. 2442), “sofrida” (duas vezes) (l. 2446, 2447), “sofre” (l. 2591), além de “torturada” (l. 2444) e “trauma” (l. 2554). A metáfora emerge no seu relato sobre como chegou à casa abrigo “muito torturada” (l. 2444), “muito sofrida” (l. 2446, 2447).

Os tópicos discursivos envolvidos nessas participações de Bromélia são Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher e Sustento financeiro, mas, somente no último, ela se apropria do veículo metafórico “trauma” (l. 2554), que foi utilizado inicialmente por Glicínia.

Excerto 54 – Discurso do grupo focal

Participante: BROMÉLIA

**Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

2441 Eu
2442 ..não tô sofrendo mais tanto como eu sofria,
2443 graças a Deus.
2444 Eu cheguei muito torturada,
2445 Muito,
2446 Muito sofrida,
2447 Muito sofrida,

Excerto 55 – Discurso do grupo focal

Participante: BROMÉLIA

Tópico discursivo: SUSTENTO FINANCEIRO

2551 **BROMÉLIA:** Eu,
2552 eu inventei um emprego,
2553 porque eu tenho,
2554 eu fiquei com trauma psicológico,
2555 medo de deixar a criança
2556 com outro parente,
2557 e acontecer algum mal.

Excerto 56 – Discurso do grupo focal

Participante: BROMÉLIA

**Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

2590 **BROMÉLIA: Quem depende**
 2591 **sofre** muito, né?
 2592 **Porque até**
 2593 **regular comida,**
 2594 **negar comida, água**
 2595 **essas coisas.**
 2596 **Isso comigo também já aconteceu.**
 2597 **Da pes-,**
 2598 **de eu ficar **sofrendo** assim.**

No Excerto 57 (l. 2698-2705), a seguir, Glicínia apropria-se do veículo metafórico “sofrer” (l. 160), dezenove excertos depois que Bromélia o usou pela primeira vez. Glicínia utiliza-o na sua forma do pretérito imperfeito, para expressar seu sentimento sobre a violência vivenciada e sobre seu agressor, que ela reconhece ser um bom pai para os outros filhos, tanto no tocante à sua criação quanto ao seu sustento. Diz ter sido a única a passar por esse tipo de sofrimento.

Excerto 57 – Discurso do grupo focal

Participante: GLICÍNIA

Tópico discursivo: O AGRESSOR

2698 **Mas, só que**
 2699 **...ele era um bom pai,**
 2700 **assim,**
 2701 **na maneira de**
 2702 **criar os filhos,**
 2703 **sustentar,**
 2704 **mas eu era a única que **sofria****
 2705 **...com isso.**

Em mais uma participação na construção colaborativa da metáfora *SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É TER / ESCONDER UMA LESÃO*, no Excerto 58 (l. 2792-2802), Acácia retoma a ideia ao expressar seu sentimento diante do tratamento que recebia do marido, que incluía agressões verbais, deixando patente que a violência psicológica a machucava muito. Ela reutiliza o veículo metafórico “doía” (l. 2802), desta vez, no pretérito imperfeito.

Ressaltamos que Acácia é uma das participantes que, na trajetória dessa metáfora, não utilizaram o veículo metafórico inicialmente introduzido por Bromélia, mantendo-se sempre na reutilização daquele que ela própria introduziu “doer” (“doía”, l. 1333; dói, l. 1693; doeu; l. 1830; e doía, l. 2082). Esse “doer”, como já foi dito, não é o sofrimento físico, é um machucado, uma pisadura na alma. Ao usá-lo, ela consegue, em termos figurados, transmitir todo o seu sentimento, dando-lhe a dimensão certa.

Excerto 58 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

**Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

2792	Com licença da palavra,
2793	com licença da palavra,
2794	<Q Aqui oh,
2795	aqui oh,
2796	Vou pro cabaré,
2797	Aqui eu
2798	vou gastar com as puta. Q>
2799	Com licença da palavra.
2800	Desculpa, viu?
2801	Ele dizia aquilo dali.
2802	Aquilo dali me doía.

Nos Excerto 59 (l. 2868-2876) e 60 (l. 3015-3021), Gérbera e Bromélia, respectivamente, retomam o veículo metafórico “sofrer” (“sofre”, l. 2875, Gérbera; “sofrem”, l. 3021, Bromélia) e o reutilizam, no presente, ao discutir a violência

doméstica vivenciada por mulheres. Gérbera sugere que lembrar o passado faz com que você sofra duas vezes, acrescentando que não gosta nem de se lembrar dele, enquanto Bromélia reutiliza o veículo para manifestar-se sobre as estatísticas referentes a esse tipo de violência contra a mulher, ressaltando que “os números ..não são reais assim” (l. 3017, 3018) e “muita mulher esconde, com vergonha da sociedade, que sofrem” (l. 3019, 3020, 3021).

A violência sofrida é quase sempre escondida por medo do agressor e por vergonha dos outros, sejam familiares, parentes, amigos, vizinhos ou colegas de trabalho.

Excerto 59 – Discurso do grupo focal

Participante: GÉRBERA

Tópico discursivo: ATITUDE DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

2868	Se a gente pensar,
2869	Se a gente pensar no,--
2870	[ACÁCIA: Tem gente que liga né?
2871	Sobre esse negócio de dentro de casa.
2872	Eu não.]
2873	na,
2874	no passado,
2875	Você sofre duas vezes.
2876	Eu não gosto nem de lembrar.

Excerto 60 – Discurso do grupo focal

Participante: BROMÉLIA

Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

3015 **BROMÉLIA: Acho que muita mulher**
 3016 **fica calada,**
 3017 **e os números**
 3018 **..não são reais assim.**
 3019 **Muita mulher esconde,**
 3020 **com vergonha da sociedade,**
 3021 **que sofrem.**

No Excerto 61 (l. 3497-3503), a seguir, Gérbera reutiliza o veículo metafórico “traumatizada” (l. 3501), já usado por Dália duas vezes (l. 988,1986) no tópico discursivo Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher.

Gérbera, ao falar sobre a violência doméstica, enfocando as consequências dessa violência para as vítimas, diz que a mulher que sofre essa violência “fica traumatizada” (l. 3501), “fica com medo até de viver” (l. 3502) e que “muitas pede até pra morrer” (l. 3503), apropriando-se do veículo metafórico para facilitar a compreensão da ideia de dor e sofrimento.

Excerto 61 – Discurso do grupo focal

Participante: GÉRBERA

Tópico discursivo: CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

3497 **GÉRBERA: Porque a doméstica,**
 3498 **ela causa muita coisa,**
 3499 **muitos danos.**
 3500 **Medo de viver mais.**
 3501 **A pessoa fica traumatizada,**
 3502 **fica com medo até de viver.**
 3503 **Muitas pede pra morrer.**

Este último excerto, Excerto 62 (l. 3704-3708), demonstra mais um fragmento da trajetória da metáfora *SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É TER / ESCONDER UMA LESÃO*.

Nele, Azaleia, em sua única participação na emergência dessa metáfora, apropria-se do veículo metafórico “sofrendo” (l. 3706), inicialmente utilizado por Bromélia como “sofrer” (l. 160) e depois reutilizado mais vinte e duas vezes, com algumas alterações, para falar sobre o mal que as ações violentas causam às suas vítimas: “essas mulheres aí, ..sofrendo, aí, ..muitas aí, ..nas em toca.” (l. 3705, 3706, 3707, 3708).

Azaleia reconhece, dessa forma, que o sofrimento é, muitas vezes, solitário, silencioso, escondido dos outros pela vítima. A vítima sofre sozinha, principalmente quando o companheiro faz ameaças a ela e aos filhos ou outros entes queridos. Por vergonha e por medo, elas preferem calar.

Excerto 62 – Discurso do grupo focal

Participante: AZALEIA

Tópico discursivo: AÇÕES VIOLENTAS CONTRA A MULHER

3704	Por que tem muitas pessoas, né?
3705	Essas mulheres aí,
3706	..sofrendo , aí,
3707	..muitas aí,
3708	..nas em toca,

A metáfora *SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É TER/ ESCONDER UMA LESÃO* emerge da interação de todas as seis participantes do grupo focal.

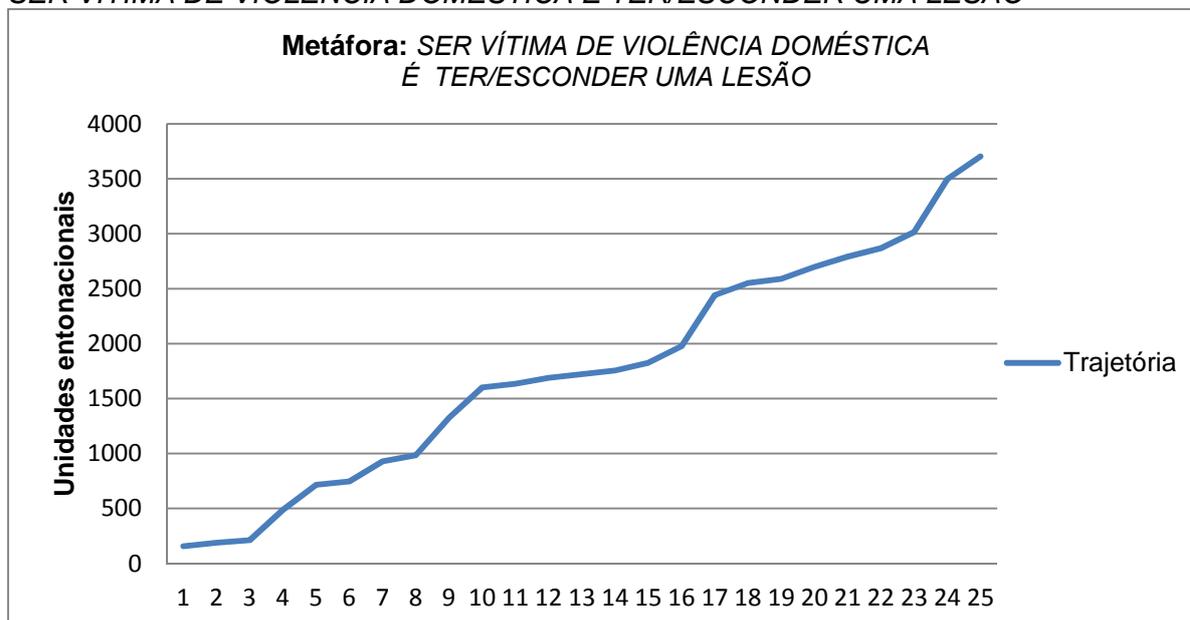
Envolvendo nove tópicos discursivos diferentes (Ações violentas contra a mulher, Vingança, Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher, Consequências da violência doméstica contra a mulher, Sustento financeiro, Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher, Atitude diante da violência doméstica contra a mulher, Tipos de violência contra a mulher e O agressor), essa metáfora desenvolve uma trajetória que está demonstrada em vinte e cinco excertos que incluem trinta e seis veículos metafóricos.

As mudanças metafóricas observadas nessa metáfora são reemprego e desenvolvimento. Os reempregos observados foram: “sofre” (l. 932, 492, 2591. 2875; Bromélia, em Consequências da violência doméstica contra a mulher e Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher e Gérbera, em Atitude diante da violência doméstica contra a mulher); “sofrimento” (l. 936, 1602,1636; Bromélia, em Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher e Sustento financeiro); “sofrer” (l. 930, 938, 160; Bromélia, em Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher e Ações violentas contra a mulher); “sofrendo” (l. 1759, 2442, 2598, 3706; Acácia, em Ações violentas contra a mulher; Bromélia, em Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher; Gérbera, em Atitude diante da violência doméstica contra a mulher); “traumatizada” (l. 3051, 1986, 988; Gérbera, em Consequências da violência doméstica contra a mulher; Dália, em Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher), “doía” (l. 1333, 2802; Acácia, em Ações violentas contra a mulher e Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher); “trauma” (l. 750, 2554; Glicínia, em Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher; Bromélia, Sustento financeiro); e “sofria” (l. 2442 2704, Glicínia, em O agressor e Bromélia, em Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher).

As mudanças de desenvolvimento do tipo repetição foram as seguintes: “sofre” (l. 932, 2591; Bromélia, em Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher); “sofrimento” (l. 602, 1636; Bromélia, em Sustento financeiro); “sofrem” (l. 214, 3021; Gérbera e Bromélia, em Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher); “traumatizada” (l. 988, 1986; Dália, em Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher), “sofrida” (l. 2446, 2447; Bromélia, em Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher); “doeu” (l. Acácia, em Ações violentas contra a mulher); enquanto as do tipo relexicalização foram; “sofrida”, “magoada”, “torturada” e “traumatizada” (l. 2446, 2447, 719, 2444, 988; Bromélia, Glicínia, Bromélia e Dália, todas em Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher).

Os dados analisados revelam que a metáfora *SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É TER/ESCONDER UMA LESÃO* permeia o evento discursivo, apresentando sistematicidade e preenchendo os requisitos necessários para que a consideremos uma metáfora sistemática, conforme pode ser constatado no gráfico a seguir.

Gráfico 11 – Trajetória da metáfora 9
SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É TER/ESCONDER UMA LESÃO



Fonte: Elaboração da autora.

5.10 Metáfora sistemática 10

RESIGNAR-SE COM A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA É ACOMODAR-SE

Quadro 14 – Metáfora sistemática 10
RESIGNAR-SE COM A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA É ACOMODAR-SE

EXCERTOS	PARTICIPANTES	TÓPICOS DISCURSIVOS	VEÍCULOS METAFÓRICOS	MUDANÇAS METAFÓRICAS
4 (l.526 a 529); (l.547 a 556); (l.643 a 649); (l.1308 a 1313).	Azaleia	1 (Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher)	4	Reemprego e Desenvolvimento (repetição)
	Dália	1 (Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher)	1	
TOTAL: 4	2	2	5	R + D (R)

Fonte: Elaboração da autora.

A metáfora *RESIGNAR-SE COM A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA É ACOMODAR-SE* resulta da interação de duas participantes do evento discursivo, Azaleia e Dália, envolvendo dois tópicos discursivos (Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher e Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher) e cinco veículos metafóricos, nos quatro excertos que discutiremos a seguir.

Os Excertos 63 (l. 526-529), 64 (l. 547-556) e 65 (l. 643-649), que se incluem no tópico discursivo Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher, demonstram, nas falas de Azaleia, a utilização e reutilização do veículo metafórico “acomodam” (l. 527, 548), assim como a utilização do mesmo veículo outras duas vezes com pequenas alterações (“acomodando”, l. 553; “acomoda”, l. 643), reiterando a ideia expressa inicialmente.

Azaleia fala, de modo figurado, sobre a passividade com que a violência doméstica é aceita por muitas mulheres que acham “que não vai acontecer” (l. 551), dizendo que “a maioria delas se acomodam naquilo” (l. 527).

Como elemento lexical, ‘acomodar’ significa “[...] 1 tornar cômodo, confortável. 2 pôr(-se) em (lugar, posição cômoda ou disposição adequada.” (HOUAISS, 2012, p. 62).

Azaleia, ao usar “acomodam” (l. 527), manifesta sua compreensão de que a situação de violência é um lugar, uma posição (des)confortável a que a maioria das mulheres se ajusta, tornando mais fácil o entendimento dessa aceitação passiva. Logo em seguida, repete o veículo metafórico “acomodam” (l. 548) e, ainda no mesmo excerto, usa-o mais uma vez, desta feita, no gerúndio, “acomodando” (l. 553). No Excerto 3, Azaleia usa o veículo “se acomoda” (l. 643), mais uma vez, com a mesma ideia.

Excerto 63 – Discurso do grupo focal

Participante: AZALEIA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0526	AZALEIA: E a maioria delas
0527	se acomodam naquilo,
0528	<Q que não vai acontecer Q>,
0529	mas aí é que se enganam,

Excerto 64– Discurso do grupo focal

Participante: AZALEIA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0547 Então,
0548 muitas mulheres se acomodam nisso.
0549 Quer dizer,
0550 a pessoa fala,
0551 elas não crê que aquilo pode acontecer,
0552 ..e acaba se agravando mais a situação,
0553 elas seacomodando
0554 devido à paixão,
0555 do amor que sente pelos seus companheiros, né?
0556 Então tomam atitude,

Excerto 65 – Discurso do grupo focal

Participante: AZALEIA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0643 e hoje ela se acomoda.
0644 ...Agora,
0645 quem sou eu pra dizer:
0646 <Q para,
0647 larga,
0648 procura ajuda Q>
0649 se ela mesma não quer?

No Excerto 66 (l. 1308-1313), que se insere no tópico discursivo Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher, Dália apropria-se do veículo utilizado por Azaleia, utilizando-o, também no gerúndio, e reiterando a ideia

por ela inicialmente manifestada, ao destacar que a mulher, em função do medo, da ameaça, cede e se ajusta á situação, “se acomodando” (l. 1312).

Excerto 66 – Discurso do grupo focal

Participante: DÁLIA

Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

1308	Aí ele logo ameaça pra pessoa não sair.
1309	Aí dá aquele medo,
1310	faz aquele medo,
1311	Pra pessoa não sair.
1312	Aí nisso ela vai se acomodando.
1313	Aí não para mais,

A metáfora *RESIGNAR-SE COM A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA É ACOMODAR-SE* tem sua emergência como resultado da interação de duas participantes do grupo focal. Sua trajetória envolve dois tópicos discursivos (Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher e Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher) e cinco veículos metafóricos, conforme demonstrados nos quatro excertos analisados, cujas linhas iniciais são 526, 547, 643 e 1308.

As mudanças metafóricas que sofreram os veículos são reemprego (“acomodando” é usado por Azaleia e Dália, em tópicos discursivos diferentes, l. 553, 1312) e Azaleia usa “acomodam” (l. 527, 548) duas vezes, além de “acomodando” (l. 553) e “acomoda” (l. 643), em mudanças metafóricas de desenvolvimento (repetição).

No gráfico abaixo, podemos observar que a metáfora desenvolve uma trajetória que apresenta sistematicidade e preenche os requisitos necessários para sua classificação como metáfora sistemática.

Gráfico 12 – Trajetória da metáfora 10
RESIGNAR-SE COM A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA É ACOMODAR-SE



Fonte: Elaboração da autora.

5.11 Metáfora sistemática 11

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É PESO

Quadro 15 – Metáfora sistemática 11
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É PESO

EXCERTOS	PARTICIPANTES	TÓPICOS DISCURSIVOS	VEÍCULOS METAFÓRICOS	MUDANÇAS METAFÓRICAS
9 (l.719 a 723); (l.762 a 768); (l.773 a 782); (l.796 a 800); (l.897 a 901); (l.1334 a 1340); (l.1468 a 1474); (l.1739 a 1742); (l.3635 a 3640).	Acácia	3 (Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher, Ciúmes e Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher)	3	Reemprego e Desenvolvimento (repetição)
	Azaleia	1 (Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher)	1	
	Gérbera	2 (Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher e Tipos de violência contra a mulher)	2	
	Glicínia	1 (Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher)	5	
TOTAL: 9	4	5	11	R + D (R)

Fonte: Elaboração da autora.

A metáfora *VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É PESO* emerge como resultado da interação de quatro participantes desta pesquisa. Acácia, Azaleia,

Gérbera e Glicínia discutem questões que abrangem cinco tópicos discursivos diferentes (Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher, Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher e Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher, Tipos de violência contra a mulher e Ciúmes) e incluem onze veículos metafóricos. Os excertos que registram esses momentos de emersão serão analisados a seguir.

Destacamos que, no caso desta metáfora, há um embasamento cognitivo que atua a partir da metáfora primária DIFICULDADES SÃO PESOS, em que o julgamento subjetivo está associado às dificuldades, enquanto o domínio sensorio motor se vincula a pesos. (GRADY, 1997; LAKOFF; JOHNSON, 1999) Como resultado da experiência primária de desconforto ou incapacidade ao carregar ou levantar itens pesados, as pessoas refletem sobre seus problemas, tratam dos seus problemas como se fossem pesos. Assim, quanto maior o grau de dificuldade da situação ou do problema, maior o peso e, conseqüentemente, o desconforto ou até mesmo a incapacidade de resolvê-lo.

A análise do Excerto 67 (l. 719-723), demonstra que, quando Glicínia fala sobre sua situação como uma vítima de violência aos dezessete anos, emprega inicialmente o veículo metafórico “desamparada” (l. 721).

‘Desamparar’, como item lexical, significa “[...] 1 não dar amparo a; privar de ajuda material e/ou moral; abandonar; 2 privar(-se) de arrimo, escora, segurança [...]” (HOUAISS, 2012, p. 954).

Assim, ela utiliza o veículo “desamparada” (l. 721) para referir-se à sua condição diante do peso de sua dor, enfrentada sem o apoio de ninguém, sem qualquer escora que lhe ajude aguentar tal peso. Ao tratar a dor como um peso, ela consegue expressar seu sofrimento, em termos metafóricos, de modo a se fazer entender.

Excerto 67– Discurso do grupo focal

Participante: GLICÍNIA

**Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0719 **qualquer coisa já me deixava magoada,**
 0720 **triste,**
 0721 **desamparada,**
 0722 **porque eu era adolescente,**
 0723 **tinha por volta de dezessete anos**

No Excerto 68 (l. 762-768), percebemos que Glicínia, ainda falando sobre o mesmo tópico, retoma sua ideia de que a violência doméstica contra a mulher é peso. Desta vez ela diz que não “aguentava” (l. 763), não “suportava” (l. 765) ver a mãe sofrer no lugar dela.

O elemento lexical ‘suportar’ significa “[...] 1 ter sobre ou contra si (algo) e não ceder ao seu peso ou à sua força; aguentar, resistir; 2 ser capaz de segurar ou carregar (certo peso) [...]” (HOUAISS, 2012, p. 2643).

Embora o sentido primário esteja relacionado ao esforço físico empregado para resistir ao peso ou força exercido por algo, para Glicínia, dizer não “suportar” (“suportava”, l. 765), e não “aguentar” (“aguentava”, l. 763) ver o sofrimento de sua mãe, por meio linguagem figurada, facilita a compreensão de quem não viveu aquela situação.

Excerto 68 – Discurso do grupo focal

Participante: GLICÍNIA

**Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
 CONTRA A MULHER**

0762 **Mas**
 0763 **eu não aguentava ver**
 0764 **...ela sofrer no meu lugar.**
 0765 **Eu não suportava a ideia.**
 0766 **Então,**
 0767 **eu via ela chorando daquele jeito,**
 0768 **eu sofria.**

Observamos, no Excerto 69 (l. 773-782), a seguir, que Glicínia, usando novamente ambos os veículos metafóricos, apenas alterando de “aguentava” (l. 763) e “suportava” (l. 765) para, respectivamente, “aguento” (l. 775) e “suportei” (l. 781), mas mantendo a ideia inicialmente introduzida no discurso, reitera sua incapacidade de ver o sofrimento de alguém, principalmente se for em função dela.

Ao dizer: “Eu não suportei a ideia de que isso tava acontecendo comigo” (l. 781), Glicínia utiliza a figuratividade mais uma vez, pois uma ideia, qualquer que seja ela, não tem massa, não é matéria, conseqüentemente, não pode ter peso, ser leve ou pesada. Dessa forma, uma ideia que tem peso (in)suportável só é possível no sentido figurado. É uma ideia ruim, porque DIFICULDADES SÃO PESOS (GRADY, 1997; LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Excerto 69 – Discurso do grupo focal

Participante: GLICÍNIA

**Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0773	E eu não quero,
0774	eu sou daquele tipo de pessoa
0775	que não aguento ver ninguém sofrendo por mim,
0776	ninguém mesmo.
0777	Então eu acho que isso não
0778	é uma coisa normal,
0779	assim
0780	que uma pessoa no seu normal possa fazer.
0781	Eu não suportei a ideia de que isso tava acontecendo comigo,
0782	realmente.

No Excerto 70 (l. 796-800), como podemos ver a seguir, Azaleia aborda questões relacionadas ao comportamento de mulheres diante da violência doméstica, em outro tópico discursivo. Comenta que, atualmente, só sofre esse tipo

de violência quem quer, porque “hoje tem essa lei que apoia, que ajuda muito” (l. 799).

Como sabemos, uma lei não pode oferecer nenhum apoio ou sustentação concreta, como uma escora, a quem quer que seja, portanto, mais uma vez, a linguagem figurada viabiliza uma melhor compreensão da manifestação de uma participante. Como a ideia que pesa, a lei que apoia só pode ser compreendida por meio da figuratividade.

Excerto 70 – Discurso do grupo focal

Participante: AZALEIA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0796	Denunciar
0797	porque hoje só sofre a mulher que quiser,
0798	porque hoje tem
0799	essa lei que apoia,
0800	que ajuda muito.

No Excerto 71 (l. 897-901), Gérbera emprega o veículo metafórico “base” na sua manifestação sobre a situação de muitas mulheres que sofrem com a violência doméstica no Brasil.

O elemento lexical ‘base’ tem como sentido “[...] tudo que serve de sustentáculo ou de apoio; a parte inferior de alguma coisa, considerada como seu suporte; aquilo sobre o qual alguma coisa repousa ou se apoia.” (HOUAISS, 2012, p.).

Gérbera fala da situação de violência enfrentada por mulheres brasileiras, dizendo que estas vivem à base de violência. A ideia expressa por Gérbera é a de que a violência é o suporte do dia a dia dessas brasileiras, aquilo que sustenta suas vidas. Gérbera manifesta-se utilizando a carga metafórica de base, já que violência não pode se materializar como apoio de outro modo.

Excerto 71 – Discurso do grupo focal

Participante: GÉRBERA

**Tópico discursivo: AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0897	Infelizmente,
0898	o Brasil inteiro,
0899	o país
0900	vive nessas condições de muitas mulheres viver
0901	..à base de violência.

Nos Excertos 72 (l. 1334-1340), 73 (l. 1468-1474) e 75 (l. 3635-3640), observamos o reemprego de “aguentava” (l. 1340, 1468, 3640), veículo inicialmente usado por Glicínia nessa construção colaborativa da metáfora *VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É PESO*.

Acácia, no Excerto 72, diz que “já não aguentava de tanto falar” (l. 1340) e, no Excerto 73, reutiliza o veículo metafórico dizendo que não “aguentava” (l. 1468) ouvir do marido que tinha caso com seus vizinhos. Essas emersões da metáfora acontecem em tópicos discursivos diferentes (Ciúmes e Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher). Mais adiante, como veremos no Excerto 75, Acácia retoma, mais uma vez, o veículo, empregando-o para dizer que não está “aguentando estar presa” (l. 3640), em outro tópico discursivo (Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher).

Embora um desses veículos tenha sofrido uma pequena alteração ao ser utilizado, a ideia que emerge é a mesma. É por meio da carga metafórica de “aguentar” o peso que Acácia consegue transmitir às outras o seu sentimento sobre as dificuldades da situação de violência que a sua vida se tornou, assim como dizer o quanto é difícil ouvir o marido dizer que tem outros homens ou ficar reclusa na casa abrigo.

Excerto 72

Participante: ACÁCIA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

1334 **Precisava,**
 1335 **precisava um vizinho chegar**
 1336 **e tirar meu filho de perto.**
 1337 **Porque eu tava me defendendo,**
 1338 **E defendendo meu filho, sabe?**
 1339 **Porque**
 1340 **eu já não aguentava de tanto falar**

Excerto 73 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

Tópico discursivo: CIÚMES

1468 **Eu não aguentava.**
 1469 **Ele dizia que eu tinha um caso com nossos vizinhos.**
 1470 **Ca--, cada,**
 1471 **cada vizinho,**
 1472 **cada pessoa**
 1473 **se eu dava uma palavra**
 1474 **com cada pessoa da rua,**

No Excerto 74 (l. 1739-1742), Gérbera, em referência específica à violência psicológica que faz parte da difícil realidade de muitas mulheres no Brasil, afirma que essa violência é bem pesada, fazendo emergir mais uma vez a metáfora *VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É PESO*.

Ao fazer a afirmação de que a violência doméstica é pesada, Gérbera quer dizer que esse tipo de violência é penosa, faz muito mal, é difícil de enfrentar e causa muitos danos àqueles que a vivenciam. ‘Pesado’, como item lexical, significa “[...] que tem muito peso, que exige muita força física [...]” (HOUAISS, 2012, p. 2199). Esse peso não é físico, pois isso não seria possível já que violência não é matéria. O peso é, então, por meio da figuratividade, compreendido como carga psicológica, afetiva e emocional.

Excerto 74**Participante: GÉRBERA****Tópico discursivo: TIPOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER**

1739	..outras
1740	A, a psicológica é--
1741	[GÉRBERA: É bem pesada.]
1742	É a mais <X...X>mais--

Excerto 75**Participante: ACÁCIA****Tópico discursivo: AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

3635	Nós não merecemos isso.
3636	Era pra nós estar em casa,
3637	com nossos filhos,
3638	nu-
3639	numa boa.
3640	Não tô aguentando presa.

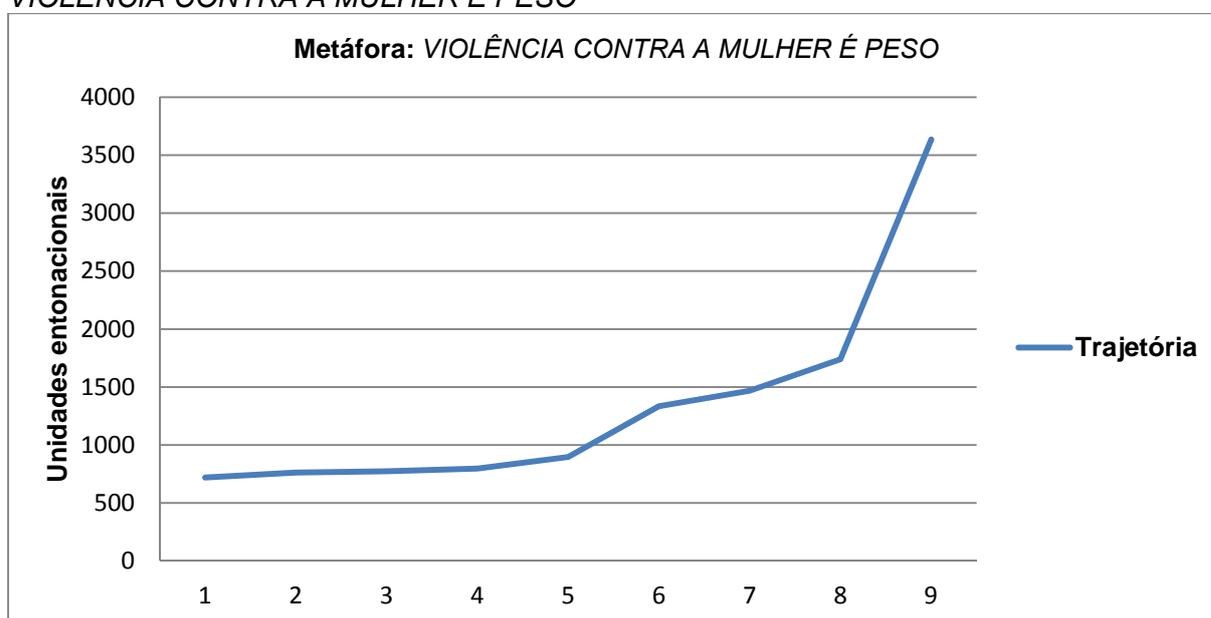
A metáfora *VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É PESO* emerge em decorrência da interação de Acácia, Azaleia, Gérbera e Glicínia ao longo de cinco tópicos discursivos (Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher, Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher e Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher, Tipos de violência contra a mulher e Ciúmes) e inclui onze veículos metafóricos. As linhas iniciais dos excertos que demonstram suas emersões são, respectivamente, 719, 762, 773, 796, 897, 1334, 1468, 1739 e 3635.

As mudanças metafóricas que sofreram os veículos são reemprego: “aguentava” é usado por Glicínia, uma vez (l. 763) e por Acácia, três vezes (l. 1340, 1468, 3640) em quatro tópicos discursivos diferentes; e desenvolvimento, pois

Glicínia utiliza “aguentava”(l. 763) e “aguento” (l. 775), assim como “suportava” (l. 765) e “suportei” (l. 781), do tipo repetição; e esses mesmos veículos “suportava” e “suportei”, como relexicalizações de “aguentava” e “aguento”.

Observamos, no gráfico abaixo, a trajetória da metáfora *VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É PESO*, permeando grande parte do evento discursivo, com a sistematicidade necessária para sua classificação como metáfora sistemática.

Gráfico 13 – Trajetória da metáfora 11
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É PESO



Fonte: Elaboração da autora.

5.12 Metáfora sistemática 12

AGREDIR É DAR ALGO RUIM/AGREDIR É NÃO DAR AFETO

Quadro 16 – Metáfora sistemática 12
AGREDIR É DAR ALGO RUIM/AGREDIR É NÃO DAR AFETO

EXCEROTOS	PARTICIPANTES	TÓPICOS DISCURSIVOS	VEÍCULOS METAFÓRICOS	MUDANÇAS METAFÓRICAS
7 (l.1386 a 1389); (l.1397 a 1407); (l.1908 a 1915); (l.2000 a 2003); (l.2032 a 2037); (l.2070 a 2075); (l.2195 a 2197).	Acácia	1 (Ações violentas contra a mulher)	7	Reemprego e Desenvolvimento (repetição)
	Bromélia	1 (Sentimento diante da contra a mulher)	2	
	Dália	1 (Ações violentas contra a mulher)	2	
TOTAL: 7	3	2	11	R + D (R)

Fonte: Elaboração da autora.

A metáfora *AGREDIR É DAR ALGO RUIM/AGREDIR É NÃO DAR AFETO* emerge na interação que se verifica no evento discursivo do grupo focal desta pesquisa, envolvendo três das participantes, a saber: Acácia, Bromélia e Dália. Essa metáfora envolve dois tópicos discursivos e nove veículos metafóricos cujas ocorrências são demonstradas nos sete excertos a serem analisados a seguir.

No Excerto 76 (l. 1386-1389), percebemos que Acácia emprega o veículo “desse” ao relatar algumas das ações violentas de que era vítima. Ela diz “ele achava que se me desse um murro” (l. 1387), manifestando-se, por meio da linguagem figurada, a respeito das intenções do marido ao agredi-la, e o reutiliza, mais à frente, no mesmo excerto. Um murro só pode ser entregue no sentido figurado, já que não tem materialidade própria.

O item lexical ‘dar’ no Dicionário Houaiss (2012, p. 909) tem como primeira acepção: “[...] pôr na posse (de) [...]”, e, como subdivisão dela, “[...] 1.1 ceder, entregar, oferecer (algo de que se desfruta ou de que se está na posse), sem pedir contrapartida.”

Excerto 76 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

Tópico discursivo: AÇÕES VIOLENTAS CONTRA A MULHER

1386	ele achava
1387	que se me desse um murro,
1388	desse um murro,
1389	e batesse em mim,

Na análise do Excerto 77 (l. 1390-1407), verificamos que o veículo é reutilizado, no mesmo tópico discursivo, com pequena alteração, por Dália (uma vez) e Acácia (três vezes consecutivas). Embora mude o objeto, a ideia permanece a mesma do excerto anterior, que só se viabiliza metaforicamente.

Para informar o que o marido de Acácia fazia, ambas usam o veículo metafórico ‘dar’. Assim, para Dália, “ele não te dava, que é amor, carinho” (l. 1400, 1401, 1402) o que é complementado por Acácia ao dizer “Ele não me dava carinho, não me dava amor, não me dava nada. Ele me dava era peia” (l. 1403, 1404, 1405, 1406).

Excerto 77 – Discurso do grupo focal**Participante: DÁLIA e ACÁCIA****Tópico discursivo: AÇÕES VIOLENTAS CONTRA A MULHER**

1397 **Quer dizer que ele me dá de tudo dentro de casa,**
 1398 **aí, no final das contas,**
 1399 **ele vai acabar me matando.**
 1400 **[DÁLIA: O principal ele não te dava,**
 1401 **que é amor,**
 1402 **carinho.]**
 1403 **Ele não me dava carinho,**
 1404 **não me dava amor,**
 1405 **não me dava nada.**
 1406 **Ele me dava era peia.**
 1407 **[Risos]**

Bromélia, no Excerto 78 (linhas 1908 a 1915), faz uso do veículo “dar” (l. 1909), apropriando-se da ideia que emergiu na fala de Acácia. Como os outros objetos do veículo metafórico “dar”, a paulada, mesmo física, só pode ser “dada” em termos figurados, pois, prototipicamente, o verbo ‘dar’ é usado para entregar coisas materiais.

Verificamos que, a cada emersão dessa metáfora, o veículo “dar” pode ter como objeto algo ruim – “dar um murro” (l. 1387,1388), “dar nada” (l. 1405), “dar peia” (l. 1406), “dar uma paulada” (l. 1909) – e, nesse caso, a metáfora que emerge é *AGREDIR É DAR ALGO RUIM*; ou algo bom – “não dar carinho” (l. 1403), “não dar amor” (l. 1404) – que, por sua vez, faz emergir a metáfora *AGREDIR É NÃO DAR AFETO*.

Excerto 78 – Discurso do grupo focal**Participante: BROMÉLIA****Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

1908	BROMÉLIA: O cachorro,
1909	se a gente der uma paulada,
1910	ele chora.
1911	Mas o ser humano
1912	... (2.0) E ainda tem gente que
1913	que,
1914	assim,
1915	Só Deus mesmo!

Ao analisarmos os Excertos 79 (l. 2000-2003), 80 (l. 2032-2037), 81 (l. 2070-2075) e 82 (l. 2195-2197), observamos a utilização do veículo metafórico “deu” uma vez (l. 2003) por Dália; duas vezes (l. 2036, 2071) por Acácia, ambas em emersões dentro do mesmo tópico discursivo (Ações violentas contra a mulher), e, por Bromélia, uma vez, no tópico discursivo Tipos de violência contra a mulher.

Verificamos, assim, que a metáfora emerge na fala de participantes diferentes e em tópicos diferentes, apresentando mudanças metafóricas de reemprego e de desenvolvimento.

O objeto, em todos esses casos, é algo ruim (“deu um soco”, duas vezes, l. 2003, 2036; “deu um murro”, l. 2071, uma vez; “deu nela”, l. 2196, uma vez; deixando subentendida uma agressão, um dano, enfim, algo ruim, como surra, peia).

Excerto 79 – Discurso do grupo focal

Participante: DÁLIA

Tópico discursivo: AÇÕES VIOLENTAS CONTRA A MULHER

2000	DÁLIA: Passei.
2001	... (3.0) Ele chegou a me queimar.
2002	Uma vez,
2003	ele deu um soco no meu estômago.

Excerto 80 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

Tópico discursivo: AÇÕES VIOLENTAS CONTRA A MULHER

2032 **ACÁCIA: Ele já tentou matar meu filho**
2033 **já duas vezes**
2034 **na minha barriga.**
2035 **Eu tava grávida.**
2036 **Ele deu um soco na minha barriga**
2037 **com oito meses de grávida,**

Excerto 81 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

Tópico discursivo: AÇÕES VIOLENTAS CONTRA A MULHER

2070 **e ele tentou matar meu filho.**
2071 **Deu um murro na minha barriga,**
2072 **e meu filho foi se mexer com três dias.**
2073 **Eu tive muito medo dele ter morrido**
2074 **na minha barriga.**
2075 **[Choro]**

Excerto 82 – Discurso do grupo focal

Participante: BROMÉLIA

Tópico discursivo: TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

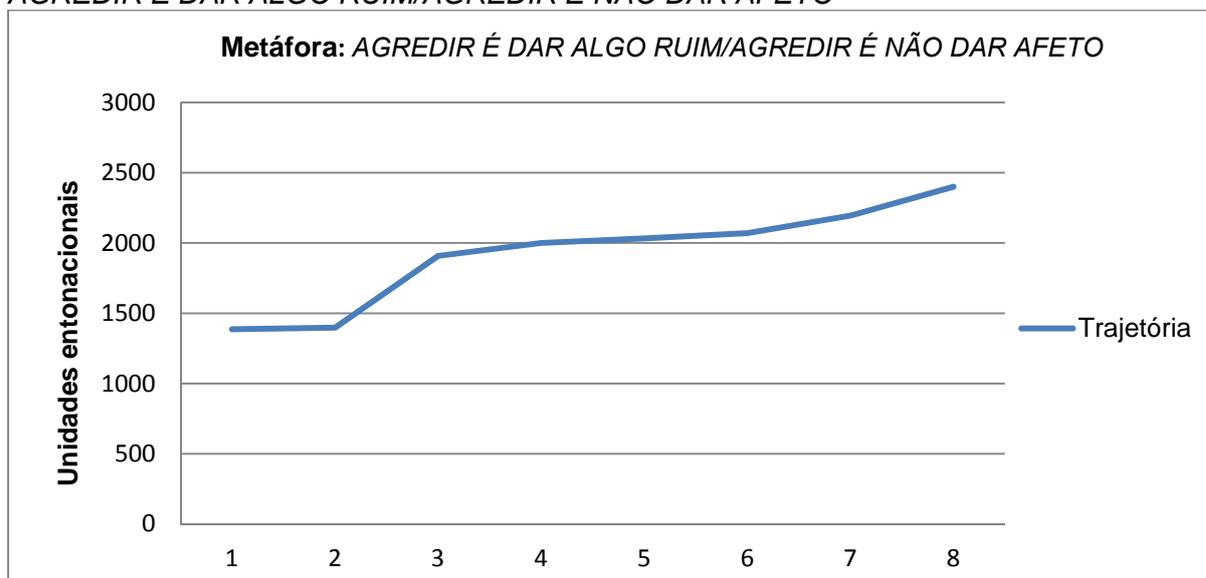
2195 **BROMÉLIA: Psicológico,**
2196 **Porque ele deu nela, né?**
2197 **E mental.**

A metáfora *AGREDIR É DAR ALGO RUIM/AGREDIR É NÃO DAR AFETO* emerge na interação de Acácia, Bromélia e Dália, abrangendo dois tópicos discursivos (Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher e Ações violentas contra a mulher) e oito veículos metafóricos apresentados em sete excertos, cujas linhas iniciais são: 1386, 1397, 1908, 2000, 2032, 2070 e 2195.

Reemprego é uma das mudanças metafóricas que observamos na trajetória dessa metáfora, como já mencionado. Bromélia utiliza “deu” (l. 2196) em tópico diferente (Tipos de violência doméstica contra a mulher) daquele em que primeiro foi usado por Acácia e Dália (l. 2003, 2036, 2071). Observamos, ainda, as mudanças de desenvolvimento do tipo repetição, quando Acácia reutiliza “desse” (l. 1387, 1388) em um mesmo tópico, e quando Acácia e Dália, também no mesmo tópico discursivo, usam “dava” (l. 1400, 1403, 1404, 1405, 1406) e, depois, empregam “deu” (l. 2003, 2036, 2071) do mesmo modo. der

Observamos, no gráfico abaixo, a trajetória da metáfora *AGREDIR É DAR ALGO RUIM/AGREDIR É NÃO DAR AFETO*, que revela sistematicidade que nos permite considerá-la uma metáfora sistemática.

Gráfico 14 – Trajetória da metáfora 12
AGREDIR É DAR ALGO RUIM/AGREDIR É NÃO DAR AFETO



Fonte: Elaboração da autora.

5.13 Metáfora sistemática 13

*ESPERAR POR UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA É OLHAR PARA A FRENTE / DEIXAR
A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É LARGAR TUDO
PARA TRÁS*

Quadro 17 – Metáfora sistemática 13

*ESPERAR POR UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA É OLHAR PARA A FRENTE/DEIXAR A
SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É LARGAR TUDO PARA TRÁS*

EXCEROTOS	PARTICIPANTES	TÓPICOS DISCURSIVOS	VEÍCULOS METAFÓRICOS	MUDANÇAS METAFÓRICAS
5 (l.442 a 449); (l.1647 a 1651); (l.2743 a 2751); (l.2841 a 2854); (l.2858 a 2878).	Acácia	1 (Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher)	2	Desenvolvimento (repetição)
	Azaleia	1 (Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher)	2	
	Dália	1 (Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher)	1	
	Gérbera	1 (Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher)	7	
TOTAL: 5	4	2	12	D (R)

Fonte: Elaboração da autora.

A metáfora *ESPERAR POR UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA É OLHAR PARA A FRENTE/DEIXAR A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É LARGAR TUDO PARA TRÁS* resulta da interação de quatro participantes. As participantes envolvidas são Acácia, Azaleia, Dália e Gérbera. Sua abrangência alcança dois tópicos discursivos (Comportamento diante da violência doméstica e Desejo de mudança) e são doze os veículos metafóricos utilizados, nos cinco excertos que passamos a analisar.

É importante que façamos um esclarecimento relativo às metáforas a serem analisadas neste item. Embora estritamente falando sejam duas metáforas diferentes, consideramos que a imbricação entre elas é tão grande, que elas se sobrepõem de tal forma que seria melhor analisá-las em um mesmo momento

No Excerto 83 (l. 442-449), ao referir-se à sua decisão de sair de casa, depois de um grave episódio de violência, Azaleia diz “larguei tudo, tudo pra trás”(l. 445, 446) e continua “trouxe foi só minha vida mesmo e meus filhos” (l. 447, 448, 449).

Para ela, a difícil decisão de sair do jugo do marido, da realidade de violência que vivia, envolveu largar tudo o mais, também, para trás. Assim, “para trás” (l. 446) é o que já passou: o sofrimento, a vida de violência, o medo, a tensão e todas as tristes lembranças; enquanto, pra frente é o porvir: a certeza de estar viva,

a esperança de uma vida melhor, sem violência, o sonho e os planos de ser melhor, como acontece com um caminho que se trilha e vai deixando para trás o que foi percorrido.

Essa manifestação de como se sentiu para tomar a decisão de deixar seu agressor e tudo o que construiu, levando consigo só a vida e os filhos, é expressa por meio da figuratividade.

‘Largar’, como item lexical, significa “[...] deixar de segurar, desprender a mão de; deixar cair (algo que se tinha na mão); alargar, soltar [...]” (HOUAISS, 2012, p. 1725). Assim, dizer que “largou tudo para trás” para explicar que abandonou a situação de violência torna mais evidente seu sentimento. “Largar tudo, tudo, para trás” (l. 445, 446) não é deixar de segurar, deixar cair, soltar ou desprender a mão de algo, pois “tudo” não cabe na mão para ser solto, não se pode segurar ou deixar cair. No sentido figurado, essa é uma forma de expressar o abandono de uma situação e considerá-lo passado.

Excerto 83 – Discurso do grupo focal

Participante: AZALEIA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0442	Eu tinha meus filhos
0443	mas aí aconteceu de ele fazer isso comigo.
0444	Aí eu fui parar
0445	larguei tudo,
0446	tudo pra trás
0447	O que eu trouxe
0448	foi só minha vida mesmo
0449	e meus filhos.

O Excerto 84 (l. 1647-1651) apresenta o momento em que Gérbera, mais à frente, apropria-se do veículo metafórico “para trás” (l. 1651) utilizado por Azaleia,

para falar sobre o que uma vítima de violência doméstica contra a mulher precisa fazer para abandonar essa condição.

Para manifestar seu pensamento, Gérbera apropria-se da ideia emersa na fala de Azaleia e diz que a vítima deve pedir a Deus, entre outras coisas, para não voltar “pra trás” (l. 1651). Assim, reitera a ideia de que passado é “pra trás” (l.1651), como ficam para trás as etapas de um percurso, de uma viagem, assim como futuro é o caminho que ainda vai ser percorrido, as etapas que ainda estão por vir, à frente.

Faz-se necessário observar que a metáfora conceitual A VIDA É UMA VIAGEM dá embasamento cognitivo a essas duas metáforas sistemáticas. Conceitualizamos vida como uma viagem e isso faz com que tratemos algo abstrato em termos concretos, pois usamos vários aspectos de uma viagem (a pessoa = o viajante; o objetivo = o destino; as dificuldades da vida = os obstáculos; o passado, a vida vivida = o trecho percorrido, o olhar para trás; o futuro = o caminho a percorrer, o olhar para a frente) nas nossas manifestações sobre a vida.

A motivação cognitiva também se baseia no esquema imagético ORIGEM-PERCURSO-META, estrutura de natureza abstrata, fundada na experiência do homem na sua relação física e corpórea com o mundo que o cerca. Assim, esse esquema imagético, que faz parte do domínio fonte, no caso da metáfora conceitual A VIDA É UMA VIAGEM, projeta-se no domínio alvo (LAKOFF, 1987). A vida, então, é uma viagem, desde o momento do nascimento (ORIGEM) até a morte (META, DESTINO), e suas diversas etapas compõem o PERCURSO.

Excerto 84 – Discurso do grupo focal

Participante: GÉRBERA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

1647	GÉRBERA?: Pedir muita força pra Deus.
1648	Pra que
1649	...venha tomar uma atitude
1650	E não desistir
1651	e nem voltar pra trás.

Ao examinarmos o Excerto 85 (l. 2743-2751), que demonstra a interação de Acácia e Dália. Embora a fala da moderadora não seja analisada, notamos que esta se apropria do veículo metafórico utilizado, inicialmente, por Azaleia e, depois, por Gérbera em excertos anteriores, quando faz uma das perguntas previamente elaboradas, que compõem seu roteiro, mais adiante, já quase no final do evento discursivo.

Dália e Acácia, em seguida, utilizam o veículo “em primeiro lugar” (l. 2745, 2747, respectivamente), para explicar a importância de sua própria vida. No Dicionário Houaiss (2012, p. 1790), ‘ter o primeiro lugar’ significa “[...] estar colocado antes que os demais, numa série ou numeração; ser considerado o primeiro em méritos, qualidades etc. [...]”. Para ambas, a vida faz parte de uma escala em que ela está antes de tudo o que mais houver, está à frente dos demais.

Acácia utiliza o veículo “não vai levar ninguém pra frente” (l. 2751), reiterando a ideia de que a vida melhor está “pra frente”, de que levar alguém “pra frente” é tornar essa pessoa melhor, fazê-la progredir, assim como aquilo ou quem é melhor está “em primeiro lugar” (l. 2745, 2747).

Excerto 85 – Discurso do grupo focal

Participante: DÁLIA e ACÁCIA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

2743	MODERADORA: E diante, assim do que vocês deixaram pra trás, como é que vocês encaram essas perdas? Assim, vocês tiveram que se afastar, né? Deixaram tudo pra trás. Como é que vocês encaram essas perdas? Assim, há uma perspectiva de, de volta? Ou você acha que, é, se vai recuperar seus...O que é que é mais importante recuperar: seus bens, ou seu bem estar, seu sossego?
2744	DÁLIA: A vida,
2745	em primeiro lugar.
2746	ACÁCIA: Minha vida,
2747	em primeiro lugar.
2748	Pra mim,
2749	...bens materiais pra mim não vale nada.
2750	Porque objeto
2751	não vai levar ninguém pra frente.

No Excerto 86 (l. 2841-2854), a seguir, Gérbera, apropriando-se, mais uma vez, do veículo inicialmente empregado por Azaleia, neste mesmo tópico discursivo, utiliza-o para relatar sua decisão de abandonar a situação de violência em que vivia. Ao dizer “larguei tudo pra trás” (l. 2847), Gérbera quer dizer que abandonou tudo o que tinha para manter a sua vida.

Em seguida, essa mesma participante relexicaliza o veículo metafórico e emprega “deixei tudo pra trás” (l. 2853), mantendo-se fiel a ideia manifesta pela metáfora *ESPERAR POR UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA É OLHAR PRA FRENTE / DEIXAR A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É LARGAR TUDO PRA TRÁS*, conforme as emersões analisadas demonstram.

Excerto 86 – Discurso do grupo focal

Participante: GÉRBERA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

2841 **GÉRBERA: Eu,**
 2842 **Gérbera,**
 2843 **eu,**
 2844 **eu não pensei duas,**
 2845 **eu não pensei,**
 2846 **eu não pensei duas vezes.**
 2847 **Larguei tudo pra trás.**
 2848 **Eu,**
 2849 **a única coisa que eu queria**
 2850 **era sair com minhas,**
 2851 **com vida, né?**
 2852 **Então,**
 2853 **tudo que eu deixei pra trás,**
 2854 **eu vou recuperar.**

A análise do Excerto 87 (l. 2858-2878), abaixo apresentado, demonstra a retomada da ideia por Gérbera, quando esta utiliza os veículos metafóricos “tô olhando pra frente” (l. 2865), “não pode olhar pra trás” (l. 2866), “em frente” (l. 2867) e “passou, passou” (l. 2877).

Servindo-se novamente da linguagem figurada para melhor exprimir suas ideias e sentimentos, Gérbera fala de passado e futuro como “pra trás” e “pra frente”, respectivamente. Enquanto o “pra trás” guarda tristes lembranças, algumas que devem ser esquecidas mesmo, o “pra frente” traz a esperança de dias melhores, de concretização de sonhos.

Excerto 87 – Discurso do grupo focal

Participante: GÉRBERA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
 CONTRA A MULHER**

2858 roupa,
 2859 móvel,
 2860 É uma coisa que
 2861 a gente pode trabalhar
 2862 e comprar.
 2863 Não pensei duas vezes.
 2864 Assim,
 2865 tô olhando pra frente.
 2866 É uma coisa que a gente não pode olhar pra trás.
 2867 Gente, em frente.
 2868 Se a gente pensar,
 2869 Se a gente pensar no,--
 2870 [ACÁCIA: Tem gente que liga né?
 2871 Sobre esse negócio de dentro de casa.
 2872 Eu não.]
 2873 na,
 2874 no passado,
 2875 Você sofre duas vezes.
 2876 Eu não gosto nem de lembrar.
 2877 O que passou passou.
 2878 A vida continua.

A metáfora *ESPERAR POR UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA É OLHAR PARA A FRENTE/DEIXAR A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É LARGAR TUDO PARA TRÁS* é uma metáfora sistemática que emerge na fala de Acácia, Azaleia, Dália, Gérbera, desenvolvendo uma trajetória que abrange dois tópicos discursivos (Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher e Desejo de mudança) e envolve quinze veículos metafóricos, conforme demonstrado nos seis excertos analisados.

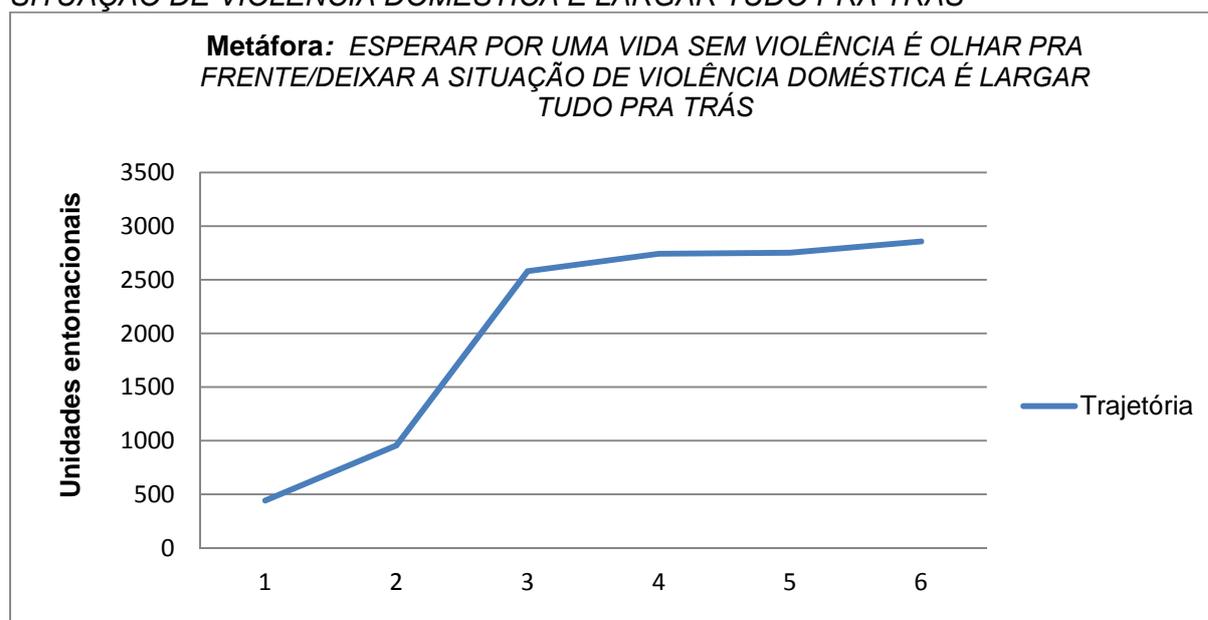
Nos veículos utilizados pelas participantes, as mudanças metafóricas observadas foram de desenvolvimento, com a repetição de alguns veículos. Os veículos repetidos em um mesmo tópico foram: “larguei tudo pra trás” (Azaleia, l. 445, 446, e Gérbera, l. 2847, no tópico discursivo Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher) e “em primeiro lugar” (Acácia e Dália, também

no tópico discursivo Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher), assim como a relexicalização de “larguei tudo pra trás” com “deixei pra trás” por Gérbera (l. 2853), ainda no tópico discursivo Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher.

A trajetória desenvolvida pela metáfora *ESPERAR POR UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA É OLHAR PRA FRENTE/DEIXAR A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É LARGAR TUDO PRA TRÁS*, conforme demonstramos nos excertos cujas linhas iniciais são 442, 1647, 2743, 2841 e 2858, está representada no gráfico abaixo, revelando sistematicidade que permite que a consideremos uma metáfora sistemática.

Gráfico 15 – Trajetória da metáfora 13

ESPERAR POR UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA É OLHAR PRA FRENTE/DEIXAR A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É LARGAR TUDO PRA TRÁS



Fonte: Elaboração da autor.

5.14 Metáfora sistemática 14

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É COMBATE

Quadro 18 – Metáfora sistemática 14
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É COMBATE

EXCEROTOS	PARTICIPANTES	TÓPICOS DISCURSIVOS	VEÍCULOS METAFÓRICOS	MUDANÇAS METAFÓRICAS
7 (l.63 a 66); (l.81 a 89); (l.1337 a 1340); (l.1578 a 1584); (l.2883 a 2891); (l.2917 a 2928); (l.3523 a 3530).	Acácia	1 (Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher)	3	Desenvolvimento (repetição)
	Azaleia	1 (Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher)	1	
	Dália	1 (Desejo de mudança)	1	
	Gérbera	2 (Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher e Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher)	1	
	Glicínia	1 (Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher)	1	
TOTAL: 7	5	4	8	D (R)

Fonte: Elaboração da autora.

A emergência da metáfora *VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É COMBATE* ocorre na interação de cinco das seis participantes do grupo focal, além da Moderadora. Ela desenvolve uma trajetória que permeia quatro tópicos discursivos (Desejo de mudança, Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher, Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher e Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher) ao longo do evento e envolve oito veículos metafóricos, que são discutidos nos excertos a seguir.

No Excerto 88 (l. 63-66), ao relatar alguns dos episódios de violência de que foi vítima, Acácia utiliza o veículo “fez meu filho de escudo” (l. 64) para dizer que o marido, na hora da briga, pôs o filho na frente do próprio corpo para evitar os golpes dela advindos, para proteger-se.

O ‘escudo’ é usado em combate para defesa e, como item lexical, tem registro, no Dicionário Houaiss (2012, p. 1212), como “[...] arma de defesa que consiste em uma peça larga, ger. de metal, presa à mão ou ao braço, que protege o corpo do guerreiro contra armas cortantes, lanças, flechas etc.”

Um filho não é uma arma de defesa. Acácia usou a figuratividade para explicar como o marido usou o filho para se defender. Ao usar o veículo metafórico “escudo”, Acácia considerou a briga, numa situação de violência doméstica, como um combate em que os oponentes, os inimigos, são marido e mulher.

Assim, como um filho não pode ser transformado em escudo, torná-lo uma arma de defesa é colocá-lo diante do adversário, para receber os golpes que dele vierem contra quem o carrega, de modo que este se mantenha incólume durante a luta.

Excerto 88 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

0063	Ele já
0064	...fez meu filho de escudo,
0065	eu brigando com ele
0066	...e eu dei um basta nessa violência

Ao analisarmos o Excerto 89, observamos que Dália, em outro tópico discursivo, apropria-se da ideia de Acácia e utiliza o veículo metafórico “lutar” (l. 85), quando esta fala de seus planos para o futuro, quando sair da casa abrigo com seu filho.

O elemento lexical ‘lutar’ significa “[...] enfrentar em corpo a corpo um adversário com vistas a derrubá-lo, deitá-lo ao chão, esp. visando obter vitória em combate esportivo.” (HOUAISS, 2012, p. 1793).

Este não é o caso de Acácia. Quando Dália diz que Acácia deve sair e “lutar” (l. 85), deixa bem claro o que acha sobre a vida que Acácia vai encontrar fora da casa: uma vida de luta contra a dependência química, contra as investidas do ex-marido, contra as dificuldades de uma mãe que cria um filho sozinha. A luta de Acácia será antes de tudo uma luta contra si mesma.

Excerto 89 – Discurso do grupo focal

Participante: DÁLIA

Tópico discursivo: DESEJO DE MUDANÇA

0081 **DÁLIA:** Ah é,
 0082 **você quer**
 0083 **..sair, né?**
 0084 **ACÁCIA:** Ahan, eu quero--
 0085 **[DÁLIA: Sair e lutar.**
 0086 **Você sempre comenta isso.**
 0087 **É o que você ultimamente--]**
 0088 **É,**
 0089 **mas eu quero**

No excerto 90 (l. 1337-1340), de volta ao tópico discursivo inicial, Acácia retoma a ideia e explica que estava se “defendendo” (l. 1337) e “defendendo” (l. 1338) o filho. De novo, recorre à figuratividade para, por meio do conceito de combate, explicar a sua situação de violência doméstica e de como tentava proteger o filho.

O elemento lexical ‘defender’ tem o significado de “[...] proteger(-se) de ou contra (alguém ou algo); agir na defesa de (alguém, algo ou de si mesmo) estar ou ficar resguardado contra a ação de; agir na defesa de; proteger(-se).” (HOUAISS, 2012, p. 925).

Considerando-se em combate, Acácia lutava contra o inimigo, o marido, para proteger seu filho da violência a que ele os submetia direta e indiretamente.

Excerto 90

Participante: ACÁCIA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
 CONTRA A MULHER**

1337 **Porque eu tava me defendendo,**
 1338 **E defendendo meu filho, sabe?**
 1339 **Porque**
 1340 **eu já não aguentava de tanto falar**

No Excerto 91 (l. 1578-1584), Azaleia apropria-se da ideia de combate para explicar a situação de confronto e violência enfrentada por muitas mulheres, posicionando-se favoravelmente à denúncia feita por vítimas e acreditando na volta por cima daquelas que o fazem. O veículo metafórico por ela empregado para referir-se a essas mulheres é “guerreiras” (l. 1582).

No Dicionário Houaiss (2012, p. 1496), ‘guerreiro’ é verbete explicado como “[...] 1 relativo a guerra 2 que tem inclinação para a guerra, para o combate; que faz guerra por vocação; belicoso, combativo, armipotente” relativo a guerra.

Azaleia utiliza esse veículo para realçar as qualidades das mulheres que lutam por suas vidas, por seus filhos, por sua liberdade e por uma vida digna. A figuratividade contribui para tornar mais fácil a compreensão do quanto são combativas como mulheres.

Excerto 91 – Discurso do grupo focal

Participante: AZALEIA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

1578	AZALÉIA: As mulheres tem que dar é
1579	a volta por cima,
1580	E,
1581	como é,
1582	no--todas são guerreiras, né?
1583	Tem que
1584	Tem que denunciar esses agressores

No excerto 92 (l. 2883-2891), Gérbera apropria-se da ideia e utiliza o mesmo veículo usado por Azaleia para falar de como enfrentou o marido, a separação e hoje tem uma vida melhor, sem depender dele. Depois, exalta as suas qualidades e das companheiras de abrigo por essa disposição para a luta, por uma vida sem violência e diz que elas são “guerreiras” (l. 2891) mesmo, ou seja, são valorosas e combativas, enfrentando seus inimigos sem temor.

92 – Discurso do grupo focal

Participante: GÉRBERA

**Tópico discursivo: COMPORTAMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

2883 **GÉRBERA: Nunca dependi,**
 2884 **e não dependo.**
 2885 **Eu não senti nenhuma falta dele.**
 2886 **E tô levando a minha vida,**
 2887 **graças a Deus,**
 2888 **tá melhor.**
 2889 **[DÁLIA: Tá dando a volta por cima.]**
 2890 **Dando a volta por cima,**
 2891 **Porque nós somos é guerreiras mesmo. [Riso]**

No Excerto 93 (l. 2917-2928), em outro tópico discursivo, Gérbera emprega “fortalece” (l. 2928) mantendo a ideia de luta. Embora a fala da Moderadora não seja analisada, observamos que, mesmo usando as palavras “combate” e “combatendo”, que remetem a guerra, elas não encontraram eco entre as participantes;

‘Fortalecer’, como item lexical, significa “[...] tornar(-se) forte ou mais forte; fortificar(-se), revigorar(-se), robustecer(-se)[...]” (HOUAISS, 2012, p.1378).

Gérbera reclama de como a lentidão dessa ações “fortalece” os agressores.

Excerto 93 – Discurso do grupo focal

Participante: GÉRBERA

**Tópico discursivo: AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

- 2917 **MODERADORA:** Assim é que eu gosto. E, vocês acham que o que o governo faz, em relação, assim, mudando o foco um pouco de vocês e indo pra o que o governo faz, as organizações proporcionam. Vocês acham que tem melhorado essa situação de, de apoio à, à mulher e **combate** à violência? Quer dizer, o governo tá **combatendo** mais a violência ou vocês acham que ainda é muito pouco o que tá sendo feito em termos--
- 2918 **AZALEIA:** Eu acho muito pouco.
- 2919 **DÁLIA:** É pouco.
- 2920 **GÉRBERA:** E porque muito deles ,
- 2921 é,
- 2922 ..eles se sente seguro.
- 2923 Como ela tinha já denunciado três vezes.
- 2924 **ACÁCIA:** Três vezes
- 2925 e nunca deu em nada.
- 2926 **GÉRBERA:** E nada tinha acontecido.
- 2927 **ACÁCIA:** Vamo ver agorané?
- 2928 **GÉRBERA:** E isso **fortalece** mais eles ainda.

A análise do Excerto 94 demonstra que, já nos últimos minutos do evento, a Moderadora (não analisada) e Glicínia utilizam, ambas, o veículo metafórico “enfrentar” (l. 3527), retomando, mais uma vez, a ideia de combate, já que ‘enfrentar’, como elemento lexical, é “[...] estar ou colocar(-se) defronte a; defrontar [...]” (HOUAISS, 2012, p. 1146), como em um combate com inimigos frente a frente.

Excerto 94 – Discurso do grupo focal

Participante: GLICÍNIA

**Tópico discursivo: SENTIMENTO DIANTE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
CONTRA A MULHER**

3525 **MODERADORA:** Mas você assim, você acha, isso é decorrente de depressão, ou de sentir culpa,
ou de falta de forças de **enfrentar**? Como é que você...

3526 **GLICÍNIA:** De culpa

3527 **e falta de forças de **enfrentar**.**

3528 **Porque logo,**

3529 **porque**

3530 **ele era meu pai.**

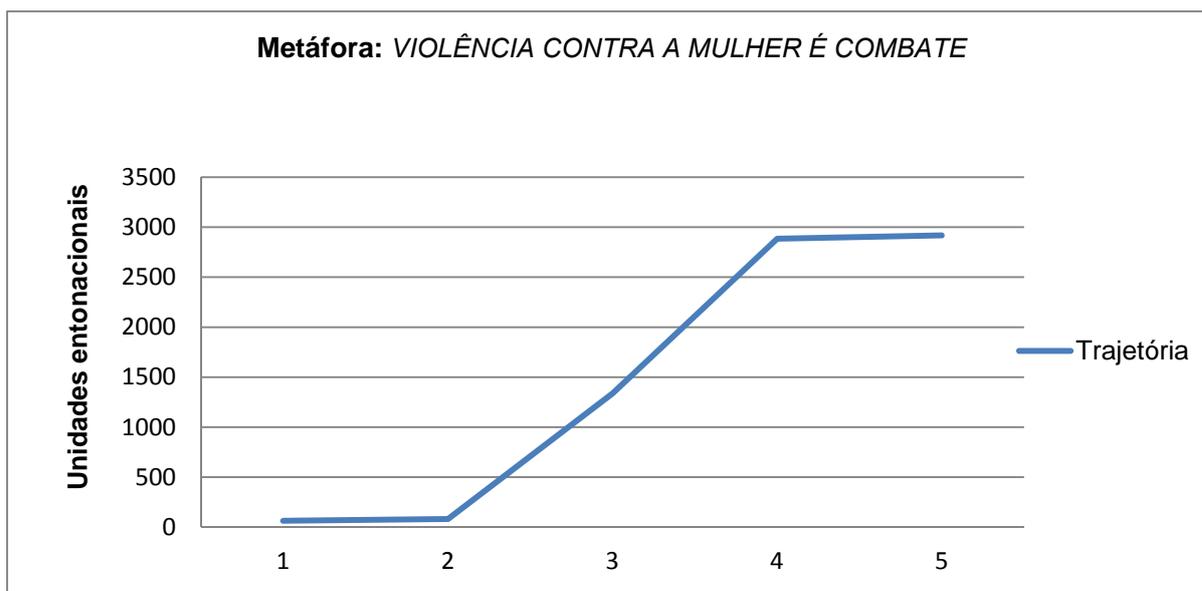
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É COMBATE é mais uma metáfora que emerge como resultado da interação de cinco das seis participantes do grupo focal desta pesquisa. Essas participantes são Acácia, Azaleia, Dália, Gérbera e Glicínia.

Sua trajetória, traçada ao longo do discurso, envolve quatro tópicos discursivos (Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher, Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher e Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher e desejo de mudança), assim como oito veículos metafóricos, cujas emersões são demonstradas em cinco excertos (linhas iniciais 63, 81, 1337, 1578, 2883, 2917 e 3253).

As mudanças metafóricas observadas nos veículos são de desenvolvimento (repetição). Acácia utiliza “defendendo” duas vezes (l. 1337, 1338), no mesmo tópico discursivo. Azaleia emprega “guerreiras” (l. 1582) e depois Gérbera repete esse veículo (l. 2891), no mesmo tópico discursivo.

Observamos, no gráfico abaixo, a trajetória da metáfora *VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É COMBATE*, que apresenta a sistematicidade necessária para ser classificada como metáfora sistemática.

Gráfico 16 –Trajetória da 14
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É COMBATE



Fonte: Elaboração da autora.

5.15 Metáfora sistemática 15

MULHER É OBJETO DE VALOR

Quadro 19 – Metáfora sistemática 15

MULHER É OBJETO DE VALOR

EXCEROTOS	PARTICIPANTES	TÓPICOS DISCURSIVOS	VEÍCULOS METAFÓRICOS	MUDANÇAS METAFÓRICAS
4 (l.452 a 458); (l.1355 a 1363); (l.2638 a 2645); (l.3383 a 3393).	Acácia	1 (O agressor)	1	Desenvolvimento (repetição)
	Azaleia	1 (Consequências da violência doméstica contra a mulher)	2	
	Dália	2 (Ações violentas contra a mulher e O agressor)	2	
TOTAL: 4	3	3	5	D (R)

Fonte: Elaboração da autora.

A metáfora *MULHER É OBJETO DE VALOR* emerge como resultado da interação de Acácia, Azaleia e Dália, abrangendo três tópicos discursivos (O agressor, Consequências da violência doméstica contra a mulher e Ações violentas contra a mulher) e cinco veículos metafóricos. Nos quatro excertos a serem analisados, são demonstradas as emersões dessa metáfora ao longo do evento discursivo.

No Excerto 95 (l. 452-458), a seguir, Azaleia diz “por causa de uma companheiro que não deu valor” (l. 453) , “não valoriza, né? a mulher” (l. 454, 455). Ao usar os veículos metafóricos “valor”(l. 453) e “valoriza” (l. 455), Azaleia confere à mulher a condição de valiosa, mas não reconhecida como tal pelo companheiro.

O item lexical ‘valor’, conforme o Dicionário Houaiss (2012, p.), significa “[...] 1 recebimento ou paga em bens, serviços ou dinheiro por algo trocado, 1.1 quantidade monetária equivalente a uma mercadoria, em função de sua capacidade de ser negociada no mercado; preço.”

A fala de Azaleia manifesta a sua preocupação com o fato de companheiros não “valorizarem” suas mulheres, não darem “valor” a elas. Por meio da figuratividade, ela manifesta essa queixa, esse lamento. Ela não fala de um preço, de um montante, de um valor comercial. No sentido figurado, o valor a que ela se refere é o reconhecimento de sua importância na vida dele e da família.

Excerto 95 – Discurso do grupo focal

Participante: AZALEIA

Tópico discursivo: CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

0452	porque aconteceu essa
0453	...por causa de um companheiro que não deu valor,
0454	não valoriza né?
0455	a mulher,
0456	...e
0457	...eu acho absurdo,
0458	isso não devia acontecer.

Na análise do Excerto 96 (l. 1355-1363), Acácia diz que o marido “achava que a comprava com as coisas que ele colocava dentro de casa” (l. 1362, 1363).

Para explicar que o marido queria compensá-la pela violência a que ele a submetia a cada episódio de brigas e agressões, Acácia usa a linguagem figurada por meio do veículo metafórico “comprava” (l. 1362).

O verbo ‘comprar’, como elemento lexical, significa “[...] 1 obter, mediante pagamento, a propriedade ou o uso de [...]” (HOUAISS, 2012, p. 778).

Como Acácia não é uma mercadoria, um bem, um animal, uma máquina ou qualquer coisa que tenha preço e esteja disponível no mercado para aquisição, a possibilidade de o marido receber o certificado de que ela é sua propriedade é nula. Essa situação só é viável em termos metafóricos. Nesse caso, “comprar” significa compensar, seduzir, calar, fazer esquecer a violência. Ele quer que ela faça de conta que nada aconteceu.

Excerto 96 – Discurso do grupo focal

Participante: ACÁCIA

Tópico discursivo: O AGRESSOR

1355	Novamente,
1356	me presenteava com presente,
1357	Com televisão,
1358	me presenteava com som,
1359	Cada,
1360	cada briga nossa,
1361	ele,
1362	ele achava que ele me comprava
1363	com as coisas que ele colocava dentro de casa.

No Excerto 97 (l. 2638-2645), no mesmo tópico discursivo, Dália apropria-se do mesmo veículo usado por Acácia, e o utiliza, mantendo-se fiel à ideia inicial. Ao dizer, “Pra te comprar” (l. 2645), Dália quer dizer ‘pra comprar teu silêncio’, ‘pra te compensar pelo sofrimento’, e não “pra te trocar por um numerário, para ser teu dono”

Excerto 97 – Discurso do grupo focal**Participante: DÁLIA****Tópico discursivo: O AGRESSOR**

2638	ele fazia questão de ir numa loja,
2639	comprar um armário--
2640	comprar uma coisa,
2641	comprava qualquer coisa pra mim,
2642	praele achava que
2643	calava a minha boca.
2644	[DÁLIA: E dos vizinhos também.
2645	Pra te comprar.]

Ao analisarmos o Excerto 98 (l. 3383-3393), verificamos que Dália emprega o veículo metafórico “troféu” para expressar como o marido de Acácia a tratava.

Com o significado de “[...] sinal visível de uma vitória, conjunto dos despojos do inimigo derrotado (armas, bandeiras etc.)” (HOUAISS, 2012, p. 2774), o item lexical ‘troféu’ é usado por Dália, de modo figurado, para explicar a Acácia, o que ela muito provavelmente representava para o próprio marido.

Assim, para o companheiro, Acácia era a sua prova viva de conquista, de domínio, de propriedade, de supremacia. Como um Oscar no cinema, uma taça no esporte, a pele de um animal selvagem, Acácia era apresentada aos amigos como o seu “troféu”.

Excerto 98 – Discurso do grupo focal**Participante: DÁLIA****Tópico discursivo: AÇÕES VIOLENTAS CONTRA A MULHER**

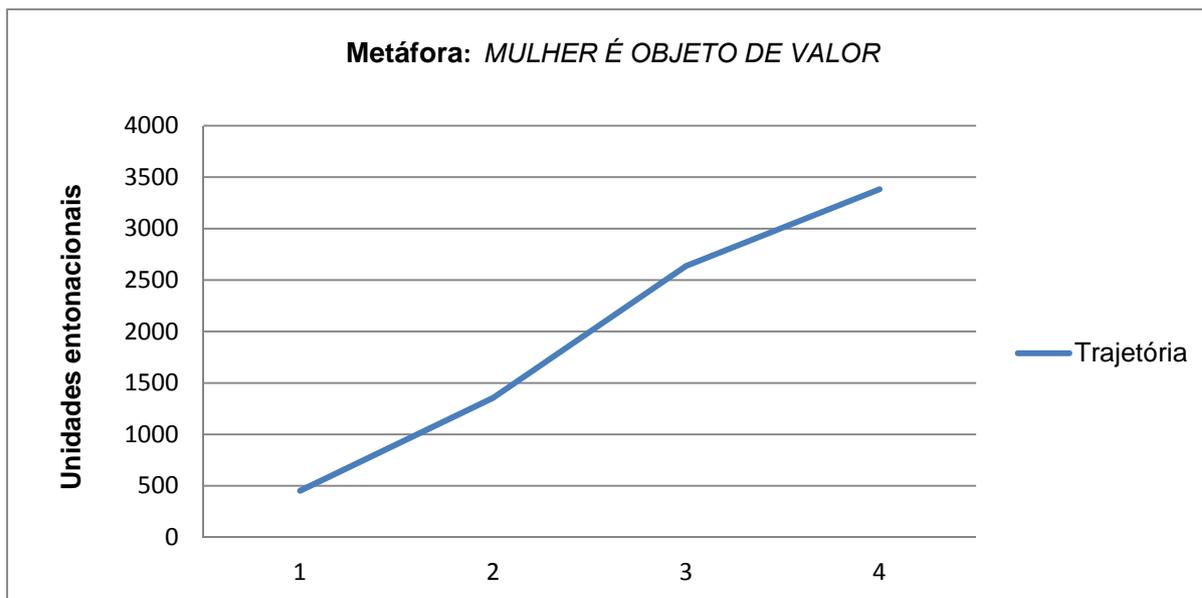
3383 **Ele tinha prazer**
 3384 **em falar o que ele tinha feito comigo.**
 3385 **Acho que ele tinha-**
 3386 **[DÁLIA: Parecia,**
 3387 **assim,**
 3388 **que aquilo era um troféu pra ele.]**
 3389 **É.**
 3390 **Ele queria,**
 3391 **assim,**
 3392 **se achando,**
 3393 **querendo se mostrar.**

MULHER É OBJETO DE VALOR é uma metáfora cuja trajetória se desenvolve ao longo de três tópicos discursivos (Consequências da violência doméstica contra a mulher, Ações violentas contra a mulher e O agressor), nos quais são utilizados cinco veículos metafóricos, que são apresentados em quatro excertos cujas linhas iniciais são 452, 1355, 2638 e 3383.

As mudanças metafóricas observadas foram de desenvolvimento (repetição), quando Dália e Acácia utilizam o veículo metafórico 'comprar' (l. 1362, 2645) no mesmo tópico discursivo.

O gráfico abaixo permite a visualização da trajetória da metáfora *MULHER É OBJETO DE VALOR*, que apresenta sistematicidade suficiente para que possamos considerá-la uma metáfora sistemática.

Gráfico 17 – Trajetória da Metáfora sistemática 15
MULHER É OBJETO DE VALOR



Fonte: Elaboração da autora.

Foram analisadas, assim, as metáforas sistemáticas que emergiram na fala das mulheres vítimas diretas de violência doméstica que se reuniram em um evento discursivo para manifestação de seus sentimentos e ideias sobre esse tipo de violência. Destacamos que o discurso produzido de modo colaborativo que deu origem ao *corpus* de nossa investigação resultou da interação verbal de um grupo focal cujo encontro único teve duração pré-determinada de duas horas, e não necessariamente de interações cotidianas, como já informamos no capítulo sobre metodologia.

Trabalhamos com três mil setecentos e sessenta e oito unidades entonacionais alimentadas no Atlas.ti, identificando quinze tópicos discursivos e quinhentos e trinta e um veículos metafóricos. Depois de levantados e analisados esses dados, foi possível, com base em nossa interpretação, detectar a emergência de quinze metáforas sistemáticas no evento discursivo como um todo.

As metáforas analisadas que emergiram no discurso das informantes são as seguintes: (1) *MUDAR É SER UMA NOVA PESSOA*; (2) *MUDAR É SAIR DE ALGUM LUGAR*; (3) *AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER SÃO MOVIMENTOS LENTOS*; (4) *ESTAR SEGURA NA CASA ABRIGO É ESTAR PRESA*; (5) *TOMAR UMA ATITUDE CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É ESTABELECEER UM FIM PARA ALGO*; (6) *VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É TRATÁ-LA COMO ANIMAL*; (7) *EVITAR SOFRER VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É AFASTAR-SE*; (8) *VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É DESTRUIÇÃO*; (9) *SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É TER / ESCONDER UMA LESÃO*; (10) *RESIGNAR-SE COM A*

SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA É ACOMODAR-SE; (11) VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É PESO; (12) AGREDIR É DAR ALGO RUIM/ AGREDIR É NÃO DAR AFETO; (13) ESPERAR POR UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA É OLHAR PARA A FRENTE / DEIXAR A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É LARGAR TUDO PARA TRÁS; (14) VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É COMBATE; (15) MULHER É OBJETO DE VALOR.

Ao observarmos a relação de metáforas sistemáticas que emergiram como resultado da interação de vítimas da violência doméstica, percebemos que suas ideias sobre esse fenômeno revelam desejos de transformação de uma realidade de sofrimento para um futuro promissor (ser uma nova pessoa, sair da situação de violência). Revelam também o que pensam sobre a justiça e as ações do governo (a inexplicável lentidão no tratamento de suas questões), e como se sentem na casa abrigo (presas, como se criminosas fossem).

Expõem também momentos de dor e tristeza, mostrando como essas vítimas se sentem em relação ao tratamento que recebem (muitas vezes pior do que aquele dado a um animal, do tipo que causa destruição), ao sofrimento silencioso (como ter/esconder uma lesão, acomodar-se, afastar-se), ao sentimento de peso dos maus tratos (agressões e falta de afeto). E, como não poderia deixar de ser, como se sentem diante da tomada de consciência e atitude (estabelecendo um fim para algo) em relação esse sofrimento prolongado, dispostas a enfrentar o agressor (em verdadeiro combate), para ter seus direitos reconhecidos (seu valor), largando tudo e indo em busca de melhores dias (para trás, o sofrimento e o futuro, à frente).

Foi possível conhecer, assim, por meio dessa construção colaborativa que culminou com a emergência de todas essas metáforas, os pensamentos e ideias dessas vítimas sobre aspectos diversos desse fenômeno que lhes tira a alegria, a paz, a felicidade, os sonhos e, muitas vezes, a própria vida.

Essas metáforas sistemáticas resultaram da interação de seis participantes de um grupo focal e emergiram envolvendo doze tópicos discursivos dentre aqueles quinze identificados no *corpus*, a saber: (1) Ações do governo contra a violência doméstica contra a mulher, (2) Ações violentas contra a mulher, (3) Atitude diante da violência contra a mulher. (4) Ciúmes, (5) Comportamento diante da violência doméstica contra a mulher, (6) Consequências da violência doméstica contra a mulher, (7) Desejo de mudança, (8) O agressor, (9) Sentimento diante da violência doméstica contra a mulher, (10) Sustento financeiro, (11) Tipos de violência e (12) Vingança.

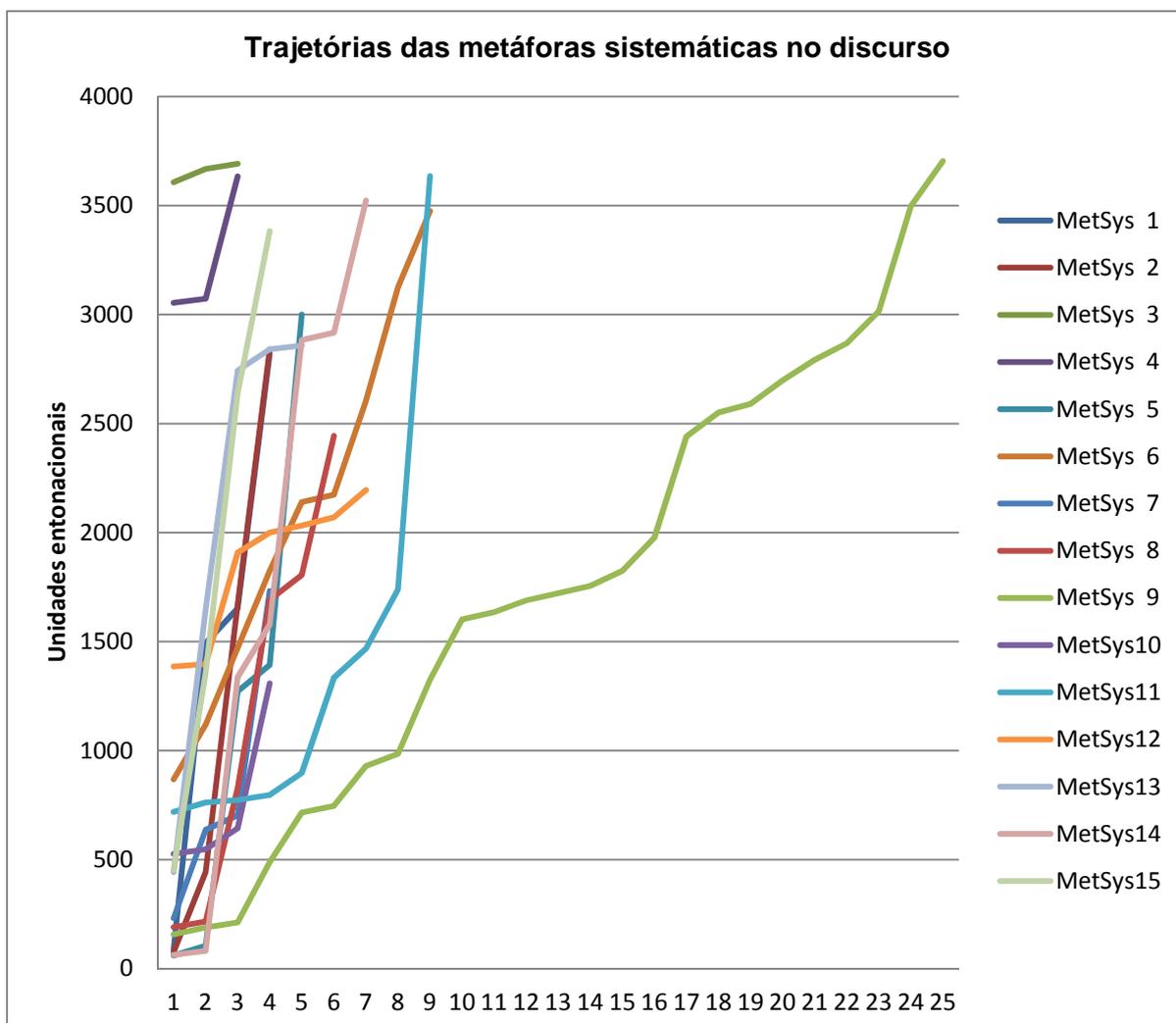
Os cento e sessenta e quatro veículos identificados estavam distribuídos em noventa e oito excertos que marcaram as emergências das metáforas acima relacionadas, caracterizando as estabilizações decorrentes das negociações de conceitos entre as informantes.

A análise das metáforas sistemáticas que emergiram no discurso indicou que as mulheres vítimas diretas de violência doméstica expressam seus sentimentos e ideias sobre esse tipo de violência por meio da figuratividade manifesta nessas metáforas. As trajetórias por elas desenvolvidas ao longo do discurso foram demonstradas, separadamente, em gráficos disponibilizados ao final de cada análise. O gráfico a seguir apresenta o conjunto dessas trajetórias distribuídas ao longo do evento discursivo, traçadas a partir das emergências que caracterizaram a sua sistematicidade.

O gráfico demonstra que a Metáfora 9 – *SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É TER / ESCONDER UMA LESÃO* é a que apresenta maior sistematicidade, com 25 emergências que permeiam quase todo o discurso. Já as Metáforas 3 - *AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER SÃO MOVIMENTOS LENTOS* e 4 - *ESTAR SEGURA NA CASA ABRIGO É ESTAR PRESA* apresentam a menor trajetória e se localizam nos momentos finais do evento discursivo.

Também foi possível constatar que a trajetória das metáforas que apresentam maior número de estabilizações de negociação de conceitos tende a ser mais horizontal, diferentemente daquelas com menor número de emergências, cuja trajetória se apresenta mais vertical. É interessante observar como cada metáfora desenha uma trajetória diferente, permeando o discurso produzido de modo bastante singular.

Gráfico 18 – Trajetórias das metáforas sistemáticas no discurso



Fonte: Elaboração da autora.

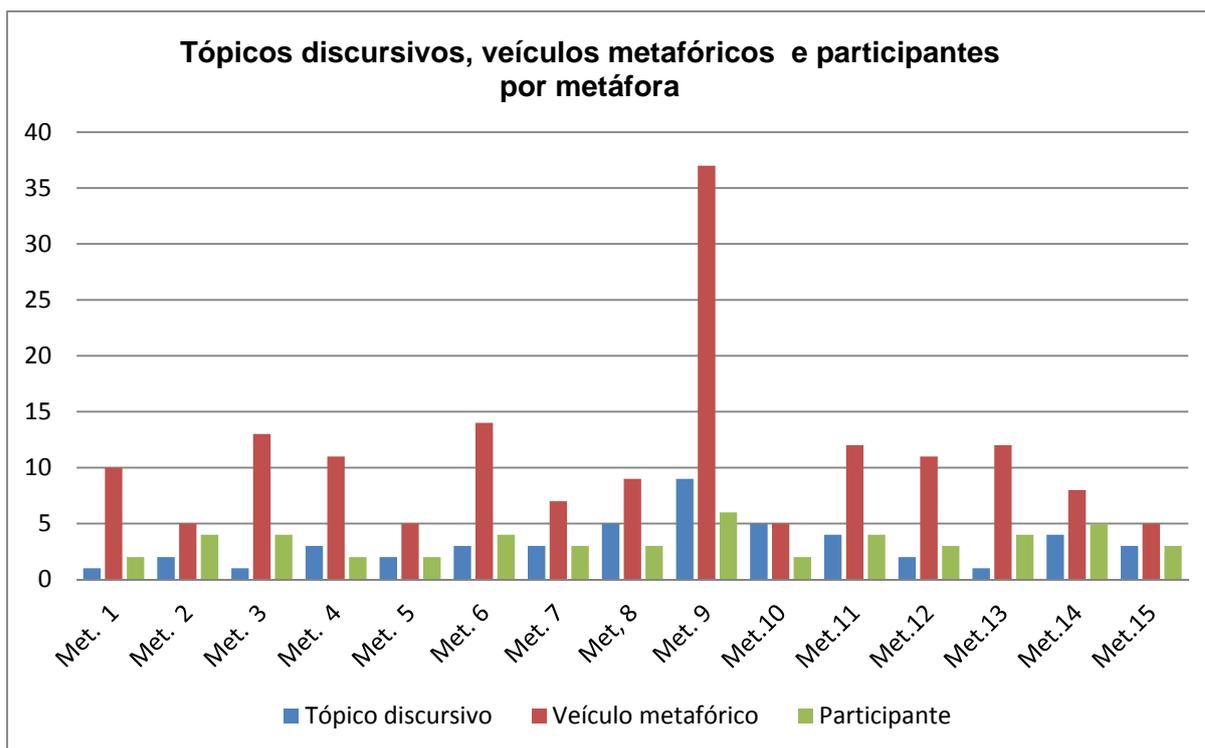
No gráfico a seguir, as metáforas que emergiram são comparadas em termos do número de tópicos discursivos, veículos metafóricos e participantes. Verificamos que, no tocante aos tópicos discursivos, as metáforas que se revelaram como maiores atratores, agregando o maior número de tópicos diferentes, foram as seguintes: 9 (*SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É TER/ESCONDER UMA LESÃO*), 8 (*VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É DESTRUIÇÃO*) e 10 (*RESIGNAR-SE COM A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA É ACOMODAR-SE*), enquanto as metáforas de número 1 (*MUDAR É SER UMA NOVA PESSOA*), 3 (*AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER SÃO MOVIMENTOS LENTOS*) e 13 (*ESPERAR POR UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA É OLHAR PARA A FRENTE/ DEIXAR A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É LARGAR TUDO PARA TRÁS*) apresentaram baixo poder de atração, reunido apenas dois tópicos discursivos.

Observamos que as metáforas que reuniram o maior número de veículos metafóricos, exercendo papel de atratores ao longo da fala das participantes foram: 9 (*SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É TER/ESCONDER UMA LESÃO*), 6 (*VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É TRATÁ-LA COMO ANIMAL*), 3 (*AÇÕES DO GOVERNO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER SÃO MOVIMENTOS LENTOS*), 11 (*VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É PESO*) e 13 (*ESPERAR POR UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA É OLHAR PARA A FRENTE/ DEIXAR A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É LARGAR TUDO PARA TRÁS*). Por outro lado, tiveram baixa representatividade de veículos, caracterizando-se por baixo poder de atração, as metáforas seguintes: 2 (*MUDAR É SAIR DE ALGUM LUGAR*), 5 (*TOMAR UMA ATITUDE CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É ESTABELEECER UM FIM PARA ALGO*), 10 (*RESIGNAR-SE COM A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA É ACOMODAR-SE*) e 15 (*MULHER É OBJETO DE VALOR*).

Constatamos ainda que a metáfora sistemática 9 (*SER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É TER/ESCONDER UMA LESÃO*) foi o maior atrator de participantes, reunindo todas as participantes em sua construção, seguida de perto pela de número 14 (*VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É COMBATE*), que contou com a colaboração de cinco das seis participantes na sua trajetória. Aquelas que envolveram apenas duas participantes, apresentando baixo poder de atração, foram as seguintes metáforas: 1 (*MUDAR É SER UMA NOVA PESSOA*), 4 (*ESTAR SEGURA NA CASA ABRIGO É ESTAR PRESA*), 5 (*TOMAR UMA ATITUDE CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER É ESTABELEECER UM FIM PARA ALGO*), e 10 (*RESIGNAR-SE COM A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA É ACOMODAR-SE*).

Verificamos que as metáforas sistemáticas que atuam como atratores variam em relação ao item analisado, o que sugere que o maior número de tópicos discursivos pode não concentrar o maior número de veículos metafóricos e nem agregar o maior número de participantes. A variação sinaliza uma independência desses itens na construção colaborativa de uma metáfora sistemática, mas isso precisa ser investigado em outro estudo.

Gráfico 19 – Quadro comparativo de tópicos, veículos e participantes por metáfora

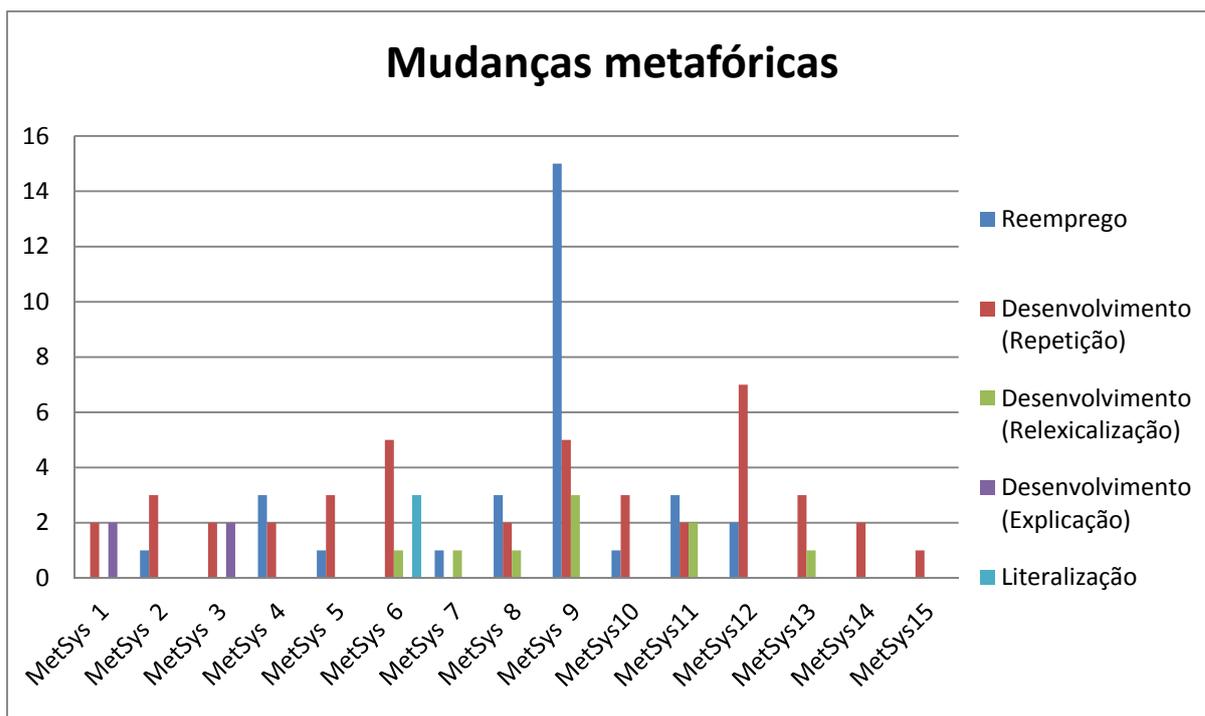


Fonte: Elaboração da autora.

No caso das mudanças metafóricas, foram observadas ocorrências de todos os tipos. Se considerarmos reemprego (ocorrência em mais de um tópico), desenvolvimento e literalização, a mudança metafórica mais frequente foi a de desenvolvimento (presente em todas as metáforas sistemáticas analisadas), seguida pela de reemprego (presente em nove das quinze metáforas analisadas) e, por último, a de literalização (presente em apenas uma delas).

No caso da mudança de desenvolvimento, dentre os três tipos – repetição, explicação e relexicalização – aquele que apresentou maior número de recorrências foi a mudança de repetição (presente em todas as metáforas analisadas), seguida pela de relexicalização (presente em quatro das quinze metáforas analisadas) e, por último, a de explicação (presente em apenas duas delas).

O gráfico a seguir apresenta as ocorrências de mudanças metafóricas sofridas pelos veículos metafóricos ao longo das emersões que desenham a trajetória das metáforas sistemáticas analisadas.



Fonte: Elaboração da autora.

A análise das metáforas também indicou, em vários casos, que a metáfora sistemática, por ser local e emergir no discurso, sem apresentar um modelo fixo de trajetória, e sem creditar exclusividade a qualquer ponto de origem, teve embasamento em metáforas conceituais, em metáforas primárias e/ou nos esquemas imagéticos.

Neste capítulo, dedicamo-nos às análises dos dados levantados e discussão dos resultados. Para um melhor desenvolvimento desses trabalhos, elaboramos um roteiro que nos permitisse manter o padrão nos procedimentos relativos à análise de cada uma das metáforas sistemáticas que, no nosso entendimento, emergiram na fala das participantes do grupo focal em interação discursiva. Assim, iniciamos cada análise com um quadro sinótico que reuniu os principais dados da metáfora em questão. Esses dados incluíram: (1) Número de ordem; (2) Título; (3) Total de excertos envolvidos; (4) Linhas inicial e final de cada um dos excertos, marcando os momentos de estabilização; (5) Total e nome das participantes da interação; (6) Total de tópicos discursivos envolvidos e tópicos discursivos por participante; (7) Total de veículos metafóricos e número de veículos por participante; além de (8) Total e tipos de mudanças metafóricas envolvidas. Depois de apresentados esses dados, passamos à análise de cada excerto,

separadamente, buscando manter o foco na metáfora sob análise. Os aspectos relevantes de cada excerto no que concerne à metáfora sistemática de cuja emergência faz parte foram então discutidos. Abordamos as motivações, as contribuições socioculturais, as bases corpóreas e cognitivas que pareceram influenciar na emergência de cada metáfora, destacando as metáforas conceituais (TMC), os esquemas imagéticos (TMCI) e as metáforas primárias (TIM). Ao final de cada análise, apresentamos um gráfico por nós elaborado com o intuito de viabilizar a visualização da trajetória desenvolvida pela metáfora sistemática no âmbito do evento discursivo. Depois de analisadas todas as quinze metáforas sistemáticas, apresentamos um gráfico geral de todas as trajetórias desenvolvidas, demonstrando como cada uma delas permeou o discurso produzido pelas participantes em sua interação verbal, com suas emergências devidamente marcadas pelas linhas iniciais de cada um dos excertos que a compõem. Elaboramos outro gráfico geral, que demonstrava, comparativamente, a situação de cada metáfora analisada em relação ao seu total de tópicos discursivos, veículos metafóricos e participantes envolvidos, permitindo que a identificação daquelas metáforas sistemáticas que atuaram mais significativamente como atratores. No tocante às mudanças metafóricas, apresentamos outro gráfico comparativo, demonstrando as recorrências dos vários tipos (reemprego, desenvolvimento – repetição, relexicalização e explicação – e literalização).

Uma vez apresentadas as nossas análises, passamos agora à última etapa desta investigação, que se trata da conclusão.

CONCLUSÃO

As pessoas envolvidas na relação violenta devem ter o desejo de mudar. É por esta razão que não se acredita numa mudança radical de uma relação violenta, quando se trabalha exclusivamente com a vítima. Sofrendo esta algumas mudanças, enquanto a outra parte permanece o que sempre foi, mantendo seus hábitos, a relação pode inclusive, tornar-se ainda mais violenta. Todos percebem que a vítima precisa de ajuda, mas poucos veem esta necessidade no agressor. As duas partes precisam de auxílio para promover uma verdadeira transformação da relação violenta.”

(Heleieth Saffiotti,
Socióloga, em seu livro Gênero,
patriarcado, violência).

O mundo de hoje respira violência. Não apenas aquela violência de guerras e lutas pelo poder que permeia a história humana. A violência que respiramos é um fenômeno multifacetado que acontece em tempo real, nos mais diversos lugares, concomitantemente, fazendo vítimas a toda hora, por qualquer motivo, banalizando a vida e gerando um profundo sentimento de medo e insegurança. As pessoas temem o momento seguinte, a bala perdida, um deslocamento, a mira de uma arma, o ataque súbito. Porque não lhes restam alternativas, indefesas, compartilham sua rotina com essa presença tão concreta e silenciosa quanto o ar que respiram, mas cada vez mais ameaçadora e imprevisível.

A violência doméstica contra a mulher também apresenta índices crescentes e preocupantes, principalmente por conta da inequívoca certeza de que a realidade é bem pior do que o panorama que os dados descrevem. É inegável que o número de vítimas que registram queixas contra seus agressores ou buscam atendimento médico em emergências de hospitais ou serviços de saúde ainda é bem pequeno, embora já existam registros de aumento dessas ocorrências após a promulgação da Lei Maria da Penha, há quase oito anos. Enquanto essa situação assim permanecer, a violência doméstica contra a mulher continuará fazendo vítimas por todo o país.

Diante dessa realidade, sentimos a necessidade de conhecer melhor como as mulheres vítimas diretas dessa violência manifestam seus sentimentos e ideias sobre as violências a que eram submetidas. Decidimos, assim, realizar este estudo, defendendo a tese de que, por meio da figuratividade manifesta nas metáforas sistemáticas que emergem em suas falas, essas mulheres revelam o que sentem e pensam sobre essa violência que invade seus lares e neles se instala.

Esta investigação teve como objetivo geral descrever, no âmbito da Linguística Cognitiva, com base nos pressupostos da Análise do Discurso à Luz da Metáfora, a emergência de metáforas sistemáticas como expressão dos sentimentos e ideias relativos à violência doméstica na fala de vítimas diretas dessa violência contra a mulher.

Inserida no âmbito da Linguística Cognitiva, esta pesquisa fundamentou-se no quadro teórico da Análise do Discurso à Luz da Metáfora, (CAMERON, 2003, 2007a, 2007b, 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2009; CAMERON *et al.*, 2009; CAMERON; MASLEN, 2010), que se caracteriza pelo entendimento de que a metáfora é local e emerge no discurso, não tendo, portanto, não apresentando uma origem de natureza exclusivamente cognitiva, pré-existente e fixa. Essa abordagem também defende que a metáfora, como fenômeno multifacetado, não tem que necessariamente se enquadrar nas generalizações postuladas por Lakoff e Johnson (1980, 1999). Ainda segundo esse arcabouço teórico, a metáfora na linguagem em uso resulta de uma temporária estabilidade da negociação de conceitos que se estabelece entre os interlocutores em um evento discursivo, e o discurso produzido em decorrência dessa interação verbal é considerado um sistema dinâmico, que se mantém em fluxo permanente que envolve diversas dimensões e escalas temporais que se interconectam.

Depois da apresentação de alguns aspectos e princípios norteadores dessa teoria e de outras que se apresentam como relevantes para esta pesquisa (Teoria da Metáfora Conceitual, Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados e Teoria Integrada da Metáfora Primária), destacamos os principais conceitos adotados por nós ao longo do desenvolvimento de nossas análises: discurso, figuratividade, metáfora, metáfora sistemática e mudança metafórica.

Esta investigação buscou também conhecer como as mulheres vítimas diretas de violência doméstica expressam seus sentimentos e ideias em relação a esse fenômeno, considerando a figuratividade manifesta nas metáforas sistemáticas

que emergem no discurso, as mudanças metafóricas que acontecem ao longo da interação verbal e dentre essas, aquelas cujas recorrências são mais frequentes.

Para responder às questões de pesquisa, estabelecemos como objetivos investigar a figuratividade manifesta em metáforas sistemáticas que emergem na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica; verificar os tipos de mudanças metafóricas que ocorrem na emergência de tais metáforas; e identificar o mais recorrente em cada metáfora e no discurso como um todo.

Para isso, foi necessário o cumprimento, em etapas diversas, de procedimentos metodológicos que incluíram a caracterização da pesquisa, a escolha do lócus e das informantes, a seleção dos instrumentos e técnicas utilizados, a coleta e a preparação dos dados que constituíram o *corpus* e os procedimentos de análise. Dessa forma, como pesquisa qualitativa, de natureza descritivo-exploratória, a investigação teve como lócus a Casa Abrigo de São Luís, mantida pelo Tribunal de Justiça do Maranhão e, como informantes, seis mulheres brasileiras vítimas diretas de violência doméstica, maiores de dezoito anos, residentes em São Luís – Maranhão, com B.O. registrado contra seus agressores. Essas mulheres participaram de um encontro único de um grupo focal, técnica adotada juntamente com as de documentação direta, para a coleta de dados. Gravado em áudio digital, esse encontro para discussão da violência doméstica teve duração de duas horas e foi mediado por nós. Depois de realizado o encontro, concentramo-nos aos procedimentos metodológicos recomendados para a composição do *corpus*, numa sequência de onze etapas, conforme descrição detalhada no capítulo dedicado à metodologia.

No tocante à consecução do objetivo geral inicialmente proposto na Introdução, acreditamos que esse resultado foi alcançado, pois, ao final de nossas análises, constatamos que as mulheres vítimas diretas de violência doméstica exprimem seus sentimentos e ideias sobre esse tipo de violência por meio da linguagem figurada manifesta na emersão de metáforas sistemáticas, ao longo do discurso construído de modo colaborativo de modo colaborativo durante a interação verbal. Os objetivos específicos, por sua vez, também foram alcançados de modo bastante satisfatório, pois verificamos que a figuratividade tem papel relevante na expressão de ideias e sentimentos e se manifesta na fala das participantes do grupo focal por meio de metáforas sistemáticas; constatamos que essas metáforas se caracterizam pela presença de veículos metafóricos que podem sofrer mudanças

metafóricas de reemprego, desenvolvimento – repetição, explicação e relexicalização – e literalização ao longo do evento discursivo; e, por fim, constatamos ainda que, dentre essas mudanças, as de maior recorrência são as de desenvolvimento e, mais especificamente, as de repetição.

No que concerne às questões de pesquisa, também acreditamos ter obtido respostas satisfatórias tanto para a questão básica, quanto para as secundárias. Em relação à questão de pesquisa básica, nossa resposta reitera a tese defendida de que as mulheres vítimas diretas de violência doméstica expressam suas ideias e sentimentos sobre violência doméstica por meio da figuratividade manifesta na emergência de metáforas sistemáticas ao longo da interação verbal em um evento discursivo. No que concerne às questões secundárias, nossas respostas são: (1) a figuratividade manifesta-se por meio de metáforas sistemáticas que emergem ao longo do discurso construído de modo colaborativo; (2) os tipos de mudanças metafóricas envolvidos nas emergências dessas metáforas sistemáticas na fala das participantes são de reemprego, desenvolvimento (repetição, explicação e relexicalização) e literalização; e (3), dentre essas, a mais recorrente é a de desenvolvimento (do tipo repetição), seguida pela de reemprego.

No nosso entendimento, a investigação desenvolvida nesta pesquisa prezou o rigor teórico e metodológico, fundamentando-se no arcabouço teórico da Análise do Discurso à Luz da Metáfora e observando a criteriosa aplicação dos procedimentos metodológicos em sua íntegra, conforme a proposta de Cameron (CAMERON, MASLEN, 2010). Esse detalhamento exaustivo do percurso metodológico, como o título do capítulo destaca, é o mapa da mina, pois permite que esse caminho seja percorrido em pesquisas futuras, seja para confirmação de nossos resultados, seja para outras investigações, similares ou não, ancoradas na nesse quadro teórico.

Ressaltamos, como o melhor momento desta pesquisa, o encontro do grupo focal composto por mulheres vítimas diretas de violência doméstica, porquanto tivemos oportunidade de estar diante da violência doméstica materializada na participação de cada uma de suas vítimas ali presentes, com seus testemunhos muito comoventes. Apesar de toda a carga emocional e da extrema dificuldade em ouvir as manifestações dessas mulheres, de forma imparcial, evitando o envolvimento na interação, principalmente nos momentos mais delicados,

o encontro foi muito gratificante. Todas externaram sua satisfação em participar da discussão, sugerindo, inclusive, a realização de outros encontros no futuro. Sentindo-se prestigiadas, ouvidas, essas mulheres, vítimas extremamente sofridas, falaram não só de suas situações de violência, mas também de seus sonhos e planos para o futuro, demonstrando força e disposição para a luta.

Também merece destaque o *software* Atlas.ti, ferramenta usada na preparação dos dados coletados. Esse *software* foi extremamente útil e, mesmo não explorado integralmente no que tange aos recursos que disponibiliza, contribuiu significativamente tanto para as análises qualitativas, por facilitar a preparação dos dados no tocante à identificação, codificação e organização dos dados levantados, quanto para os levantamentos quantitativos.

Muito se tem a dizer sobre as metáforas que emergem no discurso das mulheres vítimas diretas de violência doméstica sobre esse fenômeno, revelando suas ideias e sentimentos sobre suas vivências. No caso desta pesquisa, a sua manifestação sobre o que pensam e sentem essas vítimas em relação às experiências sofridas, no compartilhamento de seus medos, suas dores e suas esperanças, foi favorecida pelo ambiente natural onde se realizou o encontro, pela técnica adotada (grupo focal) e pelo roteiro utilizado.

A particularidade do grupo focal permite-nos considerar que as condições de realização do encontro e a história de vida de cada participante com suas peculiaridades contribuíram para o enriquecimento do discurso produzido de modo colaborativo sobre suas experiências que, embora sejam semelhantes, são, inegavelmente, singulares. Assim, acreditamos que as metáforas sistemáticas que emergiram na interação discursiva dessas vítimas, no caso desta pesquisa, são únicas e, muito provavelmente, não se repetirão em outro momento, mesmo que as condições de coleta de dados sejam as mesmas. Entretanto, isso somente outras pesquisas podem confirmar.

Em relação ao que nos foi possível acrescentar, acreditamos ter disponibilizado dados que podem contribuir para os estudos no âmbito teoria que fundamenta esta pesquisa, assim como para o seu desenvolvimento. Os dados são relevantes também para os estudos sobre a violência doméstica contra a mulher, já que disponibilizamos uma análise sobre o que seis mulheres vítimas diretas de violência doméstica sentem e como se sentem em relação a esse fenômeno.

Considerando a Abordagem da Análise do Discurso à Luz da Metáfora, que fundamenta esta tese, nossa contribuição mais significativa foi a exploração desse arcabouço teórico em termos conceituais e metodológicos em uma investigação desenvolvida com muito critério e rigor. Como parte do Projeto *interdisciplinar sobre representações sociocognitivas na conceitualização de violência em centros urbanos brasileiros*, desenvolvido pelo GELP (COLIN/UFC e COMETA/UECE), em base de cooperação com o projeto *Living with Uncertainty: Metaphor and the dynamics of empathy in discourse*, desenvolvido na *Open University*, esta tese contribui com mais uma investigação realizada sobre o fenômeno da violência, desta feita a violência doméstica, e ancorada na proposta teórico-metodológica de Cameron.

Elaboramos, para nossas análises, um roteiro que pode ser entendido como contribuição, pois nos permitiu manter um padrão em um tipo de trabalho que envolve um alto grau de subjetividade, já que se fundamenta na interpretação reflexiva e criteriosa do pesquisador. Com esse roteiro, foi possível organizar nossas análises e estabelecer comparações, quando e se necessário fosse. Entendemos também que pode ser considerado como contribuição desta tese o estudo sobre as mudanças metafóricas envolvendo os veículos metafóricos nas suas emersões ao longo do evento discursivo, já que desconhecemos outro estudo sobre metáforas sistemáticas que enfoque esse aspecto em língua portuguesa.

Acreditamos também ter contribuído com a elaboração de gráficos que permitem a visualização das trajetórias desenvolvidas por cada uma das metáforas sistemáticas analisadas, assim como aquelas de todo o conjunto de metáforas sistemáticas que emergiram na fala das mulheres participantes do grupo focal durante sua interação verbal. Esse gráfico resultou da necessidade que sentimos de demonstrar como a metáfora permeava o discurso, traçando a trajetória que discutíamos. Por meio desse gráfico, podemos analisar o comportamento das metáforas sistemáticas ao longo do discurso, ou seja, examinar como permeiam o evento discursivo e em quais momentos suas emersões acontecem, já que isso se torna evidente no conjunto de unidades entonacionais em que se dividiu o discurso que compõe o *corpus*.

Destacamos, ainda, dois outros gráficos que contribuíram para análise quantitativa. O primeiro deles apresenta os dados quantitativos referentes a tópicos discursivos, veículos metafóricos e participantes de cada uma das quinze metáforas.

A análise desse gráfico permite que identifiquemos aquelas metáforas que demonstraram exercer maior poder de atração, isto é, foram maiores atratores durante a interação verbal, reunindo o maior número de tópicos, veículos e/ou participantes. A questão dos atratores não foi discutida mais profundamente por não se incluir no escopo desta tese, ficando, portanto para ser investigada posteriormente, numa continuação desta tese. O segundo gráfico apresenta dados quantitativos referentes às mudanças metafóricas que sofrem os veículos metafóricos das metáforas sistemáticas analisadas, salientando o comportamento de cada metáfora em relação a essas ocorrências e ressaltando aquela que se mostrou mais recorrente.

Há muitos aspectos interessantes que ainda poderão ser analisados, inclusive a metonímia, em relação à qual, logo na Introdução, fizemos constar o registro de que não se incluiria no escopo deste trabalho. Como um fenômeno multifacetado, a metáfora, por sua vez, também reserva áreas e aspectos pouco explorados ou talvez até mesmo inexplorados, principalmente se considerarmos sua manifestação frequente e significativa na linguagem, no pensamento e no discurso.

Julgamos ter alcançado os objetivos estabelecidos, respondendo às questões proposta e contribuindo não só para os estudos sobre a metáfora, em especial a discursiva, no âmbito da Linguística Cognitiva, mas também para uma melhor compreensão da violência doméstica contra a mulher, disponibilizando subsídios para estudos votados para esse fenômeno que faz vítimas a toda hora, pelo Brasil afora, atingindo todas as camadas sociais.

Esta tese apresenta, portanto, contribuições relevantes para os estudos que têm como foco a linguagem, a cognição e o discurso e se inserem na Linguística Cognitiva, fundamentando-se, em especial, no aparato teórico da Abordagem da Análise do Discurso à Luz da Metáfora. Reconhecendo que ainda há muito a ser explorado nesse âmbito, esperamos que também possa colaborar tanto para que as discussões teórico-metodológicas evoluam, quanto para que outros trabalhos se desenvolvam no sentido avaliar ou confirmar nossos resultados, estabelecer comparações ou avançar nos resultados alcançados nesta pesquisa.

Como participante do Doutorado Interinstitucional – (DINTER) – Universidade Federal do Ceará (UFC) / Universidade Federal do Maranhão (UFMA), promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) do Departamento de Letras Vernáculas (DLV) da Universidade Federal do Ceará (UFC),

apresentamos nossa tese, resultado de todo o caminho trilhado, como contribuição para os estudos desenvolvidos na área da Linguística, em especial, na Linguística Cognitiva e na Linguística Aplicada.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, A. M. **As dimensões semântica e pragmática do eufemismo na imprensa**: uma abordagem cognitiva. 2001. 205f. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2001.

ALMEIDA JUNIOR, A. T. de. Espaços e atratores: estratégias de categorização na emergência de inferências sobre a conceitualização de violência. 2013. XXXf. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

AMARAL, P. Metáfora e linguística cognitiva. *In*: SILVA, A. S. (Org.), **Linguagem e cognição**: a perspectiva da linguística cognitiva. Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa, 2001. p. 241-261.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1997.

ATLAS.TI. **Software**. 2003-2010. Disponível em: <www.atlasti.com> Acesso em: 5 jun. 2009.

BANDEIRA-DE-MELLO, R. *Softwares* em pesquisa qualitativa. *In*: GODOI, C. K. ; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 429-460.

BAHKTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora F. Bernardini *et al.* 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

BERBER-SARDINHA, T. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BERBER-SARDINHA, T. As metáforas do presidente Lula na perspectiva da Linguística de *Corpus*: o caso do desenvolvimento. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 26, n.1, p. 163-190, 2010

BOIVIN, R. R. *Se podrían evitar muchas muertas. Discriminación, estigma y violencia contra minorías sexuales en México*. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. (Rio de Janeiro) n. 16. Rio de Janeiro, Jan./Apr.

BRIGGS, J.; PEAT, F. D. **Sabedoria do caos**. 2013. Disponível em: <<http://www.juliotorres.ws/textos/teoriadocaos/A-SabedoriaDoCaos.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. Tradução de David Jardim. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CAMERON, L. **A discourse dynamics framework for metaphor**. 2003. Disponível em: <<http://creeet.open.ac.uk/projects/metaphor-analysis/theories.cfm?paper=ddfm>>. Acesso em: 12 fev. 2009

_____. Confrontation or complementarity: metaphor in language use and cognitive metaphor theory. **Annual review of cognitive linguistics**, La Rioja, 5, p. 107-135, 2007a.

_____. Patterns of metaphor use in reconciliation talk. **Discourse and society**, London, v.18, n.2, p.197-222, 2007b.

_____. Metaphor shifting in the dynamics of talk. *In*: ZANOTTO, M.; CAMERON, L.; CAVALCANTI, M.C. (orgs). **Confronting metaphor in use: an applied linguistic approach**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008. 329 p. 45 – 62.

_____. The discourse dynamics framework for metaphor. *In*: CAMERON, L; MASLEN, R. (Ed.) **Metaphor analysis: research practice in applied linguistics social sciences and humanities**. Sheffield: Equinox Publishing Ltd, 2010. p. 77 – 96.

_____. What is metaphor and why does it matter. *In*: CAMERON, L; MASLEN, R. (Ed.) **Metaphor analysis: research practice in applied linguistics social sciences and humanities**. Sheffield: Equinox Publishing Ltd, 2010. p. 3 – 25.

CAMERON, L.; DEIGNAN, A. A emergência da metáfora no discurso. Tradução S. Faraco, S. Vereza. *In*: SIQUEIRA, M. **Cadernos de tradução**. Porto Alegre, no. 25, jul-dez, p.146-168, 2009.

CAMERON, L. *et al.* The discourse dynamics approach to metaphor and metaphor-led discourse analysis. **Metaphor and Symbol**, Philadelphia, v. 24, n. 2, p. 63 - 89, 2009.

CAMERON, L.; LOW, G; MASLEN, R. Finding systematicity in metaphor use. *In*: CAMERON, L; MASLEN, R. (Ed.) **Metaphor analysis: research practice in applied linguistics social sciences and humanities**. Sheffield: Equinox Publishing Ltd, 2010. p.116 – 146.

CAMERON, L.; MASLEN, R. **Metaphor analysis: research practice in applied linguistics social sciences and humanities**. Sheffield: Equinox Publishing, 2010.

CAMERON, L.; PELOSI, A.; FELTES, H. P. de M. Metaphorizing violence in the UK and Brazil: a contrastive discourse dynamics study. **Metaphor and Symbol**, v. 29, p. 23 – 43, 2014.

CARVALHO, J. de. **Brasil lidera ranking mundial de homicídios de jovens, diz Unicef**. *In*: O Globo. Rio de Janeiro, 23.02.2011. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/politica/brasil-lidera-ranking-mundial-de-homicidios-de-jovens-diz-unicef-2818225#ixzz32vPcLHZp>. Acesso em 15 mar. 2014

CHAFE, W. **Discourse, consciousness and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CHARTERIS-BLACK, J. **Corpus approaches to critical metaphor analysis**, Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004.

CORBIN, J.; STRAUSS, A. **Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory**, 3. ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2008.

COUTINHO, R. C. (Org.) **Enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher: uma construção coletiva**. [SI]:CNPQ, 2011. 86 p. Disponível em: <<http://www.mp.pr.gov.br/arquivos/File/cartilhaViolenciaContraMulherWeb.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2013.

COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQÉRITO. **Relatório final da CPMI 2013**. Senado Federal. Brasília. 2013. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/atividade/materia/getPDF.asp?t=131554&tp=1>>. Acesso em: 31 out. 2013.

CONTO, J. M. do. **Representações sociais da mulher em situação de violência doméstica e familiar no contexto sócio-histórico de São Borja/RS**. 2012. 295f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

COOPER, J. S. **O macrogênero drama norte-rio-grandense: uma análise de gênero e de discurso sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional**. 2012. 279f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

COSTA, M. C. da; LOPES, M. J. M. Elementos de integralidade nas práticas profissionais de saúde a mulheres rurais vítimas de violência. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 46, n. 5, out. 2012, São Paulo. p.

CHRISPINO, A.; GONÇALVES, D. E. Políticas públicas sistêmicas para a redução da violência: a visão de futuro e a resiliência. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.21, n. 81, p. 821-838, out./dez. 2013

DAY, V. P. *et al.* Violência doméstica e suas manifestações. **R. Psiquiatria do RS**, Porto Alegre, v. 25, supl.1, p. 9-21, abr. 2003.

DENZIN, N. K., LINCOLN. Y. S. (Ed.). **Handbook of qualitative research**. 2.ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2000.

DIAS, C. A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação e sociedade: estudos**. João Pessoa: v.10, n. 2, p.141-158 , 2000.

DIAS, T. R. N. **Práticas identitárias em relatos de mulheres vítimas de violência doméstica**. 2007. 144 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

DUQUE, L. F.; MONTOYA, N. E.; RESTREPO, A. Agresores y resilientes en Medellín, Colombia: necesidad de un cambio de paradigma para superar la violencia. **Cad. Saúde Pública**, v. 29, no. 11, Rio de Janeiro, Nov. 2013. p.

DURAND, J. G. et al. Repercussão da exposição à violência por parceiro íntimo no comportamento dos filhos. **Revista de Saúde Pública**, Local, v. 45, n. 2, p. 355-364, Abr. 2011.

DUTRA, J. A. dos S. **Referenciação textual**: da subjetividade à representação da identidade feminina no texto escrito. 2012. 115f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2012.

EDMUNDS, H. **The focus group research handbook**. Illinois: NTC. 1999

FAUCONNIER, G. **Espaces mentaux**: aspects de la construction dans les langues naturelles. Paris: Minuit, 1984.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Conceptual projections and middle spaces. Department of Cognitive Science Technical Report 9401. University of California. San Diego, 1994.

FELTES, H. P. de M. **A teoria dos modelos cognitivos idealizados de George Lakoff**: um projeto experiencialista para a semântica do conceito. 1992. Xxf. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

_____. **Semântica cognitiva**: ilhas, pontes e teias. Porto Alegre: EDIPUC, 2007.

FELTES, H. P. M. ; PELOSI, A. C. ; FERREIRA, L. C. Metáfora e empatia no discurso de vítimas de violência em centros urbanos brasileiros.. In: Heronides Moura; Rosângela Gabriel. (Org.). **Cognição na linguagem**: cérebro e uso.. 1ed. Florianópolis: Insular, 2012, v. 1, p. 89-112.

FERN, E. F. **Advanced focus group research**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2001.

FERREIRA, L. C. A Conceitualização da Violência e Futebol. **Antares**, v. 4, n. 7, jan./jul. 2012. Local p. 166-177.

FERREIRA, L. C. Metáfora, futebol e violência em Minas Gerais. **Signo** (UNISC.Online), v. 38, n. 65, 2013. Local. p. 273-291.

FILLMORE, C. J. Frames for the semantics of understanding. **Quaderni di semantica**, Fiesole, Italy, v. 6, n. 2, p. 222-254, 1985.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of Let Alone. **Language**, Rochester, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.

FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A MULHER – ONU MULHERES. **Progresso das Mulheres no Mundo – Quem responde as mulheres? Gênero e responsabilização**. New York, 2008/2009. Disponível em <http://www.unifem.org/progress/2008>. Acesso em 15 mar. 2014.

GAISER, T. J. Conducting on-line focus group: a methodological discussion. **Social Science Computer Review**, Thousand Oaks, CA, v. 15, n. 2, p.135-144, 1997.

GEERAERTS, D. Where does prototypicality come from? *In*: RUDZKA-OSTYN, B. (Ed.). **Topics in cognitive linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1988a. p. 207-229.

_____. Prototypicality as a prototypical notion. **Communication and cognition**, Berlin, v. 21, p. 343-355, 1988b.

_____. Prospects and problems of prototype theory. **Linguistics**, Berlin, 27, p. 587-612, 1989.

_____. The return of hermeneutics to linguistic semantics. *In*: DIRVEN PÜTZ, M. (Ed.). **Thirty years of linguistic evolution**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992. p. 257-282.

_____. Cognitive Linguistics. *In*: VERSCHUEREN, J. *et al.* (Ed.). **Handbook of pragmatics**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995. p. 111-116.

_____. **Diachronic prototype semantics**: a contribution to Historical Lexicology. Oxford: Oxford University Press, 1997.

GENEVA DECLARATION. Global Burden of Armed Violence. Geneva, 2008. Disponível em: <<http://www.genevadeclaration.org/fileadmin/docs/Global-Burden-of-Armed-Violence-full-report.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2013.

GENTILE, D. A., COYNE, S., WALSH, D. A. Media violence, physical aggression and relational aggression in school age children: A short-term longitudinal study. **Aggressive behavior**, v. 37, n. 2, p. 193-206, March/April, 2011.

GIBBS, R. W. **The poetics of mind**: figurative thought, language and understanding. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GIBBS, R. W. The dynamic complexities of metaphor comprehension. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 26, n. especial, p. 657-677, 2010.

GIBBS, R. W.; MACEDO, A. C. P. S. Metaphor and embodied cognition. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 26, n. especial, p. 679-700, 2010.

GLOCK, D.; GORDON, A. A focus group methods informative research in child survival. An Ivorian example. **Int. Q. Comm. Health Educ.**, Amityville, NY, v. 8, n. 4, p. 297-315, 1988.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONDIM, M. V. C. **Modelos cognitivos**: um estudo intercultural das concepções de violência em jovens brasileiros e franceses. 2012. (Doutorado em Linguística) – Universidade federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

GONDIM, M. V.; PELOSI, A. C. Vozes da violência: experiências, concepções e sentimentos expressos através da linguagem figurada e prototípica de crianças brasileiras. In: Languisner Gomes; Heloísa Pedroso de Moraes Feltes. (Org.). **Entre mesclas e metáforas**: nos labirintos da geração do sentido. 01ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2012, v. 01, p. 177-192.

GONDIM, M. V.; PELOSI, A. C. Interface metáfora e metonímia inscrita nas concepções de violência entre estudantes brasileiros e franceses. *Signo* (UNISC. Online), v. 38, p. 22-37, 2013. Local

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnicas de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, SP, v.12, n. 24, p.149-161, 2003.

GLOCK, D.; GORDON, A. A focus group methods informative research in child survival. An Ivorian example. **Int. Q. Comm. Health Educ.**, Amityville, NY, v. 8, n. 4, p. 297-315, 1988.

GRADY, J. **Foundations of meaning**: primary metaphors and primary scenes. 1997. Dissertation (PhD) – University of California, Berkeley, 1997.

GUTIERREZ, J. L. O conceito de caos no mundo antigo. **Revista Primus Vitam**, n.2, 1º sem. de 2011, p. 1-12. São Paulo. Mackenzie. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCH/primus_vitam/primus_2/jorge.pdf. Acesso em 25 jun. 2014.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HILFERTY, J. Cognitive linguistics: an Introductory Sketch. In: COL-LOQUIS LINGÜÍSTICS DE LA UNIVERSITAT DE BARCELONA, 5., 6., 2001, Barcelona. **La gramàtica i la semàntica en l'estudi de la variació**. Barcelona: PPU, 2001. p. 189-250.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. **Berkeley linguistics society**, Berkeley, CA, v. 13, p.139-157, 1987.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. The iconicity of the universal categories 'noun' and 'verb'. In: HAIMAN, J. (Ed.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins. 1985. p. 151-183.

HOUAISS, A. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001. Disponível em <<http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br>>. Acesso em 14 out 2013.

JAMISON, K. G. **Quem casa quer casa**: a conceitualização e categorização de violência por mulheres vítimas de violência conjugal. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

JESUS, M. de O. **A mulher nas crônicas de José Simão**: um estudo da construção dos estados de violência. 2008. 137f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

JOHNSON, M. Introduction: Metaphor in the philosophical tradition. *In*: JOHNSON, M. (Ed.) **Philosophical perspectives on metaphor**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1981. p. 3-47.

_____. **The body in the mind**: the bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

JOHNSON, C. Metaphor vs. conflation in the acquisition of polysemy: the case of SEE. *In*: HIRAGA, M.K.; SINHA, C.; WILCOX, S. (Ed.). **Cultural, typological and psychological issues in cognitive linguistics, current issues in linguistic theory**. Amsterdam: John Benjamins, 1997. p.155-70.

JUBRAN, C. C. A. S. *et al.* Organização tópica da conversação. *In*: ILARI, R. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. v. 2.

KÖVECSES, Z. **Metaphor**: a practical introduction. Oxford: Oxford University Press, 2002.

KLEIBER, G. **La sémantique du prototype**: catégories et sens lexical. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

KRUEGER, R. A. **Focus groups**: a practical guide for applied research. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1994.

KRUEGER, R. A.; CASEY, M. A. **Focus groups**: a practical guide for applied research. Thousands Oaks, CA: Sage Publications, 2000.

KUHN, Th. S. **La structure des révolutions scientifiques**. Paris: Flammarion, 1972.

LAKOFF, G. Towards a generative semantics. *In*: McCawley, J. D. (Ed.). **Syntax and semantics**: notes from the linguistic underground. New York: Academic Press, 1976. v. 7. Disponível em: <<http://georgelakoff.files.wordpress.com/2010/12/toward-generative-semantics-in-syntax-and-semantics-vol-7-lakoff-1976.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2013

_____. As metáforas, as teorias e as possibilidades de diálogo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, n. 9, p. 49-68, 1985.

_____. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____. The invariance hypothesis. **Cognitive linguistics**, Berlin, v. 1, p. 39-74, 1990.

_____. The contemporary theory of metaphor. *In*: ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and thought**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. London: The University of Chicago Press, 1980.

_____. **Metaphors we live by**. Cambridge: Cambridge: University Press, 1980. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução pelo grupo GEIM. São Paulo: Educ/ Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.

_____. **Concept, image and symbol**: the cognitive basis of grammar. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991a.

_____. **Foundations of cognitive grammar, vol. 2**: descriptive application. Stanford: Stanford University Press, 1991b. 589 p.

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos / complexity science and second language acquisition. **Applied linguistics**, Oxford, v.18, n. 2, p. 141–165, 1997.

LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. Preview article: complex systems and applied linguistics. **Applied linguistics**, Oxford, v. 17, p. 226–239, 2007.

LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. **Complex systems and applied linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LE MOIGNE, J. L. **La théorie du système general**: théorie de la modélisation, Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

LEOPARDI, M. T. (Org.) *et al.* **Metodologia da pesquisa na saúde**. Santa Maria: Pallocci, 2001.

LIMA, J. P. R de. **A emergência de metáforas na fala sobre violência urbana**: uma análise cognitiva discursiva. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

LIMA, P. L. C. A nova tipologia da metáfora conceitual. **Humanidades e Ciências Sociais (UECE)**, Fortaleza-CE, v. 5, n. 2, p.17-26, 2003.

LIMA, P. L. C.; FELTES, H. P. M.; MACEDO, A. C. P. S. Cognição e metáfora: a Teoria da Metáfora Conceitual. *In*: MACEDO, A. C. P. S.; FELTES, H. P. M.; FARIAS, M. P. S. (Org.). **Cognição e linguística: mapeando territórios, domínios e percursos**. Porto Alegre: EDIPUC; Caxias do Sul: EDUCS, 2008. p.127-166.

MACEDO, A. C. P. Paradigmas cognitivos, linguística cognitiva e metáfora conceitual. *In*: MACEDO, A. C. P.; BUSSONS, A. F. **Faces da metáfora**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006. p. 23-36.

MACEDO, A. C. P. S.; FELTES, H. P. M.; FARIAS, M. P. S. (Org.). **Cognição e linguística: mapeando territórios, domínios e percursos**. Porto Alegre: EDIPUC; Caxias do Sul: EDUCS, 2008.

MAHON, J. E. Getting your sources right: what Aristotle didn't say. *In* CAMERON, L.; LOW, G. **Researching and applying metaphor**, Cambridge, Cambridge University Press, 1999, p. 69-80.

MAINGUENEAU, D. A Análise do Discurso e suas fronteiras. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.14, n. 20, p.13-37, jan./jun. 2007.

MALTA, D. C. *et al.* Iniciativas da vigilância e prevenção de acidentes e violências no contexto do Sistema Único de Saúde. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, DF, v. 16, n. 1, p. 45-55, 2007.

MANDELBROT, B. B. **The fractal geometry of nature**. New York: W.H: Freeman and Company, 1982.

MARQUES, D. **Os interrogatórios policiais da Delegacia de Repressão a Crimes contra a Mulher: fases e tarefas em uma perspectiva interacional**, 2009. 369f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

MARQUES, P. J. da S. A metáfora e a metonímia sob a perspectiva dos sistemas dinâmicos complexos e da teoria fractal no processo de conceitualização da violência urbana na cidade de Fortaleza – CE. 2014. 300f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

MAZONI, L. *et al.* **Termo de referência para Implementação de casas-abrigo**. Brasília, DF: CNDM/Ministério da Justiça, 1997.

MEDEIROS, M. C.. Unidos contra a violência. *In*: MARTIM CASTILO, M.; OLVEIRA, S. de. (Org.). **Marcadas a ferro**. Brasília, DF: Secretária de Políticas para as Mulheres, 2005. p. 100–103.

MERTON, R. K. *et al.* **The focused interview: a manual of problems and procedures**. Glencoe: Il Free Press, 1956.

MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1993.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Plano Nacional de Segurança Pública**: Projeto Segurança Pública para o Brasil. Brasília, DF: Secretaria Nacional de Segurança Pública, 2000. Disponível em: <www.mj.gov.br>. Acesso em: 13 jun. 2013

MORGAN, D. L. Focus groups. **Annual Review of Sociology**, Palo Alto, v. 22, n. 1, p. 129-152. 1996.

_____. Focus group as qualitative research. 2nd ed. *In*: VAN MAANEN, J. (Ed.) **Qualitative research method series**; v. 16. London: Sage Publications: 1997. 81 p.

MORGAN, G. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 2007.

MORIN, E. **Para sair do Século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Ciência com Consciência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 344 p.

_____. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. 8. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução do francês Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MUHR, T. ATLAS, ti: A prototype for the support of text interpretation. **Qualitative Sociology**, New York, v. 14, p. 349-371, 1991.

NARAYANAN, S. **Embodiment in language understanding**: sensory-motor representations for metaphoric reasoning about event descriptions. 1997. Tese (Doutorado) – International Computer Science Institute, University of California, Berkeley, 1997.

NASSIF, L. O ranking das cidades mais violentas do Brasil. GGN. Luís Nassif Online. 21.01.2014. Disponível em: <http://jornalggn.com.br/noticia/o-ranking-das-cidades-mais-violentas-do-mundo>. Acesso 12 mar 2014

OLIVEIRA, N. C. de. **Grito silenciado**: conceitualizações de violência na comunidade surda de Fortaleza. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. **Convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher, “Convenção de Belém do Pará”**. Belém, 1994. Disponível em: <<http://www.cidh.org/Basicos/Portugues/m.Belem.do.Para.htm>> . Acesso em: 12 jun. 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório anual sobre violência e saúde. Genebra, 2002. Disponível em: <<http://whqlibdoc.who.int/publications>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

PASINATO, W. "Femicídios" e as mortes de mulheres no Brasil. Cadernos Pagu, n. 37, Campinas, Julho/Dezembro, 2011.

PELOSI, A. C. **Social cognitive representation of violence in urban Brazil: violence as uncontrolled force.** Revista. No prelo.

PELOSI, A. C. ; FELTES, H. P. M. ; CAMERON, L. . A influência da mídia no discurso sobre violência urbana em Fortaleza-Ceará-Brasil. Signo (UNISC. Online), v. 38, p. 38-53, 2013. Local

PELOSI, A. C.; FELTES, H. P. de M.; CAMERON, L. Urban Violence in Brazil and the role of the media: communicative effects of systematic metaphors in discourse. Metaphor and the Social World. Local, v.4, n.1, p. 41 - 47, 2014.

PRAGGLEJAZ GROUP. MIP: a method for identifying metaphorically-used words in discourse. **Metaphor and Symbol**, Local, v. 22, p. 1 - 40, 2007.

RANGEL, C. M. F. R. B. de A.; OLIVEIRA, E. L. de. Violência doméstica contra as mulheres: fatores precipitantes e perfil de vítimas e agressores. **Anais eletrônicos.** Fazendo gênero 9: diásporas, diversidades e deslocamentos, 23 a 26 ago. 2010. Universidade de Santa Catarina. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277848018_ARQUIVO_fazendogenero_Celina_Elzira.pdf Acesso em: 1 nov. 2013.

REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and thought.** 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 164-201.

ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. **Journal of Experimental Psychology General**, Washington, v.104, p.192-233, 1975.

RUELLE, D. Acaso e Caos. São Paulo: Editora Unesp. 1993.

SÁ, K. B. de. **Emergência de metáforas sistemáticas na conceitualização de violência escolar por professores da educação básica em Fortaleza- CE.** 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SAGE, M. L. **Modelos cognitivos na categorização de violência:** estruturas e processos no discurso de sujeitos urbanos, rurais e *rurbanos*. 2010. 252f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.

SAMPAIO, R. Uma Maria especial. In: O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 06.03.2010. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,uma-maria-especial,519952,0.htm>. Acesso em 15 mar. 2014.

SCHRÖDER, U. A. Da teoria cognitiva a uma teoria mais dinâmica, cultural e sociocognitiva da metáfora, **Alfa**, São Paulo, v. 1, p. 39-56, 2008. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1466/1171>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

BRASIL. Ministério Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Programa de prevenção, assistência e combate à violência contra a mulher – plano nacional: diálogos sobre violência doméstica e de gênero: construindo políticas públicas**. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <<http://www.presidencia.gov.br/spmulheres>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

BRASIL. Ministério Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Disponível em: www.spm.gov.br/publicacoes. Acesso 15 mar. 2014

SILVA, A. S. A. A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. **Revista portuguesa de humanidades**, v.1, 59-101, 1997.

SILVA, L. P. da. **O discurso da imprensa escrita recifense nas notícias de violência contra a mulher nos casos de "legítima defesa da honra"**, 2009. 122f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2009.

SILVA, L. S. da. **A mulher na política: representação, gênero e violência no discurso jornalístico**. 2013. XXXf. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

SILVA, P. H. S. da. **O discurso de torcedores vítimas da violência no futebol à luz da teoria dos sistemas adaptativos complexos e da teoria da integração conceitual: em busca da emergência de metáforas e ou metonímias sistemáticas**. 2013. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SIQUEIRA, M.; LAMPRECHT, R. R. As metáforas primárias na aquisição da linguagem: um estudo interlinguístico. **D.E.L.T.A.**, v. 23 n. 2, São Paulo, 2007, p. 245-272. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502007000200004&script=sci_arttext. Acesso em: 20 mar. 2014

Siqueira, M. (2003). As metáforas primárias na aquisição da linguagem: um estudo interlinguístico. 2003. XXXf. Tese (Doutorado em Letras em Linguística Aplicada) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, University of California, Porto Alegre

STUBBE, M. *et al.* Multiple discourse analyses of a workplace interaction. **Discourse studies**, Barcelona, v. 5, p. 351-388, 2003.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, L. **Toward a cognitive semantics**. Cambridge: The Massachusetts Institute of Technology. 2000. 2 v.

TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization**: prototypes in linguistic theory. Oxford: Clarendon Press, 1989. 270 p.

TORRES, J. J. Teoria da complexidade: uma nova visão de mundo para a estratégia. *In*: EBEC-PUC/PR, 1., 2005. Curitiba. [Anais...] Curitiba, 2005. Disponível em: <www.juliotorres.ws>. Acesso em 13 jun. 2013. p.

UNIVERSO ON LINE. **Brasil tem 16 cidades entre as 50 mais violentas do mundo, diz ONG mexicana**. Brasília, 17.01.. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2014/01/17/brasil-tem-16-cidades-entre-as-50-mais-violentas-do-mundo-diz-ong-mexicana.htm>. Acesso em 12 mar. 2014.

VEREZA, S. C. Novos caminhos para o estudo da metáfora. *In*: ZYNGIER, S; VIANA, V.; SPALLANZANI, A. M. (Org.). **Linguagens e tecnologias**: estudos empíricos. Rio de Janeiro: Publit, 2006. p. 145-164.

VEREZA, S. C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, RJ, n. 41, p. 199-212, 2010. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo10.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2013

VILELA, M. A. Q. **Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. v. 1, 2.

WALDROP, M. M. **Complexity**: the emerging science at the edge of order and chaos. New York: Touchstone, 1992.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2013**: homicídios e juventude no Brasil. Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2013. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013_homicidios_juventude.pdf>. Acesso em: 29 out. 2013.

WESTPHALL, M. F.; BÓGUS, C. M.; FARIA, M. M. **Grupos focais**: experiências precursoras em programas educativos em saúde no Brasil. **Bol. Oficina Sanitária Panamericana**, São Paulo, v. 120, n. 6, p. 472-482, 1996.

ZALUAR, A.; BARCELLOS, C. Mortes prematuras e conflito armado pelo domínio das favelas do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, n. 18, p. 17-31, fev./2013. Local.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Pesquisa

A linguagem figurada sobre violência doméstica contra a mulher no discurso de vítimas diretas: uma análise à luz da Linguística Cognitiva.

QUESTIONÁRIO

FAVOR FORNECER OS DADOS SOLICITADOS ABAIXO:

- 1) Data de Nascimento: _____
- 2) Local de nascimento: _____
- 3) Grau de Escolaridade:
 - () Nenhuma escolaridade
 - () Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Fundamental Completo
 - () Ensino Médio incompleto () Ensino Médio completo
 - () Ensino Superior incompleto () Ensino Superior completo
- 4) Há quanto tempo mora nesse endereço: _____
- 5) Mora em imóvel: () próprio () alugado () emprestado () financiado () _____
- 6) Nesse imóvel moram: _____ pessoas (_____)
_____)
- 7) Qual o tipo de agressão mais frequente? _____
- 8) Já registrou algum Boletim de Ocorrência (**BO**)?
() Sim () Não () Teve vontade, mas desistiu.
- 9) Há quanto tempo conhece seu agressor? _____
- 10) Há quanto tempo você se relaciona com seu agressor? _____
- 11) O que mais lhe incomoda nesse relacionamento? _____

Muito obrigada por sua participação!

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Pesquisa

A linguagem figurada sobre violência doméstica contra a mulher no discurso de vítimas diretas: uma análise à luz da Linguística Cognitiva.

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Favor ler o texto abaixo e, ao final da leitura, no caso de aceitar as condições de participação nesta pesquisa, informar os dados solicitados, datando o documento e assinando na linha indicada, assim como declarando entender a natureza desta pesquisa e consentir em participar da mesma.

A participação neste estudo é voluntária.

Esta é uma investigação a ser desenvolvida por **Monica Fontenelle Carneiro**, alunado Doutorado Interinstitucional do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) do Departamento de Letras Vernáculas do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará.

O objetivo desta pesquisa é entender o que as pessoas pensam sobre violência doméstica contra a mulher.

Faz-se necessário informar que cada participante realizará duas tarefas, conforme o que se segue.

- A primeira tarefa consiste no preenchimento de um questionário, sem identificação, para fornecimento de dados relevantes para a pesquisa;
- A segunda trata-se da participação no encontro de um grupo focal composto de 6 vítimas diretas para discussão de questões relacionadas à violência doméstica contra a mulher, com o auxílio da pesquisadora como mediadora, para garantir a oportunidade de manifestação de todas;
- Esse encontro terá a duração de três horas com intervalo de trinta minutos, em data e local a serem informados com antecedência mínima de 10 dias. Cabe ressaltar que não haverá nenhuma espécie de direcionamento de seu dizer em momento algum;
- Cabe esclarecer que as gravações em áudio e vídeo realizadas durante o encontro do grupo focal serão utilizadas somente para os objetivos da pesquisa.
- Sua participação nesta pesquisa não envolve qualquer risco. Todos os dados coletados ficarão em sigilo e seu anonimato será preservado. De nenhum modo, a pesquisa lhe trará prejuízo de qualquer ordem.
- Sua participação será de extrema importância para o desenvolvimento dos trabalhos neste projeto, mas, como voluntária, você terá inteira liberdade de desistir a qualquer momento de participar da pesquisa.

São Luís, ___/___/_____

Nome: _____

Assinatura: _____

Em caso de mais algum esclarecimento, entrar em contato com a pesquisadora responsável no telefone abaixo: 98-8421-6067.

APÊNDICE C – DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Pesquisa

A linguagem figurada sobre violência doméstica contra a mulher no discurso de vítimas diretas: uma análise à luz da Linguística Cognitiva.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Li e compreendi as informações concernentes às regras de participação nesta pesquisa. Concordo com todas essas condições, assim como autorizo a reprodução das minhas respostas aos instrumentos da pesquisa, desde que me seja assegurado o anonimato.

Local

_____/_____/_____
Data

Nome completo legível

Assinatura

APÊNDICE D – ROTEIRO DE MEDIAÇÃO DO ENCONTRO DO GRUPO FOCAL

ROTEIRO DE MEDIAÇÃO DO ENCONTRO DO GRUPO FOCAL SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

ELABORADO COM BASE NO PCTR (POST CONFLICT TERRORIST RISK) FOCUS GROUP TOPIC GUIDE

RELEMBRANDO: OBJETIVOS

Para desenvolver o instrumento mais sensato possível para medir a completa variedade de percepções da violência.

Manter o foco na diferença que a atual situação tem trazido para a vida e conversas delas.

Qual é o valor positivo da consciência delas e conversas sobre possíveis ataques de violência?

Quais as consequências negativas que existem a conscientização delas e conversas sobre isso

Aqui estão perguntas que serão feitas ao Grupo Focal – de 6 a 8 pessoas em um grupo.

Introdução

Informar que sou doutoranda do Doutorado Interinstitucional do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Letras Vernáculas do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, desenvolvendo uma pesquisa.

Informar que a pesquisa tem como objetivo investigar os conceitos relativos à violência doméstica contra a mulher à luz da Linguística Cognitiva.

Informar que a pesquisa não investiga as causas ou os agentes da violência doméstica contra a mulher.

Assegurar a independência e a confidencialidade da pesquisa.

Explicar que as gravações se justificam pelo registro e preservação de todos os dados obtidos neste encontro do grupo focal.

Esclarecer que se faz necessário que a participação ocorra de forma audível e clara para facilitar a audição e a transcrição dos dados.

(cont.)

Explicar que o objetivo da técnica do grupo focal é propiciar a interação discursiva das participantes, estimulando a manifestação de todas, com o auxílio, quando e se necessário da moderadora.

Nós valorizamos opiniões diferentes. Sintam-se à vontade para discordar das opiniões dos outros, assim como manifestar seus próprios pensamentos e sentimentos, em relação a agradar ou desagradar alguém.

0:05**Estabelecer contatos iniciais**

Para quebrar o gelo inicial, circule pelo ambiente, perguntando os nomes dos presentes e pedindo outras informações tais como endereço, naturalidade, local de nascimento etc.

Questão principal, que serve como pano de fundo:

Quando você ouve a expressão violência doméstica contra a mulher, qual o primeiro pensamento que vem à sua mente?

Conscientização quanto ao compartilhamento de informações

Temos interesse em saber como as pessoas se sentem em relação à violência doméstica contra a mulher.

Com quem você fala sobre suas experiências envolvendo violência doméstica?
O que você fala? Como você se sente ao falar sobre essas experiências?
Quais os assuntos mais frequentes nessas conversas?

De que fontes você obtém informações sobre a violência doméstica?
Quais as informações mais comuns?

Conceitualização da violência doméstica contra a mulher

O que você entende por violência doméstica contra a mulher?

Quais os aspectos que você considera mais preocupantes?

Que tipo de violência doméstica você considera mais frequente?
A psicológica? A física? A patrimonial? A sexual? A de privação? A de negligência/desprezo?

(cont.)

Na sua opinião, qual a violência que causa mais estragos e é mais perigosa?

Como você se sente diante da ameaça de violência doméstica?

Você sente que, em algum momento, corre risco de morte?

Qual seu sentimento em relação a isso? Como você reage?

Qual sua atitude diante dessa possibilidade?

Você busca apoio e proteção?

Você tenta prevenir-se contra isso? Como?

A quem você recorre? Por que? Você recebe esse apoio?

Você se sente segura em sua casa?

Por que?

Consequências pessoais e familiares

Quais os efeitos mais comuns da violência doméstica no âmbito pessoal?

Quais os efeitos mais comuns da violência doméstica no âmbito familiar?

Como essa violência afeta a sua autoestima?

Como essa violência se reflete nos outros membros da família, se houver?

Como e por que o agressor comete a violência doméstica contra a mulher?

Como você vê o agressor após o episódio de violência doméstica?

Como você se sente diante dos outros, sejam estes familiares ou amigos, que sabem do(s) episódios?

O que mudou a partir de sua primeira experiência pessoal de violência doméstica?

De que forma? Quanto?

Você conhece alguma mulher que também sofra violência doméstica?

Vocês conversam sobre isso? Isso ajuda de alguma forma? Por que?

Você acha que há pessoas na sua comunidade que tenham opinião diferente da sua em relação à violência doméstica?

Em que aspecto? Por que?

Consequências de outras ordens (profissional, financeira, patrimonial, policial e judicial)

Se você trabalha, de que forma a violência doméstica pode afetar sua vida profissional?

Isso já aconteceu? Como você enfrentou essa situação?

(cont.)

Você depende financeiramente de seu agressor?
 Como você enfrenta essa dependência após um episódio de violência doméstica?

Em relação às suas posses, àquilo que você tem, quais são as consequências da violência doméstica?

Como você se sente diante de suas perdas? Em que aspecto elas são maiores?
 Você acha mais fácil recuperar bens ou seu bem-estar?

Você já recorreu à polícia ou à justiça para se defender ou como precaução?
 Como você se sentiu ao fazer isso?
 Deu resultado a medida?
 Em que isso melhorou / piorou a sua situação pessoal e/ou doméstica?

Posições oficiais

Quais as ações governamentais no combate à violência doméstica?
 São suficientes? Que benefícios lhe trouxeram?

Como você tomou conhecimento de seus direitos?
 Já recorreu a alguma organização governamental ou não governamental em busca de orientação e apoio?

Você acha que o governo exagera em relação aos riscos e danos da violência doméstica?

Você acha que o governo exagera em relação ao número de vítimas diárias de violência doméstica?

A violência doméstica, no seu entender, tem aumentado ou diminuído com a divulgação desses dados?

As campanhas de esclarecimento do governo são úteis?
 Por que? Em que poderiam melhorar, para você?

Como você se sente amparada pelas ações do governo?
 O que poderia ser feito para melhorar o combate à violência doméstica?

Como você vê a questão dos direitos humanos nesse contexto de violência doméstica contra a mulher?

Relação com o agressor

Como você descreve a personalidade do seu agressor?

Como você descreveria a sua relação com ele?

Você o imaginaria capaz de agredi-la?

(cont.)

Qual agressão é mais frequente?

Com que frequência ocorre?

Ele sempre faz ameaças a você?

Que tipo de ameaça é mais comum?

Ele faz de sua casa um cativeiro, privando-a do ir e vir, da sua liberdade?

Ele a obriga a fazer sexo?

Ele ameaça tomar-lhe os filhos, deixá-la sem teto (tomando a casa, expulsando-a de casa)?

Ele ameaça não lhe dar mais dinheiro, sustento?

Ele cumpre suas ameaças?

Como? Com que frequência?

Como você acha que ele se sente após um episódio de violência?

Há nele algum sentimento de culpa? De remorso? De arrependimento?

Como você seu sentimento em relação a ele após uma agressão?

Episódios de violência doméstica

Qual a frequência das agressões?

Se a agressão é verbal, psicológica, quais os insultos mais frequentes?

Qual deles mais a incomoda? Por que?

A agressão acontece quando estão a sós ou na presença de outros (filhos, familiares, amigos, vizinhos, colegas)?

Em que caso você se sente mais ameaçada? Por que?

Como você se sente antes, durante e depois de um episódio de violência doméstica contra a mulher?

Você se sente responsável, de alguma forma, pela agressão?

Há alguma provocação de sua parte?

Que tratamento você lhe dá?

Você o agride também?

De que forma?

Preocupações

Na sua opinião, por que há tantos casos comprovados de violência doméstica contra a mulher?

(cont.)

O que mais lhe causa preocupação em relação à violência doméstica contra a mulher?

Qual você considera a causa mais comum da violência doméstica contra a mulher?

Como e por que o agressor comete a violência doméstica contra a mulher?

Como intimidar esse agressor, minimizando os danos e a frequência das agressões?

Comparações

Como você classificaria a violência doméstica em termos dos danos que causa, comparando-a a outros tipos de violência?

Qual a repercussão, na sua comunidade, de um episódio de violência doméstica em relação a episódios de outros tipos de violência urbana?

Conclusões

Em relação ao tema discutido:

- Há interesse em encaminhar alguma solicitação às autoridades competentes sobre as consequências da violência doméstica contra a mulher?
- Há interesse em encaminhar alguma recomendação/sugestão às autoridades competentes sobre como prevenir/ combater a violência doméstica contra a mulher?
- Há algo que você não tenha dito por falta de oportunidade e queira dizer agora?

Em relação ao encontro e às questões:

- Como você descreveria este encontro?
- Você recomendaria a alguém participar de outro igual a este?
- Como você se sentiu no início e ao final?
- Como você avalia as perguntas elaboradas?
- Como você classifica a sua contribuição para nossa pesquisa?
- Podemos contar com você em outro momento?

Agradecimentos pela presença, pela boa vontade e pela valiosa contribuição.